

Agatha Christie

2ª EDIÇÃO

SÓCIOS NO CRIME



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Agatha Christie

2ª EDIÇÃO

SÓCIOS NO CRIME




EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

SÓCIOS NO CRIME

A moça vestida de Dama de Copas estava sentada a um canto, encostada na parede, como que enroscada sobre si mesma.

Através da máscara olhou-os fixamente mas não se moveu. No vestido branco e vermelho, a estamparia do lado esquerdo parecia um tanto borrada. Havia mais vermelho do que deveria. . .

Banal? Corriqueiro? Nada de mais? Ao menos para o comum dos mortais, sim.

Não, porém, para Agatha Christie.

Pois é a partir de fatos assim mínimos, irrisórios, só em sua mais evidente aparência comuns, que Agatha Christie, ainda uma vez, põe em execução todo o seu talento, sua inesgotável capacidade de criar situações extraordinárias em meio aos acontecimentos mais óbvios, e cria estes incríveis *Sócios no Crime*, que pela primeira vez a Nova Fronteira edita em português.

Tommy Beresford está com problemas de saúde. Sugerem-lhe uma licença do trabalho por seis meses. O que fazer, como distrair-se, divertir-se?

Tommy Beresford e Tuppence, sua mulher, transformam-se em nada mais nada menos do que detetives da Agência Theodore Blunt. E metem-se na mais inacreditável série de aventuras. E se dão ao luxo de, para cada caso a ser solucionado, usar o estilo de um grande detetive. Imitam à perfeição as artimanhas do Padre Brown, a inteligência bem humorada, irônica e a vasta cultura de Sherlock Holmes, e a inigualável finura do genial Hercule Poirot.

Agatha Christie limita-se a, habilidosa e despreocupadamente, acompanhar os mais ingentes esforços desse casal em mostrar-se digno do anúncio da Agência Theodore Blunt: "Detetives brilhantes! Resolve-se qualquer caso em apenas 24 horas!"

PASSAGEIRO PARA FRANKFURT

Havia no aeroporto de Frankfurt dois passageiros em trânsito cuja vida dependia diretamente do que iria acontecer na próxima meia hora.

Sir Stafford Nye era diplomata e voltava a Londres. O seu avião foi desviado da rota por causa de um forte nevoeiro, sendo obrigado a pousar em Frankfurt, o que faria com que chegasse a Londres pelo menos com duas horas de atraso.

Bocejando e suspirando, ele desejava que alguma coisa acontecesse. Abriu a lapela do capote que gostava de usar em viagens, um sobretudo que comprara na Córsega. Era uma roupa um tanto berrante, mas Sir Stafford em geral gostava de coisas extravagantes.

Uma jovem sentou ao seu lado. Sua fisionomia não lhe era de todo estranha. Talvez alguém a quem ele fora apresentado em algum lugar. Estava com uma revista fechada na mão, e olhava fixamente para ele.

De repente ela falou, com uma voz grave de contralto e um leve sotaque estrangeiro:

— Posso falar com o senhor?

— Claro, disse Sir Stafford, temos bastante tempo pela frente.

Este encontro casual levaria os dois a lugares bastante estranhos e totalmente inesperados, com pessoas desconhecidas, num labirinto de conspiração, intriga e mistério, que só Agatha Christie, com seu estilo inconfundível e seu extraordinário senso de observação, sabe proporcionar aos leitores.



<http://groups.google.com/group/digitalsource>

Orelha:

SÓCIOS NO CRIME

A moça vestida de Dama de Copas estava sentada a um canto, encostada na parede, como que enroscada sobre si mesma.

Através da máscara olhou-os fixamente mas não se moveu. No vestido branco e vermelho, a estamparia do lado esquerdo parecia um tanto borrada. Havia mais vermelho do que deveria... Banal?

Corriqueiro? Nada de mais? Ao menos para o comum dos mortais, sim. Não, porém, para Agatha Christie. Pois é a partir de fatos assim mínimos, irrisórios, só em sua mais evidente aparência comuns, que Agatha Christie, ainda uma vez, põe em execução todo o seu talento, sua inesgotável capacidade de criar situações extraordinárias em meio aos acontecimentos mais óbvios, e cria estes incríveis *Sócios no Crime*, que pela primeira vez a Nova Fronteira edita em português.

Tommy Beresford está com problemas de saúde. Sugerem-lhe uma licença do trabalho por seis meses. O que fazer, como distrair-se, divertir-se? Tommy Beresford e Tuppence, sua mulher, transformam-se em nada mais nada menos do que detetives da Agência Theodore Blunt. E metem-se na mais inacreditável série de aventuras. E se dão ao luxo de, para cada caso a ser solucionado, usar o estilo de um grande detetive. Imitam à perfeição as artimanhas do Padre Brown, a inteligência bem humorada, irônica e a vasta cultura de Sherlock Holmes, e a inigualável finura do genial

Hercule Poirot. Agatha Christie limita-se a, habilidosa e despreocupadamente, acompanhar os mais ingentes esforços desse casal em mostrar-se digno do anúncio da Agência Theodore Blunt: “Detetives: brilhantes! Resolve-se qualquer caso em apenas 24 horas!”

SÓCIOS NO CRIME

Permaneceram no pequeno restaurante até as oito horas, quando Dymchurch sugeriu que agissem.

Atravessaram a rua, olharam rapidamente as calçadas desertas e entraram, sorrateiros, no edifício.

Depois, subiram as escadas e Tommy colocou a chave na fechadura da ante-sala.

Ao fazê-lo, pensou ouvir Dymchurch assoviar.

Por que você está assoviando?

— perguntou, ríspido.

— *Eu* não assoviei — disse Dymchurch, bastante surpreso.

— Bem, alguém... — começou Tommy.

Mas não pôde dizer mais nada.

Braços fortes o seguraram por trás e, antes que pudesse gritar,

sentiu sobre a boca e o nariz
a pressão de um chumaço embebido
em algo doce e enjoativo.
Lutou vigorosa mas inutilmente.
O clorofórmio fez efeito.
A cabeça começou a girar
e o chão dançava à sua frente.
Asfixiado, ficou inconsciente..

COLEÇÃO AGATHA CHRISTIE



AGATHA CHRISTIE

SÓCIOS NO CRIME

Tradução de

REGINA SABOYA DE SANTA CRUZ ABREU

2ª edição

Título original em inglês:

PARTNERS IN CRIME

© 1929 by Agatha Christie Mallowan

Direitos adquiridos para a língua portuguesa, no Brasil, pela EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.

Rua Maria Angélica, 168 — Lagoa — CEP. 22.461 — Tel. 286-7822

Endereço Telegráfico: NEOFRONT

Rio de Janeiro — RJ

Proibida a exportação para Portugal
e países africanos de língua portuguesa.

Capa:

STUDIO MSBB

Diagramação:

JOSÉ MESQUITA

Revisão:

NILDON FERREIRA

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Christie, Agatha, 1891-1976.

C479s Sócios no crime / Agatha Christie; tradução de Regina Saboya de Santa Cruz Abreu. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

Tradução de: Partners in crime

1. Ficção policial e de mistério (Literatura inglesa) I. Título.

78-0574

CDD — 823.0872

CDU — 820-312.4

ÍNDICE

I — Uma fada na sala

II — Um bule de chá

III — O caso da pérola rosa

IV — O caso da pérola rosa (continuação)

V — A aventura do desconhecido sinistro

VI — A aventura do desconhecido sinistro (continuação) VII —
Passando o rei

VIII — O cavalheiro vestido de jornal

IX — O caso da moça desaparecida

X — O jogo de cabra-cega

XI — O homem no nevoeiro

XII — O homem no nevoeiro (continuação)

XIII — O estalador

XIV — O estalador (continuação)

XV — O mistério de Sunningdale

XVI — O mistério de Sunningdale (continuação) XVII — Morte à espreita

XVIII — Morte à espreita (continuação)

XIX — O álibi perfeito

XX — A filha do clérigo

XXI — A casa vermelha

XXII — As botas do embaixador

XXIII — O homem de n.º16

SÓCIOS NO CRIME

1

1 Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras.

Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

CAPÍTULO I

UMA FADA NA SALA

A Sra. Thomas Beresford remexeu-se no sofá e olhou sombriamente pela janela do apartamento. O panorama não era dos mais variados, consistindo somente de um pequeno bloco de apartamentos do outro lado da rua. Ela deu um suspiro e bocejou.

— Gostaria — disse — que alguma coisa acontecesse.

O marido lançou-lhe um olhar de censura:

— Cuidado, Tuppence, esta sede de sensações vulgares me alarma.

Tuppence suspirou e fechou os olhos, sonhadora.

— E então Tommy e Tuppence se casaram — disse, como que declamando — e viveram felizes para sempre. Seis anos depois ainda viviam juntos e felizes. É extraordinário — continuou

— como as coisas sempre são diferentes do que se imagina.

— Uma declaração muito profunda, Tuppence, mas nada original. Poetas eminentes e consagrados já disseram isso antes e, desculpe-me a franqueza, o disseram melhor.

— Há seis anos — continuou Tuppence — teria jurado que com dinheiro suficiente para comprar o que quisesse e com você por marido, toda a minha vida seria uma longa e doce música, como diz um dos poetas que você parece conhecer tanto.

— O que a aborrece? O dinheiro ou eu? — perguntou Tommy com frieza.

— Aborrecer não é bem o termo — disse Tuppence, afável. —

Estou acostumada com minha felicidade, só isso. Assim como ninguém dá valor à capacidade de respirar pelo nariz, até ficar resfriado.

— Será que devo desprezá-la um pouco? — sugeriu Tommy.

— Levar outras mulheres a boates, este tipo de coisa?

— Inútil — observou Tuppence. — Só faria você me encontrar lá com outro homem. E eu teria certeza de que você não estaria ligando para as outras mulheres, enquanto você não poderia ter

esta certeza em relação a mim. As mulheres são tão mais completas...

— É só no campo da modéstia que o homem atinge metas altas — murmurou o marido. — Mas qual é o problema, Tuppence? Por que esta insatisfação?

— Não sei. Queria que acontecesse alguma coisa. Coisas emocionantes. Você não gostaria de caçar espiões alemães de novo, Tommy? Pense naqueles dias perigosos que vivemos uma vez. Sei que você não deixa de estar no serviço secreto agora, mas é só trabalho burocrático.

— Então você queria que me mandassem para a sombria Rússia disfarçado de bolchevique contrabandista ou algo parecido?

— Não ia adiantar nada — ponderou Tuppence. — Não me deixariam ir com você. E sou eu que quero, desesperadamente, fazer alguma coisa. Fazer alguma coisa; é o que vivo dizendo.

— No âmbito feminino? — sugeriu Tommy, gesticulando.

— Vinte minutos de trabalho depois do café toda manhã e deixo o apartamento em perfeitas condições. Você tem alguma queixa?

— Você é uma dona-de-casa tão perfeita, Tuppence, que chega a ser monótono.

— A gratidão me comove — disse Tuppence. — Você, é claro, tem seu trabalho — continuou ela —, mas diga-me Tommy, nunca tem um desejo secreto por aventuras, desejo de que *aconteçam* coisas?

— Não — respondeu Tommy —, pelo menos acho que não.

Está tudo muito bom para desejar que aconteçam algumas coisas

— que podem não ser agradáveis.

— Como os homens são prudentes — suspirou Tuppence. —

Você nunca sente um desejo sorrateiro e ardente por romance, aventura, vida?

— O que você tem lido, Tuppence? — perguntou Tommy.

— Não seria emocionante — continuou Tuppence — se ouvíssemos uma tímida pancada na porta, corrêssemos para abri-la e um morto entrasse cambaleando?

— Se estivesse morto não poderia cambaleiar — retrucou.

Tommy.

— Você entendeu — disse Tuppence. — Eles sempre cambaleiam antes de morrer e cair aos nossos pés, tentando articular palavras enigmáticas: “o leopardo malhado”, ou coisa parecida.

— Eu lhe aconselharia um curso sobre Schopenhauer ou Emmanuel Kant — disse Tommy.

— Este tipo de coisa seria útil para você; está ficando gordo e acomodado.

— Não estou — retrucou Tommy, indignado. — Você é quem faz exercícios para emagrecer.

— Todo mundo faz — disse Tuppence. — Quando falei que estava ficando gordo, foi uma metáfora; você está ficando próspero e acomodado.

— Não sei o que deu em você — disse o marido.

— O espírito de aventura — murmurou Tuppence. — É

melhor do que desejar romances. Às vezes também sinto isso.

Imagino encontrar um homem, um homem realmente bonito...

— Você me encontrou — disse Tommy —, não é o suficiente?

— Um homem moreno, magro, forte ao extremo, o tipo de homem que pode montar qualquer animal e laçar cavalos selvagens...

— Não se esqueça da calça de pele de carneiro e do chapéu de vaqueiro — interrompeu Tommy, sarcástico.

— ...e que tenha morado em descampados — continuou Tuppence.
— Gostaria que ele se apaixonasse loucamente por mim. É claro que eu o repeliria, mantendo-me fiel aos meus votos matrimoniais, mas secretamente meu coração cederia aos seus encantos.

— Bom — disse Tommy —, muitas vezes desejo encontrar uma moça realmente bonita, de cabelos cor de trigo, que se apaixonasse desesperadamente por mim. Só que acho que não vou rejeitá-la — na verdade, tenho certeza.

— Isto — disse Tuppence — é coisa de menino travesso.

— O que está realmente acontecendo com você, Tuppence?

— perguntou Tommy. — Você nunca falou assim antes.

— Não, mas há muito tempo que estou fervendo por dentro

— respondeu Tuppence. — Sabe, é muito perigoso ter-se tudo o que se quer — inclusive dinheiro o bastante para compras. É claro que há sempre os chapéus.

— Você já tem uns quarenta — disse Tommy —, e são parecidos.

— Os chapéus são assim mesmo — comentou Tuppence. —

Não são parecidos. Há nuances. Aliás, vi um lindo hoje de manhã na Violette's.

— Se você tivesse outra coisa melhor para fazer do que comprar chapéus de que não precisa...

— É isto — disse Tuppence —, exatamente isto. Se eu tivesse algo melhor a fazer... Acho que tenho que praticar boas ações. Oh, Tommy, como gostaria que alguma coisa emocionante acontecesse! Acho que seria realmente bom para nós. Se pudéssemos encontrar uma fada...

— Ora! — exclamou Tommy. — É curioso ouvi-la falar assim.

Ele se levantou e atravessou a sala. De dentro da gaveta da escrivaninha, tirou pequenos instantâneos e levou-os para Tuppence.

— Ah! quer dizer que já estão revelados. Esta aqui da sala fui eu que tirei ou foi você?

— Fui eu. A sua não saiu. Você, como sempre, não regulou a luminosidade, Tuppence.

— É bom para você acreditar que pelo menos uma coisa você faz melhor do que eu.

— Uma observação tola — disse Tommy —, mas vou deixar passar por enquanto. O que eu queria mostrar era isso.

Apontou para uma pequena mancha branca na fotografia.

— Um arranhão no filme — disse Tuppence.

— De jeito nenhum — retrucou Tommy. — Isto, Tuppence, é uma fada.

— Tommy, seu idiota!

— Olhe bem.

Tommy entregou-lhe uma lente de aumento. Tuppence estudou a fotografia atentamente. Vista assim, com um pingo de imaginação, o arranhão do filme bem podia representar uma pequena criatura alada.

— Tem asas! — exclamou Tuppence. — Que graça, uma fada de verdade no nosso apartamento. Vamos escrever a Conan Doyle sobre isso? Oh, Tommy, será que ela nos trará felicidade?

— Logo vamos saber — respondeu Tommy. — Durante a tarde inteira você desejou que alguma coisa acontecesse...

Neste momento a porta se abriu e um rapaz alto, de quinze anos, indeciso sobre seu papel, mordomo ou pajem, perguntou, grandiloqüente:

— A senhora está em casa, madame? A campainha da porta da frente acabou de tocar.

— Seria melhor que Albert não fosse tanto ao cinema —

suspirou Tuppence, depois de manifestar sua aquiescência e de Albert se retirar. — Agora ele está imitando um mordomo de Long Island. Ainda bem que já o curei da mania de pedir o cartão das pessoas e trazê-los numa bandeja.

A porta se abriu de novo e Albert anunciou: — Sr. Carter —

como se fosse um título real.

— O Chefe — murmurou Tommy, bastante surpreso.

Tuppence levantou-se de um salto com uma exclamação de alegria e cumprimentou um homem alto, grisalho, olhar perspicaz e um sorriso cansado.

— Sr. Carter, *eu* estou contente em vê-lo.

— Ótimo, Sra. Tommy. E como vai a vida em geral?

— Satisfatória mas monótona — respondeu Tuppence, piscando o olho.

— Formidável — disse o Sr. Carter. — É evidente que cheguei na hora certa.

— Isto parece animador — disse Tuppence.

Albert, ainda imitando o mordomo de Long Island, trouxe-lhes chá. Terminada a irrepreensível operação, Tuppence explodiu de novo:

— O senhor estava falando sério, não estava, Sr. Carter?

Vai-nos mandar para uma missão no interior da Rússia?

— Não é bem isso — replicou o Sr. Carter.

— Mas há alguma coisa.

— Sim, há alguma coisa. Acho que a senhora não é do tipo que se acovarda diante dos riscos, é?

Os olhos de Tuppence brilharam de emoção.

— O departamento precisa que uma tarefa seja cumprida e pensei — apenas pensei — que talvez lhes conviesse.

— Continue — pediu Tuppence.

— Pelo que vejo vocês assinam o *Daily Leader* — continuou o Sr. Carter, pegando o jornal de cima da mesa.

Ele apanhou os classificados e, apontando para um anúncio, empurrou com o dedo o jornal na direção de Tommy.

— Leia — disse ele.

Tommy aquiesceu.

“Agência Internacional de Detetives; Theodore Blunt, gerente. Investigações particulares. Grande quadro de agentes altamente treinados e de confiança. Maior discrição. Consultas grátis. Haleham St. 118, W.C.”

Ele olhou para Carter, interrogativo. Este último anuiu: —

Esta agência esteve nas últimas durante algum tempo —

murmurou. — Um amigo meu comprou-a por uma ninharia.

Queríamos que ela voltasse a funcionar por um período de, vamos dizer, seis meses. E durante este tempo, alguém terá que ser o gerente.

— E o Sr. Theodore Blunt? — perguntou Tommy.

— Tudo leva a crer que ele foi bastante indiscreto. Na verdade, a Scotland Yard teve que interferir. O Sr. Blunt está detido e não nos revelou nem metade do que queremos saber.

— Compreendo — disse Tommy. — Pelo menos acho que compreendo.

— Sugiro que tire uma licença de seis meses do escritório.

Problemas de saúde. E, claro, se quiser dirigir uma Agência de Detetives com o nome de Theodore Blunt, não tenho nada com isso.

Tommy encarou-o.

— O senhor tem alguma instrução a dar?

— Acredito que Theodore Blunt tenha-se metido em negociações com o exterior. Procure cartas azuis com selos russos.

De um comerciante de presuntos ansioso por encontrar a mulher que veio para este país como refugiada, há alguns anos. Umedeça o selo e encontrará o número 16. Tire cópia dessas cartas e mande os originais para mim. E se por acaso alguém vier ao escritório e fizer referência ao número 16, me informe imediatamente.

— Compreendo — disse Tommy. — Fora isso, há qualquer outra orientação?

O Sr. Carter apanhou as luvas de cima da mesa e preparou-se para sair.

— Você pode dirigir a Agência como quiser. Achei — seus olhos piscaram um pouco — que seria divertido para a Sra.

Tommy se aventurar nas funções de detetive.

CAPÍTULO II

UM BULE DE CHÁ

O Sr. e a Sra. Beresford tomaram posse dos escritórios da Agência Internacional de Detetives alguns dias mais tarde.

Ocuparam o segundo andar de um edifício um tanto mal conservado, em Bloomsbury. Na pequena ante-sala, Albert abandonava o papel de mordomo de Long Island para assumir o de mensageiro, o qual, aliás, representava com perfeição. Um saco de papel de balas, mãos sujas de tinta e cabelos desgrenhados eram a sua concepção do personagem.

Da ante-sala, duas portas levavam aos escritórios propriamente ditos; numa delas lia-se “funcionários” e na outra

“particular”. Por trás desta última, uma sala pequena e confortável, mobiliada com uma imensa escrivaninha, uma porção de arquivos

com etiquetas artísticas, todos vazios, e algumas sólidas cadeiras de couro. Sentado à escrivaninha, o pseudo Sr.

Blunt, tentando ter a aparência de quem sempre dirigiu uma Agência de Detetives. Havia um telefone, é claro, ao alcance de suas mãos. Tuppence e Tommy ensaiaram vários bons efeitos conseguidos através do telefone e Albert também recebera instruções.

Na sala contígua ficava Tuppence, uma máquina de escrever, as necessárias mesas e cadeiras de um tipo inferior às do grande chefe e um fogareiro para fazer chá.

Não faltava nada, a não ser clientes.

Tuppence, no êxtase inicial, trazia algumas esperanças.

— Vai ser maravilhoso — afirmou ela. — Caçaremos assassinos, recuperaremos jóias de família, encontraremos pessoas desaparecidas e detectaremos falsificadores.

Neste ponto, Tommy sentiu-se na obrigação de lançar uma nota desencorajadora.

— Acalme-se, Tuppence, e tente esquecer a ficção barata que está acostumada a ler. Nossa clientela, se é que teremos alguma, se constituirá somente de maridos que querem vigiar as esposas e de esposas que querem vigiar os maridos. Os detetives particulares vivem destas provas para a obtenção do divórcio.

— Ugh! — exclamou Tuppence, franzindo o nariz como quem não se contenta facilmente. — Não vamos nem tocar em casos de divórcio. Teremos que elevar o estilo de nossa nova profissão.

— Claro — disse Tommy, hesitante.

E agora, uma semana depois de instalados, eles comparavam as anotações, um tanto pesarosos.

— Três mulheres idiotas cujos maridos saem nos fins de semana — suspirou Tommy. — Alguém veio aqui enquanto eu estava almoçando?

— Um senhor gordo com uma esposa volúvel — suspirou Tuppence com tristeza. — Há muitos anos que venho lendo no jornal que o mal do divórcio se estava alastrando mas acho que nunca me conscientizei mesmo do fato até esta semana. Já estou cansada de dizer: “Não cuidamos de casos de divórcio.”

— Agora isto sai nos anúncios — Tommy lembrou-lhe. —

Não vai ser tão ruim.

— Tenho certeza de que nosso anúncio é bastante atraente

— disse Tuppence com voz melancólica. — Seja como for, não vou me deixar abater. Se necessário, eu mesmo cometo um crime para você solucionar.

— Qual seria a vantagem disso? Pense nos meus sentimentos quando lhe disse adeus em Bow Street — ou é Vine Street?

— Você está pensando nos seus dias de solteiro — disse Tuppence, mordaz.

— Old Bailey*, é isto que eu queria dizer — disse Tommy.

— Bem, alguma coisa tem que ser feita. Estamos aqui, explodindo de talento sem oportunidade de exercitá-lo.

— Seu otimismo me agrada muito, Tuppence. Parece que você não duvida que tem talento para exercitar.

— Claro — disse Tuppence, arregalando os olhos.

— No entanto, você não tem o mínimo conhecimento prático.

— Bem, li todos os romances policiais que foram publicados nos últimos dez anos.

— Eu também — disse Tommy —, mas tenho o pressentimento de que não vai nos ajudar muito.

— Você sempre foi pessimista, Tommy. Acredite em si mesmo — este é o segredo de tudo.

— Bem, isso é verdade — disse o marido.

— É claro que nos romances é fácil — comentou Tuppence, pensativa — porque se trabalha de trás para a frente. Isto é, quando se sabe a solução, pode-se arranjar as pistas. Fico pensando...

Ela calou-se, sobrancelhas franzidas.

— O que é? — perguntou Tommy.

— Estou tendo uma idéia — disse Tuppence. — Ainda não se definiu mas está quase. — Ela levantou-se, resoluta. — Acho que vou sair e comprar aquele chapéu de que lhe falei.

— Ah, meu Deus! Outro chapéu!

* Rua onde se localiza o Tribunal Criminal de Londres. (N. do T.)

— É muito bonito — replicou Tuppence com autoridade.

Ela saiu levando no rosto uma expressão decidida.

Nos dias seguintes, uma ou duas vezes Tommy perguntou-lhe, cheio de curiosidade, sobre a idéia. Tuppence simplesmente abanava a cabeça pedindo que lhe desse tempo.

E então, numa gloriosa manhã, chegou o primeiro cliente e tudo o mais foi esquecido.

Ouviu-se uma batida na porta da ante-sala e Albert, que acabara de colocar uma pastilha medicinal entre os lábios, vociferou um indistinto "entre". E então, entre surpreso e alegre, engoliu a pastilha inteira; este parecia ser um cliente legítimo.

Parado, hesitante, à soleira da porta, estava um jovem alto, elegante e finamente trajado.

— Um janota, se é que ainda existem — disse Albert para si mesmo. Seu discernimento em questão como esta era muito bom.

O jovem teria os seus vinte e quatro anos, belos cabelos penteados para trás e praticamente nenhum queixo.

Em êxtase. Albert apertou um botão sob a mesa e quase imediatamente o metralhar da máquina de escrever se fez ouvir, vindo da sala dos "funcionários". Tuppence correria para o seu posto. O efeito deste ambiente de muito trabalho objetivava infundir mais respeito no jovem.

— Escute — observou o rapaz —, esta não é a tal agência de detetives — os Brilhantes Detetives de Blunt? Hein? É aqui?

— O senhor gostaria de falar com o próprio Sr. Blunt? —

perguntou Albert com um ar de dúvida quanto à possibilidade de conseguir isto.

— Bem, claro, rapazinho, a idéia é esta. Pode me arranjar isso?

— Creio que não tem hora marcada, não é?

O visitante se tornava cada vez mais humilde.

— Receio que não.

— É sempre aconselhável, meu senhor, telefonar antes. O

Sr. Blunt está terrivelmente ocupado. No momento está ao telefone. Foi chamado pela Scotland Yard para uma consulta.

O jovem pareceu bastante impressionado. Albert baixou a voz e transmitiu a informação de maneira amigável:

— Um importante roubo de documentos de um órgão do governo. Querem que o Sr. Blunt se encarregue do caso.

— Ah, não me diga. Ele deve ser um homem e tanto.

— O Chefe, senhor — disse Albert —, é mesmo!

O jovem sentou-se numa cadeira dura, completamente alheio ao fato de que dois pares de olhos o espreitavam através de orifícios astutamente planejados: os de Tuppence, nos intervalos do frenético bater à máquina, e os de Tommy, que aguardavam o momento apropriado.

Um pouco depois uma campainha soou com violência na mesa de Albert.

— O chefe já está livre. Vou ver se pode atendê-lo — disse Albert, e desapareceu pela porta da sala “particular”.

Reapareceu quase imediatamente:

— Por aqui, faz favor.

O visitante foi levado à sala onde um homem de rosto agradável e jovem, cabelos ruivos e um ar de mal contida eficiência levantou-se para cumprimentá-lo.

— Sente-se. Queria meus préstimos? Sou o Sr. Blunt.

— Ah, sim! Ora, o senhor é muito jovem, não é?

— O tempo dos mais velhos já passou — disse Tommy, abanando a mão. — Quem foram os causadores da guerra? Os mais velhos. Quem são os responsáveis pelo atual estado de desemprego? Os mais velhos. Quem são os responsáveis por tudo que de maléfico aconteceu? Digo de novo: os mais velhos.

— Espero que o senhor esteja certo — disse o cliente. —

Conheço um rapaz que é poeta — pelo menos diz que é — e sempre fala assim.

— Vou-lhe dizer uma coisa: ninguém do meu quadro de funcionários altamente treinado tem um dia a mais do que vinte e cinco anos. Esta é a verdade.

Uma vez que o quadro de funcionários altamente treinado consistia de Tuppence e Albert, a afirmação era verdadeira.

— E agora, os fatos — disse o Sr. Blunt.

— Quero encontrar uma pessoa desaparecida — revelou o rapaz.

— Perfeitamente. Pode dar-me os detalhes?

— Bem, o senhor compreende, é bastante difícil. Quer dizer, um negócio extremamente delicado. Ela pode ficar muitíssimo irritada com isso. Quer dizer, bem, é tão difícil de explicar...

Ele olhou para Tommy, desanimado. Tommy estava aborrecido. Já ia sair para o almoço mas pressentiu que extrair os fatos do cliente seria uma operação longa e maçante.

— Ela desapareceu espontaneamente ou o senhor suspeita de rapto?

— Não sei — disse o jovem. — Não sei de nada.

Tommy apanhou um bloco e um lápis.

— Antes de mais nada — disse ele —, pode dar-me o seu nome? Meu contínuo foi treinado para nunca perguntar nomes.

Desta maneira as consultas se mantêm estritamente confidenciais.

— Ah, claro! Uma ótima idéia. Meu nome é... é... meu nome é Smith.

— Ah, não — replicou Tommy —, o nome verdadeiro, por favor.

O visitante olhou-o, admirado.

— É... St. Vincent — disse ele. — Lawrence St. Vincent.

— É curioso — comentou Tommy — como são poucas as pessoas que realmente se chamam Smith. Eu mesmo não conheço ninguém com este nome. Mas quase todos os homens que desejam esconder a verdadeira identidade escolhem Smith. Estou escrevendo uma monografia sobre o assunto.

Neste momento, uma discreta campainha soou-lhe à mesa: Tuppence pedia para entrar em cena. Tommy, louco para almoçar e sem nutrir a menor simpatia pelo Sr. St. Vincent, alegrou-se em abandonar o leme.

— Um momento — disse ele, e atendeu o telefone.

Pelo seu rosto passaram-se várias mudanças: surpresa, consternação, ligeira animação.

— Não é possível — disse ele ao telefone. — O Primeiro-Ministro? Claro, neste caso vou imediatamente.

Ele recolocou o telefone no gancho e voltou-se para o cliente:

— Meu caro senhor, devo pedir-lhe que me perdoe. Um caso bastante urgente me espera. O senhor pode fornecer os dados do caso à minha secretária particular; ela se encarregará dele.

Ele caminhou a passos largos para a porta adjacente.

— Srta. Robinson!

Tuppence, muito arrumada e séria, os cabelos negros puxados para trás, uma blusa de gola e punhos graciosos, entrou com passos rápidos. Tommy fez as necessárias apresentações e saiu.

— Pelo que entendi, uma moça na qual o senhor está interessado desapareceu — disse Tuppence com voz suave enquanto se sentava e apanhava o bloco e o lápis do Sr. Blunt. —

Ela é jovem?

— Ah, certamente — disse St. Vincent. — Jovem e... e...

muito, muito bonita, sabe como é.

Tuppence continuou séria.

— Meu Deus — murmurou. — Espero que...

— A senhorita não acredita que alguma coisa realmente tenha acontecido a ela, não é? — perguntou o Sr. St. Vincent, muito preocupado.

— Ora, devemos torcer pelo melhor — disse Tuppence, com um tom de falsa alegria, o que deprimiu profundamente o Sr. St.

Vincent.

— Ah, escute, a senhorita tem que fazer alguma coisa. Não poupe nenhum gasto. Não quero que nada lhe aconteça. A senhorita parece bastante solidária e não me importo de dizer-lhe, confidencialmente, que venero o chão onde ela pisa. Ela é uma pessoa excelente, excelente!

— Por favor, diga-me tudo sobre ela.

— Seu nome é Janet — não sei o sobrenome. Trabalha numa chapelaria — Madame Violette's, em Brook Street. Ela não podia ser mais correta — me repreendeu uma infinidade de vezes. Fui lá ontem, esperando que ela saísse; todas as outras saíram, menos ela. Depois descobri que não fora trabalhar aquela manhã e não mandara nenhum recado. A Madame estava furiosa. Apanhei o endereço de onde ela mora e fui até lá. Não aparecera em casa na noite anterior e não sabiam onde estava. Fiquei simplesmente louco. Pensei em ir à polícia. Mas sabia que Janet ficaria furiosa comigo se estivesse bem e tivesse ido embora por vontade própria.

Depois me lembrei de que um dia ela mesma me mostrou seu anúncio no jornal e me disse que uma das mulheres que estivera lá comprando chapéus elogiou ao extremo sua habilidade e discrição e tudo mais. Por isso vim direto para cá.

— Compreendo — disse Tuppence. — Qual é o endereço dela?

O jovem entregou-o a ela.

— Acho que é tudo — disse Tuppence, pensativa. — Isto quer dizer... devo pressupor que estão noivos?

O Sr. Vincent ficou vermelho como um pimentão.

— Bem, não, não é bem assim. Eu nunca disse nada. Mas posso adiantar-lhe que pretendo pedi-la em casamento assim que tornar a vê-la — se é que vou vê-la de novo.

Tuppence afastou o bloco de notas.

— O senhor deseja o nosso serviço especial de vinte e quatro horas? — perguntou em tom estritamente comercial.

— O que é isso?

— Cobramos o dobro das taxas mas colocamos todo o pessoal disponível no caso. Sr. St. Vincent, se a moça estiver viva, vou poder dizer-lhe onde está amanhã, a esta mesma hora.

— O quê? Ora, isto é maravilhoso.

— Só empregamos peritos e garantimos os resultados —
disse Tuppence, decidida.

— Mas então, vocês devem ter uma equipe de primeira.

— Ah, temos sim — concordou Tuppence. — A propósito, o senhor não me deu a descrição da moça.

— Ela tem um cabelo maravilhoso — de um dourado profundo, como um lindo crepúsculo; é isso, um lindo crepúsculo.

Sabe, nunca reparei no crepúsculo até há pouco tempo. Poesia, também, há muito mais poesia do que podia imaginar.

— Ruiva — disse Tuppence, imparcial, fazendo anotações. —

Qual seria a altura dela?

— Ah, alta, olhos maravilhosos, azul escuro, acho. E ela tem uma maneira muito decidida. Às vezes deixa a gente sem fala.

Tuppence fez mais algumas anotações, fechou o bloco e levantou-se.

— Se vier amanhã às duas horas, acho que já teremos alguma notícia — disse ela. — Bom dia, Sr. St. Vincent.

Quando Tommy voltou, Tuppence consultava uma página do Debrett*.

— Tenho todos os detalhes — disse lacônica. — Lawrence St.

Vincent, sobrinho e herdeiro do Conde de Cheriton. Se conseguirmos resolver este caso, ficaremos famosos nas mais altas rodas.

Tommy leu as anotações do bloco.

— O que você acha que realmente aconteceu com a moça? —
perguntou.

— Acho — disse Tuppence — que ela fugiu seguindo o coração, sentindo que ama muito este rapaz para ficar em paz com sua consciência.

Tommy lançou-lhe um olhar cheio de dúvida.

— Sei que isto acontece nos livros — disse ele — mas nunca conheci ninguém que agisse assim na vida real.

— Não? Talvez esteja certo. Mas tenho quase certeza de que Lawrence St. Vincent vai engolir este tipo de baboseira. No momento ele está cheio de idéias românticas. Antes que me esqueça, garanti resultados em vinte e quatro horas, nosso serviço especial.

— Tuppence, sua idiota, por que você fez isso?

* Relação do nobiliário inglês. (N. do T.)

— Tive essa idéia. Achei que cairia muito bem. Não se preocupe. Deixe com a Mamãe. Mamãe sabe tudo.

Ela saiu deixando Tommy profundamente insatisfeito.

Pouco depois ele se levantou, suspirou e saiu para fazer o que podia ser feito, amaldiçoando a imaginação superfértil de Tuppence.

Quando voltou, cansado, exausto, encontrou Tuppence tirando um saco de biscoito do esconderijo, em um dos arquivos.

— Você parece encalorado e aborrecido — observou. — O que andou fazendo?

Tommy gemeu.

— Fazendo uma ronda pelos hospitais com a descrição da moça.

— Eu não disse para você deixar o caso comigo?

— Você não vai achar essa moça sozinha, antes de duas horas de amanhã.

— Eu já achei!

— Já? Como?

— Elementar, meu caro Watson, elementar.

— Onde está ela agora?

Tuppence apontou por sobre o ombro.

— Ali na minha sala.

— O que ela está fazendo lá?

Tuppence começou a rir.

— Bom — disse ela —, com uma chaleira, um fogareiro e meio quilo de chá ao alcance das mãos, o resultado é uma conclusão prevista.

— Você vê — continuou Tuppence, calma. — Compro meus chapéus na Madame Violette's e outro dia encontrei uma antiga companheira de hospital trabalhando lá. Ela desistiu da

enfermagem depois da guerra e abriu uma chapelaria; faliu. Então se empregou na Madame Violette's. Combinamos tudo. Cabia a ela chamar bastante a atenção de St. Vincent para o anúncio e depois desaparecer. Maravilhosa eficiência dos Brilhantes Detetives de Blunt. Publicidade para nós e o incentivo necessário para que ele chegue ao ponto de propor casamento. Janet já estava desesperada.

— Tuppence — disse Tommy —, estou estupefato. Tudo não passa do negócio mais imoral que já vi. Você ajuda esse rapaz a se casar com uma pessoa de outra classe...

— Asneira — disse Tuppence. — Janet é uma garota maravilhosa —, e o mais estranho é que realmente adora este jovem indeciso. Você pode ver só de relance do que a família *dele* precisa: uma boa dose de sangue vermelho. Janet vai ser uma ótima mulher para ele. Vai cuidar dele como uma mãe, diminuir os coquetéis e as boates e fazê-lo levar uma vida bem sadia no campo. Venha conhecê-la.

Tuppence abriu a porta da sala contígua e Tommy a seguiu.

Uma jovem alta, de lindos cabelos avermelhados e rosto agradável pousou a chaleira fervendo que segurava e voltou-se com um sorriso, revelando uma fileira perfeita de alvos dentes.

— Espero que me perdoe, enfermeira Cowley — quer dizer, Sra. Beresford. Achei que gostaria de uma xícara de chá. Quantas e quantas xícaras você fez para mim no hospital às três horas da manhã!

— Tommy — disse Tuppence —, deixe-me apresentá-lo a minha velha amiga, enfermeira Smith.

— Você disse Smith? Que engraçado — comentou Tommy, estendendo-lhe a mão. — Hein? ah! nada — uma pequena monografia que pensava em escrever.

— Componha-se, Tommy — disse Tuppence.

Ela serviu-lhe uma xícara de chá:

— Então agora vamos beber juntos. Ao sucesso da Agência Internacional de Detetives, os Brilhantes Detetives de Blunt. Que nunca conheçam o fracasso!

CAPÍTULO III

O CASO DA PÉROLA ROSA

— Mas que diabos você está fazendo? — perguntou Tuppence ao entrar na sala particular da Agência Internacional de Detetives (Brilhantes Detetives de Blunt) e se deparar com seu mestre e senhor de braços no chão, em meio a um mar de livros.

Tommy levantou-se com dificuldade.

— Estava tentando arrumar estes livros na última prateleira do armário — queixou-se — e o diabo da cadeira virou.

— E afinal, que livros são estes? — perguntou Tuppence, apanhando um volume. — *O Cão dos Baskervilles*. Não me incomodaria de ler este livro de novo, algum dia.

— Entende qual é o objetivo? — perguntou Tommy, tirando o pó da roupa com cuidado. — Meia hora com os Grandes Mestres

— este tipo de coisa. Sabe, Tuppence, tenho que admitir que somos um tanto amadores neste ramo. É claro que de um certo modo não podemos deixar de sê-lo, mas não faria mal nenhum adquirir um pouco de técnica, vamos dizer. Estes livros são romances policiais escritos pelos maiores gênios deste campo.

Pretendo experimentar estilos diferentes e comparar os resultados.

— Hummm — exclamou Tuppence. — Muitas vezes fico pensando em como esses detetives se sairiam na vida real. — Ela apanhou outro volume. — Você vai encontrar dificuldade em ser Thorndyke; não tem experiência em medicina, muito menos legal, e, pelo que sei, ciência nunca foi o seu forte.

— Talvez não — concordou Tommy. — Mas de qualquer modo comprei uma máquina muito boa e vou tirar retrato de pegadas, ampliar os negativos, este tipo de coisa. Agora, *mon ami*, use sua massa cinzenta — o que isso lhe lembra?

Ele apontou para a prateleira inferior do armário onde se via um robe um tanto futurista, um chinelo turco e um violino.

— É óbvio, meu caro Watson — disse Tuppence.

— Exatamente — disse Tommy. — O toque de Sherlock Holmes.

Ele apanhou o violino e passou o arco a esmo pelas cordas, provocando arrepios em Tuppence.

Neste momento soou a campainha, sinal de que um cliente chegara à ante-sala e de que Albert, o mensageiro, o retinha com algumas perguntas.

Sem perda de tempo, Tommy recolocou o violino no armário e chutou os livros, escondendo-os atrás da escrivaninha.

— Não é que haja tanta pressa — observou ele. — Albert deve estar dizendo que estou com a Scotland Yard na linha. Vá para a sua sala, Tuppence, e comece a bater à máquina. Isto dá idéia de muita atividade e trabalho no escritório. Aliás, pensando bem, é melhor eu ditar e você taquigrafar. Vamos dar uma olhada antes de a vítima entrar.

Eles se aproximaram dos orifícios artisticamente planejados para fornecer uma ampla visão da ante-sala.

A cliente era uma moça da idade de Tuppence, alta e morena, rosto um tanto tenso e olhos desdenhosos.

— Roupas baratas e um pouco escandalosas — observou Tuppence.
— Mande-a entrar, Tommy.

Um minuto depois, a moça apertava a mão do célebre Sr.

Blunt, enquanto Tuppence permanecia sentada, olhos recatadamente baixos, bloco e lápis na mão.

— Minha secretária particular, Srta. Robinson — apresentou o Sr. Blunt, indicando-a com um gesto. — Pode falar livremente na presença dela. — Então ele recostou-se por um minuto e de olhos semicerrados observou num tom enfarado: — Deve ser muito cansativo viajar num ônibus tão cheio a esta hora do dia.

— Vim de táxi — disse a moça.

— Ah! — exclamou Tommy. Seus olhos pousaram, repreensivos, sobre o bilhete azul que lhe aparecia da luva. Os olhos da moça seguiram-lhe o olhar e ela sorriu, guardando a passagem. — O senhor se refere a isto? Apanhei no chão. Uma criança vizinha nossa faz coleção delas.

Tuppence tossiu e Tommy dardejou-lhe um olhar malicioso.

— Vamos aos negócios — disse, enérgico. — Está precisando de nossos serviços, Srta... ?

— Meu nome é Kingston Bruce — disse a jovem. — Moramos em Wimbledon. Ontem à noite, uma senhora que está hospedada conosco perdeu uma pérola rosa de muito valor. O Sr. St. Vincent também estava jantando conosco e durante o jantar ele, por acaso, mencionou sua firma. Minha mãe mandou-me aqui hoje de manhã para pedir-lhe que se encarregue do caso.

A moça falava mal-humorada, de maneira quase desagradável. Era óbvio que ela e a mãe estavam em desacordo. A jovem fora; lá contra a vontade.

— Entendo — disse Tommy, um pouco confuso. — Não chamaram a polícia?

— Não — respondeu a Srta. Kingston Bruce. — Não chamamos. Seria uma tolice chamar a polícia e depois descobrir que o negócio rolou bobamente para debaixo do sofá ou coisa parecida.

— Ah! — exclamou Tommy. — Então a jóia pode estar só perdida.

A Srta. Kingston Bruce deu de ombros.

— As pessoas fazem tanto rebuliço por causa das coisas — murmurou. Tommy pigarreou.

— Claro — disse, hesitante. — Estou muito ocupado no momento...

— Entendo perfeitamente — disse a moça, levantando-se.

Passou-lhe pelos olhos um rápido brilho de satisfação, o que não escapou à observação de Tuppence.

— Mesmo assim — continuou Tommy —, acho que posso dar um jeito de ir a Wimbledon. Qual é o endereço, por favor?

— Laurels, Edgeworth Road.

— Anote, por favor, Srta. Robinson.

A Srta. Kingston Bruce hesitou e depois disse, um tanto descortês:

— Então, esperamos o senhor. Bom dia.

— Que garota engraçada — comentou Tommy, quando ela saiu. — Não consegui formar uma idéia dela.

— Vai ver que ela mesma roubou a pérola — observou Tuppence, pensativa. — Vamos Tommy, vamos arrumar estes livros, pegar o carro e ir até lá. A propósito, quem você vai ser, Sherlock Holmes ainda?

— Acho que preciso de prática — disse Tommy. — Dei um belo fora com o negócio do ônibus, não foi?

— Foi — concordou Tuppence. — Se eu fosse você não tentaria bancar o esperto com essa garota — é muito perspicaz. E

infeliz também, pobrezinha.

— Aposto que já sabe tudo sobre ela — disse Tommy com sarcasmo — só de olhar para o feitio do nariz.

— Vou-lhe dizer o que acho que encontraremos nos Laurels

— disse Tuppence, sem ligar para a implicância de Tommy. —

Pessoas esnobes que fazem questão de aparecer na alta sociedade; o pai, se é que há um pai, com certeza tem uma patente militar. A moça acompanha o modo de vida deles mas se despreza por fazer isso.

Tommy deu uma última olhada nos livros, agora arrumados sobre a prateleira.

— Acho — disse, pensativo — que hoje serei Thorndyke.

— Garanto que não há nenhum aspecto médico-legal neste caso — observou Tuppence.

— Talvez não — concordou Tommy. — Mas estou louco para usar aquela câmara nova. Parece que tem as lentes mais maravilhosas

que já vi.

— Conheço este tipo de lente — disse Tuppence. — Depois de ajustar o obturador, o diafragma e calcular o tempo de exposição, tudo o que se quer é uma simples Brownie.

— Só pessoas sem ambição se contentam com uma simples Brownie.

— Bem, aposto que vou ter resultados melhores com ela do que você.

Tommy não deu atenção ao desafio.

— Tenho que conseguir uma tesoura para charutos — disse, queixoso. — Onde será que se pode comprar uma?

— Você pode usar aquele saca-rolhas que tia Araminta lhe deu no Natal passado — disse Tuppence, prestimosa.

— É verdade — disse Tommy. — Na época achei que era um mecanismo de destruição de aparência curiosa e um presente um tanto extravagante para uma tia abstêmia.

— Eu — disse Tuppence — vou ser Polton.

Tommy olhou-a, zombeteiro.

— Polton, hein? Não poderia fazer nada do que ele faz.

— Posso sim; posso esfregar as mãos quando estou contente.

Já é o bastante para começar. Espero que você tire moldes de gesso das pegadas.

Tommy permaneceu calado. Depois de apanhar o saca-rolhas foram até a garagem, tiraram o carro e se foram rumo a Wimbledon.

Laurels era uma casa enorme; de terrinhas e empenas, lindos canteiros de gerânios escarlates, parecia haver sido recém-pintada.

Um homem alto, de curtos bigodes brancos e um porte exageradamente marcial abriu a porta antes que Tommy tivesse tempo de tocar a campainha.

— Já o esperava — explicou ele de maneira um tanto espalhafatosa. — É o Sr. Blunt, não? Sou o Coronel Kingston Bruce. Quer vir ao meu escritório?

Ele levou-os a uma pequena sala nos fundos da casa.

— O jovem St. Vincent me contou coisas maravilhosas sobre sua agência. Eu mesmo vi o anúncio. Este serviço garantido de vinte e quatro horas — uma idéia maravilhosa. É exatamente do que preciso.

Intimamente

amaldiçoando

Tuppence

pela

irresponsabilidade de inventar este brilhante detalhe, Tommy respondeu:

— Perfeitamente, Coronel.

— A situação é muito angustiante, meu senhor, muito angustiante.

— O senhor teria a bondade de me dar os fatos? — disse Tommy, com uma ponta de impaciência.

— Claro, agora mesmo. Neste momento está conosco uma velha e querida amiga, *Lady* Laura Barton. Filha do falecido Conde de

Carrowway. O atual Conde, irmão dela, fez um discurso impressionante na Câmara dos Comuns, outro dia. Como ia dizendo, ela é uma velha e querida amiga. Alguns amigos meus americanos que acabaram de chegar, os Hamilton Betts, estavam ansiosos por encontrá-la. “Nada mais fácil”, disse eu. “Ela está comigo agora. Venham passar o fim de semana aqui”. Sabe como os americanos são quanto a títulos, Sr. Blunt.

— Algumas vezes não só os americanos, Coronel Kingston Bruce.

— Ah! é a pura verdade, meu caro senhor. Como detesto os esnobes! Bem, como ia dizendo, os Betts vieram passar o fim de semana aqui. Ontem à noite — estávamos até jogando *bridge* —

quebrou-se o fecho de um pingente que a Sra. Hamilton Betts usava, de modo que ela tirou-o e colocou-o sobre uma mesinha, com a intenção de levá-lo para cima assim que subisse. Mas ela se esqueceu de fazê-lo. Devo explicar-lhe, Sr. Blunt, que o pingente consistia de dois pequenos diamantes e uma grande pérola rosa entre eles. O pingente foi encontrado esta manhã no mesmo local onde a Sra. Betts o deixou, mas a pérola, de grande valor, tinha sido arrancada.

— Quem achou o pingente?

— A arrumadeira — Gladys Hill.

— Algum motivo para suspeitar dela?

— Está conosco há alguns anos e sempre foi honesta. Mas é claro, nunca se sabe...

— Exatamente. Pode-me descrever seus empregados e dizer-me quem estava no jantar ontem à noite?

— A cozinheira, que está conosco há apenas dois meses, mas não teria tido oportunidade de se aproximar da sala de visitas; o mesmo

se aplica à copeira. Depois tem a governanta, Alice Cummings. Ela também já está conosco há muitos anos. E, é claro, a empregada *de Lady Laura*. É francesa.

O Coronel Kingston Bruce empertigou-se ao dizer isso.

Tommy, inalterado com a revelação da nacionalidade da empregada, disse:

— Perfeitamente. E os convidados do jantar?

— Sr. e Sra. Betts, nós — minha esposa e filha — e *Lady Laura*. O jovem St. Vincent jantou também conosco e o Sr. Rennie deu um pulo aqui depois do jantar.

— Quem é o Sr. Rennie?

— Um rapaz muito pernicioso — um socialista confesso.

Bem-apesoado, é claro, e com um certo poder de persuasão. Mas um homem em quem eu não confiaria nem um pouco. Um tipo perigoso.

— Na verdade — disse Tommy, secamente —, o senhor suspeita dele, não é?

— Sim, Sr. Blunt. A julgar por suas opiniões, ele não pode ter princípios. Ser-lhe-ia fácil arrancar a pérola no momento em que todos estavam absortos no jogo. Houve vários momentos emocionantes: uma rodada sem trunfo e também uma discussão terrível, quando minha esposa teve o azar de desistir.

— Perfeitamente — disse Tommy. — Gostaria de saber uma coisa: qual a reação da Sra. Betts diante de tudo isso?

— Ela queria que eu chamasse a polícia — disse o Coronel Kingston Bruce, relutante. — Isto é, quando já tínhamos procurado por toda

parte, caso a pérola tivesse caído.

— Mas o senhor a dissuadiu?

— Sou avesso à idéia de publicidade e tanto minha esposa quanto minha filha me apoiaram. Depois minha mulher se lembrou de que St. Vincent falou sobre sua agência, durante o jantar ontem à noite, e sobre o serviço especial de vinte e quatro horas.

— Sim — disse Tommy com o coração apertado.

— O senhor compreende, de qualquer maneira, ninguém ficará prejudicado. Se chamarmos a polícia amanhã, pensarão que procurávamos uma jóia perdida. A propósito, ninguém pôde sair de casa hoje de manhã.

— A não ser sua filha, é claro — disse Tuppence, falando pela primeira vez.

— A não ser minha filha — concordou o Coronel. — Ela se ofereceu de imediato para ir e apresentar-lhe o caso.

Tommy levantou-se.

— Vamo-nos esforçar ao máximo para satisfazê-lo, Coronel

— disse ele. — Gostaria de ver a sala de visitas e a mesa onde o pingente foi esquecido. Gostaria também de fazer algumas perguntas à Sra. Betts. Depois disso, vou ter uma conversa com os criados, ou melhor, minha assistente, Srta. Robinson, fará isso.

Ele se encolheu ante os horrores de interrogar os empregados.

O Coronel Kingston Bruce abriu a porta e os levou pelo corredor. Ao fazê-lo, uma observação chegou-lhes claramente aos ouvidos, vinda do quarto de que se aproximavam; a voz que a expressou era a da moça que fora vê-los naquela manhã.

— Você sabe muito bem, mamãe — dizia ela — que ela *levou* para casa uma colher de chá dentro do regalo.

Logo depois eram apresentados à Sra. Kingston Bruce, uma mulher queixosa e de maneiras lânguidas. A Srta. Kingston Bruce recebeu-os com uma leve inclinação de cabeça. Seu rosto revelava grande mau humor.

A Sra. Kingston Bruce era loquaz:

— ...mas acho que sei quem tirou — concluiu. — Aquele terrível rapaz socialista. Ele adora os russos e os alemães e detesta os ingleses — que mais se pode esperar?

— Ele nem tocou nela — disse a Srta. Kingston Bruce, furiosa. — Eu o estava observando o tempo todo; não poderia deixar de ver se ele tivesse pego.

Ela olhou-os, arrogante, queixo para cima.

Tommy conseguiu desviar o assunto pedindo para ter uma conversa com a Sra. Betts. Quando a Sra. Kingston Bruce saiu acompanhada do marido e da filha para procurar a Sra. Betts, ele assoviou pensativo.

— Quem será — disse baixinho — que levou uma colher de chá no regalo?

— Era nisso que eu estava pensando — respondeu Tuppence.

A Sra. Betts, seguida pelo marido, irrompeu na sala. O Sr.

Hamilton Betts parecia dispéptico e dominado.

— Pelo que sei, Sr. Blunt, o senhor é um detetive particular que resolve tudo rapidamente, não é?

— Tem sido assim, Sr. Betts — disse Tommy. — Quero fazer-lhes algumas perguntas.

A partir daí tudo transcorreu com rapidez. Mostraram a Tommy o pingente avariado, a mesa na qual fora colocado e o Sr.

Betts emergiu de sua casmurrice para mencionar o valor, em dólares, da pérola roubada.

E mesmo assim Tommy tinha a irritante certeza de não estar progredindo.

— No momento é só — disse um pouco depois. — Srta.

Robinson, tenha a bondade de apanhar a aparelhagem fotográfica especial que está no vestíbulo.

A Srta. Robinson anuiu.

— Uma pequena invenção minha — disse Tommy. —

Aparentemente é uma máquina fotográfica comum.

Ele sentiu uma leve satisfação ao perceber que os Betts estavam impressionados.

Tommy fotografou o pingente, a mesa em que fora esquecido e tirou vários ângulos gerais da sala. Então, à Srta. Robinson coube a tarefa de interrogar os empregados; em vista da expectativa estampada nos rostos do Coronel Kingston Bruce e da Sra. Betts, Tommy sentiu-se na obrigação de dizer algumas palavras de autoridade competente.

— A situação se resume nisso: ou a pérola ainda está dentro de casa ou não está mais.

— Perfeitamente — disse o Coronel com mais reverência do que a natureza da observação justificaria.

— Se não está em casa, pode estar em qualquer lugar; mas se está aqui tem que, necessariamente, estar escondida em algum lugar...

— E deve-se fazer uma busca — aparteou o Coronel Kingston Bruce.

— Pois não! O senhor tem carta branca, Sr.

Blunt. Vasculhe a casa do porão ao sótão.

— Oh, Charles — murmurou a Sra. Kingston Bruce, à beira das lágrimas —, você acha que é o mais acertado? Os empregados não vão *gostar* disso. Tenho certeza de que vão embora.

— Vamos deixar os quartos deles por último — disse Tommy para apaziguá-la. — Com certeza o ladrão escondeu a jóia no lugar mais improvável.

— Acho que já li alguma coisa deste tipo — concordou o Coronel.

— Com toda a certeza — disse Tommy. — O senhor provavelmente se lembra do caso Rex Bailey, que criou um precedente.

— Ah... é claro... — disse o Coronel, parecendo confuso.

— Agora, o lugar menos plausível é o quarto da Sra. Betts —

continuou Tommy.

— Nossa! Isso não seria muita ousadia? — perguntou a Sra.

Betts, admirada.

Sem mais delongas, ela o levou a seu quarto, onde, uma vez mais, Tommy usou a aparelhagem fotográfica especial.

Um pouco depois Tuppence foi-se encontrar com ele.

— Espero que não se oponha ao fato de minha assistente revistar seu guarda-roupa, Sra. Betts!

— Ora, de jeito nenhum. Precisam de mim aqui?

Tommy assegurou-lhe que sua presença não era mais necessária e ela saiu.

— Podemos continuar este blefe — disse Tommy — mas pessoalmente acho que não temos a menor chance de encontrar a jóia. Maldita a hora em que você inventou esse serviço de vinte e quatro horas, Tuppence.

— Escute — disse Tuppence —, os criados são honestos, tenho certeza, mas consegui extrair uma coisa da empregada francesa. Parece que quando *Lady* Laura se hospedou aqui há um ano, foi a um chá com alguns amigos dos Kingston Bruce e, quando voltou para casa, uma colher caiu-lhe do regalo. Todos pensaram em mero acaso. Mas falando sobre roubos semelhantes, soube de muito mais coisas. *Lady* Laura está sempre passando temporadas na casa das pessoas. Ela não tem um tostão, pelo que sei, e procura acomodações confortáveis na casa das pessoas para as quais um título ainda significa alguma coisa. Pode ser coincidência, ou mais do que isso, mas o fato é que cinco roubos diferentes aconteceram enquanto ela se hospedou nas várias casas; algumas vezes coisas triviais, outras, jóias valiosas.

— Puxa! — exclamou Tommy, soltando um assovio prolongado. — Onde é o quarto da raposa, você sabe?

— Ali em frente.

— Então acho, acho mesmo, que devemos dar uma escapadinha e investigar.

A porta do quarto em frente estava entreaberta. Era espaçoso, mobília branca esmaltada e cortinas rosa. Uma porta interna dava para o banheiro. A porta dele assomou uma moça morena, elegante, muito bem vestida.

Tuppence observou a exclamação de surpresa nos lábios da moça.

— Esta é Elise, Sr. Blunt — disse ela, formal. — A empregada *de Lady Laura*.

Tommy admirou intimamente a suntuosidade do banheiro e os utensílios modernos. Ele se pôs a trabalhar para dissipar a expressão de desconfiança da francesa.

— Está ocupada agora, *Mademoiselle Elise*?

— Sim, *monsieur*, eu limpo o banheiro de *milady*.

— Bom, talvez possa me ajudar com algumas fotografias, em vez disso. Tenho uma máquina especial aqui e estou tirando retratos do interior de todos os quartos da casa.

Foi interrompido pela porta de comunicação com o banheiro, que se fechou com repentina violência. Elise deu um salto.

— Que foi isso?

— Deve ter sido o vento — disse Tuppence.

— Vamos ao outro quarto — disse Tommy. Elise foi abrir-lhes a porta mas a maçaneta parecia emperrada.

— O que aconteceu? — perguntou Tommy com firmeza.

— Ah, *monsieur*, talvez alguém tenha-nos trancado do outro lado.

— Ela apanhou uma toalha e tentou de novo. Mas desta vez a maçaneta girou facilmente e a porta se abriu.

— *Voilà ce qui est curieux*. Deve ter emperrado.

Não havia ninguém no banheiro.

Tommy apanhou sua máquina. Tuppence e Elise trabalharam sob as ordens dele, mas volta e meia ele olhava, intrigado, para a porta de comunicação.

— Não sei por que — disse entre dentes. — Não sei por que a porta emperrou.

Ele examinou-a minuciosamente, abrindo-a e fechando-a.

Encaixava-se sem o menor problema.

— Mais uma fotografia — disse num suspiro. — Pode levantar esta cortina rosa, *Mademoiselle* Elise? Obrigado. Segure assim.

Ouviu-se o clique familiar. Tommy pediu que Elise segurasse o diapositivo, entregou o tripé para Tuppence e, com todo o cuidado, reajustou e fechou a câmara.

Tommy arranjou uma desculpa qualquer para se livrar de Elise e, logo que esta saiu do quarto, ele se aproximou de Tuppence e falou rapidamente:

— Escute, tive uma idéia. Pode ficar por aqui? Dê uma busca em todos os quartos; isso vai levar algum tempo. Tente ter uma conversa com a raposa — *Lady* Laura — mas não a assuste. Diga a ela que você suspeita da governanta. Faça o que fizer, não a deixe sair de casa. Vou de carro. Volto logo que puder.

— Certo — disse Tuppence —, mas não fique tão seguro.

Você se esqueceu de uma coisa: a filha. Há algo estranho com ela.

Escute, descobri a que horas ela saiu de casa hoje de manhã.

Levou duas horas para chegar ao nosso escritório. Não faz sentido.

Onde ela foi antes de nos procurar?

— É, tem alguma coisa esquisita — admitiu o marido. —

Bem, siga a pista que quiser, mas não deixe *Lady* Laura sair de casa. O que foi?

Seu aguçado ouvido detectou um leve farfalhar no patamar da escada. Ele correu para a porta mas não viu ninguém.

— Bem, até logo — disse. — Volto logo que puder.

CAPÍTULO IV

O CASO DA PÉROLA ROSA

(Continuação)

Apreensiva, Tuppence observou o carro se afastando. Tommy estava muito seguro — ela, não tanto; havia um ou dois pontos que não entendera muito bem.

Ainda estava à janela observando a rua quando viu um homem sair do abrigo de um portão em frente, atravessar a rua e tocar a campainha.

Como um raio, Tuppence saiu do quarto e desceu as escadas. A governanta, Gladys Hill, emergia dos fundos da casa, mas Tuppence, com um gesto autoritário, fê-la voltar. Então dirigiu-se para a porta da frente e abriu-a.

Lá estava um rapaz magricela, malvestido, de olhos escuros e assustados.

Hesitou um instante e depois disse:

— A Srta. Kingston Bruce está?

— Pode entrar, por favor — disse Tuppence.

Ela afastou-se para deixá-lo entrar, fechando a porta em seguida.

— Sr. Rennie, não é? — perguntou suavemente.

Ele lançou-lhe um rápido olhar.

— É... sim.

— Quer entrar aqui, por favor?

Ela abriu a porta do escritório, que se encontrava vazio.

Tuppence entrou atrás dele, fechando a porta. Ele voltou-se o para ela, carrancudo:

— Quero ver a Srta. Kingston Bruce.

— Não tenho bem certeza de que possa vê-la — disse Tuppence, serena.

— Escute, quem é você afinal? — perguntou de maneira rude.

— Agência Internacional de Detetives — disse Tuppence sem rodeios, e notou o incontável sobressalto do Sr. Rennie.

— Por favor, sente-se — continuou ela. — Para começar, sabemos tudo sobre a visita da Srta. Kingston Bruce ao senhor, esta manhã.

Foi uma suposição ousada mas alcançou o objetivo.

Percebendo-lhe o constrangimento, Tuppence continuou, rápida:

— O objetivo maior é recuperar a pérola, Sr. Rennie.

Ninguém nesta casa está ansioso por publicidade. Será que não podemos entrar num acordo?

O jovem olhou-a, perspicaz.

— Pergunto-me até que ponto você sabe — disse, pensativo.

— Deixe-me pensar um pouco.

Ele enterrou a cabeça nas mãos e depois fez uma pergunta das mais inesperadas.

— Escute, é verdade mesmo que o St. Vincent está noivo e vai se casar?

— É verdade — respondeu Tuppence. — Conheço a moça.

De repente, o Sr. Rennie se fez íntimo de Tuppence:

— Tem sido o diabo — confidenciou. — Eles o convidam de manhã, de tarde e de noite — atiram Beatrice para cima dele.

Tudo porque qualquer dia desses ele vai ter um título. Se fosse à minha maneira...

— Não vamos discutir questões de princípio — interrompeu Tuppence. — Poderia me dizer, Sr. Rennie, por que acha que a Srta. Kingston Bruce apanhou a pérola?

— Eu... eu não acho.

— Acha sim — retrucou Tuppence calmamente. — Você espera o detetive se afastar, o campo ficar limpo e então vem e pergunta por ela. É óbvio. Se você mesmo tivesse roubado a pérola, não estaria nem a metade aborrecido.

— O comportamento dela estava tão estranho — disse o jovem. — Ela veio de manhã e me contou sobre o roubo explicando que estava a caminho da sua agência de detetives particulares. Parecia ansiosa para dizer alguma coisa mas incapaz de externar.

— Bem — disse Tuppence. — Tudo o que quero é a pérola. É

melhor ir falar com ela.

Mas neste momento o Coronel Kingston Bruce abriu a porta.

— O almoço está pronto, Srta. Robinson. Vai almoçar conosco não é? A...

Então calou-se e olhou para o rapaz.

— Certamente — disse o Sr. Rennie — o senhor não quer-me convidar para o almoço. Está certo, eu já vou embora.

Volte mais tarde — sussurrou Tuppence quando ele passou por ela.

Tuppence seguiu o Coronel Kingston Bruce, que ainda resmungava sobre a desfaçatez perniciosa de algumas pessoas; entravam numa imponente sala de jantar onde a família já se reunira. Tuppence só não conhecia uma das pessoas presentes.

— Esta, *Lady* Laura, é a Srta. Robinson, que está tendo a bondade de nos ajudar.

Lady Laura inclinou a cabeça e se pôs a encarar Tuppence através do pincenê; uma mulher alta, magra, sorriso triste, voz macia, olhar duro e astuto. Tuppence encarou-a também e *Lady* Laura baixou os olhos.

Depois do almoço *Lady* Laura entabulou uma conversa com ar de polida curiosidade. Algum progresso nos interrogatórios?

Tuppence enfatizou convenientemente a suspeita em relação à governanta, mas seu pensamento não estava voltado para *Lady* Laura; esta podia esconder na roupa Colheres de chá e outros objetos mas Tuppence tinha certeza de que ela não roubara a pérola.

Pouco depois Tuppence continuou a busca na casa. O tempo passava. Nem um sinal de Tommy e, o que a preocupava mais, nem um sinal do Sr. Rennie. De repente, Tuppence saiu de um quarto e esbarrou com Beatrice Kingston Bruce, que descia as escadas. Estava arrumada para sair.

— Receio — disse Tuppence — que não deva sair agora.

A moça olhou-a com arrogância.

— O fato de eu sair, ou não, não é da sua conta — disse com frieza.

— Mas é da minha conta me comunicar ou não com a polícia

— disse Tuppence.

Num minuto a moça ficou pálida como cera.

— Você não deve — não deve — eu não vou sair, mas não faça isso.

— Ela se agarrou a Tuppence, súplice.

— Minha querida Srta. Kingston Bruce — disse Tuppence, sorrindo — desde o começo o caso estava muito claro para mim.

Eu...

Entretanto ela foi interrompida. No afã do encontro com a moça Tuppence não ouviu a campainha da porta. Agora, para sua surpresa, Tommy subia as escadas pulando os degraus e lá no vestíbulo ela viu um homem corpulento tirando o chapéu-coco.

— Detetive Inspetor Marriot da Scotland Yard — disse arreganhando os dentes.

Com um grito Beatrice Kingston Bruce se livrou dos braços de Tuppence e desceu as escadas como uma flecha, ao mesmo tempo em que a porta da frente se abria uma vez mais e por ela entrava o Sr. Rennie.

— Pronto, *você* estragou tudo — disse Tuppence, com amargura.

— Hein? — perguntou Tommy, entrando apressado no quarto de *Lady* Laura. Entrou no banheiro e apanhou um pedaço grande de sabonete, que trouxe nas mãos. Nesse momento o inspetor subia as escadas.

— Ela não fez nenhum alarde — disse ele. — Tem experiência e sabe quando o jogo está terminado. E a pérola?

— Parece-me — disse Tommy, entregando-lhe o sabonete — que vai encontrá-la aqui.

Os olhos do inspetor se iluminaram com genuína admiração.

— Um truque velho; cortar o sabonete ao meio, fazer um buraquinho para colocar a jóia, juntar as partes de novo com água quente e pronto. O senhor fez um trabalho muito inteligente.

Tommy aceitou o elogio de bom grado. Ele e Tuppence desceram a escada. O Coronel Kingston Bruce correu a seu encontro apertando-lhe efusivamente a mão.

— Meu caro senhor, não sei como lhe agradecer. *Lady* Laura também quer lhe agradecer...

— Estou contente por tê-lo agradado — disse Tommy —, mas não posso parar. Tenho um encontro urgente com um membro do Ministério.

Ele correu em direção ao carro e entrou; Tuppence entrou em seguida.

— Mas Tommy — gritou ela. — Afinal não prenderam *Lady* Laura?

— Ah! — exclamou Tommy. — Eu não lhe contei? Não prenderam *Lady* Laura: prenderam Elise.

— Você vê — continuou ele contando à estarecida Tuppence

—, muitas vezes tentei abrir uma porta com a mão cheia de sabão.

É impossível; a mão escorrega. Então fiquei matutando no que Elise poderia estar fazendo com o sabonete para ficar com as mãos tão ensaboadas daquele jeito. Ela apanhou uma toalha, lembra?, de modo que depois não havia mais vestígios de sabonete na maçaneta. Mas me ocorreu que, na qualidade de ladrão profissional, não seria má idéia ser empregada de uma mulher suspeita de cleptomania e que se hospeda em várias casas. Então dei um jeito para tirar um retrato tanto dela quanto do quarto, fiz com que segurasse um diapositivo e corri para a velha e querida Scotland Yard. Com a revelação dos negativos, a identificação frutífera das impressões digitais e a fotografia, viu-se que Elise era há muito procurada. Que lugar útil, a Scotland Yard!

— E pensar — disse Tuppence, recuperando a voz — que aqueles dois garotos idiotas suspeitavam um do outro, como acontece nos livros. Mas por que você não me contou aonde ia quando saiu?

— Em primeiro lugar, suspeitei que Elise estivesse ouvindo no patamar e em segundo lugar...

— Pode dizer.

— Minha culta amiga se esquece de que Thorndyke nunca diz nada até o último momento. Além do mais, Tuppence, você e sua amiga Janet Smith me passaram para trás uma vez. Agora estamos quites.

CAPÍTULO V

A AVENTURA DO

DESCONHECIDO SINISTRO

— Que dia mais monótono — disse Tommy, dando um largo bocejo.

— Está quase na hora do chá — disse Tuppence, bocejando também.

O movimento era fraco na Agência Internacional de Detetives. A carta tão ansiosamente esperada do comerciante de presunto ainda não chegara e não havia nem sombra de casos genuínos.

Albert, o contínuo, entrou com um pacote amarrado e colocou-o sobre a mesa.

— O mistério do embrulho fechado — murmurou Tommy. —

Conteria as fabulosas pérolas da Grã-Duquesa da Rússia? Ou seria uma máquina infernal para explodir os Brilhantes Detetives de Blunt?

— Na verdade — disse Tuppence, abrindo o embrulho —, é o meu presente de casamento para Francis Haviland. Bonito, não é?

Tommy apanhou uma fina cigarreira de prata, observou a inscrição na letra de Tuppence "*Francis, de Tuppence*", abriu-a, fechou-a e balançou a cabeça em sinal de aprovação.

— Você realmente esbanja dinheiro, Tuppence — observou.

— Quero uma igual a esta, só que de ouro, no meu aniversário, mês que vem. Imagine gastar uma coisa dessas com Francis Haviland, que é e sempre foi um dos caras mais burros que Deus já colocou na face da terra.

— Você se esquece que eu costumava trabalhar com ele durante a guerra, quando ele era general. Ah! bons tempos aqueles.

— Bons tempos, sim — concordou Tommy. — Mulheres lindas vinham-me apertar a mão no hospital, lembro-me bem.

Mas nem por isso fico-lhes mandando presentes de casamento.

Acho que a noiva não vai gostar muito deste seu presente, Tuppence.

— Cabe direitinho no bolso, não é? — disse Tuppence, ignorando as observações dele.

Tommy colocou-a dentro do próprio bolso.

— Fica ótima — aprovou. — Olha o Albert chegando com a correspondência da tarde. Com toda a certeza a Duquesa de Perthshire vai nos encarregar de encontrar o seu Prêmio Pike.

Juntos deram uma olhada nas cartas. De repente Tommy soltou um assovio prolongado e apanhou uma delas.

— Uma carta azul com selo russo. Lembra-se do que disse o chefe? Tínhamos que procurar cartas como essas.

— Que emocionante — disse Tuppence. — Até que enfim aconteceu alguma coisa. Abra e veja se o conteúdo confere. Um comerciante de presuntos, não é? Só um minuto. Vamos precisar de leite para o chá. Esqueceram de entregar hoje de manhã. Vou mandar Albert comprar.

Ela voltou da ante-sala, depois de despachar Albert, e encontrou Tommy segurando a folha de papel azul.

— Como imaginamos, Tuppence — observou. — Palavra por palavra como o Chefe disse.

Tuppence apanhou-lhe a carta das mãos e leu-a.

O suposto remetente, Gregor Feodorsky, dizia, num inglês empolado, que ansiava por notícias da esposa. Exortava a Agência Internacional de Detetives a não poupar gastos e envidar esforços para encontrá-la. Feodorsky estava impossibilitado de sair da Rússia no momento, devido a uma crise no mercado de carne de porco.

— Qual será o verdadeiro significado disso? — disse Tuppence pensativa, alisando a folha sobre a mesa.

— Algum tipo de código, acho — disse Tommy. — Isso não nos cabe decifrar. Temos é que entregar esta carta ao Chefe logo que possível. A melhor maneira de verificar é umedecer o selo e ver se aparece o número 16.

— Certo — concordou Tuppence —, mas acho...

Ela se calou e Tommy, surpreso com a repentina pausa, levantou os olhos e se deparou com um homem corpulento à soleira da porta.

O intruso tinha uma presença marcante; musculoso, a cabeça redonda e o queixo imponente. Teria por volta de quarenta e cinco anos.

— Perdoe-me — disse o desconhecido entrando na sala, chapéu na mão. — Como a ante-sala estava vazia, tomei a liberdade de entrar. Esta é a Agência Internacional de Detetives, não é?

— Perfeitamente.

— É o Sr. Blunt? Sr. Theodore Blunt?

— Sou eu mesmo. Em que posso servi-lo? Esta é minha secretária, Srta. Robinson.

Tuppence inclinou a cabeça cortesmente mas continuou a observar o homem de soslaio. Há quanto tempo estaria ali?

Quanto vira e ouvira? Não lhe escapou à observação que mesmo enquanto conversava com Tommy, os seus olhos não se despregavam do papel azul.

Tommy, com um quê de advertência na voz, lembrou-lhe das necessidades do momento.

— Srta. Robinson, faça as anotações. O senhor poderia, por favor, expor os motivos que o trouxeram aqui?

Tuppence apanhou o bloco e o lápis.

O homenzarrão começou a falar com uma voz um tanto áspera.

— Meu nome é Bower, Dr. Charles Bower. Moro em Hampstead, onde tenho consultório. Vim aqui, Sr. Blunt, porque coisas um tanto estranhas têm acontecido ultimamente.

— Como por exemplo?

— Por duas vezes, na semana passada, fui chamado pelo telefone para atender um caso urgente e, nas duas vezes, tratava-se de chamados falsos. Da primeira vez pensei que fosse trote, mas quando voltei da segunda vez, vi que haviam mexido em alguns documentos particulares e agora acho que aconteceu a mesma coisa da primeira vez. Dei uma busca minuciosa e cheguei à conclusão de que reviraram a escrivaninha toda e que alguns documentos foram colocados de volta apressadamente.

O Dr. Bower calou-se e olhou para Tommy.

— E então, Sr. Blunt?

— E então, Dr. Bower? — replicou o rapaz, sorrindo.

— O que o senhor acha, hein?

— Bem, em primeiro lugar, gostaria de ter todos os dados. O

que o senhor guarda na escrivaninha?

— Meus documentos particulares.

— Exatamente. Mas quais são estes documentos? Que valor têm para um ladrão comum — ou para qualquer outra pessoa?

— Não sei em que poderiam interessar a um ladrão comum mas minhas anotações sobre certos alcalóides desconhecidos interessariam a qualquer pessoa com algum conhecimento técnico sobre o assunto. Estou fazendo um estudo sobre eles. São venenos fatais e, além do mais, quase não deixam vestígio. Não reagem a agentes conhecidos.

— O segredo deles vale muito dinheiro, não é?

— Para pessoas sem escrúpulos, sim.

— E o senhor suspeita de quem?

O médico encolheu os volumosos ombros.

— Pelo que pude verificar, não forçaram a entrada na casa pelo lado de fora. Isso nos leva a alguma pessoa da casa e, mesmo assim, não posso acreditar... — Ele calou-se abruptamente e recomeçou a falar, a voz muito grave.

— Sr. Blunt, não posso ter reservas com o senhor. Não ousou ir a polícia. Não desconfio nem um pouco dos meus três empregados; estão comigo há muito tempo e são de confiança. Em todo o caso, nunca se sabe. Também moram comigo meus dois sobrinhos, Bertram e Henry. Henry é um ótimo rapaz — ótimo mesmo —, nunca me causou problemas e é trabalhador.

Lamentavelmente, Bertram tem uma personalidade totalmente diferente: é tempestuoso, extravagante e obstinadamente ocioso.

— Entendo — disse Tommy, pensativo. — O senhor desconfia de que Bertram se tenha metido em seus negócios. Não concordo. Desconfio do bom rapaz — Henry.

— Mas por quê?

— Tradição. Precedente. — Tommy fez um gesto vago com as mãos. — De acordo com minha experiência, os suspeitos são sempre inocentes e vice-versa, meu caro senhor. Sim, sem dúvida, desconfio de Henry.

— Desculpe-me, Sr. Blunt — interrompeu Tuppence, cortês.

— Entendi o Dr. Bower dizer que guarda essas anotações sobre...

alcalóides desconhecidos, junto com outros documentos na escrivaninha?

— Eu as guardo na escrivaninha, Srta., mas numa gaveta secreta cuja posição só eu conheço. Por isso, até agora as buscas foram frustradas.

— E o que, exatamente, o senhor quer que eu faça, Dr.

Bower? — perguntou Tommy. — Acredita que outras buscas serão feitas?

— Acredito. E tenho razões para isso. Esta tarde recebi o telegrama de um paciente a quem mandara a Bournemouth há algumas semanas. O telegrama afirma que meu paciente está em estado grave e pede que eu vá lá imediatamente. Muito desconfiado por causa dos acontecimentos de que lhe falei, eu mesmo despachei um telegrama ao paciente em questão e ficou esclarecido que ele está passando bem e que não me chamou. A minha idéia é a de que se fingir que acreditei e realmente partir para Bournemouth, teríamos uma ótima oportunidade de flagrar os canalhas. Eles, ou ele, sem dúvida esperariam que todos dormissem antes de começarem a agir. Sugiro que me encontre do lado de fora de minha casa, às onze horas desta noite, para investigarmos juntos.

— Na esperança, evidente, de pegá-los em flagrante. —

Tommy tamborilou os dedos na mesa, meditativo. — O seu plano me parece excelente, Dr. Bower. Não vejo nenhuma dificuldade.

Qual é o seu endereço?

— Larches, Hangman's Lane — um lugar um pouco isolado.

Mas temos uma vista maravilhosa de lá.

— Acredito que sim — concordou Tommy.

O visitante levantou-se.

— Então vou esperá-lo esta noite, Sr. Blunt. Lá fora, em Larches, às ... deixe-me ver, cinco para as onze, para termos uma margem de segurança, está bem?

— Certo. Às cinco para as onze. Boa tarde, Dr. Bower.

Tommy levantou-se, apertou a campainha de sua mesa e Albert apareceu para acompanhar o cliente à porta. O médico mancava visivelmente mas, apesar disso, tinha um físico vigoroso.

— Um cliente difícil — falou Tommy para seus botões. —

Bom, Tuppence minha velha, o que você acha disso?

— Vou-lhe dizer uma palavra: *Clubfoot!*

— O quê?

— Eu disse *Clubfoot!* Meu estudo dos clássicos não foi em vão. Tommy, isto é uma armadilha. Imagine, alcalóides desconhecidos — nunca vi uma história tão esfarrapada.

— Eu também não achei muito convincente — admitiu o marido.

— Você viu que ele não tirava os olhos da carta? Tommy, ele faz parte da quadrilha. Já tomaram conhecimento de que você não é o verdadeiro Sr. Blunt e querem nos tirar da jogada.

— Neste caso — disse Tommy, abrindo o armário e passando os olhos ternamente pela fileira de livros —, é fácil escolher nosso papel. Somos os irmãos Okewood! E eu sou Desmond —

acrescentou com firmeza.

Tuppence deu de ombros.

— Está bom. Faça como quiser. Prefiro ser Francis; era o mais inteligente dos dois. Desmond sempre se atrapalha e Francis aparece na hora H como um jardineiro, ou outra coisa qualquer, e salva a situação.

— Ah! — exclamou Tommy —, mas eu vou ser um super-Desmond. Quando chegar em Larches...

Tuppence interrompeu-o sem a menor cerimônia.

— Você vai a Hampstead esta noite?

— Por que não?

— Cair numa armadilha de olhos fechados!

— Não, minha querida, cair numa armadilha de olhos abertos. É bem diferente. Acho que o nosso amigo, Sr. Bower, vai ter uma surpresinha.

— Não estou gostando nada disso — disse Tuppence. —

Você sabe o que acontece quando Desmond desobedece às ordens do Chefe e age por conta própria. Recebemos instruções bastante claras: mandar as cartas imediatamente e logo comunicar qualquer coisa que aconteça.

— Acho que não entendeu direito — disse Tommy. — Temos que nos comunicar imediatamente se alguém entrar e mencionar o numero dezesseis. Isso não aconteceu.

— Isto é um jogo de palavras.

— Não adianta. Vou jogar uma cartada solitária. Querida Tuppence, tudo vai dar certo. Vou armado até os dentes. O

fundamental é que estarei em guarda e eles não saberão disso. O

Chefe vai-me felicitar pelo ótimo trabalho.

— Bem — disse Tuppence —, a idéia não me agrada. Este homem é forte como um gorila.

— É, mas pense no meu automático.

A porta da ante-sala se abriu e Albert apareceu. Fechando a porta, aproximou-se deles com um envelope na mão.

— Um cavalheiro veio vê-lo — disse Albert. — Quando comecei com aquele recurso costumeiro de dizer que o senhor estava ocupado falando com a Scotland Yard, ele me disse que sabia de tudo. Disse que ele é da Scotland Yard! E escreveu alguma coisa num cartão e jogou neste envelope.

Tommy abriu-o. Ao ler o cartão, esboçou um sorriso irônico.

— O cavalheiro estava-se divertindo à sua custa falando a verdade, Albert — observou. — Faça-o entrar.

Ele jogou o cartão para Tuppence. Trazia o nome do detetive inspetor Dymchurch, e a lápis, em garranchos, “um amigo de Marriot”.

Pouco depois entrava no escritório o detetive da Scotland Yard. Fisicamente o Inspetor Dymchurch tinha o mesmo tipo do Inspetor

Marriot, baixo, troncado, olhos astutos.

— Boa tarde — cumprimentou o detetive, agitado. — Marriot está viajando mas antes de ir pediu que eu ficasse de olho em vocês dois, neste lugar em geral. Ah! — continuou, quando Tommy parecia querer interrompê-lo — *nós* sabemos de tudo. Não é nossa área e não interferimos, mas alguém já percebeu que nem tudo é o que parece ser. Um senhor veio hoje aqui. Não sei que nome deu nem qual é seu verdadeiro nome; só sei um pouco sobre ele. O

bastante para querer saber mais. Estou certo em pressupor que marcou um encontro com o senhor esta noite?

— Certíssimo.

— Foi o que pensei. Westerham Road 16, Finsbury Park, não é?

— Não, está enganado — respondeu Tommy com um sorriso.

— Redondamente enganado. Larches, Hampstead.

Dymchurch parecia genuinamente surpreso. Era óbvio que não esperava por isso.

— Não entendo — murmurou. — Deve ser um novo plano. O

senhor disse Larches, Hampstead?

— Isso mesmo. Vou encontrá-lo às onze da noite.

— Não faça isso!

— Viu? — explodiu Tuppence.

Tommy corou.

— Se o senhor pensa, Inspetor... — começou, inflamado.

Mas o inspetor levantou a mão, num gesto apaziguador.

— Vou-lhe dizer o que acho, Sr. Blunt. É melhor ficar aqui no escritório às onze horas.

— O quê? — perguntou Tuppence, admirada.

— Aqui neste escritório. Como eu sei não vem ao caso; às vezes há coincidência de departamentos, mas o senhor recebeu uma daquelas famosas cartas “azuis” hoje. O tal fulano está atrás dela. Ele o engana fazendo-o ir até Hampstead e, na certeza de que o senhor está bem longe, entra aqui de noite, quando o edifício está vazio, e faz as buscas na maior calma.

— Mas por que iria pensar que a carta está aqui? Ele deveria saber que a traria comigo ou então a teria passado adiante.

— O senhor me perdoe mas é justamente isso o que ele não saberia. Ele pode ter concluído que o senhor não é o Theodore Blunt original mas, provavelmente, pensa que é uma pessoa de confiança que comprou o escritório. Nesse caso, a carta teria que ser arquivada regularmente.

— Entendo — disse Tuppence.

— E é isso que o fizemos pensar. Vamos pegá-lo aqui com a mão na botija.

— Então o plano é este, não é?

— Justamente. É uma chance que não podemos deixar passar. Deixe-me ver, que horas são? Seis. A que horas o senhor geralmente

— Por volta de seis.

— O senhor tem que ser visto saindo à hora de costume. Na verdade, voltaremos sorrateiramente logo que possível. Não acredito que venha às sete, mas há uma possibilidade. Agora, se me der licença, vou sair para ver se tem alguém espreitando o prédio.

Dymchurch saiu e Tommy começou a discutir com Tuppence.

Foi uma discussão exaltada e durou algum tempo. Por fim, Tuppence capitulou:

— Está bem — disse ela —, desisto. Vou para casa, fico lá bem comportadinha, enquanto você agarra vigaristas e comemora com detetives; mas não perde por esperar. Vou às forras por me deixar de fora no melhor da festa.

Dymchurch voltou neste momento.

— Nenhum perigo à vista — disse ele. — Mas nunca se pode ter certeza. É melhor fingir que vai embora na hora normal. Eles não vão continuar a vigiar o edifício depois que você sair.

Tommy chamou Albert e deu-lhe instruções para trancar o escritório.

Depois os quatro se encaminharam à garagem onde geralmente estacionavam o carro. Tuppence foi dirigindo e Albert sentou-se ao lado dela. Tommy e o detetive sentaram-se atrás.

Pouco depois foram detidos por um engarrafamento.

Tuppence olhou por sobre o ombro e fez um sinal afirmativo com a cabeça. Tommy e o detetive abriram a porta da direita e saltaram no meio da Oxford Street. Tuppence seguiu em frente.

CAPÍTULO VI

A AVENTURA DO DESCONHECIDO SINISTRO

(Continuação)

— É melhor não entrarmos já — disse Dymchurch enquanto ele e Tommy andavam apressados para Haleham St. — Você ficou com a chave?

Tommy anuiu.

— Então que tal um jantar leve? Ainda é cedo mas tem um lugarzinho aqui bem em frente. Se sentarmos numa mesa perto da janela, podemos ficar vigiando o lugar o tempo todo.

O jantar sugerido pelo detetive caiu-lhes muito bem. Tommy descobriu no Inspetor Dymchurch um companheiro interessante.

Desempenhara a maior parte de seu trabalho entre espiões internacionais e os casos que contava impressionaram o seu entusiasmado ouvinte.

Permaneceram no pequeno restaurante até as oito horas, quando Dymchurch sugeriu que agissem.

— Já está bem escuro agora — explicou ele. — Temos que entrar sem que ninguém perceba.

Estava, como ele dissera, bem escuro. Atravessaram a rua, olharam rapidamente as calçadas desertas e entraram, sorrateiros, no edifício. Depois subiram as escadas e Tommy colocou a chave na fechadura da ante-sala.

Ao fazê-lo, pensou ouvir Dymchurch assoviar.

— Por que você está assoviando? — perguntou, ríspido.

— *Eu* não assoviei — disse Dymchurch, bastante surpreso.

— Pensei que *você* tivesse assoviado.

— Bom, alguém... — começou Tommy.

Mas não pôde dizer mais nada. Braços fortes o seguraram por trás e, antes que pudesse gritar, sentiu sobre a boca e o nariz a pressão de um chumaço embebido em algo doce e enjoativo.

Lutou vigorosa mas inutilmente. O clorofórmio fez efeito. A cabeça começou a girar e o chão dançava à sua frente. Asfixiado, ficou inconsciente...

Voltou a si penosamente mas de plena posse das faculdades mentais. O clorofórmio fora apenas o bastante para o amordaçarem e estarem certos de que não gritaria.

Quando voltou a si estava semideitado, semi-sentado, encostado contra a parede num canto de seu próprio escritório.

Dois homens vasculhavam freneticamente o conteúdo da escrivaninha e reviravam os armários, e enquanto trabalhavam não paravam de praguejar:

— Raios me partam — disse o mais alto dos dois, áspero —, já reviramos esta merda toda de cabeça para baixo; não está aqui.

— Tem que estar — vociferou o outro. — Não está com ele. E

não há outro lugar em que possa estar.

Enquanto falava, virou-se e, para total espanto de Tommy, o último que falara era nada mais nada menos do que o Inspetor Dymchurch. Este último sorriu, irônico, ao ver a expressão de assombro de Tommy.

— Quer dizer que o nosso jovem amigo está acordado de novo — disse ele. — E um pouco surpreso — sim, um pouco surpreso. Mas

foi tão simples! Desconfiamos que as coisas não eram como deviam ser na Agência Internacional de Detetives. Eu me ofereci para descobrir a verdade. Se o novo Sr. Blunt for mesmo um espião, ficará desconfiado, de modo que mandei o meu velho amigo, Carl Bauer, na frente. Pedimos que agisse de maneira nada convincente e que contasse uma história bem impossível. Ele cumpre sua tarefa e eu entro em cena. Usei o nome do Inspetor Marriot para infundir confiança. O resto foi fácil.

Ele riu.

Tommy estava louco para dizer várias coisas mas a mordaca o impedia. Estava também louco para *fazer* várias coisas —

principalmente com os pés e as mãos —, mas, infelizmente, quanto a isso também tomaram providências: estava bem amarrado.

O que mais o impressionava era a mudança estarrecedora que se processara no homem à sua frente; como Inspetor Dymchurch, fora um inglês típico. Agora, ninguém poderia tomá-

lo por qualquer outra coisa se não um estrangeiro culto, cujo inglês era fluente, sem o menor sotaque.

— Coggins, meu bom amigo — disse o ex-detetive, se dirigindo ao parceiro com aspecto de valentão —, pegue seu cassetete e fique perto do prisioneiro. Vou tirar a mordaca. O

senhor entende, não é, Sr. Blunt, que gritar seria uma asneira de sua parte? Tenho certeza de que entende. Para a sua idade, é um rapaz muito inteligente.

Muito hábil, ele retirou a mordaca e recuou.

Tommy movimentou o queixo dolorido, passou a língua pelos lábios, engoliu duas vezes — e não disse nada.

— Felicito-o pelo seu controle — disse o outro. — Vejo que gosta desta posição. Não tem nada a dizer?

— O que tenho a dizer leva algum tempo — disse Tommy — e não perde por esperar.

— Ah! O que eu tenho a dizer não leva tempo. Em linguagem clara, Sr. Blunt, onde está aquela carta?

— Meu caro rapaz, eu não sei — disse Tommy, animado. —

Não está comigo. Mas você sabe disso tão bem quanto eu. Se fosse você continuaria a procurar. Gosto de ver você e seu amigo Coggins brincando de chicotinho queimado.

O outro ficou rubro.

— Agrada-lhe ser irreverente, Sr. Blunt. Está vendo aquela caixa quadrada lá? É o pequeno equipamento de Coggins. Ela contém ácido sulfúrico... pois é, ácido sulfúrico... e ferros que se aquecem no fogo, ficam vermelhos com o calor e queimam...

Tommy balançou a cabeça, pesaroso.

— Um erro de diagnóstico — murmurou ele. — Tuppence e eu demos o nome errado a esta aventura. Não é uma história de *Clubfoot*; é de Bull-dog Drummond, e você é o inimitável Carl Peterson.

— Que bobagem é essa que você está falando? — vociferou o outro.

— Ah! — exclamou Tommy. — Vejo que não está familiarizado com os clássicos. Uma pena.

— Seu tolo ignorante! Vai fazer o que queremos ou não?

Devo mandar Coggins apanhar as ferramentas e começar?

— Não seja tão impaciente — disse Tommy. — Claro que vou fazer o que querem, assim que me disserem o que é! Você não acha que quero ficar retalhado como filé de peixe e depois ser frito na grelha, não é? Detesto me machucar.

Dymchurch olhou-o com desprezo.

— Deus! Como estes ingleses são covardes.

— Bom senso, meu caro rapaz, puro bom senso. Deixe o ácido de lado e vamos ao que importa.

— Eu quero a carta.

— Já lhe disse que não está comigo.

— Sabemos disso. E também sabemos quem deve estar com ela: a moça.

— É bem possível — disse Tommy. — Ela pode tê-la escondido na bolsa quando seu companheiro Carl nos surpreendeu.

— Então você não nega. Inteligente de sua parte. Muito bem, escreva a Tuppence, como a chama, e peça-lhe que traga a carta, imediatamente.

— Não posso fazer isso...— começou Tommy.

O outro o interrompeu antes que pudesse terminar a frase.

— Ah, não pode? Bem, vamos ver: Coggins!

— Não seja precipitado — disse Tommy. — E espere pelo um da frase. Ia dizer que não posso fazer isso a menos que. você desamarre meus braços. Droga, não sou nenhum aleijão que consegue escrever com o nariz ou o cotovelo.

— Então concorda em escrever?

— Claro. Não foi isso que disse o tempo todo? Estou-me empenhando para ser agradável e prestativo. Você não vai fazer nada de mau a Tuppence, é claro. Tenho certeza disso. Ela é um amor de moça.

— Só queremos a carta — disse Dymchurch com um sorriso ameaçador nos lábios.

A um sinal de cabeça, o bruto Coggins ajoelhou-se e desamarrou os braços de Tommy. Este movimentou-os para a frente e para trás.

— Assim está melhor — disse ele, animado. — Será que o bondoso Coggins pode-me passar a caneta-tinteiro? Está sobre a mesa, acho, com meus outros objetos.

De sobrolho carregado, o homem lhe trouxe a caneta e também uma folha de papel.

— Cuidado com o que disser — ameaçou Dymchurch. —

Você escreve mas qualquer falha significa morte; e morte lenta.

— Neste caso — disse Tommy — vou ter o maior cuidado, é claro.

Ele refletiu por um ou dois minutos e depois começou a rabiscar rapidamente.

— Será que assim está bom? — perguntou, entregando a carta.

Querida Tuppence

Você pode vir até aqui imediatamente e trazer aquela carta azul?

Queremos decifrá-la aqui e agora.

Depressa.

FRANCIS.

— Francis? — estranhou o falso inspetor, de sobrancelhas arqueadas. — Foi por este nome que ela chamou?

— Como não estava no meu batizado — disse Tommy —

acho que não pode saber se é meu nome ou não. Mas esta cigarreira que você tirou do meu paletó é uma boa prova de que estou falando a verdade.

O outro aproximou-se da mesa e apanhou a cigarreira; leu:

“Francis, de Tuppence” e, com um sorriso amarelo, recolocou-a sobre a mesa.

— Estou contente em ver que age de maneira tão sensata —

disse ele. — Coggins, entregue este bilhete a Vassilly. Está lá fora, vigiando. Diga para levá-lo de uma vez.

Os vinte minutos seguintes se passaram devagar e os dez minutos posteriores mais devagar ainda. Dymchurch andava de baixo para cima, cada vez mais carrancudo. Voltou-se uma vez para Tommy, ameaçador:

— Se nos traiu... — rosnou.

— Se tivéssemos um baralho aqui poderíamos fazer uma rodadinha de piquê para passar o tempo — disse Tommy com a fala arrastada. — As mulheres sempre nos deixam esperando.

Espero que não seja descortês com a pequena Tuppence quando ela chegar, não é?

— Ah, não — disse Dymchurch. — Faremos com que os dois vão para o mesmo lugar... juntos.

— É, seu porco — murmurou Tommy, entre dentes.

De repente, percebeu-se movimento na ante-sala. Um homem a quem Tommy ainda não vira meteu a cabeça no escritório e resmungou alguma coisa em russo.

— Ótimo — disse Dymchurch. — Ela está vindo — e vem sozinha.

Por um momento Tommy foi tomado de uma ligeira angústia.

Pouco depois ouviu a voz de Tuppence:

— Ah, o senhor está aí, Inspetor Dymchurch. Trouxe a carta.

Onde está Francis?

Dizendo estas últimas palavras ela passou pela porta e Vassilly pulou por trás dela, tapando-lhe a boca com a mão.

Dymchurch arrancou-lhe a bolsa do braço e revirou o conteúdo numa busca frenética.

De repente soltou uma exclamação de prazer e segurou um envelope azul com um selo russo. Coggins deu um grito rouco.

E neste exato momento de triunfo a outra porta, a que dava para o escritório de Tuppence, abriu-se silenciosamente e o Inspetor Marriot e dois homens armados de revólver entraram na sala, ordenando:

— Mãos ao alto!

Não houve luta. Os outros estavam em absoluta desvantagem. O automático de Dymchurch jazia sobre a mesa e os outros dois homens estavam desarmados.

— Uma boa caçada — disse o Inspetor Marriot com aprovação, ao fechar o último par de algemas. — E, espero, teremos mais à medida que o tempo passar.

Branco de raiva, Dymchurch olhou para Tuppence.

— Sua diabinha — vociferou. — Foi você que colocou-os no nosso caminho.

Tuppence riu.

— Não foi só obra minha. Admito que deveria ter adivinhado quando você mencionou o número dezesseis esta tarde. Mas foi o bilhete de Tommy que resolveu a questão. Telefonei para o Inspetor Marriot, mandei Albert encontrá-lo com a duplicata da chave do escritório e vim com o envelope vazio na minha bolsa. A carta eu já tinha mandado, de acordo com minhas instruções, logo que deixei vocês dois esta tarde.

Só uma palavra chamou a atenção de Dymchurch:

— *Tommy?*

Tommy, que acabara de ser liberto das cordas, dirigiu-se a eles.

— Bom trabalho, irmão Francis — disse ele a Tuppence, tomando-lhe ambas as mãos nas suas. E para Dymchurch: —

Como lhe disse, meu caro rapaz, você realmente tem que ler os clássicos.

CAPÍTULO VII

PASSANDO O REI

Era uma úmida quarta-feira, nos escritórios da Agência Internacional de Detetives. Tuppence deixou o *Daily Leader* cair-lhe molemente da mão.

— Sabe em que venho pensando, Tommy?

— Impossível saber — respondeu o marido. — Você pensa em tantas coisas e todas ao mesmo tempo...

— Acho que poderíamos ir dançar de novo.

Tommy apanhou apressadamente o *Daily Leader*.

— Nosso anúncio é muito bom — observou ele, a cabeça pendendo para o lado. — Os Brilhantes Detetives de Blunt. Você percebeu, Tuppence, que você, e só você, é os Brilhantes Detetives de Blunt? Como diria Humpty Dumpty, isso é a glória para você.

— Eu estava falando em dançar.

— Observei uma coisa curiosa sobre os jornais. Não sei se você já notou. Olhe essas três cópias do *Daily Leader*. Pode-me dizer qual é a diferença entre elas?

Tuppence apanhou-as com alguma curiosidade.

— Parece bastante simples — comentou, sarcástica. — Uma é de hoje, a outra de ontem e a outra de anteontem.

— Realmente brilhante, meu caro Watson. Mas não foi isso o que quis dizer. Observe o nome *Daily Leader*. Compare os três. Vê alguma diferença?

— Não, não vejo — disse Tuppence —, e tem mais, acho que não há nenhuma.

Tommy suspirou e uniu as pontas dos dedos, bem ao gosto de Sherlock Holmes.

— Exatamente. E no entanto você lê jornais tanto quanto eu, se não for mais. Acontece que eu observei e você não. No *Daily Leader* de hoje, no meio da letra D, tem um pequeno ponto branco que se repete no L da mesma palavra. No jornal de ontem, o ponto branco

não está em DAILY. Há dois pontos brancos no L de LEADER; o de anteontem tem dois pontos no D de DAILY

novamente. Conclusão: o ponto, ou os pontos, todo dia mudam de lugar.

— Por quê? — perguntou Tuppence.

— Segredo jornalístico.

— O que quer dizer que você não sabe e não pode imaginar.

— Digo simplesmente isso: a prática é comum a todos os jornais.

— Como você é inteligente, não? Especialmente para lançar pistas falsas e desviar o assunto. Vamos voltar ao que falávamos antes.

— Sobre o que era mesmo?

— Sobre o Baile dos Três Corações.

Tommy resmungou:

— Não, Tuppence. O Baile dos Três Corações, não. Já não sou tão jovem. Posso lhe assegurar que já não sou tão jovem para essas coisas.

— Quando eu era uma mocinha bonita — disse Tuppence —

me fizeram acreditar que os homens — especialmente os maridos

— eram seres desregrados, amantes da bebida, da dança e da noite. Para mantê-los em casa, só uma esposa excepcionalmente bonita e inteligente. Que ilusão! Todas as esposas que conheço estão loucas para ir dançar e choram porque os maridos usam chinelos e vão dormir às nove e meia. E você dança tão bem, Tommy querido!

— Deixa de adulação, Tuppence.

— Para falar a verdade — disse Tuppence —, não quero ir só para me divertir. Fiquei intrigada com este anúncio.

Ela apanhou o *Daily Leader* de novo e leu em voz alta:

“Devo ir três copas, 12 vazas. Ás de Espadas. Necessário passar o rei.”

— Que maneira cara de aprender *bridge*! — foi o comentário de Tommy.

— Não seja bobo. Não tem nada a ver com *bridge*. Sabe, almocei com uma amiga ontem no Ás de Espadas. É um inferninho em Chelsea e ela me disse que está na moda dar um pulo até lá para comer *bacon* com ovos e coelho à escocesa, este tipo de coisa boêmia. É todo cheio de reservados; um lugar quente.

— E sua idéia é...?

— Três copas representa o Baile dos Três Corações, amanhã de noite, 12 vazas quer dizer 12 horas, meia-noite, e o As de Espadas é o Ás de Espadas.

— E esse negócio de ser necessário passar o rei?

— Bem, era isso que queria descobrir.

— Não compreendo por que você quer se intrometer nos casos amorosos de outras pessoas.

— Não vou me intrometer. O que estou propondo é uma experiência interessante na função de detetive. *Precisamos* de prática.

— Realmente o escritório anda meio parado — concordou Tommy.
— De qualquer jeito, Tuppence, o que você quer mesmo é ir ao Baile dos Três Corações e dançar! E ainda fala de pistas falsas.

Tuppence soltou uma risada franca.

— Seja bonzinho, Tommy. Tente esquecer-se de que tem trinta e dois anos e um fio branco na sobrancelha esquerda.

— Sempre fui fraco no que diz respeito a mulheres —

murmurou o marido. — Tenho que bancar o ridículo e ir de fantasia?

— Claro! Mas pode deixar comigo. Tenho uma idéia esplêndida.

Tommy olhou-a um pouco apreensivo; sempre se assustou com as idéias brilhantes de Tuppence.

Quando voltou para casa na noite seguinte, Tuppence saiu voando do quarto para encontrá-lo.

— Chegou! — anunciou ela.

— O quê?

— A fantasia; venha dar uma olhada.

Tommy seguiu-a. Espalhados em cima da cama os apetrechos completos de um bombeiro e um reluzente capacete.

— Meu Deus! — resmungou Tommy. — Entrei para o Corpo de Bombeiros?

— Dê outro palpite — disse Tuppence. — Você ainda não atinou com a coisa. Use a massa cinzenta, *mon ami*, Watson. Seja um touro com mais de dez minutos de arena.

— Espere um pouco — disse Tommy. — Começo a entender.

Há uma segunda intenção por trás disso. Ó que vai usar, Tuppence?

— Um terno velho seu, um chapéu americano e óculos de tartaruga.

— Grosseiro — disse Tommy. — Mas já entendi. Incógnito McCarty. E eu sou Riordan.

— É isso. Achei que deveríamos praticar os métodos dos detetives americanos tanto quanto os dos ingleses. Só por uma vez vou ser a estrela e você o humilde ajudante.

— Não se esqueça — avisou Tommy — de que é sempre uma observação inocente feita pelo insignificante Denny que leva McCarty à pista certa.

Tuppence limitou-se a rir. Estava animada.

A noite estava encantadora: a multidão, a música, as fantasias — tudo planejado para que o jovem casal se divertisse.

Tommy se esqueceu do papel de marido entediado, arrastado contra a vontade.

Dez para meia-noite se dirigiram ao famoso — ou infame —

Ás de Espadas. Como dissera Tuppence, era um inferninho, ordinário e de mau gosto, mas mesmo assim cheio de casais fantasiados. Havia reservados a toda volta; Tuppence e Tommy escolheram um desses. Deixaram a porta entreaberta de propósito, de modo a ver o que se passava do lado de fora.

— Qual será o casal, o nosso casal? — perguntou Tuppence.

— Será aquela colombina lá com o mefistófeles vermelho?

— Talvez o perverso mandarim e a dama que se chama de couraçado — mais parece um cruzador ligeiro.

— Não é espirituoso? — disse Tuppence. — Tudo feito com um pouco de imaginação! Como esta que está entrando vestida de Rainha de Copas, aliás uma fantasia muito bem bolada.

A moça em questão entrou no reservado próximo ao deles, acompanhada do parceiro, “o cavalheiro vestido de jornal” de *Alice no País das Maravilhas*. Ambos usavam máscaras, o que parecia comum no Ás de Espadas.

— Tenho certeza de que estamos numa verdadeira caverna do pecado — disse Tuppence, satisfeita. — Escândalos por toda a parte. Que tumulto o pessoal faz!

Ouviu-se um grito, como de protesto, vindo do reservado vizinho, grito este logo abafado por uma gargalhada masculina.

Todos riam e cantavam. As vozes estridentes das moças sobrepujavam o vozerio de seus acompanhantes.

— E a pastora? — perguntou Tommy. — Aquela acompanhada do francês. Podem ser eles.

— Qualquer um pode ser — confessou Tuppence. — Não vou me preocupar. O bom é que estamos nos divertindo.

— Seria mais divertido com outra fantasia — resmungou Tommy. — Você não faz idéia de como esta é quente.

— Anime-se — disse Tuppence. — Você está lindo.

— Fico contente com isso — disse Tommy. — Está melhor do que você. Tuppence, você é a garotinha mais engraçada que já vi.

— Seja polido, Denny, meu rapaz. Olhe, o Cavalheiro de Jornal acaba de deixar a companheira sozinha. Aonde acha que vai?

— Buscar bebidas, com certeza. Eu poderia fazer o mesmo.

— Já se passou muito tempo — disse Tuppence depois de quatro ou cinco minutos. — Tommy, você me acharia estúpida...

— ela se calou.

De repente, levantou-se de um salto.

— Pode me chamar de estúpida, se quiser. Vou até o reservado.

— Escute aqui, Tuppence, você não pode...

— Tenho o pressentimento de que há algo errado. *Sei* que há. Não tente me impedir.

Ela saiu apressadamente e Tommy seguiu-a. As portas do reservado vizinho estavam fechadas. Com um empurrão, Tuppence abriu-as e entrou, Tommy atrás dela.

A moça vestida de Rainha de Copas estava sentada a um canto, encostada na parede, como que enroscada sobre si mesma.

Através da máscara olhou-os fixamente, mas não se moveu.

No vestido branco e vermelho, a estamparia do lado esquerdo parecia um tanto borrada. Havia mais vermelho do que deveria...

Com um grito Tuppence correu para ela. Ao mesmo tempo, Tommy viu o que ela vira: o cabo ornado de pedras preciosas de um punhal bem abaixo do coração. Tuppence ajoelhou-se ao lado da

— Depressa, Tommy, ela ainda está viva. Procure o gerente e peça-lhe que procure um médico.

— Certo. Lembre-se de não tocar no cabo do punhal, Tuppence.

— Terei cuidado. Vá depressa.

Tommy saiu apressado e fechou a porta. Tuppence passou o braço pela cintura da moça. Esta fez um leve gesto e Tuppence percebeu que ela queria se livrar da máscara. Tuppence desamarrou-a com todo o cuidado. Viu um rosto viçoso como o de uma flor e olhos vítreos cheios de repugnância, sofrimento e aturdida perplexidade.

— Minha querida — disse Tuppence com suavidade. — Você pode falar? Será que pode-me dizer quem fez isso?

Tuppence sentiu-lhe os olhos cravados em seu próprio rosto.

A moça suspirava de maneira profunda e palpitante, de um coração prestes a parar. Continuava olhando fixo para Tuppence.

E então entreabriu os lábios.

— Foi Bingo... — disse ela, num sussurro.

E então as mãos relaxaram e ela como que se aninhou no ombro de Tuppence.

Tommy entrou trazendo dois homens com ele. O mais alto deles se adiantou com ar de autoridade, a palavra médico estampada na testa.

Tuppence abandonou seu fardo.

— Acho que está morta — disse com a voz embargada.

O médico fez um rápido exame.

— Está — concordou ele. — Não há nada a fazer. É melhor deixar as coisas como estão até vir a polícia. Como aconteceu?

Tuppence deu uma explicação um tanto manca, atenuando as razões para entrar no reservado.

— É um caso estranho — disse o médico. — Você não ouviu nada?

— Ouvi uma espécie de grito mas depois um homem riu.

Naturalmente não pensei...

— Claro que não — concordou o médico. — E o homem usava uma máscara, não é? Será que não o reconheceria?

— Acho que não. Só pela fantasia, talvez.

A primeira coisa a fazer é identificar esta pobre moça —

disse o medico. — Depois disso, bem, acho que a polícia esclarece com rapidez. Não deve ser um caso difícil. Ah, aí vêm eles.

CAPÍTULO VIII

O CAVALHEIRO VESTIDO DE JORNAL

Já passava das três quando, cansados e tristes, marido e mulher chegaram em casa. Várias horas se escoaram antes de Tuppence conciliar o sono. Remexia-se de um lado para o outro, vendo sempre o rosto viçoso de flor e o olhar apavorado.

A madrugada penetrava pelas persianas quando Tuppence finalmente conseguiu dormir. Depois de toda a emoção, o sono foi pesado, sem sonhos. O sol já ia alto quando ela acordou com Tommy a seu lado, todo vestido, sacudindo-a suavemente.

— acorde, minha velha. O Inspetor Marriot e outro homem estão aqui querendo vê-la.

— Que horas são?

— Onze em ponto. Vou pedir a Alice que traga o chá agora.

— Ótimo. Diga ao Inspetor Marriot para esperar uns dez minutos.

Quinze minutos depois Tuppence entrou correndo na sala de visitas. O Inspetor Marriot, sentado muito rígido e cerimonioso, levantou-se para cumprimentá-la.

— Bom-dia, Sra. Beresford. Este é *Sir* Arthur Merivale.

Tuppence cumprimentou o homem alto, magro, grisalho e de olhos encovados.

— É sobre o triste acontecimento de ontem à noite — disse o Inspetor Marriot. — Quero que *Sir Arthur* ouça da senhora o que me contou — as palavras da pobre moça antes de morrer. *Sir Arthur* não está convencido.

— Não posso — disse ele — e não vou acreditar que Bingo Hale tenha tocado em um fio do cabelo de Vera.

O Inspetor continuou:

— Já progredimos um pouco desde ontem, Sra. Beresford —

disse ele. — Primeiro conseguimos identificar a moça como sendo *Lady Merivale*. Nós nos comunicamos com *Sir Arthur*. Ele identificou o corpo imediatamente e, claro, ficou horrorizado.

Depois perguntei-lhe se conhecia alguém chamado Bingo.

— A senhora tem que entender — disse *Sir Arthur* — que o Capitão Hale, Bingo para os amigos, é meu melhor amigo.

Praticamente mora conosco. Estava em nossa casa hoje de manhã quando prenderam. Só posso atribuir tudo isso a um engano; talvez não tenha sido o nome dele o que minha mulher disse.

— Não há possibilidade de engano — retrucou Tuppence, com brandura. — Ela disse: “Foi Bingo.”

— Como o senhor vê, *Sir Arthur*... — disse Marriot.

A pobre criatura afundou-se na cadeira e cobriu o rosto com as mãos.

— E incrível. Quais seriam os motivos? Sei o que está pensando, Inspetor Marriot. Acha que Hale era amante de minha mulher mas,

mesmo que fosse — o que não acredito nem por um momento — por que a mataria?

O Inspetor tossiu.

— Não é uma coisa muito fácil de dizer, mas o Capitão Hale, ultimamente, andava dando muita atenção a uma certa americana

— uma jovem muito rica. Se *Lady* Merivale quisesse, provavelmente impediria o casamento.

— Isto é um insulto, Inspetor.

Sir Arthur levantou-se irritado. O outro fez um gesto para acalmá-lo.

— Desculpe-me, *Sir* Arthur. O senhor disse que tanto o senhor quanto o Capitão Hale resolveram ir a este baile. Sua esposa estava fora e o senhor não tinha a menor idéia de que ela estaria lá?

— A menor idéia.

— Mostre a ele aquele anúncio sobre o qual me falou, Sra.

Beresford.

Tuppence aquiesceu.

— Para mim parece bastante claro. O Capitão Hale o colocou para chamar a atenção de sua esposa. Já tinham combinado de se encontrarem lá. Mas o senhor só se decidiu a ir no dia anterior, de modo que foi necessário avisá-la. Esta é a explicação da frase

“Necessário passar o rei”. O senhor encomendou sua fantasia numa companhia teatral no último minuto, mas a do Capitão Hale foi feita em casa. Fantasiou-se de Cavalheiro Vestido de Jornal.

Sabe, *Sir Arthur*, o que encontramos preso na mão da moça? Um pedaço que foi arrancado do jornal. Meus homens têm ordens para levar a fantasia de sua casa para a Scotland Yard; se lá encontrarem um rasgão que corresponda ao pedaço que falta...

bem, o caso estará encerrado.

— Não vão encontrar — disse *Sir Arthur*. — Conheço Bingo Hale.

Desculpando-se por incomodar Tuppence, eles saíram.

Naquele mesmo dia a campainha tocou e, um pouco surpreso, o jovem casal viu entrar o Inspetor Marriot mais uma vez.

— Achei que os Brilhantes Detetives de Blunt gostariam de saber das últimas notícias — disse ele esboçando um sorriso.

— Gostariam — disse Tommy. — Quer beber alguma coisa?

Ele colocou, hospitaleiro, o copo e a garrafa ao alcance de Marriot.

— É um caso claríssimo — disse ele, depois de alguns minutos. — O punhal pertencia à moça; o objetivo, evidentemente, era que parecesse suicídio, mas graças à presença de vocês isto não deu certo. Achamos muitas cartas — já se correspondiam há algum tempo sem que, é claro, *Sir Arthur* atinasse com a coisa.

Depois encontramos o último elo...

— O último o quê? — perguntou Tuppence.

— O último elo da corrente: o fragmento do *Daily Leader*. Foi arrancado da fantasia dele; se encaixa perfeitamente. É um caso claríssimo. A propósito, trouxe-lhes uma fotografia destas duas provas — achei que poderia interessar-lhes. É raro ter um caso tão claro quanto esse.

— Tommy — disse Tuppence depois que o marido levara o homem da Scotland Yard à porta —, por que você acha que o Inspetor Marriot fica repetindo que este é um caso claríssimo?

— Não sei. Talvez auto-satisfação.

— Nem um pouco. Ele está tentando nos irritar. Tommy, os açougueiros, por exemplo, sabem alguma coisa sobre carnes, não sabem?

— Acho que sim, mas o quê...?

— Da mesma maneira, os verdureiros sabem tudo sobre verduras e os pescadores sobre peixes. Os detetives, detetives profissionais, devem saber tudo sobre os criminosos. Conhecem os legítimos e aqueles que não o são. A experiência de Marriot diz que o Capitão Hale não é um criminoso, mas todos os fatos estão irrefutavelmente contra ele. Como último recurso, Marriot nos está instigando na esperança de que algum pequeno detalhe lhe tenha escapado e que não nos tenha passado despercebido, alguma coisa que mude o rumo das coisas. Tommy, por que não poderia ser suicídio?

— Lembre-se do que ela lhe disse.

— Sei — mas olhe por outro ângulo. Foi motivado por Bingo; a conduta dele levou-a ao suicídio. É possível.

— É. Mas não explica o fragmento do jornal.

— Vamos dar uma olhada nas fotografias de Marriot.

Esqueci de perguntar a ele qual foi a versão de Hale.

— Foi o que perguntei agora na saída. Hale afirmou que não falou com *Lady Merivale* no baile. Disse que alguém colocou na mão dele um bilhete que dizia: "Não tente falar comigo esta noite.

Arthur desconfia.” Mas ele não mostrou o bilhete e a história não parece verossímil. De qualquer modo, você e eu sabemos que ele esteve com ela no Ás de Espadas porque nós o vimos.

Tuppence concordou e pôs-se a observar atentamente as duas fotografias.

Uma era um pequeno fragmento com a legenda DAILY LE —

e o resto rasgado. A outra, uma página do *Daily Leader* com o pequeno e redondo rasgão em cima. Não havia dúvidas: encaixavam-se perfeitamente.

— O que são estas marquinhas aqui do lado? — perguntou Tommy.

— Pontos — disse Tuppence. — Os pontos da costura.

— Pensei que fosse uma outra disposição dos pontos brancos — disse Tommy. Depois deu um leve suspiro. — Meu Deus, Tuppence, como isso faz a gente se sentir mesquinho!

Pensar que eu e você estávamos discutindo pontos e decifrando este anúncio — como uma brincadeira.

Tuppence não respondeu. Tommy olhou-a e ficou surpreso ao observar que ela tinha os olhos vítreos, a boca ligeiramente aberta, uma expressão de perplexidade no rosto.

— Tuppence — chamou Tommy, suavemente, sacudindo-a pelo braço —, o que aconteceu com você? Parece que vai ter uma coisa!

Mas Tuppence continuou imóvel. Pouco depois disse com voz distante:

— Denis Riordan.

— Hein? — perguntou Tommy, os olhos arregalados.

— É como você disse. Uma simples e inocente observação!

Encontre para mim todos os *Daily Leader* desta semana.

— O que você vai fazer?

— Agora sou McCarty. Estive dando voltas e mais voltas e, graças a você, finalmente tenho uma idéia. Esta é a primeira página do jornal de terça-feira. Se não me falha a memória, o jornal de terça-feira tinha dois pontinhos no L de LEADER. Este tem um ponto no D de DAILY e outro no L também. Apanhe os jornais e vamos nos certificar.

Ansiosos, compararam os jornais. Tuppence tinha razão.

— Está vendo? Este fragmento não foi arrancado do jornal de terça-feira.

— Mas Tuppence, não podemos ter certeza. Talvez sejam, simplesmente, duas edições diferentes.

— Talvez... mas de qualquer jeito me deu uma idéia. Não pode ser coincidência. Disto tenho certeza. Se estiver certa, só pode ser uma coisa. Telefone para *Sir Arthur*, Tommy. Peça-lhe para vir aqui imediatamente. Diga que tenho notícias importantes para ele. Depois chame Marriot. Se estiver em casa, a Scotland Yard sabe o endereço.

Sir Arthur Merivale, muito intrigado com o chamado, chegou ao apartamento cerca de meia hora depois. Tuppence adiantou-se para cumprimentá-lo.

— Devo desculpar-me por mandá-lo chamar de maneira tão insistente — disse ela. — Mas meu marido e eu descobrimos uma coisa que deve ser logo do seu conhecimento. Sente-se, por favor.

Sir Arthur sentou-se e Tuppence continuou.

— Sabemos que o senhor está muito ansioso por inocentar seu amigo.

Sir Arthur balançou a cabeça com tristeza.

— Estava, mas até eu tive que me render às provas irrefutáveis.

— O que o senhor diria se lhe contasse que o destino colocou-me nas mãos uma prova que, certamente, livrará seu amigo de toda a cumplicidade?

— Teria o maior prazer em ouvir, Sra. Beresford.

— Supondo — continuou Tuppence — que eu tenha encontrado uma moça que realmente estava dançando com o Capitão Hale ontem à meia-noite — a hora em que deveria estar no *Ás de Espadas*.

— Maravilhoso! — exclamou *Sir Arthur*. — Sabia que havia algum engano. A coitada da Vera deve mesmo ter-se matado!

— De jeito nenhum — disse Tuppence. — O senhor está se esquecendo do outro homem.

— Que outro homem?

— O que meu marido e eu vimos saindo do reservado. Sabe, *Sir Arthur*, um segundo homem deve ter ido ao baile vestido de jornal. A propósito, qual era a sua fantasia?

— A minha? Carrasco do século XVII.

— Muito apropriado — disse Tuppence, friamente.

— Apropriado, Sra. Beresford? O que quer dizer com isso?

— Apropriado para o seu papel. Devo-lhe revelar minha opinião sobre o assunto, *Sir Arthur*? É muito fácil vestir a fantasia de jornal por cima da de carrasco. De antemão entregaram um bilhetinho ao

Capitão Hale pedindo-lhe que não falasse com uma certa moça. Mas a própria moça não sabe nada sobre o bilhete.

Ela vai ao Ás de Espadas na hora combinada e vê quem espera ver. Entram no reservado. Ele a toma nos braços — acho — e a beija; o beijo de um Judas. Ao mesmo tempo, dá-lhe uma punhalada. Ela solta um grito fraco, que ele abafa com uma gargalhada. Momentos depois ele se afasta; perplexa, horrorizada, ela pensa que o amante a apunhalou.

— Mas ela rasgou um pedacinho da fantasia. O assassino observa isso — é um homem atento aos detalhes. Para tornar o caso bem definido contra a sua vítima, tem que fazer parecer que o fragmento foi rasgado da fantasia do Capitão Hale. Isso seria difícilimo, a não ser que os dois estivessem morando na mesma casa. Então, é claro, nada seria mais fácil. Ele faz uma duplicata do rasgão da fantasia do Capitão Hale — queima a própria fantasia e se prepara para desempenhar o papel de amigo sincero.

Tuppence calou-se.

— Então, *Sir* Arthur?

Sir Arthur levantou-se e fez uma reverência.

— A imaginação bastante fértil de uma senhora encantadora que lê muita ficção.

— Acha? — perguntou Tommy.

— E a um marido que é levado pela mulher — disse *Sir* Arthur. — Acho que não encontrariam ninguém que levasse a sério esta versão.

Ele deu uma gargalhada e Tuppence se retesou na cadeira.

— Poderia jurar em qualquer tribunal que já ouvi esta gargalhada — disse ela. — A última vez foi no Ás de Espadas. E o senhor está um pouco enganado conosco. Beresford é nosso verdadeiro nome, mas temos outro.

Ela apanhou um cartão de cima da mesa e entregou a ele.

Sir Arthur leu-o em voz alta.

— Agência Internacional de Detetives... — ofegou. — Então é isto! Por isso Marriot me trouxe aqui hoje de manhã. Era uma armadilha...

Ele se encaminhou a passos largos para a janela.

— Tem uma vista linda daqui — disse ele. — Vê-se toda Londres.

— Inspetor Marriot! — gritou Tommy, rápido.

Numa fração de segundos o Inspetor apareceu na porta de comunicação, em frente.

Os lábios de *Sir Arthur* esboçaram um sorriso irônico.

— Foi o que pensei — disse ele. — Mas acho que não vai me pegar desta vez, Inspetor. Prefiro sair a meu modo.

E, apoiando-se no peitoril, saltou pela janela.

Tuppence gritou e tapou os ouvidos com as mãos para calar o som que já imaginara — o baque surdo e nauseante lá embaixo.

O Inspetor Marriot blasfemou.

— Devíamos ter pensado na janela — disse ele. — Embora, não se esqueçam, fosse uma coisa difícil de se provar. Vou lá embaixo para ... para providenciar tudo.

— Pobre diabo — disse Tommy, devagar. — Se gostava da mulher...

Mas o Inspetor interrompeu-o com um riso de desdém.

— Gostava dela? Ela já não sabia mais o que fazer para arranjar dinheiro. *Lady Merivale* tinha uma grande fortuna e foi tudo para ele. Se ela tivesse fugido com o jovem Hale, ele nunca veria um tostão sequer.

— Então era isso?

— Claro; desde o começo pressenti que *Sir Arthur* era um mau caráter e que o Capitão Hale não o era. Sabemos muito bem separar o joio do trigo na Scotland Yard — mas é arriscado quando se vai contra os fatos. Vou descer agora; se eu fosse o senhor daria um copo de conhaque à sua mulher; ela ficou bastante abalada.

— Verdureiros — disse Tuppence baixinho quando o imperturbável Inspetor fechou a porta —, açougueiros, pescadores, detetives. Eu estava certa, não estava? Ele sabia.

Tommy aproximou-se dela trazendo um copo comprido.

— Beba isto.

— O que é? Conhaque?

— Não, é um coquetel digno de um McCarty coroadado de êxito. Sim, Marriot tinha razão: uma *finesse* ousada para o *game* e róber.

Tuppence aquiesceu.

— Mas ele fez a *finesse* da maneira errada.

— E então — disse Tommy — o rei sai de cena.

CAPÍTULO IX

O CASO DA MOÇA DESAPARECIDA

A campainha na mesa do Sr. Blunt — Agência Internacional de Detetives, Gerente Theodore Blunt — tocou em sinal de alerta.

Tommy e Tuppence voaram para seus respectivos “olhos” de observação de onde divisavam a ante-sala. Lá Albert devia retardar a entrada do cliente em potencial através de vários recursos artísticos.

— Vou ver, senhor — dizia ele. — Mas acho que o Sr. Blunt está muito ocupado no momento. A Scotland Yard está na linha.

— Eu espero — disse o visitante. — Não trouxe nenhum cartão mas meu nome é Gabriel Stavansson.

O cliente, um magnífico exemplar do sexo masculino, passava de 1,90 m de altura. O rosto bronzeado e fustigado pelo tempo contrastava com o extraordinário azul dos olhos.

Tommy tomou uma rápida decisão. Colocou o chapéu, apanhou um par de luvas e abriu a porta. Parou à soleira.

— Este cavalheiro o está esperando, Sr. Blunt — disse Albert.

Tommy franziu levemente a testa. Tirou o relógio.

— O Duque me espera às quinze para as onze — disse ele.

Depois olhou atentamente para o visitante. — Posso dar-lhe alguns minutos; venha por aqui, por favor.

Este seguiu-o, obediente, até o escritório, onde Tuppence esperava com um bloco e lápis, muito séria.

— Minha secretária particular, Srta. Robinson — disse Tommy. — O senhor quer expor os fatos agora? Só sei que é urgente, que veio de

táxi e que, ultimamente, andou pelo Ártico ou, talvez, pela Antártida. Fora isso, não sei de nada.

O visitante deitou-lhe um olhar cheio de admiração.

— Mas isto é maravilhoso — exclamou. — Pensei que os detetives só fizessem estas coisas nos livros! Seu contínuo nem lhe disse o meu nome.

Tommy suspirou, deprecante:

— Ora, ora, foi tudo muito fácil — disse ele. — Os raios do sol da meia-noite na região do Pólo Norte têm um efeito todo especial sobre a pele; os raios actínicos têm certas propriedades.

Breve escreverei uma pequena monografia sobre o assunto. Mas tudo isto está muito longe do objetivo. O que o fez vir aqui neste estado de grande preocupação?

— Para começar, Sr. Blunt, meu nome é Gabriel Stavansson...

— Ah, claro — disse Tommy —, o famoso explorador. O

senhor acaba de chegar do Pólo Norte, não é?

— Desembarquei na Inglaterra há três dias. Um amigo que fazia um cruzeiro pelas águas do norte me trouxe de volta no seu iate; se não fosse por isso só chegaria aqui dentro de quinze dias.

Bem, devo dizer-lhe, Sr. Blunt, que antes de iniciar esta última expedição, há dois anos, tive a imensa sorte de ficar noivo da Sra.

Maurice Leigh Gordon...

Tommy interrompeu:

— A Sra. Leigh Gordon era, antes do casamento...?

— A Marquesa Hermione Crane, segunda filha de Lorde Lanchester
— atalhou Tuppence, sem hesitar.

Tommy lançou-lhe um olhar de admiração.

— O primeiro marido dela morreu na guerra — acrescentou Tuppence.

Gabriel Stavansson aquiesceu.

— Exatamente. Como estava dizendo, Hermione e eu ficamos noivos. Sugeri, é claro, desistir desta expedição, mas ela, graças a Deus, nem queria ouvir falar nisso! É o tipo de mulher para se tornar esposa de um expedicionário. Bem, meu primeiro desejo, quando cheguei, foi ver Hermione. Mandei-lhe um telegrama de Southampton e vim para a cidade no primeiro trem. Sabia que por enquanto estava morando com uma tia, *Lady Susan Clonray*, em Pont Street, de modo que fui direto para lá. Qual não foi minha decepção ao saber que Hermy estava fora visitando uns amigos em Northumberland. *Lady Susan* foi muito confortadora, depois que se recuperou da surpresa de me ver. Como lhe disse, só deveria chegar dentro de quinze dias. Ela disse que Hermy voltaria daqui a alguns dias. Pedi-lhe o endereço mas a velha pigarreou e disse que Hermy ia passar em dois ou três lugares diferentes e ela não tinha certeza de qual seria o primeiro deles. Tenho que dizer-lhe também, Sr. Blunt, que *Lady Susan* e eu nunca nos demos muito bem. Ela é desse tipo gordo, de queixo duplo. Detesto mulheres gordas, sempre detestei mulheres gordas; são um aborto da natureza. É uma idiossincrasia, eu sei, mas não tem jeito, não consigo me dar bem com uma mulher gorda.

— A moda está do seu lado, Sr. Stavansson — disse Tommy secamente. — E todo mundo tem sua aversãozinha... a do finado Lorde Robert eram os gatos.

— Por favor, não estou dizendo que *Lady Susan* não seja uma mulher encantadora, pode ser, mas jamais gostei dela.

Sempre achei que ela foi contra o nosso noivado e tenho certeza de que, se possível, tentaria usar sua influência contra mim. Só estou contando isso porque pode ser importante. Pode considerar preconceito, se quiser. Bem, continuando minha história, sou do tipo obstinado; não saí de Pont Street até que ela me desse os nomes e endereços das pessoas com quem provavelmente Hermy estaria. Depois peguei o trem-correio para o norte.

— Percebo que o senhor é um homem de ação, Sr.

Stavansson — disse Tommy, sorridente.

— Este negócio caiu em mim como uma bomba. Sr. Blunt, nenhuma destas pessoas viu Hermy. Das três casas, só uma a esperava. *Lady Susan* deve ter feito uma confusão danada com as outras duas — e ela cancelou a visita no último momento, por telegrama. Voltei apressado a Londres, é claro, e fui direto à casa de *Lady Susan*. Tenho que lhe fazer justiça: ela parecia preocupada. Admitiu que não tinha a mínima idéia de onde estaria Hermy. De qualquer maneira, refutou veementemente a idéia de ir à polícia. Lembrou que Hermy não era uma adolescente idiota e sim uma mulher independente que sempre teve o costume de traçar os próprios planos. Talvez estivesse levando adiante alguma idéia.

— Achei bastante viável que Hermy não quisesse relatar todos os seus passos a *Lady Susan*. Mas continuava preocupado.

Fiquei com aquela sensação estranha de quando as coisas estão erradas. Já ia sair quando trouxeram um telegrama para *Lady Susan*. Ela o leu com uma expressão de alívio e depois entregou-me o telegrama. Dizia: "*Mudei de idéia. Passo Monte Carlo uma semana. Hermy.*"

Tommy esticou o braço.

— Trouxe o telegrama?

— Não, não trouxe. Mas foi passado em Maldon, Surrey.

Observei isso porque achei estranho. O que Hermy poderia estar fazendo em Maldon? Ela não tem amigos lá.

— Não pensou em ir correndo para Monte Carlo, da mesma maneira que foi correndo para o norte?

— Pensei na hipótese, lógico. Mas depois achei melhor não ir. Sabe, Sr. Blunt, enquanto *Lady* Susan parecia inteiramente satisfeita com o telegrama, eu não estava. Achei estranho também ela nunca escrever, só passar telegramas. Uma linha ou duas de próprio punho teriam amainado minha angústia. Mas qualquer um pode assinar um telegrama com o nome de Hermy. Quanto mais pensava mais inquieto ficava. No fim, fui até Maldon. Isso foi ontem de tarde. É um lugar bem aproveitado, bons campos de golfe, e tal, dois hotéis. Perguntei em todo o lugar possível e imaginário; nem sinal de que Hermy tivesse passado por lá. Na volta, no trem, li o seu anúncio e pensei em levar o caso a vocês.

Se Hermy foi mesmo para Monte Carlo, não quero colocar a polícia atrás dela e fazer escândalo, mas eu mesmo vou começar uma grande caçada. Fico em Londres caso... caso tenha acontecido alguma coisa.

Tommy anuiu pensativo.

— De que o senhor suspeita?

— Não sei, mas tem alguma coisa errada.

Com movimentos rápidos, Stavansson apanhou uma carteira do bolso e abriu-a.

— Este é o retrato de Hermione — disse ele. — Vou deixá-lo com vocês.

A fotografia revelava uma mulher alta, esguia, já não muito jovem mas de sorriso e olhos encantadores.

— Sr. Stavansson, há alguma coisa que tenha omitido? —

perguntou Tommy.

— Não, nada.

— Nenhum detalhe, nem o mais insignificante?

— Não, acho que não.

— Isto torna a tarefa mais difícil — observou ele. — Deve ter notado muitas vezes, Sr. Stavansson, ao ler sobre um crime, como um detalhe, por menor que seja, é de importância para um grande detetive. Este caso apresenta aspectos estranhos. Acho que já o resolvi, em parte, mas só o tempo dirá.

Apanhou o violino que jazia sobre a mesa e passou o arco umas duas vezes pelas cordas. Tuppence rangeu os dentes e até o expedicionário empalideceu. O artista recolocou o instrumento sobre a mesa.

— Alguns acordes de Mosgovskensky — murmurou. — Deixe o seu endereço, Sr. Stavansson, e eu o mantereí a par de quaisquer progressos.

Quando o visitante deixou o escritório, Tuppence apanhou o violino, e, colocando-o dentro do armário, trancou a porta.

— Se quiser ser Sherlock Holmes — observou ela —, eu lhe arranjo uma linda seringinha e uma garrafa com cocaína mas, pelo amor de Deus, deixe esse violino. Se este expedicionário não fosse puro como uma criança, não teria se deixado enganar por você. Vai continuar a bancar Sherlock Holmes?

— Tenho a ilusão de que até agora me saí muito bem —

disse Tommy com alguma complacência. — As deduções foram boas, não foram? A do táxi tive que arriscar. Afinal de contas, é a única maneira sensata de se chegar até aqui.

— Foi a maior sorte eu ter lido alguma coisa sobre o noivado dele no *Daily Mirror*, hoje de manhã — observou Tuppence.

— É, foi bom quanto ao aspecto de eficiência dos Brilhantes Detetives de Blunt. Este é, sem dúvida, um caso de Sherlock Holmes. Nem mesmo você pode ter deixado de notar a semelhança entre este caso e o do desaparecimento de *Lady Frances Carfax*.

— Você espera encontrar o corpo da Sra. Leigh Gordon num caixão?

— Pela lógica, a história deve se repetir. Na verdade... o que você acha?

— Bem — disse Tuppence —, a explicação mais óbvia é a de que, por algum motivo, Hermy, como ele a chama, não quer se encontrar com o noivo e *Lady Susan* a está ajudando. Falando claramente, ela se meteu em alguma coisa e agora está assustada.

— Isso também me ocorreu — disse Tommy. — Mas acho que antes de sugerirmos qualquer coisa a um homem como Stavansson temos que ter absoluta certeza. Que tal dar uma chegada lá em Maldon, minha velha? Não faria mal nenhum levarmos alguns tacos de golfe.

Estando Tuppence de acordo, a Agência Internacional de Detetives ficou nas mãos de Albert.

Embora Maldon fosse uma conhecida cidade residencial, não era muito grande. Tommy e Tuppence, por mais que perguntassem daqui e dali, continuaram na mesma. Quando voltavam a Londres, Tuppence teve uma idéia brilhante:

— Tommy, por que colocaram no telegrama Maldon, Surrey?

— Porque Maldon é em Surrey, idiota.

— Idiota é você... não estou perguntando isso. Se você recebe um telegrama de Hastings, digamos, ou Torquey, não colocam o nome do condado. Mas quando é de Richmond, eles põem Richmond, Surrey. Isto é porque há duas Richmonds.

Tommy, que estava dirigindo, diminuiu a marcha.

— Tuppence — disse ele, carinhoso —, sua idéia não é tão ruim. Vamos perguntar na Agência de Correios mais próxima.

Estacionaram defronte a um pequeno edifício, num vilarejo.

Poucos minutos foram o suficiente para esclarecer a dúvida: havia duas Maldons. Maldon, Surrey e Maldon, Sussex; esta última era um pequeno povoado mas possuía uma agência de correio.

— É isso — disse Tuppence cheia de animação. —

Stavansson sabia que Maldon era em Surrey por isso não se deu ao trabalho de ler uma palavra começada com S depois de Maldon.

— Amanhã — disse Tommy — vamos dar uma olhada em Maldon, Sussex.

Maldon, Sussex, era bem diferente da homônima em Surrey.

Distava sete quilômetros da estação ferroviária, tinha dois bares, duas pequenas lojas, uma agência de correios e telégrafos associada a uma venda de doces e cartões-postais e uns sete chalezinhos. Tuppence dirigiu-se às lojas enquanto Tommy foi ao Cock and Sparrow. Encontraram-se meia hora depois.

— E então? — perguntou Tuppence.

— A cerveja é ótima — respondeu Tommy —, mas não obtive nenhuma informação.

— É melhor você tentar o King's Head — disse Tuppence. —

Vou voltar aos correios. Tem uma velhota lá de amargar, mas ouvi gritarem para ela que o jantar estava pronto.

Voltou ao correio e começou a examinar os cartões-postais.

Uma moça de rosto jovial, ainda mastigando, saiu da sala dos fundos.

— Vou levar estes, por favor — disse Tuppence. — E se incomoda de esperar enquanto dou uma olhadinha nesses cartões humorísticos?

Escolheu alguns e, enquanto os examinava, continuou a falar:

— Estou tão decepcionada por você não poder me dizer o endereço de minha irmã! Está aqui perto e perdi a sua carta. O

nome dela é Leigh Gordon.

A moça balançou a cabeça.

— Não me lembro desse nome, e não recebemos muitas cartas aqui de modo que se tivesse visto iria me lembrar. Fora o Grange, não há muitas casas grandes por aqui.

— O que é Grange? A quem pertence? — perguntou Tuppence.

— Ao Dr. Horrison. Ele a transformou em uma clínica. Acho que para doentes nervosos, principalmente. Senhoras que vêm fazer sonoterapia, esse tipo de coisas. Tem bastante por aqui, só Deus sabe. — Ela soltou uma risadinha.

Mais do que depressa, Tuppence escolheu alguns cartões e pagou.

— Lá vem o carro do Doutor Horrison — exclamou a moça.

Tuppence correu para a porta. Passava um carro esporte de dois lugares. Ao volante, um homem alto, moreno, barbas negras e bem cuidadas, o rosto desagradável e enérgico. O carro descia a rua. Tuppence viu Tommy que atravessava a rua em sua direção.

— Tommy, acho que descobri. A clínica do Dr. Horrison.

— Ouvi falar sobre ela no King's Head e achei que podia nos levar a qualquer coisa. Mas se ela teve uma crise nervosa ou coisa parecida, a tia e os amigos saberiam, com toda a certeza.

— Claro. Eu não quis dizer isso. Tommy, você viu aquele homem no carro esporte?

— Um bruto de aparência desagradável? Vi.

— Era o Dr. Horrison.

Tommy assoviou.

— Um cara com toda a pinta de trapaceiro. O que você acha, Tuppence? Vamos dar uma olhadinha em Grange?

Finalmente acharam o lugar; uma casa grande cercada por terrenos baldios e por trás da qual passava um córrego.

— Que casa mais lúgubre! — comentou Tommy. — Fico arrepiado, Tuppence. Sabe, acho que isso vai resultar num caso muito mais sério do que supúnhamos.

— Ah, não fale assim. Se pelo menos tivermos chegado em tempo... Essa mulher está correndo perigo; sinto isso no fundo da alma.

— Não deixe que a imaginação tome conta de você.

— Não posso evitar. Não confio naquele homem. O que vamos fazer? Acho que seria uma boa idéia eu ir até lá sozinha, tocar a campainha e perguntar de cara pela Sra. Leigh Gordon para ver o que me responde. Porque, afinal de contas, pode não haver nada.

Tuppence levou a cabo o seu plano. Imediatamente um criado de rosto impassível abriu a porta.

— Quero ver a Sra. Leigh Gordon, se estiver bem, a ponto de receber visita.

Ela achou que houve uma momentânea expressão de surpresa no rosto do rapaz, mas a resposta foi imediata:

— Não há ninguém aqui com esse nome, minha senhora.

— Ah, claro que há. Esta não é a clínica do Dr. Horrison, a Grange?

— É, mas não há ninguém aqui com o nome de Leigh Gordon.

Frustrada, Tuppence se viu forçada a recuar e a confabular com Tommy, que a esperava do lado de fora do portão.

— Talvez ele esteja falando a verdade. Afinal de contas, não *sabemos*.

— Não estava. Estava mentindo. Tenho certeza.

— Espere até o doutor voltar — disse Tommy. — Depois finjo ser um jornalista ansioso por discutir seu novo método de cura para distúrbios nervosos. Isso me dará oportunidade de entrar e estudar a geografia do lugar.

O Dr. Horrison voltou cerca de meia hora mais tarde.

Tommy deixou escoarem cinco minutos e depois se dirigiu à porta da frente. Também ele voltou frustrado.

— O médico estava ocupado e não quis ser interrompido. E

ele nunca dá entrevistas a jornalistas. Tuppence, você está certa.

Aqui tem dente de coelho. A situação do lugar é ideal; fica a quilômetros de distância do nada. Podia acontecer qualquer coisa aqui sem que ninguém precisasse saber.

— Vamos — disse Tuppence com determinação.

— O que você vai fazer?

— Vou escalar o muro e tentar subir até a casa sem que ninguém me veja.

— Certo. Estou com você.

As folhagens do jardim estavam um tanto crescidas de modo que serviam de esconderijo. Tommy e Tuppence conseguiram chegar aos fundos da casa despercebidos.

Ali havia um largo terraço de onde saíam alguns degraus em péssimo estado. No meio, algumas portas envidraçadas davam para o terraço mas eles não ousaram se expor e as janelas sob as quais andavam agachados eram muito altas, impossibilitando qualquer observação. Parecia que a tarefa de reconhecimento fracassara quando Tuppence apertou o braço de Tommy.

Numa sala próxima a eles alguém falava. A janela aberta permitiu que a conversa lhes chegasse claramente aos ouvidos.

— Entre, entre e feche a porta — disse uma irritada voz masculina.

— Você disse que há cerca de uma hora apareceu uma senhora procurando por Leigh Gordon?

Tuppence reconheceu a voz do impassível empregado quando respondeu:

— Foi sim, senhor.

— Você disse que ela não estava aqui, é claro?

— Claro, senhor.

— E agora esse jornalista — vociferou o outro.

De repente ele apareceu à janela e, do lado de fora, vendo através dos arbustos, os dois reconheceram o Dr. Horrison.

— Estou mais preocupado com a mulher — continuou o médico. — Como era ela?

— Jovem, bonita e muito bem vestida.

Tommy cutucou as costelas de Tuppence.

— Exatamente — disse o médico entre dentes — como eu temia. Alguma amiga de Leigh Gordon. Está ficando muito difícil.

Vou ter que tomar algumas precauções...

Ele não terminou a frase. Tommy e Tuppence ouviram a porta se fechar. Depois só o silêncio.

O cauteloso Tommy comandou a retirada. Quando chegaram a uma pequena clareira não muito longe mas o suficiente para não serem mais ouvidos, ele falou:

— Tuppence, minha velha, isso está ficando sério. Eles têm más intenções. Acho que é melhor voltarmos de uma vez para ver Stavansson.

Para sua surpresa, Tuppence balançou a cabeça.

— Temos que ficar por aqui. Você não ouviu ele dizer que ia tomar precauções... ? Isto pode significar qualquer coisa.

— O pior de tudo é que não temos elementos o bastante para que a polícia possa agir.

— Escute, Tommy. Por que não liga para Stavansson? Eu fico por aqui.

— Talvez esta seja a melhor medida — concordou o marido.

— Mas escute... Tuppence...

— Sim?

— Tome cuidado, está bem?

— É claro que vou tomar, seu bobo. Vá indo.

Já se haviam passado duas horas quando Tommy voltou.

Encontrou Tuppence perto do portão.

— E então?

— Não consegui falar com Stavansson. Tentei falar com *Lady Susan*. Ela também não estava. Depois me lembrei de ligar para o velho Brady. Pedi para ele olhar no catálogo médico, ou sei lá como é que se chama, o nome de Horrison.

— E o que o Dr. Brady disse?

— Ah, ele reconheceu logo o nome. Disse que Horrison já foi um médico muito respeitável mas que entrou em alguma confusão. Disse que o achava um charlatão inescrupuloso e que não se surpreenderia com coisa alguma que fizesse. A pergunta é: o que vamos fazer agora?

— Temos que ficar aqui — disse Tuppence de imediato. —

Tenho o pressentimento de que alguma coisa vai acontecer esta noite. A propósito, um jardineiro cortou a hera dos muros da casa.

Tommy, *eu vi onde ele deixou a escada.*

— Muito bem, Tuppence — elogiou o marido. — Então, hoje de noite...

— Logo que escurecer...

— Veremos...

— O que veremos.

Tommy ficou vigiando a casa enquanto Tuppence foi até a cidade comer alguma coisa.

Quando voltou os dois passaram a vigiar a casa juntos. Às nove horas da noite concluíram que já estava escuro o bastante para começar a operação. Agora eles podiam rodear a casa com toda a liberdade. De repente Tuppence segurou o braço de Tommy.

— Escute.

O som que ouvira se repetiu, trazido pelo ar da noite. Era o de uma mulher gemendo de dor. Tuppence apontou para uma janela no primeiro andar.

— Veio de lá — sussurrou.

Mais uma vez o gemido quebrou o silêncio da noite.

Os dois ouvintes resolveram agir de acordo com o plano original. Tuppence levou o marido ao lugar onde o jardineiro deixara a escada. Eles a carregaram para o lado da casa de onde ouviram o gemido. Todas as cortinas do térreo estavam fechadas mas a desta determinada janela, não.

Fazendo o mínimo de barulho possível, Tommy encostou a escada na parede.

— Eu subo — sussurrou Tuppence. — Você fica aqui embaixo. Não me incomode de subir escadas e você pode segurá-

la melhor do que eu. E caso o médico apareça, você pode lidar com ele, e eu não.

Lépida, Tuppence subiu a escada e esticou a cabeça, com cuidado, para olhar pela janela. Depois abaixou-se depressa mas, após um ou dois minutos levantou-a bem devagar. Ficou lá por uns cinco minutos. Depois desceu de novo.

— É ela — disse Tuppence sem fôlego. — Mas Tommy, é horrível. Ela está deitada na cama, gemendo, se virando de um lado para o outro, e assim que cheguei lá em cima uma mulher vestida de enfermeira entrou. Inclinou-se sobre ela e injetou-lhe alguma coisa no braço, depois foi embora. O que vamos fazer?

— Ela está consciente?

— Acho que sim. Tenho quase certeza. Acredito que esteja amarrada na cama. Vou subir de novo e, se puder, entro naquele quarto.

— Escute, Tuppence...

— Se eu correr qualquer perigo grito por você. Até já.

Evitando quaisquer discussões, Tuppence subiu correndo a escada. Tommy viu-a experimentando a janela e, sem o menor barulho, levantar o vidro. Um segundo depois Tuppence desapareceu lá dentro.

E agora Tommy estava angustiado. A princípio não pôde ouvir nada. Tuppence e a Sra. Leigh Gordon deviam estar conversando muito

baixo, se é que conversavam. Um pouco depois ele ouviu um murmúrio bem baixinho e respirou aliviado. De repente as vozes cessaram. Silêncio total.

Tommy aguçou os ouvidos. Nada. O que poderiam estar fazendo?

De repente uma mão caiu-lhe sobre o ombro.

— Vamos — disse Tuppence na escuridão.

— Tuppence! Como chegou aqui?

— Pela porta da frente. Vamos sair daqui.

— Sair daqui?

— Foi o que eu disse.

— Mas... a Sra. Leigh Gordon?

Num tom de indescritível rancor Tuppence respondeu:

— Perdendo peso!

Tommy olhou-a desconfiado de que brincava.

— O que quer dizer?

— Exatamente o que disse. Está emagrecendo. Perdendo peso. Redução de peso. Você não ouviu Stavansson dizer que detestava mulheres gordas? Nos dois anos que ele esteve fora, Hermy engordou. Entrou em pânico quando soube que já estava de volta e correu para fazer este novo tratamento do Dr. Horrison.

São umas injeções, e ele guarda um segredo danado, além de cobrar os olhos da cara. Realmente ele é um charlatão — mas como está vencendo na vida! Stavansson volta quinze dias antes do

combinado e ela está no meio do tratamento. *Lady Susan* teve que jurar que guardava segredo e está cumprindo o prometido. E

nós viemos até aqui e fizemos papel de palhaços!

Tommy respirou profundamente.

— Acredito, Watson — disse ele, pomposo —, que há um concerto ótimo amanhã no Queen's Hall. Temos bastante tempo para chegarmos até lá. E me fará um grande favor em não registrar este caso. Ele não tem nenhum aspecto característico.

CAPÍTULO X

JOGO DE CABRA-CEGA

— Certo... disse Tommy, e desligou o telefone.

Então voltou-se para Tuppence.

— Era o Chefe. Parece que está preocupado conosco. Tudo indica que as pessoas que procuramos sabem que não sou o autêntico Sr. Theodore Blunt. Devemos aguardar emoções a qualquer momento. O Chefe pede a você o favor de ir para casa, ficar lá e não se meter mais nisso. Pelo que vejo a casa de marimbondos em que mexemos é maior do que se podia pensar.

— Esse negócio de eu ter que ir para casa é besteira — disse Tuppence, decidida. — Quem vai cuidar de você se eu for para casa? Além do mais, gosto de emoções. Os negócios não têm sido muito movimentados ultimamente.

— Bem, não se pode ter assassinatos e roubos todos os dias

— disse Tommy. — Seja razoável. Agora, minha idéia é a seguinte: quando o trabalho está folgado temos que fazer um certo número de exercícios todos os dias.

— Deitar de costas e jogar as pernas para cima? Este tipo de coisa?

— Não interprete de maneira tão literal. Quando digo exercícios, me refiro a exercícios na arte da investigação.

Reprodução dos grandes mestres. Por exemplo...

Tommy apanhou de dentro da gaveta uma enorme venda verde escuro e cobriu ambos os olhos. Ajustou-a com todo o cuidado. Depois tirou um relógio do bolso.

— Quebrei o vidro hoje de manhã — observou ele. — Isto facilitou para que ele se tornasse o meu relógio sem vidro que meus sensíveis dedos tocam de leve

— Cuidado — advertiu Tuppence. — Você quase arrancou o ponteiro dos segundos.

— Dê-me a sua mão — disse Tommy. Ele segurou-a, um dos dedos tomando-lhe o pulso. — Ah! O teclado do silêncio. Esta mulher *não* sofre do coração.

— Acho — disse Tuppence — que você é Thornley Colton, não é?

— Isso mesmo — disse Tommy. — O cego solucionador de problemas. E você é a fulana de tal, secretária de cabelos pretos e maçãs salientes...

— A trouxa de roupas de bebê apanhadas às margens do rio

— completou Tuppence

— E Albert é Fee, vulgo Camarão.

— Temos que ensiná-lo a dizer “nossa” — observou Tuppence. — E a voz dele não é estridente; pelo contrário, é bem rouca.

— Encostada à parede, perto da porta — disse Tommy —

você encontrará a fina bengala oca a qual, segura pela minha sensível mão, me revela tanta coisa.

Ele levantou-se e tropeçou numa cadeira.

— Droga! — exclamou Tommy. — Esqueci dessa cadeira aqui.

— Deve ser horrível ser cego — disse Tuppence, triste.

— Bastante! — concordou Tommy. — Sinto mais pena de todos aqueles pobres coitados que perderam a visão na guerra.

Mas eles dizem que quando se vive nas trevas realmente se desenvolve faculdades especiais. É isso o que quero tentar. Seria maravilhoso treinar para ter alguma utilidade no escuro. Agora, Tuppence, banque o Sydney Thames. Daqui até a bengala quantos passos?

Tuppence fez uma estimativa insensata.

— Três para a frente e cinco para a esquerda — arriscou.

Tommy deu passos hesitantes e Tuppence interrompeu-o com um grito de advertência quando percebeu que o quarto passo para a esquerda o levaria de encontro à parede.

— Isso é muito interessante — disse Tuppence. — Você não tem idéia do quanto é difícil estimar o número de passos necessários.

— É realmente muito interessante. Chame Albert. Vou apertar a mão de vocês dois e ver se adivinho quem é quem.

— Certo — disse Tuppence —, mas Albert tem que lavar a mão primeiro. Com certeza estão pegajosas daquelas pastilhas medicinais que ele vive chupando.

Albert, depois de apresentado ao jogo, se encheu de interesse.

Tommy, depois de apertar ambas as mãos, sorriu, complacente.

— O teclado do silêncio não pode mentir — murmurou ele.

— A primeira foi a de Albert e a segunda a sua, Tuppence.

— Errado! — gritou Tuppence. — Esse seu teclado do silêncio, francamente! Você se guiou pelo meu anel. Mas eu o coloquei no dedo de Albert.

Fizeram várias outras experiências cujos resultados foram medíocres.

— Com o tempo a coisa vai — afirmou Tommy. — Não se pode ficar infalível assim de repente. Tenho uma idéia. Está na hora do almoço. Você e eu vamos ao Blitz, Tuppence. O cego com sua guia. Posso aprender coisas interessantes lá.

— Escute, Tommy, a gente vai se meter em encrenca.

— Não, de jeito nenhum. Vou me comportar como um cavalheiro. Aposto que no fim do almoço vou surpreendê-la.

Reprimidos os protestos, quinze minutos depois Tommy e Tuppence se refestelavam confortavelmente numa mesa de canto do *Gold Room* do Blitz.

Tommy percorreu o cardápio com os dedos.

— Pilau de homar e galinha grelhada para mim —
murmurou ele.

Tuppence também fez sua escolha e o garçom se afastou.

— Até agora foi tudo bem — disse Tommy. — Agora vamos para aventuras mais ambiciosas. Que pernas lindas a dessa moça de saia curta, essa que acabou de entrar.

— Como é que você adivinhou essa, Thorn?

— Pernas bonitas transmitem uma determinada vibração ao solo que a minha bengala capta. Ou, para ser honesto, em grandes restaurantes tem quase sempre uma moça de pernas lindas parada à porta, procurando os amigos e, andando de um lado para o outro de saias curtas, ela tira o máximo proveito delas.

A refeição prosseguia.

— Aquele homem que está duas mesas depois da nossa é um rico explorador, eu acho — disse Tommy de maneira despreocupada. — Judeu, não é?

— Muito bem — elogiou Tuppence. — Essa eu não entendi.

— Não vou lhe dizer toda vez como foi que consegui. Estraga o meu espetáculo. O *maître* está servindo champanha na mesa da direita. Uma mulher gorda vestida de preto acabou de passar pela nossa mesa.

— Tommy, como é que você...

— Ah! Você está começando a ver o que sou capaz de fazer.

Uma moça bonita vestida de marrom acaba de se levantar da mesa atrás de você.

— Errou! A mulher está de vestido cinza.

— Ora! — exclamou Tommy, um pouco decepcionado.

E neste momento, dois homens de uma mesa próxima, que observavam o casal com vivo interesse, levantaram-se e os abordaram.

— Desculpem-me — disse o mais alto dos dois, um homem de óculos, bigodes grisalhos, bem vestido. — Acabaram de me dizer

que o senhor é Theodore Blunt. É verdade?

Tommy hesitou um pouco, sentindo-se em posição desvantajosa. Depois inclinou a cabeça.

— É verdade. Sou o Sr. Blunt.

— Que sorte! Sr. Blunt, eu ia ao seu escritório depois do almoço. Estou com problemas — problemas sérios. Mas, desculpe perguntar — aconteceu alguma coisa com seus olhos?

— Meu caro senhor — disse Tommy em tom melancólico —, sou cego, totalmente cego.

— O quê?

— Está surpreso. Mas com toda a certeza já ouviu falar em detetives cegos?

— Só em ficção. Na vida real nunca. E nunca ouvi falar que o senhor era cego.

— Muitas pessoas não se dão conta do fato — murmurou Tommy. — Hoje estou usando esta venda para proteger os olhos da claridade. Sem ela, são poucas as pessoas que suspeitam de minha enfermidade — se é que se pode chamar assim. Sabe, meus olhos não me podem enganar. Mas chega desta conversa. Vamos até meu escritório de uma vez ou prefere expor os fatos aqui mesmo? Acho que a última idéia é melhor.

O garçom trouxe duas cadeiras a mais e os homens se sentaram. O outro homem, que não falara ainda, era mais baixo, robusto e muito moreno.

— É uma questão muito delicada — disse o mais velho em tom confidencial. Lançou um olhar cheio de dúvidas para Tuppence. O Sr. Blunt pareceu sentir este olhar.

— Deixe-me apresentar minha secretária particular — disse ele. — Srta. Ganges. Encontrada às margens do rio da Índia. Uma mera trouxa de roupas de bebê. Uma história muito triste. A Srta.

Ganges são meus olhos. Ela me acompanha a todo lugar.

O estranho limitou-se a uma inclinação de cabeça.

— Então posso falar livremente. Sr. Blunt, minha filha, uma menina de dezesseis anos, desapareceu sob circunstâncias bastante estranhas. Descobri há meia hora. As circunstâncias do caso eram tais que não ousei chamar a polícia. Em vez disso, telefonei para o seu escritório. De lá me disseram que o senhor estava almoçando e que só voltaria às duas e meia. Vim aqui com meu amigo, Capitão Harker...

O baixinho sacudiu a cabeça e murmurou qualquer coisa.

— Mas, para sorte minha, o senhor também estava almoçando aqui. Não devemos perder tempo. O senhor tem que vir à minha casa imediatamente.

Tommy objetou, cauteloso.

— Posso encontrá-lo dentro de meia hora. Primeiro tenho que passar no escritório.

O Capitão Harker, voltando-se para olhar para Tuppence, pode ter-se surpreendido ao ver um meio-sorriso desenhado, por um momento, nos cantos de sua boca.

— Não, não, isto não serve. O senhor tem que voltar comigo.

O homem de cabelos grisalhos tirou um cartão do bolso e entregou-o: — Este é meu nome.

Tommy sentiu-o com os dedos.

— Meus dedos não estão suficientemente desenvolvidos para isso — disse ele com um sorriso, e entregou-o a Tuppence, que o leu em voz baixa:

— “Duque de Blairgowrie”.

Olhou para seu cliente com grande interesse. Era de conhecimento público que o Duque de Blairgowrie não podia ser mais orgulhoso e inacessível; tomara como esposa a filha de um açougueiro de Chicago, muito mais jovem do que ele, de temperamento forte, o que resultou em um futuro negro para os dois. Ultimamente se falava em divergências.

— O senhor virá logo, Sr. Blunt? — perguntou o Duque com um toque de aspereza na voz.

Tommy se rendeu ao inevitável.

— A Srta. Ganges e eu vamos acompanhá-lo — disse com calma. — Só quero é beber uma xícara grande de café, se não se incomoda. Servirão imediatamente. Sou sujeito a terríveis dores de cabeça por causa de meu problema no olho e o café me acalma.

Ele chamou o garçom e fez o pedido. Depois falou com Tuppence:

— Srta. Ganges, vou almoçar aqui amanhã com o Prefeito de Polícia de Paris. Anote o almoço e entregue ao *maître* com a recomendação de reservar minha mesa de sempre. Estou ajudando a polícia francesa num caso importante. *A taxa* — fez uma pausa — é considerável. Está pronta, Srta. Ganges?

— Estou — disse Tuppence, caneta na mão.

— Começaremos com uma salada de camarão especial que servem aqui. Então a seguir, deixe-me ver, *a seguir*, omelete Blitz e talvez dois *Tournedos à l'Étranger*.

Calou-se e murmurou à guisa de desculpa:

— Espero que não se incomodem. Ah! sim, *Souffle en surprise*. Este prato arremata a refeição. Um homem muito interessante, o Prefeito de Polícia. Talvez o senhor o conheça, não?

O outro respondeu negativamente; Tuppence levantou-se e foi falar com o *maître*. Pouco depois ela voltou e foi servido o café.

Tommy bebeu uma xícara grande, a lentos goles, e depois se levantou.

— Minha bengala, Srta. Ganges. Obrigado. Instruções, por favor!

Este foi um momento de aflição para Tuppence.

— Um para a direita, dezoito em frente. Quando der o quinto passo, encontrará um garçom servindo uma mesa à sua esquerda.

Balançando a bengala vivamente, Tommy começou a andar.

Tuppence ficou bem perto dele e tentou, da maneira mais discreta possível, orientá-lo.

Tudo foi muito bem até que cruzaram a porta de entrada.

Um homem entrou um tanto apressado, e antes que Tuppence pudesse avisar ao cego Sr. Blunt, este deu um encontrão no recém-chegado. Não faltaram explicações e pedidos de desculpa.

À porta do Blitz um elegante landô esperava. O próprio Duque ajudou o Sr. Blunt a entrar.

— Seu carro está aqui, Harker? — perguntou por sobre o ombro.

— Está. Bem ali na esquina.

— Pois então leve a Srta. Ganges, está certo?

Antes que se pudesse dizer qualquer coisa, ele sentou-se ao lado de Tommy e o carro andou suavemente.

— Um assunto muito delicado — murmurou o Duque. —

Logo, logo vou-lhe dar todos os detalhes.

Tommy levou a mão à cabeça.

— Posso tirar minha venda agora — observou, contente. —

Só o brilho das luzes artificiais do restaurante é que me obrigou a usá-la.

Mas abaixaram-lhe o braço com toda a violência. Ao mesmo tempo sentiu alguma coisa dura e redonda encostada entre as costelas.

— Não, meu caro Sr. Blunt — disse a voz do Duque, mas uma voz que ficara diferente. — Não vai tirar esta venda. Vai ficar sentado quietinho sem se mexer. Entendeu? Não quero que esta minha pistola dispare. Sabe, acontece que eu não sou o Duque de Blairgowrie. Usei-o para esta ocasião sabendo que não recusaria acompanhar um cliente tão famoso. Sou algo mais prosaico — um mercador de presunto que perdeu a esposa.

Ele sentiu que o outro estremeceu.

— Isto significa alguma coisa para você — riu ele. — Meu caro, você foi incrivelmente tolo. Acho — realmente acho — que suas atividades futuras serão bastante limitadas.

Proferiu as últimas palavras com uma pitada de maldade.

Tommy permaneceu imóvel. Não revidou os vitupérios do outro.

Pouco depois o carro diminuiu a marcha e parou.

— Só um minuto — disse o falso Duque. Agilmente torceu um lenço, enfiou-o na boca de Tommy e amordaçou-o.

— Caso você seja bastante tolo para tentar gritar por socorro

— explicou, cortês.

A porta do carro se abriu e o motorista se colocou a postos.

Ele e o chefe levaram Tommy, um de cada lado, fizeram-no subir rapidamente alguns degraus e entrar em uma casa.

A porta se fechou. Pairava no ar um aroma oriental. Os pés de Tommy se afundaram num pêlo macio. De novo o lançaram escada acima e entraram numa sala a qual pensou ser nos fundos da casa. Aqui os dois homens amarraram-lhe as mãos. O

motorista saiu e o outro retirou a mordaca.

— Pode falar livremente agora — disse o outro, divertido. —

O que tem a dizer em seu favor, meu jovem?

Tommy pigarreou e relaxou os cantos doloridos da boca.

— Espero que não tenha perdido minha bengala — disse suavemente. — Custou-me muito para encomendá-la.

— Você tem sangue-frio — disse o outro depois de alguns minutos.

— Ou então não passa de um tolo. Não percebeu que eu tenho você bem na palma de minha mão? Que está sob meu controle total? Que os que o conhecem provavelmente não o verão de novo?

— Não pode cortar o melodrama? — perguntou Tommy, queixoso.

— Tenho que dizer: “seu bandido, ainda vou derrotá-lo?”

Este tipo de coisa está fora de moda.

— E a moça? — perguntou o outro, perspicaz. — Não se preocupa com ela?

— Enquanto pensava, durante meu silêncio forçado — disse Tommy —, cheguei à inevitável conclusão de que aquele loquaz cavalheiro, Harker, também comete atos insensatos e que, portanto, minha infeliz secretária logo se unirá a nós para essa festinha.

— Certo em um ponto, errado no outro. A Sra. Beresford —

sabe, conheço tudo sobre você —, a Sra. Beresford não virá para cá. Tomei esta pequena precaução. Ocorreu-me que, provavelmente, seus amigos os podiam estar observando. Neste caso, tendo dividido a perseguição, não poderiam ter sido ambos seguidos. Estou esperando agora...

Ele calou-se quando a porta se abriu. O motorista falou:

— Não fomos seguidos, senhor. Está tudo certo.

— Ótimo. Pode ir agora, Gregory.

A porta se fechou de novo.

— Até agora tudo bem — disse o “Duque”. — E agora o que vamos fazer com você, Beresford Blunt?

— Gostaria que me tirasse esta maldita venda — disse Tommy.

— Não acho uma boa idéia. Com ela, você está realmente cego; sem ela, pode ver tão bem quanto eu — e isso não se adequaria ao meu plano. Porque eu tenho um plano. O senhor aprecia a ficção cheia de emoções, Sr. Blunt. A prova disso é o seu joguinho e de sua mulher. Bem, eu também organizei um jogo —

uma coisa bastante engenhosa e acho que vai concordar comigo quando eu o explicar.

— O chão onde pisamos é feito de metal e há pequenas saliências na superfície, espalhadas aqui e ali. Eu toco um interruptor, assim.
— Ouviu-se um clique agudo. — Agora está ligada a corrente elétrica. Pisar numa dessas pequenas saliências agora significa morte! Compreende? Se pudesse ver... mas não pode. Você está no escuro. É este o jogo: cabra-cega com a morte.

Se conseguir chegar à porta — liberdade! Mas acho que muito antes de chegar lá, já terá pisado num desses lugares perigosos. E

será muito divertido... para mim!

Ele aproximou-se e desamarrou as mãos de Tommy. Depois passou-lhe a bengala fazendo uma pequena reverência irônica.

— O cego solucionador de problemas. Vamos ver se resolve este também. Ficarei aqui com a pistola pronta. Se você levantar as mãos para tirar a venda eu disparo. Entendeu?

— Perfeitamente — disse Tommy. Estava um tanto pálido mas cheio de determinação. — Não tenho a menor chance, não é?

— Quanto a isso... — o outro deu de ombros.

— Um demônio engenhoso, não é? — disse Tommy. — Mas se esqueceu de uma coisa. A propósito, posso acender um cigarro?

Meu coração está disparando.

— Pode acender o cigarro — mas nada de truques. Lembre-se de que estou de olho em você com a pistola pronta.

— Não sou um cachorro amestrado — disse Tommy. — Não faço truques. — Ele tirou um cigarro da cigarreira e depois apalpou os bolsos à procura de uma caixa de fósforos. — Não se preocupe. Não estou procurando um revólver. Você sabe muito bem que não estou

armado. Mesmo assim, como já disse antes, você se esqueceu de uma coisa.

— De quê?

Tommy apanhou um palito de fósforo da caixa e segurou-o, pronto para riscá-lo.

— Sou cego e você pode ver. Isto é ponto pacífico. Você leva vantagem. Mas suponhamos que ambos estivessem no escuro, hein? Quem levaria vantagem?

Ele riscou o fósforo.

O “Duque” riu com menosprezo.

— Está pensando em jogar o palito de fósforo no interruptor de luzes? Deixar a sala na escuridão? Não se pode fazer isso.

— Exatamente — concordou Tommy. — Não lhe posso dar escuridão. Mas os extremos se tocam, você sabe. E quem sabe *luz*?

Enquanto falava, tocou com o fósforo alguma coisa que segurava na mão e jogou-a na mesa.

Um brilho ofuscante encheu a sala.

Só por um minuto, cego pela intensa luz branca, o “Duque”

piscou e caiu, arriando a mão que segurava a pistola.

Abriu os olhos de novo e sentiu algo pontudo lhe espetando o peito.

— Largue essa arma — ordenou Tommy. — Largue-a depressa. Concordo com você que uma bengala oca é um negócio sujo. Mas uma bengala de estoque é uma arma muito útil. Você não acha? Quase tanto quanto um fio de magnésio. *Largue esta arma.*

Forçado, por aquela ponta afiada a obedecer, o homem largou-a. E então, de um salto recuou.

— Mas eu ainda estou levando vantagem — zombou ele. —

Eu posso ver e você não.

— Aí é que está seu erro — disse Tommy. — Posso ver muito bem. Esta venda é uma brincadeira. Ia pregar uma peça em Tuppence. Cometeria alguns erros no começo e no fim do almoço teria um desempenho maravilhoso. Ora, poderia ter saído do restaurante sem esbarrar em nada. Mas achei que você não jogaria limpo. Nunca me deixaria sair disso vivo. Hei, cuidado!

Com o rosto desfigurado pelo ódio, o “Duque” pulou para a frente esquecendo-se, na sua raiva, de olhar onde pisava.

Uma repentina chama azul f piscou, ele oscilou por um minuto e depois caiu como uma tora de madeira. Um leve odor de carne queimada misturado a um cheiro mais forte de ozônio encheu a sala.

— Puxa! — exclamou Tommy.

Ele enxugou o rosto.

Depois, andando com o maior cuidado e tomando todas as precauções, chegou à parede e tocou o interruptor que vira o outro manipular.

Atravessou a sala para chegar à porta, abriu-a com cuidado e olhou. Não havia ninguém por perto. Desceu as escadas e saiu pela porta da frente.

A salvo na rua, olhou para a casa com justificado pavor, e anotou o número. Depois correu para a cabine telefônica mais próxima.

Passou um momento de sofrida ansiedade e depois uma voz conhecida falou.

— Tuppence, graças a Deus!

— Sim, estou bem. Entendi toda a sua mensagem. A taxa Camarão, venha ao Blitz e siga os dois estranhos. Albert chegou a tempo e quando nos colocaram em carros separados ele me seguiu num táxi, viu para onde me levaram e chamou a polícia.

— Albert é um bom rapaz — disse Tommy. — Um cavalheiro.

Tinha certeza de que ele iria seguir você. Mesmo assim estava preocupado. Tenho uma porção de coisas para lhe contar. Já estou indo. E a primeira coisa que vou fazer é preencher um cheque bem gordo para o St. Dunstan. Meu Deus, deve ser horrível ser cego!

CAPÍTULO XI

O HOMEM NO NEVOEIRO

Tommy não estava satisfeito com a vida. Os Brilhantes Detetives de Blunt passavam por um mau período, penoso para o orgulho, se não para o bolso. Chamados em caráter profissional para esclarecer o mistério do roubo de um colar de pérolas em Adlington Hall, Adlington, os Brilhantes Detetives de Blunt não lograram êxito. Enquanto Tommy, na pista de uma Condessa viciada em jogo, a seguia disfarçado em padre da Igreja católica e Tuppence “fugia” com o sobrinho da casa pelos campos de golfe, o Inspetor local de Polícia prendera friamente o soldado de infantaria, que descobriu-se ser um famoso ladrão do quartel; este admitiu a culpa e confessou tudo.

Assim, Tommy e Tuppence se retiraram do caso com toda a dignidade que lhes restava e, neste momento, se consolavam com drinques do Hotel Grand Adlington. Tommy ainda vestia o disfarce eclesiástico.

— Isto não foi bem característico do Padre Brown —

observou ele, sombrio. — E, no entanto, o guarda-chuva que consegui é perfeito.

— Não era um problema para o Padre Brown resolver —

disse Tuppence. — É necessário, desde o início, uma atmosfera especial. Deve-se estar fazendo coisas rotineiras até que algo estranho comece a acontecer. É esta a idéia.

— Infelizmente — disse Tommy — temos que voltar à cidade.

Talvez alguma coisa estranha aconteça a caminho da estação.

Tommy levou o copo aos lábios mas o líquido, de repente, espirrou, pois uma pesada mão caiu-lhe sobre o ombro e uma voz, não menos forte, saudou-os:

— Por Deus, é ele! O velho Tommy! E a Sra. Tommy também.

De onde apareceram? Há anos que não os vejo nem sei de notícias de vocês.

— Ora, é Bulger! — disse Tommy, colocando sobre a mesa o que restava da bebida e voltando-se para olhar o recém-chegado, um homem de ombros largos, de trinta anos, rosto redondo e vermelho, em trajes apropriados para jogar golfe. — O velho Bulger!

— Mas escute, meu velho — disse Bulger (cujo nome verdadeiro era Marvyn Estcourt) —, nunca soube que se tinha ordenado.

Tuppence caiu na gargalhada e Tommy parecia sem jeito. E, de repente, eles tomaram consciência de uma quarta pessoa.

Uma criatura alta, magra, cabelos dourados, olhos muito azuis e redondos, quase que indescritivelmente bonita num vestido negro

debruado por lindos arminhos e um colar de pérolas muito comprido. Ela sorria, e seu sorriso dizia muitas coisas. Por exemplo, afirmava que ela sabia muito bem que não havia nada melhor para se olhar na Inglaterra, ou provavelmente no mundo inteiro, do que para ela mesma. Não que fosse presunçosa, de jeito nenhum, apenas sabia, com toda a certeza, que isso era verdade.

Tanto Tommy quanto Tuppence a reconheceram de imediato.

Já a haviam visto três vezes em “O Segredo do Coração” e um mesmo número de vezes em “Marcos de Fogo”, outro grande sucesso, e em outras inúmeras peças. Talvez não houvesse na Inglaterra uma outra atriz que dominasse tão firmemente os ingleses quanto Gilda Glen. Dizia-se que era a mulher mais bonita da Inglaterra. Também corriam rumores de que era a mais burra.

— São velhos amigos meus — disse Estcourt com quê de desculpa na voz por ter tido o atrevimento de esquecer-se, mesmo que por um momento, de uma criatura tão radiante. — Tommy e Sra., quero apresentá-los à Srta. Gilda Glen.

Não se podia deixar de notar uma ponta de orgulho em sua voz. A Srta. Glen concedia-lhe grande honra pelo simples fato de Estcourt ser visto em sua companhia.

A atriz olhava para Tommy com vivo interesse.

— O senhor é mesmo um padre? — perguntou ela. — Quero dizer, padre da Igreja Católica? Porque pensei que não tivessem esposas.

Estcourt caiu na gargalhada de novo.

— Esta é boa — exclamou. — Seu fingido. Ainda bem que não abdicou da senhora, Sra. Tommy, com todas as pompas e futilidades.

Gilda Glen não lhe prestou a menor atenção. Continuava a fitar Tommy com um olhar cheio de perplexidade.

— O senhor é padre? — perguntou ela.

— Pouca gente é o que parece ser — disse Tommy, polido. —

Minha profissão não é muito diferente daquela exercida pelo padre. Eu não dou absolvição — mas ouço confissões — eu...

— Não dê atenção a ele — interrompeu Estcourt. — Ele está brincando.

— Se não é um padre, não compreendo por que se veste como tal — disse ela, intrigada. — Quer dizer, a não ser que...

— Não sou um criminoso fugindo da polícia — disse Tommy.

— A outra coisa.

— Ah! — exclamou ela, franzindo as sobrancelhas e olhando-o com olhos perplexos e bonitos.

— Duvido que ela vá entender isso — pensou Tommy. —

Acho que só se eu colocar a coisa em palavras de uma sílaba para ela.

E disse alto:

— Sabe alguma coisa sobre os trens, Bulger? Temos que voltar para casa. Estamos longe da estação?

— A pé fica a uns dez minutos. Mas não se apresse. O

próximo trem só sai às 18h35min e são vinte para as seis agora.

Você acabou de perder um trem.

— Como é que se vai para lá, saindo daqui?

— Pegue a esquerda quando sair do hotel. Depois, deixe-me ver, o melhor seria descer a Morgan's Avenue, não seria?

— A Morgan's Avenue? — A Srta. Glen teve um violento sobressalto e olhou-o horrorizada.

— Já sei em que você está pensando — disse Estcourt, rindo. — No fantasma. A Morgan's Avenue é margeada por um cemitério e, segundo a lenda, um policial que morreu violentamente se levanta e faz sua antiga ronda para cima e para baixo da Morgan's Avenue. Um policial assombrado! Você cai nessa? Mas várias pessoas juram que já o viram.

— Um policial? — disse a Srta. Glen. Ela estremeceu um pouco. — Mas não tem nenhum fantasma, tem? Quer dizer, estas coisas não existem, não é?

Ela se levantou e se enrolou mais no xale.

— Até logo — disse vagamente.

Durante todo este tempo ela ignorara Tuppence completamente e agora nem olhou na direção onde ela estava.

Mas, por sobre os ombros, lançou um olhar ao mesmo tempo perplexo e interrogativo para Tommy.

Assim que alcançou a porta, deparou-se com um homem alto, grisalho e de rosto rechonchudo, que soltou uma exclamação de surpresa. Com a mão sobre o braço dela, ele a levou para a rua, falando animadamente.

— Uma mulher linda, não é? — disse Estcourt. — Mioslos de coelho. Os boatos são de que vai se casar com Lorde Leconbury. E

este com quem ela se encontrou.

— Não parece o tipo ideal para um casamento — comentou Tuppence.

Estcourt deu de ombros.

— Acho que os títulos de nobreza ainda têm vez — disse ele.

— E Leconbury não é um nobre falido, de jeito nenhum. Ela viverá na abundância. Ninguém sabe de onde ela veio. De bem perto da sarjeta, na minha opinião. O fato de ela estar por aqui é um tanto misterioso. Ela não está hospedada no hotel. E quando tentei descobrir onde estava, ela me esnobou, da maneira mais cruel como só ela sabe fazer. Não tenho idéia do que está se passando.

Ele olhou para o relógio e soltou uma exclamação.

— Tenho que ir andando. Foi um prazer vê-los de novo.

Temos que nos reunir qualquer noite dessas. Até logo.

Saiu apressado e, neste meio tempo, um menino de recados se aproximou trazendo um bilhete sobre uma bandeja. O bilhete não tinha destinatário.

— Mas é para o senhor — disse ele a Tommy. — Da Srta.

Gilda Glen.

Tommy abriu-o e leu-o com alguma curiosidade; umas poucas linhas escritas com letra irregular e espalhada.

Não tenho certeza, mas acho que você pode me ajudar. E você vai por aquele caminho para a estação. Você poderia estar Na Casa Branca, Morgan's Avenue, às 18h10 min?

Cordialmente

Gilda Glen

Tommy, com um gesto, liberou o menino e depois entregou o bilhete para Tuppence.

— Extraordinário! — disse Tuppence. — Isso é porque ela ainda acha que você é padre?

— Não — respondeu Tommy, pensativo —, acho que é porque ela finalmente entendeu que não sou padre. Escute! O que é isso?

“Isso” era um jovem de cabelos ruivos, queixo pugnaz e roupas terrivelmente surradas. Entrara na sala e agora andava para cima e para baixo resmungando:

— Droga! — disse o ruivo, em alto e bom som. — É isso mesmo: droga!

Ele se deixou cair numa cadeira próxima ao jovem casal e olhou-os, mal-humorado.

— Que se danem todas as mulheres, é isso mesmo — disse ele olhando para Tuppence, furioso. — Ah, está bem, protestem se quiserem. Façam com que me tirem do hotel. Não será a primeira vez. Por que não podemos dizer o que pensamos? Por que temos que abafar nossos sentimentos, fingir que estamos sorrindo, dizendo coisas exatamente da maneira que os outros dizem? Hoje não me sinto nada cavalheiro. Tenho vontade de apertar a primeira garganta e ir apertando até que a pessoa morra.

Ele se calou.

— De alguma pessoa em particular — perguntou Tuppence

— ou a de qualquer um?

— De uma pessoa em particular — disse ele, ameaçador.

— Isso é muito interessante — disse Tuppence. — Não quer nos contar mais nada?

— Meu nome é Reilly — disse o ruivo. — James Reilly. Talvez já tenham ouvido falar. Escrevi um pequeno volume só de poemas pacifistas — bons poemas, embora eu seja suspeito para falar.

— *Poemas pacifistas?* — perguntou Tuppence.

— É — por que não? — perguntou o Sr. Reilly, beligerante.

— Ah! por nada — Tuppence apressou-se em responder.

— Sou sempre a favor da paz — disse ele ferozmente. — Que a guerra vá pro diabo. E as mulheres! Mulheres! Você viu aquela criatura que estava zanzando por aqui agora mesmo? Gilda Glen, é como ela se chama. Gilda Glen! Meu Deus! como adorei aquela mulher. E digo mais — se ela tem coração, ele bate por mim. Ela já gostou de mim uma vez e eu poderia fazê-la gostar de novo. E

se ela se vender para aquele monte de sujeira, Leconbury — bom, que Deus a ajude. Eu logo a mataria com minhas próprias mãos.

E neste momento ele se levantou de repente e saiu correndo da sala.

Tommy franziu o sobrolho.

— Um cavalheiro um tanto agitado — murmurou ele. —

Bom, Tuppence, podemos ir?

Um fino nevoeiro embaçava tudo quando eles saíram do hotel de encontro ao ar frio do lado de fora. Obedecendo às instruções de Estcourt eles viraram para a esquerda e, em poucos minutos, chegaram a uma esquina cuja tabuleta indicava: Morgan's Avenue.

O nevoeiro aumentava. Era macio, branco e passava por eles como redemoinho. À esquerda estava a alta parede do cemitério e à direita uma fileira de casinhas. Um pouco depois já não havia mais casas; no lugar delas surgia uma alta cerca.

— Tommy — disse Tuppence. — Estou começando a ficar assustada. O nevoeiro — e o silêncio. Como se estivéssemos a quilômetros de distância do nada.

— É natural que se sinta assim — concordou Tommy. —

Completamente sozinha no mundo. É o efeito do nevoeiro e da incapacidade de se ver um palmo adiante do nariz.

Tuppence anuiu.

— Só os nossos passos ecoando na calçada. O que é isso?

— O quê?

— Acho que ouvi outros passos atrás de nós.

— Se continuar assim vai ver o fantasma daqui a pouco —

disse Tommy, querendo acalmá-la. — Não fique tão nervosa. Tem medo de que um policial fantasma pouse a mão no seu ombro?

Tuppence soltou um grito de pavor.

— Não faça isso, Tommy. Agora já fiquei com a idéia na cabeça.

Ela espichou o pescoço por sobre o ombro na tentativa de ver alguma coisa através daquele branco véu que os rodeava.

— Olha eles de novo — sussurrou ela. — Não, agora estão na frente. Ora, Tommy, não me diga que não pode ouvi-los.

— Realmente estou ouvindo qualquer coisa. Sim, são passos; atrás de nós. Outra pessoa também está caminhando para pegar o trem. O que...

Ele parou de repente, ficou imóvel e Tuppence arfou.

A cortina de nevoeiro diante deles se abriu abruptamente e de um modo artificial e ali, a menos de um metro deles, apareceu um policial gigantesco, como se se tivesse materializado na neblina. Um minuto depois já não estava mais ali, no minuto seguinte estava — ou pelo menos era o que levava a crer a imaginação superativada dos dois observadores. Então, quando o nevoeiro se desfez mais um pouco, um pequeno cenário apareceu, como que montado em um palco.

O policial grandão vestido de azul, um marco postal vermelho e, do lado direito da rua, os contornos de uma casa branca.

— Vermelho, branco e azul — disse Tommy. — É bastante pitoresco. Vamos Tuppence, não há nada a temer.

Pois, como ele já percebera, o guarda era real. E, além do mais, ele não era nada gigante como parecera a princípio.

Mas quando recomeçaram a andar, ouviram passos atrás deles. Um homem passou, apressado. Entrou no portão da casa branca, subiu as escadas e bateu à porta de maneira ensurdecadora. Deixaram-no entrar assim que Tommy e Tuppence chegaram ao lugar de onde o policial os olhava.

— Este cavalheiro parece estar com pressa — comentou o guarda.

Falava numa voz ponderada, lenta, como se seus pensamentos levassem algum tempo para amadurecer.

— Ele é do tipo de pessoa que está sempre com pressa —

observou Tommy.

O olhar do guarda, fleumático e um tanto desconfiado, fixou-se no rosto de Tommy.

— Amigo seu? — perguntou o guarda, agora já bastante desconfiado.

— Não, não é meu amigo, mas por acaso sei o seu nome: Reilly.

— Ah! — disse o policial. — É melhor eu ir andando.

— Pode-me dizer onde é a Casa Branca? — perguntou Tommy.

O policial fez um sinal para o lado com a cabeça.

— É essa aí. É da Sra. Honeycott. — Ele fez uma pausa e depois acrescentou, com intenção de lhes prestar uma informação valiosa: — Velha nervosa. Está sempre vendo ladrões em toda parte. Não deixa de me pedir para dar uma olhadinha por aqui. As mulheres de meia-idade dão para isso.

— Ela é de meia-idade, não é? — perguntou Tommy. — Por acaso você sabe se há uma jovem hospedada aí?

— Uma jovem — ruminou o guarda. — Uma jovem. Não, não sei.

— Pode ser que não esteja hospedada aqui, Tommy — disse Tuppence. — E pode ser que ainda não tenha chegado aqui. Pode ter saído um pouco antes de nós.

— Ah! — exclamou o policial de repente. — Agora me lembro que uma moça entrou na casa. Eu a vi descendo a rua. Há uns três ou quatro minutos.

— Vestia um xale de arminhos? — perguntou Tuppence, ansiosa.

— Ela estava com uma espécie de coelho branco em volta do pescoço — admitiu ele.

Tuppence sorriu. O guarda se foi na direção de onde eles acabaram de vir e eles se prepararam para atravessar o portão da Casa Branca.

De repente, ouviu-se um grito abafado, débil, vindo de dentro da casa, e, quase que imediatamente depois, a porta da frente se abriu e James Reilly desceu as escadas correndo. Estava pálido, o rosto contorcido, os olhos vidrados. Ele cambaleou como um bêbado.

Passou por Tommy e Tuppence como se não os tivesse visto, resmungando para si num tom assustador:

— Meu Deus! Meu Deus! Meu Deus!

Ele agarrou-se ao pilar do portão como que para se equilibrar e então, como se animado por um repentino pânico, desceu correndo a rua na direção oposta à do guarda.

CAPITULO XII

O HOMEM NO NEVOEIRO

(Continuação)

Tommy e Tuppence se entreolharam, confusos.

— Bem — disse Tommy —, aconteceu alguma coisa naquela casa que assustou muito o nosso amigo Reilly.

Tuppence passou o dedo, distraída, pelo pilar do portão.

— Ele deve ter posto a mão em tinta vermelha, em algum lugar — disse ela aérea.

— Hum, acho melhor entrarmos depressa. Não sei o que está se passando.

Na porta da casa, uma criada de avental branco estava quase sem fala de tão indignada.

— Já viu coisa como essa, padre? — perguntou ela quando Tommy subiu as escadas. — O cara chega aqui, pergunta pela moça, sem mais nem menos corre lá para cima. Ela dá um grito como um gato selvagem — é claro, Coitadinha — e logo vem ele correndo de novo, com a cara bem branca como quem viu fantasma. O que será que houve?

— Com quem você está falando aí na porta da frente, Ellen?

— perguntou uma voz estridente vinda do vestíbulo.

— Esta é a Srta. — disse ela, um tanto desnecessariamente.

Ela se retirou e Tommy se viu diante de uma mulher de meia-idade, grisalha, olhos azuis sem brilho, meio escondidos por trás de um pincenê, uma apagada figura vestida de preto.

— A Srta. Honeycott? — perguntou Tommy. — Vim aqui para ver a Srta. Glen.

A Srta. Honeycott lançou-lhe um olhar frio e depois voltou-se para Tuppence, observando bem todos os detalhes de sua aparência.

— Ah, veio, não é? Bem, é melhor entrar.

Ela foi à frente, levando-os ao vestíbulo para depois atravessar o corredor até chegar a uma sala nos fundos da casa, sala esta que dava para o jardim. Era espaçosa mas parecia menor devido ao grande número de mesas e cadeiras ali enfileiradas. O fogo ardia na lareira e de um lado havia um sofá de chitão. O papel de parede

apresentava listras cinzas encimadas por rosas. Grande quantidade de gravuras e pinturas a óleo cobria as paredes.

Era bastante difícil associar este tipo de sala a uma personalidade tão extravagante quanto a da Srta. Gilda Glen.

— Sentem-se — disse a Srta. Honeycott. — Para começar, desculpe-me dizer que não me entrosso muito bem com a religião católica. Também nunca pensei em receber um padre católico na minha casa. Mas se Gilda caiu numa vida pecaminosa, é a única coisa que se pode esperar de uma vida como a dela — e acho que ainda poderia ser pior. Teria melhor impressão dos católicos se os padres pudessem se casar — é o que sempre digo. Isso sem falar naqueles conventos — lindas moças trancadas lá sem ninguém saber o que lhes acontece — bem, nem vale a pena pensar.

A Srta. Honeycott fez uma pausa grande e respirou profundamente.

Sem defender o celibato nem entrar nos pontos discutíveis que foram levantados, Tommy foi diretamente ao objetivo da visita:

— Pelo que sei, Srta. Honeycott, Gilda Glen está hospedada aqui.

— Está sim. Mas olhe, eu não aprovo. Acho que casamento é casamento e marido é marido. Uma vez feita a cama tem-se que deitar nela.

— Não compreendo... — começou a falar Tommy, perplexo.

— Foi o que pensei. Foi por isso que os trouxe aqui. Vocês podem subir e falar com Gilda depois que eu tiver desabafado. Ela veio a mim — depois de todos esses anos, imagine! — e me pediu para ajudá-la. Queria que eu fosse ver o tal homem e que o persuadisse a concordar com o divórcio. Disse logo a ela que não tinha nada a ver com isso. O divórcio é um pecado. Mas não podia recusar abrigo em casa à minha própria irmã, podia?

— Sua irmã?

— Sim, Gilda é minha irmã. Ela não lhe contou?

Tommy olhou-a, boquiaberto. A coisa parecia fantástica, impossível. Depois ele se lembrou de que a angélica beleza de Gilda Glen ficara em evidência por muitos anos. Era ainda garotinho quando a vira no palco pela primeira vez. Sim, era possível. Mas que contraste pungente. Então Gilda saíra da respeitabilidade da classe média baixa. Guardara muito bem o seu segredo!

— Acho que ainda não entendi muito bem — disse ele. —

Sua irmã é casada?

— Ela fugiu para se casar quando tinha dezessete anos —

disse a Srta. Honeycott sucintamente. — Com um rapaz comum, bem abaixo da classe social dela. E o nosso pai era um pastor. Foi uma vergonha. Depois ela deixou o marido e foi para o palco.

Atriz! Nunca entrei num teatro. Não quero nada com essas coisas pecaminosas. E agora, depois de todos esses anos, ela quer se divorciar dele. Acho que quer se casar com algum manda-chuva.

Mas o marido está firme — não aceita suborno nem pressão; eu o admiro por isso.

— Como é o nome dele? — perguntou Tommy, de repente.

— É incrível, mas não consigo me lembrar! Já faz quase vinte anos desde que ouvi o nome dele. Meu pai proibiu que fosse mencionado. E me recusei a discutir o assunto com Gilda. Ela sabe o que penso e isso lhe é o bastante.

— Não era Reilly, era?

— Pode ser. Mas não posso afirmar.

— O homem a que me refiro saiu daqui há pouco!

— Aquele homem! Mais parecia um lunático que fugiu do hospício. Eu estava na cozinha dando ordens a Ellen. Depois voltei para esta sala e fiquei pensando se Gilda já tinha voltado (ela tem a chave), quando a ouvi entrando. Ela hesitou um minuto ou dois no vestíbulo e depois foi direto lá para cima. Uns três minutos depois começou toda a confusão. Fui até o vestíbulo e vi um homem correndo lá para cima. Depois ouvi um grito e pouco depois lá veio o homem descendo as escadas como um louco. Que coisa esquisita!

— Srta. Honeycott, vamos subir de uma vez. Temo que...

— O quê?

— Temo que a senhora não tenha nenhuma tinta fresca vermelha em casa.

A Srta. Honeycott olhou-o, confusa.

— Claro que não.

— Era o que eu temia — disse Tommy, sério. — Por favor, vamos até o quarto de sua irmã, rápido.

Calada por alguns momentos, a Srta. Honeycott foi à frente.

Eles viram Ellen no vestíbulo e depois entrar apressada em uma das salas.

A Srta. Honeycott abriu a primeira porta do corredor.

Tommy e Tuppence entraram logo atrás dela.

De repente ela ofegou e recuou.

Uma figura imóvel, de preto, estava deitada sobre o sofá. O

rosto, inalterado, mais parecia o de uma criança adormecida. Do lado da cabeça, a ferida; um pesado golpe com algum instrumento cego esmagara-lhe o crânio. O sangue pingava devagar no chão, mas a ferida já não sangrava...

Tommy, muito pálido, examinou a prostrada figura.

— Afinal — disse ele depois de algum tempo — ele não a estrangulou.

— O que disse? Quem? — perguntou a Srta. Honeycott. —

Ela está morta?

— Está, Srta. Honeycott, ela está morta. Foi assassinada. A pergunta é: quem a matou? Não que adiante muito agora.

Engraçado, mesmo com aquela explosão toda, não pensei que o cara fosse capaz disso.

Ele se calou por um minuto e depois voltou-se para Tuppence, decidido.

— Quer fazer o favor de ir lá fora e trazer o guarda, ou telefonar para a polícia de algum lugar?

Tuppence aquiesceu. Ela, também, estava um pouco pálida.

Tommy levou a Srta. Honeycott para baixo de novo.

— Não quero que haja o menor engano nisso tudo — disse ele. — Sabe exatamente que horas eram quando sua irmã entrou?

— Sim, sei — disse a Srta. Honeycott. — Sei porque estava adiantando o relógio em cinco minutos, como faço toda a tarde.

Ele atrasa cinco minutos todo dia. Eram exatamente dezoito horas e oito minutos pelo meu relógio, que nunca atrasa nem adianta um

segundo.

Tommy anuiu. Isto estava de pleno acordo com a história do guarda. Ele vira uma mulher de preto entrar pelo portão; provavelmente três minutos se passaram até que ele e Tuppence chegassem ao mesmo lugar. Ele olhara para o relógio naquela ocasião e observara que estava um minuto atrasado para o encontro que marcara com Gilda Glen.

Havia a leve possibilidade de que alguém estivesse esperando por Gilda Glen no quarto, lá em cima. Se isso fosse verdade, o assassino ainda estaria escondido na casa. Ninguém saíra, a não ser Reilly.

Ele correu lá para cima e fez uma busca rápida, porém eficiente. Não havia ninguém escondido.

Então falou com Ellen. Depois de dar-lhe a notícia e esperar que se lamentasse e invocasse os santos, ele fez-lhe algumas perguntas.

Ninguém viera até a casa perguntar pela Srta. Glen? Não, ninguém. E ela, estivera lá em cima durante a tarde? Sim, subira às seis horas, como sempre, para fechar as cortinas — ou talvez já passasse das seis. Foi antes que o rapaz maluco batesse à porta daquele jeito. Ela desceu correndo para abri-la. Abrir a porta para um assassino maldito.

Neste ponto, Tommy deu por encerrada a conversa. Mas ainda sentia uma estranha pena de Reilly e não conseguia acreditar que fosse capaz de um ato como aquele. No entanto, ninguém mais poderia ter matado Gilda Glen. A Srta. Honeycott e Ellen eram as únicas pessoas dentro de casa.

Ele ouviu vozes no vestíbulo e foi para lá, onde encontrou Tuppence e o policial de serviço. Este tirou um caderninho de anotações do bolso e um lápis quase sem ponta, o qual molhou sorrateiramente na ponta da língua. Ele subiu e, imperturbável, inspecionou a

vítima, dizendo apenas que se tocasse em alguma coisa o Inspetor o repreenderia. Ouviu todas as explosões histéricas da Srta. Honeycott, assim como todas as confusas explicações e, de vez em quando, anotava alguma coisa. A presença dele era calmante, reconfortadora.

Finalmente Tommy conseguiu ter uma conversa a sós com ele, antes que saísse para telefonar para a delegacia.

— Escute aqui — disse Tommy. — Você viu a vítima entrar pelo portão, não é? Tem certeza de que estava sozinha?

— Ah! Estava sim. Não tinha ninguém com ela.

— E, antes de nos encontrar, ninguém saiu?

— Ninguém.

— Teria visto se saísse alguém?

— Claro. Ninguém saiu, a não ser aquele cara maluco.

O poder soberano da lei desceu garbosamente as escadas e parou perto do pilar branco do portão, onde ficara a impressão de dedos manchados de vermelho.

— Deve ser mesmo um amador para deixar uma coisa como estas — disse, penalizado.

Depois desapareceu na rua.

Um dia se passara. Tommy e Tuppence ainda se encontravam no Grand Hotel mas Tommy achara melhor se livrar do disfarce eclesiástico.

James Reilly estava preso sob custódia. Seu advogado, o Sr.

Marvell, tivera uma longa conversa com Tommy sobre o crime.

— Nunca poderia imaginar uma coisa dessas partindo de James Reilly — disse ele simplesmente. — Sempre foi um homem de linguagem violenta, mas não passava disso.

Tommy aquiesceu.

— Quando se gasta muita energia no falar, não sobra muita para agir. O pior é que vou ser uma das principais testemunhas de acusação. A conversa que ele teve comigo um pouco antes do crime foi bastante comprometedor. E, apesar de tudo, gosto dele; se houvesse outra pessoa de quem pudesse suspeitar, acreditaria na inocência de Reilly. Qual é a versão dele?

O advogado franziu os lábios.

— Ele diz que a encontrou morta. Mas isso é impossível, claro. Está dizendo a primeira mentira que lhe veio à cabeça.

— Porque se estivesse dizendo a verdade, a tagarela da Srta.

Honeycott teria cometido o crime — e isto é fantástico. É, ele deve tê-la matado.

— A empregada ouviu-a gritar, não se esqueça.

— A empregada — sim...

Tommy calou-se por um momento. Depois disse pensativo:

— Como somos crédulos! Acreditamos no testemunho dos fatos como se fossem verdades absolutas. E o que é na verdade?

Apenas a impressão que nossos sentidos levam ao cérebro — e suponhamos que sejam impressões erradas?

O advogado deu de ombros.

— Ora, todos nós sabemos que há testemunhas nas quais não se pode confiar, testemunhas que se lembram de novos dados à medida que o tempo vai passando, sem real intenção de enganar ninguém.

— Não me refiro só a isso. Falo de todos nós — dizemos coisas quando elas não são exatamente assim e nunca nos damos conta disso. Por exemplo, tanto eu quanto você sem dúvida já dissemos uma vez ou outra: “chegou o carteiro” quando, na verdade o que ouvimos foi o barulho da caixa de correspondência.

A maioria das vezes estamos certos, é o carteiro, mas pelo menos uma vez pode ser que seja alguma criança mexendo lá para fazer alguma brincadeira. Está entendendo?

— Es-tou — disse o Sr. Marvell, devagar. — Mas não sei aonde quer chegar.

— Não? Eu mesmo não tenho certeza. Mas acho que começo a compreender. É como a bengala, Tuppence. Lembra-se? Uma extremidade aponta para um lado — mas a outra aponta para o lado contrário. Depende se a seguramos pelo lado certo. As portas abrem — mas também fecham. As pessoas sobem as escadas mas também descem.

— O que você quer dizer com isso? — perguntou Tuppence.

— Na verdade é tão simples que chega a ser ridículo — disse Tommy. — Mesmo assim, só agora me apercebi. Como se sabe que uma pessoa entrou em casa? Ouve-se a porta abrir e fechar também e, se estivermos esperando alguém, teremos quase certeza de que foi ele quem chegou. Mas também pode ser alguém *saindo*.

— Mas a Srta. Glen não saiu.

— Não, sei que *ela* não saiu. Mas outra pessoa sim — o assassino.

— Mas como ele entrou, então?

— Ele entrou quando a Srta. Honeycott estava na cozinha falando com Ellen. Elas não o ouviram entrar. A Srta. Honeycott voltou para a sala pensando se a irmã teria ou não voltado e começou a acertar o relógio e então ela a ouviu entrar e subir, pelo menos foi o que pensou.

— E qual a explicação disso, do barulho de passos escada acima?

— Era Ellen que subia para fechar as cortinas. Lembre-se de que a Srta. Honeycott disse que a irmã hesitou um pouco antes de subir. Esta hesitação era o tempo necessário para que Ellen saísse da cozinha e passasse ao vestíbulo. Por um triz não viu o assassino.

— Mas Tommy — disse Tuppence —, e o grito que ela deu?

— Era James Reilly. Você não reparou na voz dele, como era estridente? Em momentos de grande emoção, os homens muitas vezes gritam igual a mulheres.

— Mas e o assassino? Nós o teríamos visto.

— E nós o vimos. Paramos até para falar com ele. Lembra-se da maneira repentina como aquele guarda apareceu? Isto foi porque acabava de sair do portão, logo depois que o nevoeiro se dissipou. Ele nos assustou, lembra-se? Afinal de contas, embora nunca pensemos nisso, os policiais são iguais a qualquer outro homem. Amam e odeiam. Casam-se...

— Acho que Gilda Glen encontrou o marido de repente, no portão, e o levou para dentro a fim de discutir sobre o divórcio. Ele não desgastava as energias em palavras violentas como Reilly, lembre-se disso. Ele se enfureceu — e o cassetete estava à mão...

CAPÍTULO XIII

O ESTALADOR

— Tuppence — disse Tommy —, temos que nos mudar para um escritório maior.

— Que bobagem! Você não pode ficar prosa só porque resolveu dois ou três casos insignificantes com a ajuda de uma sorte fantástica.

— O que alguns chamam sorte outros chamam habilidade.

— É claro que se você realmente pensa que é Sherlock Holmes, Thorndyke, McCarty e os irmãos Okewood reunidos num só, não posso dizer mais nada. Pessoalmente prefiro toda a sorte do mundo do meu lado do que habilidade.

— Talvez você esteja com a razão — admitiu Tommy. —

Mesmo assim, Tuppence, precisamos de um escritório maior.

— Por quê?

— Os clássicos — disse Tommy. — Precisamos de alguns metros a mais de prateleira se quisermos representar condignamente Edgar Wallace.

— Ainda não tivemos nenhum caso de Edgar Wallace.

— E talvez nunca tenhamos — disse Tommy. — Se você notar, ele nunca dá muita chance ao detetive amador. E sempre coisa para a Scotland Yard — sem falsificações torpes.

Albert, o mensageiro, apareceu à porta.

— O Inspetor Marriot quer vê-lo — anunciou ele.

— O homem misterioso da Scotland Yard — murmurou Tommy.

— O mais ocupado dos tiras — disse Tuppence. — Ou será que ele é espião de polícia? Sempre confundo Tiras e Espiões.

O Inspetor aproximou-se deles com um brilhante sorriso.

— Bem, como vão as coisas? — perguntou alegre. — Não sofreu os efeitos por causa de nossa pequena aventura no outro dia?

— Não, que nada — disse Tuppence. — Foi maravilhoso, não foi?

— Bem, não sei se eu descreveria exatamente da mesma maneira — disse Marriot, cauteloso.

— O que o trouxe aqui hoje, Marriot? — perguntou Tommy.

— Não foi só preocupação com o nosso sistema nervoso, foi?

— Não — disse o Inspetor. — É trabalho para o brilhante Sr.

Blunt.

— Ah! deixa eu fazer uma expressão brilhante — brincou Tommy.

— Vim para fazer-lhe uma proposta, Sr. Beresford. O que acha de arrebanhar uma quadrilha de verdade?

— Isso existe? — perguntou Tommy.

— O que você quer dizer com isso?

— Sempre pensei que as quadrilhas só existissem em romances, como vigaristas profissionais e supercriminosos.

— O vigarista profissional não é muito comum — concordou o Inspetor. — Mas, meu Deus, há um sem-número de quadrilhas agindo por aí.

— Não sei se terei um ótimo desempenho ao lidar com uma quadrilha — disse Tommy. — O crime amador, o crime de uma vida familiar calma, aí sim, acho que brilho. Drama de forte interesse doméstico. É isso — com Tuppence a meu lado para fornecer todos aqueles pequenos detalhes femininos que são tão importantes e ao mesmo tempo passíveis de serem menosprezados pelo homem ignorante.

Sua eloquência foi interrompida abruptamente quando Tuppence lhe jogou uma almofada e pediu-lhe para não falar tanta bobagem.

— Sempre se divertindo um pouco, não é, Sr. Beresford? —

disse o Inspetor e sorriu-lhes, paternal. — Espero que não se ofendam com o que vou dizer, mas para mim é um prazer ver duas pessoas jovens que aproveitam a vida tanto quanto vocês.

— Nós aproveitamos a vida? — perguntou Tuppence, arregalando os olhos. — Acho que sim. Nunca pensei nisso antes.

— Voltando à quadrilha de que estávamos falando — disse Tommy. — Apesar de minha grande experiência — duquesas, milionários e donas-de-casa —, talvez eu consinta em examinar o caso para o senhor. Não gosto de ver a Scotland Yard atrapalhada.

O *Daily Mail* estará atrás do senhor antes que saiba onde está.

— Vocês vão se divertir um pouco. Bem, vou explicar tudo.

— Ele deslocou a cadeira para a frente. — Há um número incalculável de notas falsas em circulação, agora — centenas delas! A quantidade de cédulas do Tesouro falsificadas é surpreendente. Um trabalho de arte. Aqui está uma delas.

Ele tirou uma nota de uma libra do bolso e entregou-a a Tommy.

— Parece verdadeira, não é?

Tommy examinou a cédula com grande interesse.

— Meu Deus, nunca iria desconfiar de que não fosse.

— É o que acontece com a maioria das pessoas. Olhe agora uma verdadeira. Vou-lhe mostrar as diferenças. São muito sutis, mas logo aprenderá a distingui-las. Tome esta lente de aumento.

Depois de cinco minutos de instrução, tanto Tommy quanto Tuppence estavam craques.

— O que quer que a gente faça, Inspetor Marriot? —

perguntou Tuppence. — Que se fique alerta para essas coisas?

— Muito mais do que isso, Sra. Beresford. Estou depositando toda a minha confiança em vocês; quero que cheguem ao cerne do problema. Sabe, descobrimos que as notas estão sendo distribuídas na zona leste. E quem as distribui é alguém da classe alta. Também as estão passando do outro lado do Canal. E há uma pessoa que nos está interessando muito. Um tal de Major Laidlaw — já ouviram falar?

— Acho que já — disse Tommy. — Ligado a corridas, não é?

— Isso mesmo. O Major Laidlaw é muito conhecido por causa do turfe. Não há nada de concreto contra ele mas o pessoal tem a impressão de que ele se meteu em uma ou duas transações duvidosas. Homens informados ficam ressabiados quando se menciona o nome dele. Ninguém sabe grande coisa sobre o seu passado, de onde veio. A esposa dele é uma francesa muito atraente que aonde vai carrega atrás uma fileira de admiradores.

Os Laidlaws gastam muito dinheiro e gostaria de saber a procedência dele.

— Provavelmente vem dos admiradores — sugeriu Tommy.

— É o que se pensa. Mas não tenho certeza. Pode ser mera coincidência, mas várias notas falsas são provenientes de um clube elegante que os Laidlaws e seus amigos freqüentam muito.

Não há maneira melhor para fazer circular o dinheiro falso do que o jogo e as corridas de cavalo.

— E onde entramos?

— Da seguinte maneira: pelo que sei, o jovem St. Vincent é amigo de vocês, não é? Ele é íntimo dos Laidlaws e da sua turma.

E através dele seria fácil vocês se imiscuírem no meio, o que seria quase impossível para um de nós. Terão uma oportunidade ideal.

— O que exatamente temos que descobrir?

— De onde conseguem o dinheiro, e se o estão passando.

— Já entendi — disse Tommy. — O Major Laidlaw sai com uma mala vazia e quando volta a mala está tão cheia que mal fecha. Como foi feito isso? Eu vou atrás dele e descubro. É isso?

— Mais ou menos. Mas não negligencie a esposa nem o pai dela, *M. Heroulade*. Lembre-se de que as notas estão sendo passadas em ambos os lados do Canal.

— Meu querido Marriot — exclamou Tommy com um tom de censura na voz —, os Brilhantes Detetives de Blunt não conhecem o significado da palavra negligência.

O inspetor se levantou.

— Bom, boa sorte para vocês — disse ele e saiu.

— Quente — disse Tuppence com entusiasmo.

— O quê? — perguntou Tommy, surpreso.

— Dinheiro falso — explicou Tuppence. — Sempre se chama de dinheiro quente. Sei que estou certa. Oh, Tommy, temos um caso típico de Edgar Wallace. Finalmente somos tiras.

— Somos mesmo. E vamos descobrir o Estalador direitinho.

— O que foi que disse? Entalhador ou Estalador?

— O Estalador.

— E o que é um Estalador?

— Inventei agora — disse Tommy. — Descreve bem aquele que passa notas falsas. As notas do banco estalam, por isso o chamei de Estalador. Nada mais simples.

— É uma boa idéia — disse Tuppence. — Torna a coisa mais real. Eu prefiro Farfalhador. É muito mais descritiva e sinistra.

— Não — disse Tommy —, eu disse Estalador primeiro e vou ficar com ela.

— Vou gostar deste caso — disse Tuppence. — Boates e bebidas. Vou comprar um rímel preto amanhã.

— Seus cílios já são pretos — objetou o marido.

— Mas podem ficar mais pretos ainda — disse Tuppence. —

Vou comprar um batom cereja também. Do tipo cintilante.

— Tuppence — disse Tommy —, você é realmente uma farrista. Que bom que está casada com um homem sóbrio e de meia-idade como eu.

— É só esperar — disse Tuppence. — Umas horinhas no Python Club e você já não estará tão sóbrio.

Tommy apanhou várias garrafas de dentro do armário, dois copos e um misturador de bebidas.

— Vamos começar agora — disse ele. — Estamos atrás de você, Estalador, e vamos pegá-lo.

CAPÍTULO XIV

O ESTALADOR

(Continuação)

Travar conhecimento com os Laidlaws foi tarefa fácil. Tommy e Tuppence, jovens, bem vestidos, cheios de vida e, evidentemente, cheios de dinheiro para gastar, logo se sentiram à vontade no círculo social dos Laidlaws.

O Major Laidlaw era alto, louro, de físico tipicamente inglês, um jeito de ser bastante esportivo, o que as profundas rugas em volta dos olhos e os ocasionais olhares de soslaio desmentiam, pois uma coisa não combina com a outra.

Ele era um jogador de cartas muito esperto e, Tommy observou, quando as apostas eram muito altas raramente saía da mesa derrotado.

Marguerite Laidlaw era coisa bem diferente: uma criatura encantadora, com a elegância de uma dríade e o rosto como que saído de um quadro de Greuze. O inglês entrecortado, esquisito, fascinava a todos e Tommy achou que não era de se admirar que a maioria dos homens fosse escrava dela. Desde o começo ela pareceu simpatizar muito com Tommy e ele, assumindo seu papel, passou ao rol dos admiradores da Sra. Laidlaw.

— Meu Tommee — dizia ela; — positivamente non posso passar sem meu Tommee. O cabelo dele tem a cor do crepuscule, non?

O pai dela era uma figura mais sinistra; muito correto, muito empertigado com sua barbicha preta e olhos observadores.

Tuppence foi a primeira a ter algum progresso. Levou a Tommy dez notas de uma libra.

— Dê uma olhada nelas. Não são verdadeiras, são?

Tommy examinou-as e confirmou o diagnóstico de Tuppence.

— Qual a origem delas?

— Quem me passou foi aquele menino, Jimmy Faulkener.

Marguerite Laidlaw entregou-as a ele para que jogasse num cavalo; eu disse que queria troco e dei-lhe uma nota de dez libras.

— Todas estalando de novas — disse Tommy pensativo. —

Não podem ter passado por muitas mãos. Acho que o jovem Faulkener é honesto, não é?

— Jimmy? Ah, ele é um amor. Nós estamos nos tornando grandes amigos.

— Foi o que notei — disse Tommy friamente. — Você acha que é realmente necessário?

— Ah, não são negócios — disse Tuppence, animada. — É

divertimento. Ele é um ótimo rapaz. Fico contente de tirá-lo das garras daquela mulher. Você não tem idéia da despesa que ela representa para ele.

— Pois me pareceu que ele está vidrado em você, Tuppence.

— Já pensei nisso. E bom saber que ainda se é jovem e atraente, não acha?

— Seus princípios de moral estão deploravelmente baixos, Tuppence. Você vê estas coisas pelo ângulo errado.

— Há muitos anos que não me divirto assim — declarou Tuppence abertamente. — E você? Quantos minutos me dedicou estes dias? Não está sempre aos pés de Marguerite Laidlaw?

— Negócios — disse ele decidido.

— Mas ela é atraente, não é?

— Não faz meu tipo — disse Tommy. — Não me atrainho.

— Mentiroso — riu Tuppence. — Mas sempre achei melhor casar-me com um mentiroso do que com um idiota.

— Acho que um marido não tem que ser, necessariamente, uma dessas coisas.

Mas Tuppence limitou-se a lançar-lhe um olhar apiedado e retirou-se.

No rol de admiradores da Sra. Laidlaw havia um cavalheiro simples mas extremamente rico: Hank Ryder.

O Sr. Ryder viera do Alabama e desde o princípio quis fazer amizade com Tommy e torná-lo seu confidente.

— Esta mulher é maravilhosa — disse o Sr. Ryder, seguindo a adorável Marguerite com olhar respeitoso. — Quanta cultura!

Não se pode superar *la gaie France*, não é? Quando estou perto dela, me sinto como se fosse uma das primeiras experiências do Todo-Poderoso. Acho que Ele teve que praticar muito antes de criar uma coisa tão adorável e perfeita quanto esta mulher.

Como Tommy concordasse delicadamente com este ponto de vista, o Sr. Ryder se abriu ainda mais.

— Parece-me lamentável que tão maravilhosa criatura tenha preocupações financeiras.

— E tem?

— É claro! Sujeito esquisito este Laidlaw. Ela tem medo dele.

Ela me disse. Não tem coragem de contar-lhe sobre as continhas dela.

— São *continhas* mesmo? — perguntou Tommy.

— Bem, afinal de contas, uma mulher tem que usar roupas e, pelo que vejo, quanto mais decotadas, mais caras. E uma mulher como essa não gosta de andar por aí vestida de qualquer jeito. E as cartas também; a pobrezinha tem levado muito azar ultimamente. Ora, ganhei cinqüenta libras dela ontem à noite.

— Ela levou duzentas de Jimmy Faulkener anteontem —
disse Tommy secamente.

— Ah, foi mesmo? Isso já me dá certo alívio. A propósito, parece que há muito dinheiro falso circulando agora pelo país. Fui fazer um pagamento no banco hoje de manhã e vinte e cinco notas eram falsificadas, segundo me informou o educado rapaz do banco.

— Um número considerável! Pareciam novas?

— Novinhas em folha. Ora, foram as que recebi da Sra.

Laidlaw. Não sei onde ela as conseguiu. É bem provável que tenha sido das corridas de cavalo.

— É — disse Tommy. — É bem provável.

— Sabe, Sr. Beresford, estou estreando este tipo de vida na alta sociedade. Todas essas senhoras alinhadas e tudo o mais.

Enriqueci há bem pouco tempo. Vim direto a Yurrop para ver a vida.

Tommy anuiu. Não pôde deixar de pensar que com a ajuda de Marguerite Laidlaw o Sr. Ryder veria bastante da vida, mas o preço seria bem caro.

E então, pela segunda vez, houve indícios de que as notas forjadas estavam sendo distribuídas bem pertinho e que, provavelmente, Marguerite Laidlaw participava desta distribuição.

Na noite seguinte, Tommy teve uma prova clara.

Foi no pequeno e selecionado lugar de encontro que o Inspetor Marriot mencionara. Dançava-se lá mas a verdadeira atração do lugar ficava por conta do que ocorria atrás da porta de duas folhas. Lá nas salas de jogo com mesas forradas de feltro verde, grandes quantias de dinheiro passavam de mão em mão.

Marguerite Laidlaw, levantando-se para ir embora, jogou uma quantidade de notas de pequeno valor nas mãos de Tommy.

— Muito volume, Tommee — troque elas parra mim, sim?

por uma nota grande. Olhe parra a minha bolsinha! Pode arrebentar.

Tommy levou-lhe a nota de cem libras, como ela pedira.

Depois, sentado a um canto, examinou as notas que ela lhe dera.

Pelo menos um quarto delas era falsificado.

Mas de onde vinham? Ainda não tinha resposta para isso.

Com a ajuda de Albert, estava quase certo de que Laidlaw não era o homem que procuravam. Todos os seus movimentos foram observados de perto, sem resultado.

Tommy desconfiava do pai dela, o grave M. Heroulade. Ia e voltava da França com muita freqüência. Nada mais fácil do que trazer as notas consigo. Uma mala com o fundo falso — ou qualquer coisa no gênero.

Tommy saiu do Clube devagar, absorto nestes pensamentos; de repente lembrou-se das necessidades imediatas. No meio da rua, o Sr. Hank P. Ryder; e ficou logo evidente que não estava lá muito sóbrio. Neste exato momento tentava pendurar o chapéu no

radiador de um carro, errando todas as vezes por questão de centímetros.

— Que diabo de cabide, que diabo de cabide — lamentava o Sr. Ryder. — Não é como lá nos Estados Unidos. Lá o homem pode pendurar o chapéu toda noite — toda noite. O senhor está usando dois chapéus. Nunca vi ninguém usar dois chapéus antes. Deve ser efeito do clima.

— Talvez eu tenha duas cabeças — retrucou Tommy, sério.

— É isso mesmo — disse o Sr. Ryder. — Que coisa estranha.

Um fato notável. Vamos tomar qualquer coisa. A Lei Seca — foi isso que a Lei Seca me fez. Acho que estou bêbado —

constitucionalmente bêbado. Coquetel — mistura — Beijo de Anjo

— esta é Marguerite — criatura adorável — gosta de mim também.

Pescoços de Cavalos, dois martinis — três Caminho para a Ruína

— não, ruína para caminho — misture tudo numa caneca de cerveja. Aposto que eu não ia — eu disse — droga — eu disse...

Tommy interrompeu-o.

— Está tudo bem — disse querendo reconfortá-lo. — Que tal irmos para casa?

— Não tenho casa para ir — disse o Sr. Ryder, triste e começou a chorar.

— Em que hotel está hospedado? — perguntou Tommy.

— Não posso ir para casa — disse o Sr. Ryder. — Caça ao Tesouro. Que belo ato. E ela fez. Whitechapel — corações brancos, brancas cabeças tristes na cova...

Mas o Sr. Ryder de repente se tornou sério. Conseguiu ficar ereto e comandar, milagrosamente, sua fala.

— Estou-lhe dizendo, meu rapaz. Margee me levou. No carro dela. Caça ao Tesouro. Toda a aristocracia inglesa faz isso. Na rua.

Quinhentas libras. Pensamento solene, é um pensamento solene.

Estou-lhe dizendo, meu rapaz. O senhor foi bom para mim. O senhor me tocou o coração. Nós americanos...

Desta vez Tommy interrompeu com menos cerimônia ainda.

— O que você está dizendo? A Sra. Laidlaw levou-o num carro?

O americano aquiesceu, solene, como uma coruja.

— Para Whitechapel?

Novamente ele concordou.

— E achou quinhentas libras lá?

O Sr. Ryder lutou para encontrar as palavras.

— E-la encontrou — corrigiu ele. — Deixou-me do lado de fora. Do lado de fora da porta. Sempre me deixam de fora. É triste.

Sempre, sempre de fora.

— Saberá voltar lá?

— Acho que sim. Hank Ryder não se perde...

Tommy arrastou-o sem a menor cerimônia. Encontrou o próprio carro e logo estavam na estrada, indo em direção ao leste.

O ar frio reavivou o Sr. Ryder. Depois de cair no ombro de Tommy, como que entorpecido, ele acordou com as idéias claras.

— Escute, rapaz, onde estamos? — perguntou ele.

— Whitechapel — disse Tommy, sério. — Foi aqui que veio com a Sra. Laidlaw esta noite?

— Parece-me familiar — admitiu o Sr. Ryder olhando a sua volta. — Acho que viramos à esquerda em algum lugar por aqui.

Aqui — nesta rua.

Tommy virou, obediente. O Sr. Ryder dava as coordenadas.

— É isso mesmo. Certo. Agora à direita. Puxa, que cheiro horrível. Depois do bar, na próxima esquina, vire e pare na entrada daquela pequena vila. Mas o que tem em mente? Conte para mim. Esqueceram alguma grana? Vai enganá-los?

— Exatamente — disse Tommy. — Vamos enganá-los. Até parece piada, não é?

— Parece mesmo — concordou o outro. — Embora eu ainda esteja um pouco confuso com tudo isso — finalizou ele, melancólico.

Tommy saltou do carro e ajudou o Sr. Ryder a fazer o mesmo. Eles entraram na pequena vila. A esquerda se via os fundos de casas arruinadas, a maioria das quais com portas que davam para a vila. O Sr. Ryder parou defronte de uma dessas portas.

— Foi aqui que ela entrou — disse ele. — Foi por essa porta.

Tenho absoluta certeza.

— São todas muito parecidas — disse Tommy. — Isto me lembra a história do soldado e da princesa. Marcaram a porta com uma cruz. Será que devemos fazer o mesmo?

Rindo, apanhou um pedaço de giz do bolso e desenhou uma cruz na parte inferior da porta. Depois olhou para os vultos que rondavam em cima dos muros, um dos quais uivava de uma maneira que se ficava arrepiado.

— Como tem gato por aqui — observou Tommy, contente.

— Como quer agir? — perguntou o Sr. Ryder. — Devemos entrar?

— Tendo tomado as devidas precauções, entramos — disse Tommy.

Ele olhou para ambos os lados da vila e depois, com toda a calma, experimentou a porta. Esta cedeu. Ele abriu-a com um empurrão e entrou numa área mal iluminada.

Atravessou em silêncio, o Sr. Ryder bem junto dele.

— Nossa — disse o último —, vem alguém aí.

Ele saiu de novo. Tommy ficou parado por um minuto e depois, como nada ouvisse, continuou. Apanhou uma lanterna no bolso e acendeu-a por um segundo. Esta luz momentânea possibilitou-lhe uma visão do caminho a seguir. Avançou mais um pouco e experimentou uma porta fechada à sua frente. Esta também cedeu; ele abriu-a devagar e entrou.

Parou por um segundo, os ouvidos aguçados; depois acendeu de novo a lanterna e, como se isto fosse um sinal combinado, o lugar pareceu ganhar vida. Dois homens estavam à sua frente, dois atrás dele. Aproximaram-se dele e o derrubaram.

— Luz — vociferou uma voz.

Acenderam um lampião a gás. Com essa luz Tommy viu um círculo de rostos desagradáveis. Seus olhos vagaram pela sala e observaram alguns objetos que lá havia.

— Ah! — disse cheio de prazer. — O quartel-general da indústria de falsificação, se não estou enganado.

— Vá calando a boca — rosnou um dos homens.

Atrás de Tommy uma porta abriu e fechou e uma voz conhecida e jovial se fez ouvir:

— Pegamos ele, garotos. Muito bem. Agora, seu Espia, vou-lhe dizer que está em apuros.

— Esta palavra me faz vibrar — disse Tommy. — Sim, sou o Misterioso Homem da Scotland Yard. Ora, é o Sr. Hank Ryder. Isto realmente é uma surpresa.

— Deve ser mesmo. Já ri muito hoje trazendo você aqui como se fosse uma criancinha. E você tão contente com sua astúcia. Ora, rapaz, estava de olho em você desde o começo. Você simplesmente estava deslocado naquela turma. Deixei você brincar um pouco mas depois que ficou desconfiado da adorável Marguerite, disse para mim mesmo: “Chegou a hora de levá-lo até lá.” Acho que seus amigos não terão notícias suas por algum tempo.

— Vai dar cabo de mim? Acho que essa é a expressão correta, não é? Você me aborrece.

— Você é muito ousado. Não, não vamos usar de violência.

Só vamos mantê-lo sob controle.

— Acho que pegou o bonde errado — disse Tommy. — Não tenho intenção de ser “mantido sob controle”, como você diz.

O Sr. Ryder sorriu, contente. Lá fora um gato uivou melancolicamente para a lua.

— Se fiando na cruz que fez na porta, hein, rapaz? — disse o Sr. Ryder. — Não faria isso, se fosse você. Conheço a história que mencionou. Ouvi quando era pequeno. Voltei ao beco para representar o papel do cachorro de olhos tão grandes quanto faróis. Se voltasse lá agora veria que cada porta da vila tem uma cruz idêntica à que você fez.

Tommy deixou tombar a cabeça, desanimado.

— Pensou que fosse muito esperto, não é? — disse Ryder.

Quando acabou de proferir estas palavras, ouviu-se uma pancada seca na porta.

— O que foi isso? — disse ele, assustado.

Ao mesmo tempo investiram na frente da casa. A porta dos fundos não ofereceu resistência. A fechadura cedeu quase que de imediato e por ali entrou o Inspetor Marriot.

— Bom trabalho, Marriot — disse Tommy. — Você estava certo quanto ao bairro. Gostaria que conhecesse o Sr. Hank Ryder, conhecedor dos melhores contos de fada.

— Sabe, Sr. Ryder — acrescentou ele —, eu desconfiava do senhor. Albert (aquele cara com ar de importante e orelhas grandes é Albert) recebeu ordens para segui-lo em sua motocicleta caso eu e o senhor fôssemos dar um passeio. E enquanto eu fazia, ostensivamente, uma cruz na porta para distraí-lo, também esvaziei uma garrafa de valeriana no chão. Um cheiro horroroso, mas os gatos adoram. Todos os gatos da vizinhança se juntaram lá fora para marcar a casa certa para quando Albert e a polícia chegassem.

Ele olhou e sorriu para o atônito Sr. Ryder e depois se levantou.

— Disse que ia apanhar o estalador e apanhei mesmo —

observou ele.

— Sobre o que está falando? — perguntou Ryder. — O que quer dizer com — Estalador?

— Vai encontrar a palavra no glossário do próximo dicionário penal — disse Tommy. — “Etimologia Suspeita”.

Ele olhou a sua volta com um sorriso nos lábios.

— E tudo sem a ajuda de nenhum espião de polícia —

murmurou, orgulhoso. — Boa noite, Marriot. Tenho que ir para onde o final feliz da história me espera. Não existe recompensa igual ao amor de uma boa mulher — e o amor de uma boa mulher me espera em casa — quer dizer, espero que sim, mas não se pode ter certeza hoje em dia. Este trabalho foi muito perigoso, Marriot.

Conhece o Capitão Jimmy Faulkener? Ele dança maravilhosamente bem e quanto ao gosto para os coquetéis...!

Sim, Marriot, este trabalho foi muito perigoso.

CAPÍTULO XV

O MISTÉRIO DE SUNNINGDALE

— Sabe onde vamos almoçar hoje, Tuppence? A Sra.

Beresford refletiu.

— No Ritz? — sugeriu, esperançada.

— Dê outro palpite.

— Naquele lugarzinho gostoso, no Soho?

— Não. — Seu tom de voz estava cheio de importância. —

Numa lanchonete. Na verdade, esta aqui.

Ele a fez entrar no estabelecimento, levando-a a uma mesa de canto de tampo de mármore.

— Excelente — disse Tommy, satisfeito, ao sentar-se. — Não podia ser melhor.

— Por que de repente esta paixão pela vida simples? —
perguntou Tuppence.

— *Você vê, Watson, mas não observa.* Será que alguma dessas orgulhosas moças terá a bondade de notar a nossa presença? Esplêndido, lá vem uma. É claro que parece estar pensando em outra coisa, mas sem dúvida seu subconsciente se ocupa de coisas como presunto com ovos e xícaras de chá.

Costeleta com batatas fritas, por favor, senhorita, uma xícara grande de café, pão com manteiga e um prato de língua para a senhora.

A garçonete repetiu o pedido com desdém mas Tuppence inclinou-se e interrompeu-a.

— Não, não traga costeleta nem batata frita. Este cavalheiro vai querer torta de queijo e um copo de leite.

— Uma torta de queijo e leite — disse a garçonete com maior desprezo ainda, como se fosse possível. Ainda pensando em outra coisa ela se retirou.

— Isto foi desnecessário — disse Tommy friamente.

— Mas eu estou certa, não estou? Você é Old Man in the Corner? Onde está o barbante?

Tommy tirou um barbante dobrado do bolso e começou a fazer nós.

— Completo até o último detalhe — murmurou ele.

— Mas você cometeu um engano no pedido.

— As mulheres pegam as coisas de maneira tão literal —

disse Tommy. — Se há uma coisa que detesto é leite e as tortas de queijo, sempre tão amarelas e de aspecto tão bilioso.

— Seja um artista — disse Tuppence. — Veja como vou atacar a língua fria. Que coisa deliciosa, língua fria. Pronto, agora já estou pronta para assumir o papel da Srta. Polly Burton. Faça um nó grande e comece.

— Em primeiro lugar — disse Tommy —, falando estritamente em termos profissionais, deixe-me salientar uma coisa: os negócios andam meio parados ultimamente. Se eles não vêm a nós, devemos ir ao encontro deles. Levar nossas mentes a um dos grandes mistérios públicos do momento. O que me leva ao ponto crítico: o Mistério de Sunningdale.

— Ah! — exclamou Tuppence com profundo interesse. — O

Mistério de Sunningdale!

Tommy tirou um recorte todo amassado do bolso e colocou-o sobre a mesa.

— Este é o último retrato do capitão Sessle como apareceu no *Daily Leader*.

— Exatamente — disse Tuppence. — Não sei como ninguém processa os jornais de vez em quando. Pode-se ver que é um homem, e só.

— Quando eu disse o Mistério de Sunningdale, deveria ter dito o assim chamado Mistério de Sunningdale — continuou Tommy

rapidamente.

— Talvez um mistério para a polícia, mas não para uma mente inteligente.

— Faça outro nó — disse Tuppence.

— Não sei até que ponto você se lembra do caso —

continuou Tommy.

— Lembro-me de todo ele — disse Tuppence — mas não deixe que isso arruíne seu estilo.

— Foi há poucas semanas — disse Tommy — que se fez a horrível descoberta nos famosos campos de golfe. Dois membros do clube que jogavam cedo ficaram horrorizados ao descobrir o corpo de um homem de braços no sétimo t. Mesmo antes de tê-lo virado, já sabiam que se tratava do Capitão Sessle, figura muito conhecida no campo de golfe e que sempre usava um casaco azul brilhante.

— O Capitão Sessle era visto muitas vezes no campo, treinando bem cedo e se pensou, a princípio, que ele tivesse sido acometido de algum distúrbio do coração. Mas a autópsia revelou o fato sinistro de que fora assassinado; um objeto muito significativo perfurou-lhe o coração: *um alfinete de chapéu feminino*. Também descobriram que já estava morto há pelo menos doze horas.

— Isto modificou tudo e logo fatos muito interessantes vieram à baila. Praticamente a última pessoa a ver o Capitão Sessle vivo foi seu sócio e amigo Sr. Hollaby, da Companhia de Seguros Porcupine, e a versão dele foi a seguinte:

— Sessle e ele jogaram uma partida bem cedo. Depois do chá o outro sugeriu que jogasse mais alguns buracos antes que ficasse muito escuro. Hollaby concordou, Sessle parecia contente e em excelente forma. Há uma pequena calçada pública que atravessa o

campo de golfe e, quando estavam no sexto *green*, Hollaby viu que uma mulher se aproximava. Era muito alta, trajava roupa marrom; Hollaby não prestou maior atenção a ela e acha que Sessle nem a viu.

— A calçada em questão passa defronte do sétimo t —

continuou Tommy. — A mulher passou por ela e foi parar do outro lado, como se esperasse alguém. O Capitão Sessle foi o primeiro a alcançar o t. Quando Hollaby se aproximou do t ficou surpreso ao ver Sessle e a mulher conversando. Quando chegou ainda mais perto, ambos se voltaram abruptamente, Sessle gritando por sobre o ombro: — É só um minuto.

— Os dois continuaram a andar, lado a lado. ainda conversando muito. Ali a calçada já não passa mais pelo campo e sim entre as duas cercas de jardins vizinhos, saindo na estrada que dá em Windlesham.

— O Capitão Sessle sempre mantinha a palavra. Reapareceu um ou dois minutos depois, o que muito alegrou Hollaby, já que dois outros jogadores seguiam atrás deles e escurecia rapidamente. Eles seguiram adiante e, imediatamente, Hollaby notou que acontecera alguma coisa com o companheiro. Além de dar tacadas desastrosas, o rosto era uma máscara de preocupação e trazia a testa enrugada. Mal respondeu às observações do companheiro e seu jogo era terrível. Claro que sucedera alguma coisa.

— Jogaram um pouco mais e depois o Capitão Sessle afirmou de repente que a luz já não estava boa e que ia para casa.

Neste ponto havia um desses caminhos que leva à estrada de Windlesham e o capitão foi por ali, cortando caminho para casa, um pequeno bangalô nesta mesma estrada. Os dois outros jogadores se aproximaram, o Major Barnard e Sr. Leck; Hollaby relatou-lhes a súbita mudança de comportamento de Sessle. Eles também haviam visto o capitão conversando com uma mulher de roupa marrom,

mas não lhe viram o rosto. Todos os três ficaram intrigados; o que a mulher poderia ter dito ao capitão para aborrecê-lo daquela maneira?

— Os três voltaram juntos ao clube e, segundo informações, foram as últimas pessoas que viram o Capitão Sessle vivo. Era uma quarta-feira e, às quartas-feiras, vende-se passagens baratas para Londres. O casal que toma conta do bangalô de Sessle estava na cidade, como de costume, e só voltaram tarde, no último trem.

Entraram em casa como sempre e pensaram que o patrão estivesse dormindo no quarto. A mulher estava fora, fazendo uma visita.

— O assassinato do capitão foi uma sensação. Ninguém podia imaginar um motivo. A identidade da mulher alta, vestida de marrom, foi amplamente discutida mas sem nenhum resultado. A polícia, como sempre, foi acusada de negligente — o que é injusto. Uma semana depois foi presa uma moça chamada Doris Evans, acusada do assassinato de Anthony Sessle.

— A polícia dispunha de pouco material para trabalhar; um fio de cabelo louro achado nos dedos do falecido e alguns fios de lã escarlata que se prenderam em um dos botões do casaco azul.

Interrogatórios feitos na estação de trem e em outros lugares trouxeram à tona os seguintes fatos:

— Uma jovem de casaco escarlata e saia chegara de trem naquele dia, mais ou menos às sete horas, e perguntara o caminho para a casa do capitão. A mesma moça reapareceu, na estação, duas horas depois. O chapéu estava torto, o cabelo desgrenhado e parecia muito agitada. Pediu informações sobre os trens para Londres e olhava, sem cessar, por sobre o ombro como se temesse alguma coisa.

— Nossa polícia tem muitas qualidades. Munida de poucos indícios como esses conseguiu achar a moça e identificá-la como sendo

Doris Evans. Foi acusada de assassinato e preveniram-lhe de que qualquer coisa que dissesse poderia ser usada contra ela mas, mesmo assim, ela insistiu em prestar depoimento, que repetiu detalhadamente, sem nenhuma modificação.

— Sua história é a seguinte: ela é datilógrafa e, uma noite, no cinema, fez amizade com um homem bem vestido que disse ter gostado dela. Disse-lhe que seu nome era Anthony e sugeriu que ela fosse ao seu bangalô em Sunningdale. Ela nunca soube que ele era casado. Combinaram que ela iria na quarta-feira seguinte, dia em que, você se lembra, os criados estariam ausentes e a mulher também. No fim ele lhe disse o nome todo, Anthony Sessle, e deu-lhe o nome da casa.

— Ela realmente chegou ao bangalô na tarde em questão e foi recebida por Sessle, que acabava de chegar do campo de golfe.

Embora ele dissesse que estava muito contente em vê-la, a moça declarou que achou-o estranho, diferente. Tendo pressentido qualquer coisa, ela disse que preferia não ter vindo.

— Depois de uma refeição simples, já pronta e preparada, Sessle sugeriu que dessem um passeio. Como a moça concordou, Sessle levou-a pela estrada e passou pelo atalho do campo de golfe. E então, quando passavam pelo sétimo t, ele agiu como se estivesse louco. Tirou um revólver do bolso e, sacudindo-o no ar, disse que chegara aos limites de suas forças.

— Tudo deve acabar! Estou arruinado — arruinado. E você vai acabar comigo. Vou atirar em você primeiro e depois em mim.

Encontrarão nossos cadáveres lado a lado pela manhã — juntos na morte.

— E falou muito mais. Agarrou Doris Evans pelo braço e ela, percebendo que lidava com um louco, fez esforços desesperados para se livrar e, se não conseguisse, tentaria tirar-lhe o revólver.

Eles lutaram e nesta luta ele deve ter arrancado alguns fios do cabelo dela e a lã do seu casaco deve ter ficado presa no botão dele.

— Finalmente, num esforço desesperado, ela conseguiu se livrar e correu o máximo que podia pelo campo de golfe esperando, a cada minuto, ser alvejada. Caiu duas vezes, tropeçando em urzes, mas conseguiu finalmente ganhar a estrada que levava à estação e depois percebeu que não estava sendo perseguida.

— Esta é a versão de Doris Evans e é a única. Ela nega veementemente que o tenha atacado com um alfinete de chapéu em autodefesa — coisa que seria bem natural naquelas circunstâncias e que talvez seja verdade. Confirmando sua história, acharam um revólver no meio de uns arbustos próximos ao lugar onde foi encontrado o corpo. Não foi disparado.

— Doris Evans foi mandada a julgamento mas o mistério ainda permanece. Se acreditarmos na história dela, quem matou o Capitão Sessle? A outra mulher, aquela vestida de marrom cuja presença tanto o aborreceu? Até agora ninguém pôde explicar a ligação dela com o caso. De repente ela aparece na calçada que cruza o campo de golfe, depois desaparece pelo atalho e ninguém ouve falar dela de novo. Quem é ela? Uma habitante local? Uma visitante de Londres? Se for, veio de carro ou de trem? Não há nada excepcional nela, a não ser a altura; parece que ninguém consegue descrevê-la. Ela não poderia ser Doris Evans porque Doris é baixa, loura e além do mais chegava à estação naquela hora.

— A esposa? — sugeriu Tuppence. — E a esposa?

— Uma sugestão muito natural. Mas a Sra. Sessle é baixa e, além do mais, o Sr. Hollaby a conhece muito bem. Também não há a menor dúvida de que estava fora. Surgiu um outro fato: a Companhia de Seguros Porcupine abriu falência. As contas revelam o mais ousado desvio de fundos. O motivo das palavras amargas de

Sessle a Doris Evans é bastante claro agora. Há alguns anos ele vem desviando dinheiro sistematicamente. Nem o Sr. Hollaby nem o seu filho tinham a menor idéia do que estava acontecendo. Estão praticamente arruinados.

— E o caso está neste pé. O Capitão Sessle estava prestes a ser descoberto e arruinado. O suicídio seria uma solução natural, mas a natureza da ferida desmente esta teoria. Quem o matou?

Doris Evans? Ou a misteriosa mulher de marrom?

Tommy calou-se, deu um gole no leite, fez uma cara horrível e, com todo o cuidado, provou a torta de queijo.

CAPÍTULO XVI

O MISTÉRIO DE SUNNINGDALE

(Continuação)

— Claro — murmurou Tommy —, vi logo quais eram as dificuldades deste caso e onde a polícia se enganou.

— Foi? — perguntou Tuppence, ansiosa.

Tommy balançou a cabeça com tristeza.

— Quem me dera. Tuppence, até certo ponto é fácil ser o Old Man in the Corner. Mas não sei a solução. Quem matou o camarada? Não sei.

Ele tirou outros recortes de jornal do bolso.

— Outras fotos — o Sr. Hollaby, o filho, a Sra. Sessle, Doris Evans.

Tuppence fixou-se nesta última e pôs-se a olhá-la durante algum tempo.

— Ela não o matou — observou, por fim. — Pelo menos não com um alfinete de chapéu.

— Por que está tão certa disso?

— Um toque de *Lady Molly*. Ela tem cabelo curto. Hoje, entre vinte mulheres, só uma usa este tipo de alfinete, cabelo curto ou comprido. Os chapéus são apertados, se enterram na cabeça —

não há necessidade de usar alfinetes.

— Mesmo assim ela podia ter um.

— Meu querido, não os guardamos como relíquias! Para que ela traria um alfinete de chapéu para Sunningdale?

— Então deve ter sido a outra mulher, a mulher de marrom.

— Seria bom se não fosse alta. Aí poderia ter sido a mulher dele. Sempre desconfio das esposas que estão fora nestas ocasiões. Se ela descobriu que o marido estava de caso com esta moça, seria mais que natural que o matasse com um alfinete.

— Tenho que ter cuidado — observou Tommy.

Mas Tuppence estava muito concentrada e se recusou a aceitar a brincadeira.

— Como eram os Sessles? — perguntou de repente. — O que as pessoas dizem sobre eles?

— Pelo que sei, eram muito queridos. Ele e a esposa pareciam se gostar muito. É isso que torna a história da moça tão esquisita. Seria a última coisa que se podia esperar de Sessle. Era um ex-soldado, você sabe. Recebeu um bom dinheiro, se aposentou e entrou na área de seguros. Seria o último homem do mundo de quem desconfiaria. Não podia imaginar que fosse um vigarista.

— Tem certeza de que era um vigarista? Não poderiam ter sido os outros dois que tiraram o dinheiro?

— Os Hollabys? Eles dizem que estão arruinados.

— Ah, eles dizem! Talvez esteja tudo depositado num banco sob outro nome. Estou falando *grosso modo*, mas você sabe o que quero dizer. Digamos que especulassem com o dinheiro durante algum tempo, sem o consentimento de Sessle, e o tenham perdido.

Seria muito conveniente para eles que Sessle morresse quando morreu.

Tommy deu umas pancadinhas com o dedo no retrato do Sr.

Hollaby.

— Então você está acusando este respeitável senhor de assassinato do amigo e sócio? Você se esquece que ele se afastou de Sessle no campo de golfe às vistas de Barnard e Lecky e passou a noite em Dormy House? Além disso, há o alfinete.

— Não me amole com esse alfinete — disse Tuppence, impaciente.

— Você acha que o alfinete prova que o crime foi cometido por uma mulher?

— Naturalmente. Você não concorda?

— Não. Os homens são sabidamente conservadores. Levam séculos para se libertarem de idéias preconcebidas. Associam alfinetes e grampos com o sexo feminino, e os chamam de "armas femininas". Podem tê-lo sido no passado, mas agora estão fora de moda. Olha, há pelo menos quatro anos não tenho nenhuma dessas coisas.

— Então você acha...?

— Que foi um *homem* que matou Sessle. O alfinete foi justamente para se pensar que o assassino é uma mulher.

— Você pode ter razão, Tuppence — disse Tommy, devagar.

— É impressionante como as coisas tomam outro rumo quando discutimos sobre elas.

Tuppence aquiesceu.

— Tudo tem lógica — se olhado pelo ângulo certo. E lembre-se do que Marriot disse uma vez sobre o ponto de vista — a *intimidade* em relação ao assunto. Sabemos alguma coisa sobre as pessoas como o Capitão Sessle e a mulher dele. Sabemos do que são e do que não são capazes. E cada um de nós tem seu conhecimento especial.

Tommy sorriu.

— Você quer dizer que é uma autoridade sobre pessoas de cabelos curtos, sabe o que têm em seu poder e que também tem profundo conhecimento do que as esposas são passíveis de sentir e fazer?

— Mais ou menos isso.

— E quanto a mim? Qual é meu conhecimento profundo?

Sobre maridos que saem com garotas, etc.?

— Não — disse Tuppence, séria. — Você conhece o campo de golfe — já estive lá várias vezes — não como detetive atrás de pistas mas como jogador. Você sabe muito sobre este esporte e o que é capaz de tirar um homem do jogo.

— Só uma coisa muito séria poderia tirar Sessle do jogo. Seu *handicap* é dois e a partir do sétimo t ele jogou feito uma criança, pelo que disseram.

— Quem disse?

— Barnard e Lecky. Jogavam bem atrás dele, não se esqueça.

— Isto foi depois que ele encontrou a tal mulher — a de roupa marrom. Eles o viram falando com ela, não é?

— Viram — pelo menos...

Tommy calou-se. Tuppence olhou-o e viu que estava confuso. Olhava para o barbante que tinha nas mãos mas com olhos de quem vê algo muito diferente.

— Tommy — o que foi?

— Fique quieta, Tuppence. Estou jogando o sexto buraco em Sunningdale. Sessle e o velho Hollaby estão no sexto *green* à minha frente. Escurece, mas posso ver perfeitamente o casaco azul de Sessle. E na calçada, à minha esquerda, uma mulher se aproxima. Ela não veio do campo feminino — fica à direita —, eu a veria se tivesse vindo dali. E é estranho não tê-la visto na calçada antes, por exemplo, do quinto t.

Ele fez uma pausa.

— Você acabou de dizer que conheço o campo, Tuppence.

Logo atrás do sexto t há uma pequena cabana ou abrigo feito de relva. Qualquer um poderia esperar lá — até o momento exato.

Poderiam mudar a aparência lá. Quer dizer — diga-me, Tuppence, é aqui que seu conhecimento especial entra em cena de novo —

seria difícil para um homem parecer com uma mulher e depois voltar a ser um homem de novo? Poderia usar, por exemplo, uma saia sobre os calções de golfe?

— Sem dúvida. A mulher pareceria um pouco gorda, só isso.

Seria necessário uma saia comprida marrom, um suéter marrom que tanto mulher quanto homem usam e um chapéu de feltro feminino com cachos de cabelos presos em cada lado. Só isso seria necessário; é claro que estou falando do que se passaria a distância, que acho que é onde você quer chegar. Tirando a saia, o chapéu e os cachos, vestindo um boné masculino, que se pode carregar enrolado na mão, e pronto — volta-se a ser homem de novo.

— E quanto é preciso para a transformação?

— De mulher para homem um minuto e meio no máximo, talvez menos. O inverso levaria mais tempo, a pessoa teria que arrumar um pouco o chapéu e os cachos; a saia também ficaria presa sobre os calções.

— Isso não me preocupa. Só interessa o tempo do primeiro.

Como lhe dizia, estou jogando no sexto buraco. A mulher de marrom chegou ao sétimo t agora. Ela o atravessa e espera.

Sessle, no seu casaco azul, vai na direção dela. Ficam parados juntos por um minuto, e depois dão uma caminhada por onde não se pode vê-los. Hollaby está sozinho no t. Passam-se dois ou três minutos. Eu estou no *green* agora. O homem de casaco azul volta e começa a fazer jogadas desastrosas. Escurece cada vez mais.

Meu parceiro e eu continuamos. À nossa frente estão aqueles dois, Sessle fazendo tudo que não deveria. No oitavo *green* eu o vejo ir embora e desaparecer. O que aconteceu a ele para fazê-lo jogar como se fosse outro homem?

— A mulher de marrom — ou o homem, se você pensa que era um homem.

— Exatamente, e onde estavam — onde ninguém podia vê-

los — há um emaranhado de arbustos. Pode-se jogar um corpo lá e saber que só vai ser descoberto na manhã seguinte.

— Mas Tommy! Alguém teria ouvido...

— Ouvido o quê? Os médicos estão de acordo: a morte deve ter sido instantânea. Vi homens morrerem assim na guerra.

Geralmente não gritam; gemem, sussurram ou até tosem. Sessle aproxima-se do sétimo t e a mulher vem em sua direção e fala com ele. Ele a reconhece, talvez, como o homem que conhece, disfarçado. Curioso para saber o porquê e para que, deixa-se levar pela calçada, onde não se pode mais vê-los. Uma investida com o alfinete mortal enquanto caminham. Sessle cai — morto. O outro homem arrasta o corpo para o emaranhado de arbustos, tira-lhe o casaco azul e esconde a saia, o chapéu e os cachos. Veste o conhecido casaco de Sessle, o boné e volta ao t. Três minutos seriam necessários. Os que estão atrás não lhe podem ver o rosto, só o conhecido casaco azul. Não duvidam de que se trata de Sessle

— *mas ele não joga como Sessle.* Todos viram que jogava como se fosse outro homem. *Era* outro homem.

— Mas...

— Ponto n.º 2: A iniciativa de levar a garota até lá foi de *outro homem*. Não foi Sessle que encontrou Doris Evans num cinema e a induziu a ir a Sunningdale. Foi um homem que se chamou de Sessle. Lembre-se que Doris Evans só foi presa quinze dias depois. *Ela nunca viu o corpo.* Se o visse causaria espanto a todos declarando que aquele não era o homem que a levou ao campo de golfe aquela noite e que falou de maneira tão violenta sobre suicídio. Foi tudo muito bem planejado: a moça convidada para ir à casa de Sessle na quarta-feira, quando não havia ninguém lá, e o alfinete de chapéu que incriminaria uma mulher.

O assassino se encontra com a moça, leva-a ao bangalô e jantam juntos; depois ele a leva ao campo de golfe e quando chega ao local do crime agita o revólver e assusta a moça a mais não poder.

Quando ela já está longe, tudo o que ele tem a fazer é arrastar o corpo e deixá-lo lá no t. Faz o revólver desaparecer nos arbustos.

Depois faz um embrulho da saia e, agora admito que estou conjecturando, mas tudo indica que tenha andado até Wolking, que fica a apenas uns dez quilômetros de distância e de lá volta à cidade.

— Espere um pouco — disse Tuppence. — Tem uma coisa que você não explicou: e o Hollaby?

— Hollaby?

— É. Admito que as pessoas que vinham atrás não podiam ver se era Sessle ou não. Mas não vá me dizer que a pessoa que jogava com ele ficou tão hipnotizada pelo casaco azul que não olhou para o rosto dele.

— Minha velha — disse Tommy. — Este é exatamente o ponto. Hollaby sabia muito bem. Estou adotando a sua teoria de que Hollaby e o filho são os verdadeiros defraudadores. O

assassino tem que ser muito íntimo de Sessle pois sabia, por exemplo, que os empregados saíam às quartas-feiras e que a mulher estava fora. E também alguém que pudesse tirar o molde da fechadura de Sessle. Acho que Hollaby, o filho, preencheria todos esses quesitos. Tem mais ou menos a mesma idade e altura de Sessle e ambos não usavam barba. Provavelmente Doris Evans viu várias fotografias da vítima no jornal mas, como você mesma observou, só se vê que é um homem, nada mais.

— Ela chegou a ver Hollaby no tribunal?

— O filho nunca apareceu no caso. Por que apareceria? Não tinha nenhum testemunho a dar. Todo o tempo o velho Hollaby, com seu álibi irretocável, foi o alvo das atenções. Ninguém se lembrou de perguntar o que fazia o filho naquela tarde.

— Tudo se encaixa perfeitamente — admitiu Tuppence.

Calou-se por um instante e depois perguntou: — Você vai contar tudo isso à polícia?

— Não sei se escutariam.

— É claro que sim — disse inesperadamente alguém atrás deles.

Tommy virou-se e viu o Inspetor Marriot. Sentava-se à mesa próxima à deles. Defronte dele, um ovo pochê.

— Venho muitas vezes almoçar aqui — disse o Inspetor. —

Como dizia, a polícia escutaria — na verdade; eu estava escutando. Sabe, não ficamos satisfeitos com a contabilidade da Porcupine. Suspeitávamos de Hollaby mas não tínhamos nenhuma prova. Muito esperto para nós. Depois veio o assassinato que jogou por terra nossas teorias. Mas graças ao senhor e à senhora, faremos uma acareação do jovem Hollaby com Doris Evans e vamos ver se ela o reconhece. Tenho certeza de que reconhecerá. Esta idéia do casaco azul foi genial. Vou providenciar para que os Brilhantes Detetives de Blunt tenham os méritos deste caso.

— O senhor é muito gentil, Inspetor Marriot — disse Tuppence, agradecida.

— Pensamos muito em vocês na Scotland Yard — respondeu o imperturbável cavalheiro. — Ficariam surpresos. Posso perguntar-lhe qual é o significado desde barbante?

— Nada — disse Tommy, colocando-o dentro do bolso. — Um vício meu. Quanto à torta de queijo e o leite, estou em regime.

Dispepsia nervosa. Os homens ocupados são sempre escravos dela.

— Ah — exclamou o detetive. — Pensei que, talvez, tivesse lido... bom, não tem importância.

Mas o Inspetor piscou o olho.

CAPÍTULO XVII

MORTE À ESPREITA

— O que... — começou Tuppence e calou-se.

Acabara de entrar no escritório particular do Sr. Blunt e surpreendeu seu mestre e senhor com os olhos cravados no buraquinho que dava para a ante-sala.

— Shhh — advertiu Tommy. — Não ouviu a campainha? É

uma moça — aliás bem bonita, tremendamente bonita, para falar a verdade. Albert está jogando aquela baboseira de que estou ocupado, falando com a Scotland Yard.

— Deixa *eu* ver — pediu Tuppence.

Tommy afastou-se, um pouco relutante. Tuppence grudou o olho no buraquinho.

— Nada mau — admitiu Tuppence. — E as roupas dela são a última moda.

— Uma coisa adorável — disse Tommy. — Parece dessas garotas sobre quem Mason escreve, sabe, tremendamente compreensiva, bonita, muito inteligente e sem ser petulante. Acho que vou ser o grande Hanaud esta manhã. É isso mesmo.

— Humm... se há um detetive que não tem nada a ver com você é Hanaud. Você pode mudar a personalidade? Pode ser um grande comediante, o menininho abandonado, o amigo sério e compreensivo — tudo em cinco minutos?

— Sei de tudo isso — disse Tommy, batendo na mesa. — Sou o Capitão do Navio e não se esqueça disso, Tuppence. Vou fazê-la entrar.

Ele apertou a campainha da mesa. Albert apareceu trazendo a cliente.

A moça parou à soleira da porta, como que indecisa. Tommy aproximou-se.

— Entre, *mademoiselle* — disse, gentilmente —, e sente-se aqui.

Tuppence sufocou o riso e Tommy voltou-se para ela, mudando rapidamente de comportamento. Seu tom era ameaçador.

— Falou alguma coisa, Srta. Robinson? Ah, não, foi o que pensei.

Tommy voltou-se novamente para a moça.

— Não seremos sérios nem formais — disse ele. — Conte-me tudo e discutiremos a melhor maneira de ajudá-la.

— O senhor é muito gentil — disse ela. — Desculpe-me, mas é estrangeiro?

Tuppence sufocou novamente o riso. Tommy olhou-a de soslaio.

— Não é bem isso — disse com dificuldade. — Mas ultimamente tenho trabalhado muito fora do país. Meus métodos são os da Sûreté.

— Oh! — A moça parecia impressionada.

Ela era, como salientara Tommy, uma moça encantadora.

Jovem, magra, um cacho de cabelos dourados saindo do pequeno chapéu de feltro marrom, grandes e sérios olhos.

Que estava nervosa era evidente. Não parava de torcer as mãos e pegar a todo minuto no fecho da bolsa de verniz.

— Em primeiro lugar, Sr. Blunt, meu nome é Lois Hargreaves. Moro numa grande e antiquada casa chamada Thurnly Grange. É bem no campo. Há uma cidade perto, Thurnly, mas é muito pequena e insignificante. No inverno há muita caça e no verão jogamos tênis; nunca me senti sozinha lá. Na verdade, prefiro a vida do campo do que a da cidade.

— Estou-lhe contando isso para que possa compreender que numa pequena cidade como a nossa, tudo o que acontece é de suprema importância. Há uma semana, recebi uma caixa de chocolates, pelo correio. Não havia nada dentro da caixa que indicasse a pessoa que a mandou. Eu pessoalmente não gosto muito de chocolate mas as pessoas lá em casa gostam, de modo que a caixa passou de mão em mão. Aconteceu que todos os que comeram os chocolates adoeceram. Chamamos o médico e, depois de várias perguntas sobre o que as pessoas comeram, ele levou o que sobrou do chocolate para que fosse analisado. Sr. Blunt, misturaram arsênico no chocolate. Não em quantidade bastante para matar, mas o suficiente para deixar qualquer um bastante doente.

— Extraordinário — comentou Tommy.

— O Dr. Burton ficou muito preocupado. Parece que foi a terceira vez que isso aconteceu na vizinhança. Em todos os casos, escolheram uma casa grande e os moradores ficaram doentes depois de comerem os misteriosos chocolates. Parece que algum maluco está querendo pregar uma peça diabólica.

— É o que parece, Srta. Hargreaves.

— O Dr. Burton atribui o fato à agitação socialista, o que, na minha opinião, é um absurdo. Em Thurnly há dois ou três descontentes que possivelmente teriam alguma coisa a ver com isso. O Dr. Burton fez questão que eu fosse à polícia.

— Uma sugestão muito natural — disse Tommy. — Mas a senhorita não foi, não é?

— Não — admitiu a moça. — Detesto a confusão e publicidade inevitáveis. E também conheço nosso inspetor local; nunca descobriria coisa alguma! Vi muitas vezes seu anúncio e disse ao Dr. Burton que seria muito melhor chamar um detetive particular.

— Compreendo.

— No seu anúncio se fala muito de discrição. Entendo por isso que o senhor não tornaria nada público sem meu consentimento; é assim?

Tommy olhou-a cheio de curiosidade, mas foi Tuppence quem falou.

— Acho... — disse calmamente — que seria bom se a Srta.

Hargreaves nos contasse *tudo*.

Ela enfatizou a última palavra e Lois Hargreaves corou.

— Sim — disse Tommy depressa —, a Srta. Robinson tem razão. Tem que nos contar tudo.

— Vocês não... — ela hesitou.

— Tudo o que disser será em caráter estritamente confidencial.

— Obrigada. Sei que tenho que ser franca com o senhor.

Tenho um motivo para não ir à polícia. Sr. Blunt, aquela caixa foi mandada por alguém lá de casa.

— Como sabe disso, *mademoiselle*?

— É muito simples. Tenho mania de desenhar uma coisa boba — três peixinhos interligados — sempre que estou com um lápis na mão. Uma loja de Londres mandou-me um embrulho contendo um par de meias. Estávamos tomando café da manhã.

Sem pensar, comecei a desenhar os tais peixinhos na etiqueta do embrulho antes de abri-lo. Não pensei mais no assunto mas quando examinei o papel pardo em que foi embrulhada a caixa de chocolate, vi o cantinho da etiqueta original. Meu desenho estava lá.

Tommy chegou a cadeira para a frente.

— Isto é muito sério. Cria, como a senhorita diz, uma forte suposição de que a pessoa que mandou os chocolates mora na sua casa. Mas, desculpe-me, ainda não entendo por que este fato a impediu de ir à polícia.

Lois Hargreaves encarou-o.

— Vou-lhe dizer, Sr. Blunt, posso querer que tudo seja abafado.

Tommy saiu-se bem da situação:

— Neste caso — murmurou — sabemos onde temos os pés.

Pelo que vejo, a senhorita não está disposta a nos dizer de quem suspeita.

— Não desconfio de ninguém — mas há possibilidades.

— Perfeitamente. Poderia então descrever-me, com detalhes, as pessoas que moram com a senhorita?

— Com exceção da arrumadeira, todos os empregados são antigos, estão conosco há muitos anos. Quero explicar-lhe, Sr.

Blunt, que fui criada por minha tia, *Lady Radclyffe*, uma senhora extremamente rica. O marido fez uma grande fortuna e foi nomeado cavaleiro. Foi ele quem comprou Thurnly Grange, mas morreu dois anos depois de se mudar para lá; foi então que *Lady Radclyffe* convidou-me para morar com ela. Eu era sua única parenta viva. O outro morador da casa era Dennis Radclyffe, sobrinho do marido. Sempre o chamei de primo mas na verdade não o é. Tia Lucy sempre disse abertamente que pretendia deixar o dinheiro para Dennis e uma pequena quantia para mim. O

dinheiro era de Radclyffe, dizia ela, e devia ir para as mãos de um Radclyffe. Entretanto, quando Dennis tinha vinte e dois anos, ela discutiu violentamente com ele — sobre algumas dívidas que ele fez, acho. Quando ela morreu, um ano depois, fui pega de surpresa: deixara todo o dinheiro para mim, em testamento. Sei que foi um grande golpe para Dennis e me senti constrangida.

Teria dado o dinheiro a ele, se o recebesse, mas parece que isso não pode ser feito. Entretanto, quando completei vinte e um anos, fiz um testamento deixando tudo para ele. Era o mínimo que eu podia fazer. De modo que se for atropelada por um automóvel, ele toma posse de tudo.

— Exatamente — disse Tommy. — E quando fez vinte e um anos?

— Há apenas três semanas.

— Ah — exclamou Tommy. — Agora pode-me dar os pormenores dos membros da casa?

— Empregados — ou outros?

— Ambos.

— Os empregados, como eu disse, já estão conosco há algum tempo. A Sra. Holloway, a cozinheira e sua sobrinha Rose, a copeira. Há duas empregadas mais velhas e Hannah, empregada de

minha tia, que sempre se dedicou a mim. A arrumadeira se chama Esther Quant e parece ser uma moça calma, boa. Quanto a nós, tem a Srta. Logan, companheira de tia Lucy e que dirige a casa para mim, o Capitão Radclyffe — Dennis, sobre quem lhe falei, e uma moça chamada Mary Chilcott, uma amiga de colégio que está conosco agora.

Tommy pensou por um momento.

— Tudo me parece bastante claro e objetivo, Srta.

Hargreaves — disse ele depois de um minuto ou dois. — Então não tem motivo para desconfiar mais de uma pessoa do que da outra? Só tem medo de que não seja — bem — não seja um empregado, digamos assim?

— Exatamente, Sr. Blunt. Honestamente, não tenho a mínima idéia de quem usou aquele papel. Usaram letra de fôrma.

— Parece que só nos resta uma coisa a fazer — disse Tommy. — Tenho que ir ao local.

A moça lançou-lhe um olhar interrogativo.

Depois de pensar um pouco, Tommy continuou.

— Sugiro que prepare o cenário para a chegada de, vamos dizer, Sr. e Srta. Van Dusen, seus amigos americanos. Pode fazer isso com naturalidade?

— Ah, claro. Sem a mínima dificuldade. Quando vêm, amanhã, ou depois de amanhã?

— Amanhã. Não há tempo a perder.

— Está combinado, então.

A moça levantou-se e estendeu a mão.

— Uma coisa, Srta. Hargreaves: nem uma palavra, a ninguém, de que não somos o que parecemos ser.

— O que acha, Tuppence? — perguntou ele, depois de levar a visitante à porta.

— Não me agrada — disse ela, com decisão. —

Especialmente não me agrada o fato de ter tão pouco arsênico no chocolate.

— Porquê?

— Não entende? Esse negócio de o chocolate ter sido mandado para toda a vizinhança é pura simulação. Só para difundir a idéia de um maníaco local. Então, se realmente a moça morresse envenenada, todos pensariam se tratar da mesma coisa.

Se não fosse por pura sorte, ninguém poderia supor que alguém da própria casa mandou os chocolates.

— Foi realmente sorte. Tem razão. Você acha que é um plano contra a moça?

— Acho que sim. Lembro-me de ter lido sobre o testamento de *Lady Radclyffe*. Esta menina entrou numa bolada.

— É, e depois de completar a maioridade, há três semanas, fez um testamento. As coisas estão pretas — para Dennis Radclyffe. Ele lucra com a morte dela.

Tuppence assentiu.

— O pior é que ela também pensa assim! Por isso não quis chamar a polícia. Desconfia dele. E deve estar muito apaixonada por ele para agir como agiu.

— Neste caso — disse Tommy, pensativo —, por que não se casa com ela, ora!? Muito mais simples e seguro.

Tuppence encarou-o.

— Você disse uma coisa muito importante — observou ela.

— Nossa, já estou me preparando para ser a Srta. Van Dusen.

— Por que apelar para o crime quando há uma solução legal à mão?

Tuppence pensou alguns minutos.

— Já sei — anunciou ela. — Deve ter-se casado com uma garçonne quando estava em Oxford. Origem da briga com a tia.

Isso explica tudo.

— Então por que não mandar os chocolates envenenados para a garçonne? — sugeriu Tommy. — Muito mais prático.

Gostaria que não se precipitasse nessas conclusões, Tuppence.

— São deduções — disse Tuppence com muita solenidade.

— Esta é sua primeira *corrida*, meu amigo, mas quando ficar vinte minutos na arena...

Tommy jogou-lhe a almofada do escritório.

CAPÍTULO XVIII

MORTE À ESPREITA

(Continuação)

— Tuppence, escute, Tuppence, venha aqui.

Era hora do café, na manhã seguinte. Tuppence saiu correndo do quarto e foi à sala. Tommy andava de um lado para o outro, um jornal aberto nas mãos.

— O que aconteceu?

Tommy voltou-se e entregou-lhe rapidamente o jornal, apontando para as manchetes.

MISTERIOSO CASO DE ENVENENAMENTO

MORTES CAUSADAS POR SANDUÍCHES DE FIGO

Tuppence continuou a ler. O misterioso envenenamento por ptomaína ocorreu em Thurnly Grange. Até agora se tem conhecimento das mortes de Lois Hargreaves, a dona da casa, e da arrumadeira, Esther Quant. O Capitão Radclyffe e a Srta.

Logan estão seriamente doentes. A causa dos envenenamentos parece ser uma pasta de figo, usada em sanduíches, já que outra moça, a Srta. Chilcott, não comeu nenhum sanduíche e passa bem.

— Temos que ir logo para lá — disse Tommy. — Aquela moça! Aquela moça maravilhosa! Droga, por que não fui logo para lá ontem?

— Se tivesse ido — disse Tuppence — provavelmente teria comido um sanduíche e estaria morto. Venha, vamos logo. Aqui diz também que Dennis Radclyffe está seriamente doente.

— Provavelmente fingindo, o vigarista.

Chegaram à pequena cidade de Thurnly por volta do meio-dia. Uma senhora de olhos vermelhos abriu-lhes a porta quando chegaram a Thurnly Grange.

— Escute — disse Tommy, antes que ela pudesse falar. —

Não sou repórter nem nada parecido. A Srta. Hargreaves foi verme ontem e pediu-me que viesse até aqui. Há alguém que eu possa ver?

— O Dr. Burton está aqui agora, se quer falar com ele —

disse a mulher, hesitante. — Ou a Srta. Chilcott. Ela se encarregou de tudo.

Mas Tommy preferiu a primeira sugestão.

— O Dr. Burton — disse, autoritário. — Gostaria de vê-lo, já que está aqui.

A senhora levou-os a uma pequena sala. Cinco minutos depois a porta se abriu e um homem alto, de idade avançada, ombros curvados e fisionomia bondosa mas preocupada entrou.

— Dr. Burton — disse Tommy. Ele mostrou-lhe sua carteira profissional. — A Srta. Hargreaves visitou-me ontem por causa dos chocolates envenenados. Vim para investigar o assunto a pedido dela, infelizmente tarde demais.

O médico olhou-o com curiosidade.

— É o Sr. Blunt?

— Sou. Esta é minha assistente, Srta. Robinson.

O médico inclinou-se para Tuppence.

— Diante das circunstâncias, não há necessidade de esconder nada. A não ser pelo episódio do chocolate, acredito que estas mortes tenham sido provocadas por ptomaína, mas do tipo incomum, mais virulento. Constatei inflamação gastrointestinal e hemorragia. Assim, estou levando a pasta de figo para ser analisada.

— Acredita em envenenamento por arsênico?

— Não. O veneno, se é que foi usado veneno, é muito mais potente e de ação mais rápida. Parece-me mais uma poderosa toxina vegetal.

— Compreendo. Gostaria de saber, Dr. Burton, se o senhor tem absoluta certeza de que o Capitão Radclyffe sofre da mesma forma de envenenamento?

O médico olhou-o.

— O Capitão não tem nada, agora.

— Ah — exclamou Tommy. — Eu...

— O Capitão Radclyffe morreu às cinco horas da manhã.

Tommy ficou realmente surpreso. O médico preparou-se para sair.

— E a outra vítima, a Srta. Logan? — perguntou Tuppence.

— Tenho muitas esperanças de que se recupere, já que sobreviveu até agora. Sendo já uma senhora, o veneno parece ter tido menos efeito. Vou transmitir-lhe o resultado da análise, Sr.

Blunt. Enquanto isso a Srta. Chilcott dirá qualquer coisa que queira saber, tenho certeza.

Enquanto falava a porta se abriu e apareceu uma moça. Era alta, rosto bronzeado e calmos olhos azuis.

O Dr. Burton fez as apresentações necessárias.

— Estou contente por ter vindo, Sr. Blunt — disse Mary Chilcott. — Tudo isso é horrível. Há alguma coisa que queira saber?

— De onde veio esta pasta de figo?

— É de um tipo especial que vem de Londres. Muitas vezes a comemos aqui em casa. Ninguém desconfiou que este determinado pote fosse diferente dos outros. Pessoalmente não gosto de figo. Isto explica minha imunidade. Não posso entender como Dennis foi afetado, pois não estava na hora do chá. Talvez tenha pego um sanduíche quando chegou em casa.

Tommy sentiu a mão de Tuppence pressionar-lhe o braço levemente.

— A que horas ele voltou? — perguntou ele.

— Não sei, mas posso averiguar.

— Obrigada, Srta. Chilcott. Não tem importância. Espero que não se oponha a que interrogue os empregados.

— Por favor, faça o que for preciso, Sr. Blunt. Estou quase louca. O senhor acha que foi crime?

Os olhos dela transmitiam muita ansiedade ao fazer a pergunta.

— Não sei o que pensar. Logo saberei.

— Sim, acho que o Dr. Burton vai mandar analisar a pasta.

Desculpando-se, ela saiu para falar com um dos jardineiros.

— Você se encarrega das domésticas, Tuppence — disse Tommy — enquanto eu vou até a cozinha. Escute, a Srta. Chilcott pode estar se sentindo muito agitada, mas não aparenta.

Tuppence concordou apenas com um gesto, sem responder.

Marido e mulher se encontraram meia hora depois.

— Vamos comparar os resultados — disse Tommy. — Os sanduíches eram para o chá e a arrumadeira comeu um — e foi aí que se

estrepou. A cozinheira afirma que quando Dennis Radclyffe chegou já tinham tirado a mesa de chá. Estranho — como *e/e* ficou envenenado?

— Ele voltou às quinze para as sete — disse Tuppence. — A empregada o viu de uma das janelas. Ele tomou um coquetel antes do jantar — na biblioteca. Ela estava lavando o copo mas tive sorte de pegá-lo antes que ela o lavasse. Foi depois disso que se queixou de que passava mal.

— Ótimo — disse Tommy. — Vou levar o copo para Burton, daqui a pouco. Mais alguma coisa?

— Gostaria que você visse Hannah, a velha empregada. Ela é

— ela é estranha.

— O que você quer dizer com estranha?

— Ela me parece um pouco maluca.

— Deixe-me vê-la.

Tuppence subiu as escadas à frente de Tommy. Hannah tinha uma pequena sala própria. Sentava-se, erecta, numa cadeira alta. Nos joelhos, uma Bíblia aberta. Não os olhou quando entraram. Em vez disso, continuou a ler alto para si mesma.

"Deixe que os carvões incandescentes caiam sobre eles, que sejam lançados no fogo e no abismo e que nunca se levantem de novo."

— Posso falar-lhe um minuto? — perguntou Tommy.

Hannah fez um gesto impaciente com as mãos.

— Não é hora. O tempo corre. *Vou perseguir meus inimigos e vou dominá-los; não voltarei enquanto não os tiver destruído.* Está escrito. A palavra do Senhor veio a mim. Sou o açoite do Senhor.

— Louca de pedra — murmurou Tommy.

— Ficou assim o tempo todo — sussurrou Tuppence.

Tommy apanhou um livro que estava aberto sobre a mesa.

Olhou o título e colocou-o furtivamente no bolso.

De repente a velha se levantou e voltou-se para eles, ameaçadora.

— Saiam daqui. Sou o mangual do Senhor. O vento sopra —

e eu destruo. Os ímpios perecerão. Esta é uma casa do mal — do mal, estou-lhes dizendo. Cuidado com a ira do Senhor, de quem sou uma criada.

Ela avançou ferozmente na direção deles. Tommy achou melhor fazer-lhe a vontade e se retirou. Enquanto fechava a porta, viu-a apanhar a Bíblia de novo.

— Será que ela foi sempre assim? — perguntou-se Tommy.

Depois apanhou o livro no bolso.

— Olhe para isso. Leitura engraçada para uma empregada ignorante.

Tuppence apanhou o livro.

— Matéria Médica — murmurou. Abriu-o. — Edward Logan.

Ê um livro antigo. Tommy, será que podíamos ver a Srta. Logan?

O Dr. Burton disse que estava melhor.

— Devemos perguntar à Srta. Chilcott?

— Não. Vamos pedir à empregada para perguntar-lhe.

Depois de uma pequena espera, foram informados de que a Srta. Logan os veria. Foram levados a um grande quarto com vista para o jardim. Deitada na cama, uma senhora de cabelos brancos, o delicado rosto murcho pelo sofrimento.

— Estive muito doente — disse com voz fraca. — Não posso falar muito mas Ellen me disse que são detetives. Lois então foi consultá-los? Ela me falou em fazer isso.

— Sim, Srta. Logan — disse Tommy. — Não queremos cansá-la mas talvez possa-nos responder algumas perguntas. A empregada, Hannah, ela é boa da cabeça?

Pelo olhar da Srta. Logan via-se que estava muito surpresa.

— Ora, é. Ela é muito religiosa — mas não há nada de errado com ela.

Tommy entregou-lhe o livro que apanhara sobre a mesa.

— Este livro é seu, Srta. Logan?

— É. É um dos livros que meu pai escreveu. Era um grande médico, um dos pioneiros da terapia pelo soro.

Sua voz denunciava o orgulho que sentia.

— É isso mesmo. Bem que achei que o nome me era familiar

— mentiu Tommy. — A Srta. emprestou-o a Hannah?

— A Hannah? — A Srta. Logan ergueu-se na cama, indignada. — Claro que não. Não entenderia uma única palavra. É

um livro altamente técnico.

— Sim, compreendo. Mesmo assim foi encontrado no quarto dela.

— Isto é vergonhoso. Não vou admitir que os empregados toquem no que é meu.

— Onde deveria estar?

— Na estante da minha sala de estar — ou — espere, emprestei-o a Mary. Ela é muito interessada em ervas. Fez uma ou duas experiências na minha pequena cozinha. Sabe, eu tenho um lugarzinho onde faço bebidas e compotas à moda antiga. A querida Lucy, *Lady Radclyffe*, adorava meu chá de tanásia — uma coisa maravilhosa para o resfriado de cabeça. Coitada de Lucy, era muito sujeita a resfriados. Dennis também. O pai dele era meu primo em primeiro grau.

Tommy interrompeu estas reminiscências.

— E esta cozinha? Alguém mais a usa além da Srta. e de Mary Chilcott?

— Hannah faz a limpeza. E também ferve a água lá para o chá da manhã.

— Obrigada, Srta. Logan — disse Tommy. — Não há mais nada que queira perguntar-lhe no momento. Espero que não a tenhamos cansado muito.

Ele saiu do quarto e desceu as escadas, sobranceiras franzidas.

— Há alguma coisa aqui, meu caro Sr. Ricardo, que não compreendo.

— Detesto esta casa — disse Tuppence, arrepiada. — Vamos dar uma volta a pé e tentar pensar com clareza.

Tommy concordou e eles saíram. Primeiro deixaram o copo na casa do médico e depois partiram para um bom passeio no campo enquanto discutiam o caso.

— Fica tudo mais fácil quando se banca o bobo — disse Tommy. — Esse negócio do Hanaud. Algumas pessoas podem pensar que não liguei. Mas sinto terrivelmente. Acho que de alguma maneira poderíamos ter evitado isso.

— Bobagem sua — disse Tuppence. — Não é como se tivéssemos aconselhado Lois Hargreaves a não ir à Scotland Yard, ou coisa assim. Nada a teria feito chamar a polícia. Se não tivesse vindo falar conosco, não teria feito nada.

— E o resultado seria o mesmo. É, Tuppence, você está certa. É mórbido censurar alguém por alguma coisa que não poderia evitar. O que gostaria agora é de me sair bem.

— Coisa que não será nada fácil.

— Não. Há muitas possibilidades mas, ao mesmo tempo, todas parecem improváveis. Vamos supor que Dennis Radclyffe tenha envenenado os sanduíches. Ele sabia que não estaria para a hora do chá. Parece viável.

— Sim — disse Tuppence —, está certo. Mas quando confrontamos esta possibilidade com o fato de que também ele se envenenou, temos que tirá-lo da jogada. Não podemos nos esquecer de uma pessoa: Hannah.

— Hannah.

— Os fanáticos por religião fazem uma série de coisas estranhas.

— Mas isto a deixou bastante perturbada — disse Tommy. —

Você tem que falar com o Dr. Burton sobre isso.

— Deve ter acontecido muito rapidamente — disse Tuppence. — Isso se nos guiarmos pelo que disse a Srta. Logan.

— Acho que este fanatismo religioso provoca perturbações —

disse Tommy. — Quer dizer, você começa cantando hinos religiosos no quarto com a porta aberta durante anos e então, de repente, se torna violenta.

— Certamente há mais fatos contra Hannah do que qualquer outra pessoa — disse Tuppence, pensativa. — Mas tenho uma idéia... — ela calou-se.

— Sim — disse Tommy, para encorajá-la.

— Não é bem uma idéia. Acho que é mais um preconceito.

— Preconceito contra alguém?

Tuppence assentiu.

— Tommy, *você* gostou de Mary Chilcott?

Tommy pensou.

— Gostei, acho que sim. Pareceu-me bastante capaz e talvez um pouco objetiva demais — mas uma pessoa em quem se pode confiar.

— Não achou estranho que não estivesse mais abalada?

— Bem, por um lado, este é um ponto a favor dela. Se tivesse feito alguma coisa, faria questão de aparentar e enfatizar seus sentimentos.

— Isso é verdade — disse Tuppence. — Bem, de qualquer maneira, me parece que ela não tem nenhum motivo para desejar estas mortes. Não sei em que esta carnificina a beneficiaria.

— Acho que nenhum dos empregados teria motivos também.

— Acho que não. Parece um pessoal bom, de confiança.

Como seria Esther Quant, a arrumadeira?

— Você quer dizer que se fosse jovem e bonita podia haver alguma probabilidade de que estivesse envolvida.

— É isso mesmo — suspirou Tuppence. — É tudo tão deprimente!

— Bem, acho que a polícia vai descobrir tudo — disse Tommy.

— Provavelmente. Gostaria que fôssemos nós. A propósito, você notou uma porção de pontinhos vermelhos no braço da Srta.

Logan?

— Acho que não. Por quê?

— A mim pareceu que foram feitos por seringa hipodérmica

— disse Tuppence.

— Provavelmente o Dr. Burton deu-lhe alguma injeção deste tipo.

— É bem provável. Mas não lhe aplicaria quarenta.

— O vício da cocaína — sugeriu Tommy.

— Pensei nisso — disse Tuppence —, mas os olhos dela não têm nenhum traço. Veríamos logo se fosse cocaína ou morfina.

Além do mais, ela não tem tipo de fazer isso.

— Uma senhora muito respeitável e temente a Deus.

— É tudo muito difícil — disse Tuppence. — Falamos tanto e não chegamos a nada. Não vamos nos esquecer de passar na casa do médico quando voltarmos.

Um rapaz magro, dos seus quinze anos, abriu-lhes a porta na casa do Dr. Burton.

— Sr. Blunt? — perguntou ele. — Sim, o Dr. Burton saiu, mas deixou um bilhete caso passasse por aqui.

Ele entregou-o a Tommy, que o leu.

Caro Sr. Blunt:

Tudo leva a crer que o veneno empregado foi ricina, toxalbumina vegetal tremendamente forte. Mantenha segredo por enquanto, por favor.

Tommy deixou o bilhete cair mas apanhou-o rapidamente.

— Ricina — murmurou. — Sabe alguma coisa sobre isso, Tuppence? Você era muito boa nessas coisas.

— Ricina — repetiu Tuppence, pensativa. — É extraída do óleo de rícino, acho.

— Nunca simpatizei com óleo de rícino — disse Tommy. —

Agora, nem se fala.

— O óleo não tem problema. A ricina se obtém das sementes da planta do óleo de rícino. Acho que vi alguma no jardim hoje de manhã — bem grandes com folhas acetinadas.

— Você quer dizer que alguém extraiu a coisa dali. Será que Hannah poderia fazer uma coisa dessas?

Tuppence balançou a cabeça.

— Não me parece provável. Não teria o conhecimento suficiente.

De repente Tommy lembrou-se:

— Aquele livro. Ainda está no meu bolso? Está. — Ele apanhou-o e começou a passar as folhas freneticamente. — Foi o que pensei. Era nesta página que o livro estava aberto hoje de manhã. Está vendo, Tuppence? Ricina!

Tuppence tirou-lhe o livro das mãos.

— Você está entendendo alguma coisa? Eu, não.

— Está bastante claro para mim — respondeu Tuppence. Ela continuou a andar, lendo com toda atenção, a mão sobre o braço de Tommy, deixando-se levar. Pouco depois fechou o livro com violência. Aproximava-se da casa novamente.

— Tommy, posso me encarregar do caso? Pelo menos por uma vez sou o touro que tem mais de vinte minutos na arena.

Tommy aquiesceu.

— Você será o Capitão do Navio, Tuppence — disse, sério. —

Temos que ir até o fundo deste caso.

— Em primeiro lugar — disse Tuppence, ao entrarem na casa — tenho que fazer mais uma pergunta à Srta. Logan.

Ela subiu a escada depressa. Tommy atrás dela. Bateu à porta do quarto com força e entrou.

— É você, minha querida — disse a Srta. Logan. — Você sabe que é muito jovem e bonita para ser detetive. Descobriu alguma coisa?

— Sim — disse Tuppence —, descobri.

Srta. Logan lançou-lhe um olhar inquisitivo.

— Ser bonita ou não, não tem importância — continuou Tuppence —, mas quanto ao fato de ser jovem, por acaso trabalhei em um

hospital durante a guerra. Sei alguma coisa sobre a terapia pelo soro. Por acaso sei que quando se injeta ricina em pequenas doses, se produz imunidade pois se forma anti-ricina.

Este fato abriu caminho para a nova terapia. A Srta. sabia disso.

Durante algum tempo injetou em si própria ricina, subcutânea.

Depois deixou-se envenenar com o resto. Ajudou seu pai no trabalho e sabia tudo sobre a ricina, como obtê-la e extraí-la das sementes. Escolheu um dia em que Dennis Radclyffe não ficou para o chá. Não seria bom que se envenenasse ao mesmo tempo

— poderia morrer antes de Lois Hargreaves. Com a morte dela ocorrendo antes, ele herdou-lhe o dinheiro; morrendo Dennis Radclyffe, o dinheiro passa à parenta mais próxima. A senhorita nos disse de manhã que o pai dele era seu primo em primeiro grau.

A velha olhou para Tuppence com olhos perniciosos.

De repente, uma figura estranha irrompeu no quarto. Era Hannah. Trazia nas mãos uma tocha acesa, a qual balançava freneticamente.

— A verdade foi dita. É esta a perversa. Eu a vi lendo o livro e sorrindo para si mesma e foi aí que descobri. Achei o livro e a página — mas não entendi nada. Mas a voz do Senhor me falou.

Ela odiava minha patroa. Sempre teve ciúmes e inveja. Odiava a minha querida e doce Lois. Mas os perversos perecerão, o fogo do Senhor os consumirá.

Agitando a tocha ela saltou sobre a cama.

A velha soltou um grito.

— Tirem-na daqui — tirem. É verdade — mas tirem-na daqui. Tuppence se atirou sobre Hannah mas a mulher conseguiu botar fogo no cortinado da cama antes que Tuppence pudesse lhe arrancar a tocha da mão e pisar nela. Tommy, entretanto, entrara no quarto correndo. Arrancou o cortinado e conseguiu abafar o fogo com um tapete. Depois apressou-se em ajudar Tuppence e juntos dominaram Hannah. Neste momento o Dr. Burton entrou, açoitado.

Poucas palavras foram o suficiente para colocá-lo a par da situação.

Ele correu para a cama, levantou a mão da Srta. Logan, depois soltou um suspiro.

— O choque do fogo foi demais para ela. Está morta. Talvez seja o melhor, devido às circunstâncias.

Calou-se por um minuto e depois acrescentou:

— Também encontrei ricina no copo de coquetel.

— Foi a melhor coisa que poderia ter acontecido — disse Tommy depois de terem entregue Hannah aos cuidados do Dr.

Burton. — Tuppence, você foi simplesmente maravilhosa.

— Não foi muito ao estilo de Hanaud — disse Tuppence.

— Era sério demais para representações. Ainda não posso pensar naquela moça. Vou tentar não pensar. Mas, como disse antes, você foi maravilhosa. Tem todas as glórias. Para usar um ditado conhecido: "A grande vantagem é ser inteligente e não parecê-lo."

— Tommy, você é abominável.

CAPÍTULO XIX

O ÁLIBI PERFEITO

Tommy e Tuppence se ocupavam da correspondência.

Tuppence soltou uma exclamação e entregou uma carta a Tommy.

— Um novo cliente — disse ela, cheia de importância.

— Ah! O que deduzimos desta carta, Watson? Não muito; apenas o fato um tanto óbvio de que o Sr. — como é o nome dele?

— Montgomery Jones tem uma ortografia perfeita, o que prova que recebeu uma educação cara.

— Montgomery Jones? — disse Tuppence. — O que sei sobre um Montgomery Jones? Ah, sim, agora me lembro. Acho que Janet St. Vincent o mencionou. A mãe dele era *Lady* Aileen Montgomery, muito impertinente e membro da Igreja Superior Anglicana, com cruces de ouro e tudo, que se casou com um homem chamado Jones, riquíssimo.

— Aquela mesma velha história — disse Tommy. — Deixe-me ver, a que horas o Sr. M. J. quer vir? Ah, onze e meia.

Exatamente às onze e meia, um jovem alto, rosto agradável e cândido entrou na ante-sala e se dirigiu a Albert, o contínuo.

— Escute, posso ver o Sr. ... Sr. Blunt?

— O senhor tem hora marcada? — perguntou Albert.

— Não tenho certeza. Sim, acho que tenho. O que quero dizer é que escrevi uma carta...

— Qual o nome, por favor?

— Sr. Montgomery Jones.

— Vou levar seu nome ao Sr. Blunt.

Voltou logo depois.

— Espere alguns minutos, por favor. O Sr. Blunt está numa reunião muito importante agora.

— Ora, claro, óbvio — disse Montgomery Jones.

Na esperança de ter conseguido impressioná-lo o suficiente, Tommy tocou a campainha da mesa e Albert levou Montgomery Jones à sala do Sr. Blunt.

Tommy levantou-se para cumprimentá-lo e, apertando-lhe a mão calorosamente, indicou a cadeira vazia.

— E então, Sr. Montgomery — disse ele, animado —, o que teremos o prazer de fazer pelo senhor?

O Sr. Montgomery olhou hesitante para a terceira ocupante do escritório.

— Minha secretária particular, Srta. Robinson — disse Tommy. — Pode falar com toda a liberdade na frente dela. É sobre algum assunto familiar, delicado?

— Não, não é bem isso — disse Montgomery Jones.

— O senhor me surpreende — disse Tommy. — O senhor não está em apuros, está?

— Oh, não, longe disso.

— Bem — disse Tommy —, talvez seja melhor relatar os fatos claramente.

Esta talvez fosse a única coisa que o Sr. Montgomery Jones parecia não ser capaz de fazer.

— É uma coisa muito estranha que venho pedir-lhe — disse, hesitante. — Eu bem... realmente não sei como colocar as coisas.

— Não lidamos com casos de divórcio — disse Tommy.

— Cristo, não! — disse Montgomery Jones. — Não é isso. É só, bem, é só uma brincadeira boba. Nada mais.

— Alguém lhe pregou alguma peça de natureza misteriosa?

— sugeriu Tommy.

Mais uma vez o Sr. Montgomery Jones balançou a cabeça.

— Bem — disse Tommy, tentando se sair bem da situação

—, fique à vontade e explique tudo com suas próprias palavras.

Houve uma pausa.

— Sabe — disse o Sr. Jones, finalmente —, foi no jantar.

Sentei-me ao lado de uma moça.

— E então? — perguntou Tommy, querendo encorajá-lo.

— Ela era uma — ora, bem, não consigo descrevê-la, mas é uma das moças mais brincalhonas que conheci. É australiana, está aqui com outra moça e divide o apartamento com ela em Clarges Street. Ela topa tudo. Na verdade não posso lhe dizer que impacto ela me causou.

— Podemos imaginar, Sr. Jones — disse Tuppence.

Ela viu claramente que se quisessem extrair os problemas do Sr. Montgomery Jones, era necessário um toque de compreensão feminina, bem diferente dos métodos objetivos do Sr. Blunt.

— Podemos entender — disse Tuppence, encorajadora.

— Bem, tudo aconteceu como um grande choque para mim

— disse o Sr. Jones —, ver que uma garota pode nos impressionar desta maneira. Houve outra moça, na verdade duas. Uma era muito bonita e tudo o mais, só que não gostei do queixo dela. Mas dançava maravilhosamente e já a conhecia há bastante tempo, o que faz a gente se sentir seguro, sabe como é. E então uma das moças estava no Frivolity. Muito divertido, mas é claro que haveria confusão e, na verdade, não queria me casar com nenhuma delas, mas estava pensando nessas coisas quando, de repente, sem mais nem menos, sentei-me ao lado desta garota e...

— E o mundo todo mudou — disse Tuppence, cheia de sensibilidade.

Tommy remexeu-se impaciente na cadeira. Já estava um tanto aborrecido com o recital de Montgomery Jones sobre seus casos amorosos.

— A Srta. coloca as coisas muito bem — disse Montgomery Jones.
— Foi isso mesmo que senti. Só achei que ela não ficou muito impressionada comigo. Pode não aparentar, mas não sou muito inteligente.

— Não deve ser tão modesto — disse Tuppence.

— Ora, tenho consciência de que não sou grande coisa —

disse ele com um sorriso encantador. — Não para uma garota maravilhosa e perfeita como aquela. É por isso que acho que tenho que conseguir. É minha única oportunidade. É uma garota tão espetacular que não faltaria com a palavra dada.

— Bem, desejamos toda a sorte do mundo — disse Tuppence, amável. — Mas não sei exatamente o que quer que se faça.

— Ora — disse Montgomery Jones —, não expliquei?

— Não — disse Tommy —, não explicou.

— Bem, foi assim. Falávamos sobre histórias de detetives.

Una — este é o nome dela — gosta tanto deste tipo de história quanto eu. Começamos a falar sobre uma em particular. Tudo versa sobre álibis. Então falamos sobre álibis e como forjá-los.

Então eu disse — não, ela disse — ora quem foi que disse?

— Não importa quem foi — disse Tuppence.

— Eu disse que seria uma coisa muito difícil de se fazer. Ela discordou — disse que só era necessário usar a cabeça. Ficamos muito animados com a discussão e no fim ela disse: “Quanto você quer apostar que posso forjar um álibi perfeito?”

— O que quiser — eu disse, e combinamos tudo lá. Ela está muito certa de tudo. Ela disse que nem teria graça. Não tenha tanta certeza, disse eu. Vamos supor que você perca e eu lhe peça qualquer coisa que queira — disse eu. Ela riu e disse que vinha de uma família de grande espírito esportivo e que eu podia pedir.

— Então? — perguntou Tuppence quando o Sr. Jones calou-se e lançou-lhe um olhar súplice.

— Bem, não compreende? Depende de mim. É a única oportunidade que tenho para fazer uma garota como aquela olhar para mim. Você não tem idéia de como ela é brincalhona. No verão passado ela estava velejando e alguém apostou que ela não iria nadando até a praia toda vestida e ela foi.

— A aposta é muito curiosa — disse Tommy. — Mas não tenho certeza se entendi bem.

— É muito simples — disse o Sr. Montgomery Jones. —

Vocês devem fazer isso a toda hora. Investigar álibis falsos e ver onde está a mentira.

— Ah, é claro, é — disse Tommy. — Fazemos este tipo de trabalho a toda hora.

— Alguém tem que fazer isso para mim — continuou Montgomery Jones. — Eu não conseguiria nada. O que têm a fazer é descobrir onde o álibi é falho e tudo estará bem. Sei que é um negócio muito fútil para um detetive mas significa muito para mim e estou preparado para pagar quaisquer despesas.

— Está certo — disse Tuppence. — Tenho certeza de que o Sr. Blunt cuidará do caso para o senhor.

— Certamente — disse Tommy. — É um caso muito revigorante, muito mesmo.

O Sr. Montgomery Jones soltou um suspiro de alívio, tirou um maço de papéis do bolso e escolheu um.

— Está aqui — disse ele. — Ela diz: “Estou lhe mandando uma prova de que estive em dois lugares diferentes ao mesmo tempo. De acordo com uma versão da história, jantei no restaurante Bon Temps, no Soho, fui ao Teatro Duke sozinha e ceei com um amigo, Sr. le Marchant, no Savoy — *mas* também fiquei no Castle Hotel, Torquay e só voltei a Londres na manhã seguinte. Você tem que descobrir qual das duas histórias é a verdadeira e como consegui a outra.”

— Pronto — disse o Sr. Jones. — Agora entende o que quero que o senhor faça.

— Um probleminha muito revigorante — disse Tommy. —

Muito ingênuo.

— Tome a fotografia de Una — disse Montgomery Jones. —

Vai precisar dela.

— Qual é o nome dela todo? — perguntou Tommy.

— Una Drake. O endereço é Clarges Street, 180.

— Obrigado — disse Tommy. — Bem, vou cuidar do caso para o senhor. Espero que tenhamos boas notícias em breve.

— Olhe, não sei como agradecer — disse o Sr. Jones levantando-se e apertando a mão de Tommy. — Tirou um grande peso dos meus ombros.

Depois de levar o cliente à porta, Tommy voltou para o escritório. Tuppence estava perto do armário onde guardavam os clássicos.

— Inspetor French — disse Tuppence.

— O quê?

— Inspetor French, é claro — disse Tuppence. — Ele sempre lida com álibis. Sei como é o método. Temos que estudar todos os dados e comprová-los. A princípio tudo parecerá certo, mas quando examinarmos mais profundamente acharemos o defeito.

— Não deve ser muito difícil — concordou Tommy. — Saber que um dos álibis é falso torna a coisa quase uma certeza. É isto o que me preocupa.

— Não vejo motivo para se preocupar.

— Estou preocupado com a moça — disse Tommy. —

Provavelmente vai ser levada a se casar com este jovem, quer queira, quer não.

— Querido — disse Tuppence —, não seja tolo. As mulheres nunca são tão inocentes quanto o aparentam. Ela não entraria numa aposta como esta se não estivesse preparada para se casar com este agradável rapaz de poucas idéias. Mas Tommy, tenho certeza de que se casará com ele com mais respeito e entusiasmo se ele ganhar esta aposta.

— Você acha que sabe tudo — disse o marido.

— E sei.

— Vamos agora examinar nossos dados — disse Tommy, puxando os papéis para perto de si. — Primeiro a fotografia —

hummm — uma menina muito bonita — e a fotografia é ótima.

Muito clara, muito nítida.

— Temos que pegar fotografias de outras moças — disse Tuppence.

— Por quê?

— É o que sempre fazem. Você mostra quatro ou cinco para os garçons e eles escolhem a fotografia certa.

— Acha que eles fazem isso? Quer dizer, que escolhem a fotografia certa?

— Bem, pelo menos nos livros é assim.

— É uma pena que a vida real seja tão diferente da ficção —

disse Tommy. — Bem, o que temos aqui? Ah, sim, estes são referentes a Londres. Jantou no Bon Temps às sete e meia. Foi ao teatro Duke e assistiu *Delphiniums Blue*. O canhoto da entrada está

aqui. Ceia com o Sr. le Marchant no Savoy. Acho que podemos entrevistar o Sr. le Marchant.

— Isto não vai provar nada — disse Tuppence — porque se ele a estiver ajudando, é claro que vai confirmar tudo. Não podemos confiar em nada do que ele disser agora.

— Bem, vamos ver o que aconteceu em Torquay —

continuou Tommy. — Tomou o trem das doze de Paddington, almoçou no vagão-restaurante, recibo incluído. Ficou no Hotel Castle por uma noite. O recibo também está aqui.

— Acho que nada disso pode ser considerado como prova —

disse Tuppence. — Qualquer um pode comprar uma entrada para o teatro sem precisar ir lá. A moça só foi a Torquay e o álibi de Londres é falso.

— Se for isso, vai ser sopa para nós — disse Tommy. — Bem, acho melhor ter uma conversa com o Sr. le Marchant de qualquer jeito.

O Sr. le Marchant, um jovem alegre, não demonstrou grande surpresa ao vê-los.

— Então Una levou o joguinho adiante, não é? — perguntou ele. — Nunca se sabe o que esta criança está planejando.

— Pelo que sei, Sr. le Marchant — disse Tommy —, a Srta.

Drake ceou com o senhor no Savoy na última terça-feira.

— Exatamente — disse ele. — Sei que era terça-feira porque ela enfatizou muito a data e, além do mais, me fez tomar nota num caderninho.

Não sem algum orgulho ele mostrou uma anotação levemente sublinhada a lápis. "Ceia com Una. Savoy. Terça, 19."

— Sabe onde ela esteve antes?

— Foi assistir a algum espetáculo inferior chamado *Pink Pionies* ou coisa parecida. Ela me disse que foi uma porcaria.

— Tem certeza de que a Srta. Drake esteve com o senhor aquela noite?

O Sr. le Marchant encarou-o.

— Ora, claro, não foi o que lhe disse?

— Talvez ela tenha-lhe pedido que nos diga isso — retrucou Tuppence.

— Olha, para falar a verdade, ela disse uma coisa muito estranha. Disse — como é que foi mesmo? — “Você pensa que está sentado aqui ceando comigo, Jimmy, mas na verdade estou ceando a duzentos e cinqüenta quilômetros daqui, em Devonshire.” Realmente uma coisa muito estranha, não acha?

Parece coisa de ficção. O pior é que um amigo meu, Dicky Rice, acha que a viu lá.

— Quem é este Sr. Rice?

— Um amigo meu. Ele foi a Torquay ficar com uma tia. Uma velha que está morre não morre. Dicky foi lá fazer o papel de sobrinho bonzinho. Ele disse: “Um dia vi uma australiana — Una não sei de quê. Quis ir lá para conversar com ela mas minha tia me puxou e me levou para conversar com uma velhota amiga dela.” Eu disse: “Que dia foi isso?” e ele respondeu: “Terça-feira, mais ou menos na hora do chá.” É claro que disse a ele que estava enganado, mas mesmo assim foi estranho, não foi? Por que Una disse aquilo sobre Devonshire. Não é estranho?

— Muito estranho — disse Tommy. — Diga-me, Sr. le Marchant, alguém conhecido ceou perto de vocês no Savoy?

— Umas pessoas chamadas Oglander estavam na mesa vizinha.

— Conhecem a Srta. Drake?

— Ah, sim, conhecem. Não são íntimos, mas conhecem.

— Bem, se não há mais nada que nos possa contar, Sr. le Marchant, vamos andando. Bom dia.

— Ou o cara mente extraordinariamente bem — disse Tommy ao chegarem à rua — ou está falando a verdade.

— É — disse Tuppence. — Mudei de idéia. Tenho o pressentimento de que Una Drake estava no Savoy aquela noite.

— Agora vamos ao Bon Temps — disse Tommy. — Um pouco de comida para detetives famintos é bastante indicado. Vamos primeiro apanhar algumas fotografias de moças.

Isto resultou numa tarefa muito mais difícil do que imaginavam. Quando pediam a fotógrafos retratos sortidos, eram recebidos com fria recusa.

— Por que as coisas são fáceis e simples nos livros e tão difíceis na vida real? — queixou-se Tuppence. — Como ficam desconfiados! O que será que pensam que queríamos fazer com os retratos? É melhor fazermos uma incursão no apartamento de Jane.

Jane, amiga de Tuppence, querendo ajudar, permitiu-lhe tirar da gaveta quatro retratos de antigas amigas dela.

Armados com uma galeria de belezas femininas, seguiram para o Bon Temps, onde novas dificuldades e gastos os esperava.

Tommy teve que se dirigir a um garçom de cada vez, dar-lhe uma gorjeta e depois mostrar os vários retratos. O resultado foi insatisfatório. Pelo menos três das fotografias foram apontadas como sendo a moça que lá jantara na terça-feira. Eles voltaram ao escritório, onde Tuppence mergulhou mais uma vez nos dados fornecidos por Una Drake.

— Paddington às onze horas. Torquay, três e trinta e cinco.

Aqui temos o trem e o amigo de le Marchant, Sr. fulano, não me lembro o nome, que a viu lá mais ou menos à hora do chá.

— Ainda não averiguamos a informação dele — disse Tommy. — Se, como você disse, le Marchant for amigo de Una Drake, pode ter inventado esta história.

— Vamos atrás do Sr. Rice — disse Tuppence. — Tenho o pressentimento de que o Sr. le Marchant falava a verdade. Veja onde quero chegar: Una Drake sai de Londres no trem de meio-dia, com certeza se hospeda em um hotel e desfaz as malas.

Depois toma um trem de volta a Londres, chegando a tempo para ir ao Savoy. Tem um que sai às quatro e quarenta e chega a Paddington às nove e dez.

— E então? — disse Tommy.

— E então — continuou ela, testa franzida — fica mais difícil. A meia-noite sai um trem de Paddington para Londres mas dificilmente ela poderia tomá-lo, seria muito cedo.

— Um carro ligeiro — sugeriu Tommy.

— Hummm... são mais de duzentos quilômetros.

— Os australianos, segundo soube, dirigem sem a menor prudência.

— Vamos supor que fosse possível — disse Tuppence. — Ela chegaria lá por volta das sete.

— Você quer dizer que ela se enfiou na cama no Hotel Castle sem ser vista? Ou que chegou lá e explicou que passara a noite fora e que dessem a nota, por favor?

— Tommy — disse Tuppence —, nós somos mesmo idiotas.

Ela não teve a mínima necessidade de voltar a Torquay. Só teve que pedir a um amigo que fosse até lá, apanhasse-lhe a bagagem e pagasse a conta. E aí temos o recibo com a data adequada.

— Acho que esta hipótese é bastante razoável — disse Tommy. — O que temos que fazer agora é pegar o trem do meio-dia para Torquay e provar nossas brilhantes conclusões.

Armados de uma pasta de retratos, Tommy e Tuppence se estabeleceram confortavelmente num vagão de primeira classe, na manhã seguinte, e reservaram lugares para o almoço do segundo turno.

— Provavelmente não serão os mesmos garçons — disse Tommy. — Seria muita sorte. Acho que teríamos que viajar a Torquay todos os dias até encontrá-los.

— Este negócio de álibi é muito cansativo — disse Tuppence.

— Nos livros, tudo se resolve em dois ou três parágrafos. O

Inspetor Fulano então tomou o trem para Torquay, questionou os garçons e ficou tudo resolvido.

Entretanto, pelo menos uma vez, o jovem casal teve muita sorte. O garçom que lhes trouxe a conta do almoço era o mesmo que trabalhara na terça-feira anterior. Tommy pôs em prática o que chama de “toque dos 10 *shillings*”, e Tuppence mostrou os retratos.

— O que quero saber é se alguma dessas moças almoçou aqui, na terça-feira passada.

De maneira recompensadora, digna das melhores histórias de detetives, o homem apontou imediatamente para o retrato de Una Drake.

— Sim, senhor, lembro-me da moça e também me lembro de que era terça-feira, porque ela chamou atenção para o fato dizendo ser o seu dia de mais sorte.

— Muito bom até agora — disse Tuppence, ao voltarem às suas poltronas. — E provavelmente descobriremos que se hospedou no hotel. Vai ser mais difícil provar que voltou a Londres, mas talvez um dos carregadores se lembre dela na estação.

Aqui, entretanto, ficaram na mesma; passando para a plataforma superior, Tommy fez perguntas ao cobrador e a vários carregadores. Depois de distribuir gorjetas como um preâmbulo às perguntas, dois dos carregadores apontaram para uma ou duas fotografias com a vaga lembrança de que uma pessoa parecida com aquela viajara a Londres no trem das quatro e quarenta, mas não houve identificação de Una Drake.

— Mas isso não prova nada — disse Tuppence quando saíram da estação. — Ela pode ter pego o trem sem que ninguém notasse.

— Pode ter partido de outra estação, de Torre.

— É bem provável — disse Tuppence —, mas podemos ver isso depois de passarmos no hotel.

O Hotel Castle dava para o mar. Depois de reservarem um quarto para a noite e de assinar o registro, Tommy observou com prazer:

— Acho que hospedaram uma amiga nossa aqui, na terça-feira passada. Srta. Una Drake.

A jovem atrás do balcão sorriu para ele.

— Ah, sim, me lembro muito bem. Acho que a jovem era australiana.

A um sinal de Tommy, Tuppence mostrou-lhe o retrato.

— Ela está muito bem nesta fotografia, não é? — perguntou Tuppence.

— Puxa, se está! Muito bonita.

— Ela ficou muito tempo aqui? — perguntou Tommy.

— Só uma noite. Voltou a Londres na manhã seguinte, de trem. Acho muito longe para ficar só uma noite mas, é claro, os australianos não se incomodam de viajar.

— Ela é muito divertida — disse Tommy —, sempre pronta para aventuras. Acho que não foi aqui, ou foi?, que ela saiu para jantar com alguns amigos, depois foi dar um passeio de carro, o carro ficou atolado e ela não pôde voltar senão de manhã?

— Ah, não — disse a moça. — A Srta. Drake jantou aqui no hotel.

— É mesmo? Tem certeza? Quer dizer, como sabe? —

perguntou Tommy.

— Eu a vi.

— Pergunto porque pensei que tivesse jantado com alguns amigos em Torquay — explicou Tommy.

— Ah, não, ela jantou aqui. — A moça sorriu e corou um pouco. — Ainda me lembro que usava um vestido lindo, todo estampado de flores.

— Tuppence, isso arruína tudo — disse Tommy ao chegarem ao quarto.

— Isso mesmo — disse Tuppence. — Se bem que a mulher pode estar enganada. Vamos perguntar ao garçom no jantar.

Nesta época do ano não tem muita gente aqui.

Desta vez, o ataque coube a Tuppence.

— Pode me dizer se uma amiga minha esteve aqui terça-feira passada? — perguntou ao garçom com um sorriso encantador. —

Era a Srta. Drake e estava com um vestido todo florido, acho. —

Ela mostrou a fotografia. — Esta aqui.

Como a reconhecesse, o garçom irrompeu em sorrisos.

— Claro, claro, Srta. Drake. Lembro-me muito bem. Ela me disse que era australiana.

— Ela jantou aqui?

— Jantou. Foi na terça-feira passada. Ela me perguntou se havia alguma coisa para fazer na cidade depois.

— E então?

— Disse-lhe para ir ao teatro, o Pavilhão, mas no fim ela preferiu ficar aqui escutando nossa orquestra.

— Droga! — disse Tommy entre dentes.

— Não se lembra da hora em que jantou, lembra? —
perguntou Tuppence.

— Quando apareceu já era um pouco tarde. Por volta das oito.

— Que droga, que porcaria! — xingou Tuppence quando Tommy e ela saíram do restaurante. — Tommy, está tudo dando errado. Parecia tudo tão claro!

— Acho que deveríamos saber que não seria fácil.

— Será que poderia ter pego algum outro trem, mais tarde?

— Nenhum que a deixasse em Londres a tempo de chegar ao Savoy.

— Bem — disse Tuppence —, como último recurso vou falar com a arrumadeira. Una Drake se hospedou num quarto no mesmo andar do nosso.

Á arrumadeira, palradora, deu muitas informações. Sim, lembrava-se muito bem da moça. A fotografia era ela, sem dúvida.

Uma moça muito bonita, simpática, faladora. Falou-lhe muito sobre a Austrália e os cangurus.

A moça tocara a campainha mais ou menos às nove e meia e pediu para que lhe enchessem a garrafa e também pediu para ser acordada no dia seguinte às sete e meia; que lhe trouxessem café e não chá.

— Você a chamou e ela estava mesmo na cama? —

perguntou Tuppence.

— Ora, claro, madame.

— Só pensei que pudesse estar fazendo exercícios, ou coisa parecida — disfarçou Tuppence. — Tanta gente faz ginástica de manhã cedo!

— Bem, as informações parecem verdadeiras — disse Tommy quando a arrumadeira se afastou. — Só se pode chegar a uma conclusão: a história de Londres é falsa.

— O Sr. le Marchant deve ser um mentiroso perfeito, mais do que supúnhamos.

— Temos uma maneira de averiguar se o que ele diz é verdade — disse Tommy. — Ele falou que havia algumas pessoas sentadas na mesa ao lado, pessoas que Una conhecia ligeiramente. Como era o nome delas? Oglander, é isso mesmo.

Temos que ir atrás deles e fazer perguntas no apartamento de Una, em Clarges Street.

Na manhã seguinte, partiram um tanto desanimados.

Com a ajuda do catálogo foi bastante fácil encontrar os Oglanders. Desta vez Tuppence tomou a iniciativa e assumiu o papel de representante de um novo jornal ilustrado. Foi à casa da Sra. Oglander pedindo alguns detalhes do “elegante” jantar de terça-feira, no Savoy. A Sra. Oglander forneceu os detalhes com toda a boa vontade. Quando já ia se retirar, Tuppence acrescentou, fingindo indiferença: — Deixe-me ver, a Srta. Una Drake não estava sentada à mesa próxima? É mesmo verdade que está noiva do Duque de Perth? A senhora a conhece, é claro.

— Conheço muito pouco — disse a Sra. Oglander. — Acho que é uma moça encantadora. Sim, ela estava perto de nós com o Sr. le Marchant. Minhas filhas a conhecem melhor do que eu.

A próxima investida de Tuppence foi no apartamento de Clarges Street. Ali foi recebida por Marjory Leicester, a companheira de Una Drake.

— O que vem a ser tudo isso, afinal? — perguntou Marjory, queixosa. — Una está fazendo alguma brincadeira e não sei qual é.

Claro que dormiu aqui na terça-feira.

— Você a viu quando ela voltou?

— Não, já estava deitada. Ela tem a própria chave, claro.

Chegou por volta de uma hora, acho.

— Quando a viu?

— Na manhã seguinte, por volta das nove — ou talvez dez.

Quando Tuppence saiu do apartamento, quase esbarrou numa mulher alta, magra, que fazia menção de entrar.

— Desculpe-me, Srta. — disse a mulher magra.

— Trabalha aqui? — perguntou Tuppence.

— Trabalho; venho diariamente.

— A que horas chega pela manhã?

— Chego às nove horas.

Tuppence escorregou meia-coroa na magra mão da mulher.

— A Srta. Drake estava aqui na terça-feira de manhã quando você chegou?

— Ora, claro, estava sim. Dormia como uma pedra e foi difícil acordá-la quando lhe trouxe o chá.

— Ah, obrigada — disse Tuppence, e desceu as escadas, desconsolada.

Combinara encontrar-se com Tommy para almoçar num pequeno restaurante, no Soho, e lá compararam os resultados.

— Eu vi o tal do Rice. É verdade que avistou Una Drake em Torquay.

— Bem — disse Tuppence —, os álibis foram bem checados.

Queria uma folha de papel e um lápis, Tommy. Vamos escrever tudo direitinho como todos os detetives fazem.

13h30min Una Drake foi vista no vagão-restaurante do trem.

16 horas Chega ao Hotel Castle.

17 horas O Sr. Rice a vê.

20 horas Foi vista jantando no hotel.

21h30min Pede uma garrafa de água quente.

23h30min Foi vista no Savoy com o Sr. le Marchant.

7h30min Chamada pela camareira no Hotel Castle.

9 horas Acordada pela diarista no apartamento, Clarges St.

Eles se entreolharam.

— Bem, me parece que os Brilhantes Detetives de Blunt foram derrotados — disse Tommy.

— Não, não devemos desistir — disse Tuppence. — Alguém *tem* que estar mentindo.

— O que é curioso é que não me parece que alguém esteja mentindo. Todos parecem perfeitamente verdadeiros e objetivos.

— Tem que ter alguma coisa errada. Sabemos disso. Fico imaginando todo o tipo de coisa, como aviões particulares, mas isto não nos leva a nada.

— Estou inclinado a aceitar a teoria de um corpo astral.

— Bem — disse Tuppence —, o negócio é ir dormir pensando no assunto. O subconsciente trabalha durante o sono.

— Se o subconsciente fornecer uma resposta perfeita para esta charada, amanhã de manhã, dou meu braço a torcer.

Passaram a tarde silenciosos. Volta e meia Tuppence voltava ao papel de anotações. Escrevia coisas em outros pedaços de papel. Resmungava enquanto examinava, perplexa, os Guias Ferroviários. Mas no fim ambos se levantaram sem terem conseguido lançar uma nova luz sobre o problema.

— Isto é muito desanimador — disse Tommy.

— Uma das tardes mais infelizes que já passei — disse Tuppence.

— Deveríamos ter ido a algum espetáculo musical — disse Tommy.

— Umas boas piadas sobre sogra e gêmeos e algumas garrafas de cerveja nos teriam feito muito bem.

— Não, você vai ver que no fim esta concentração vai funcionar — disse Tuppence. — Como nosso subconsciente vai ter que trabalhar nas próximas oito horas! — E com esta esperança, foram-se deitar.

— E então — falou Tommy na manhã seguinte. — O

subconsciente trabalhou?

— Tive uma idéia.

— Teve? E que tipo de idéia?

— Bem, é uma idéia engraçada. Nunca li coisa parecida nas histórias policiais. Na verdade, *você* me colocou esta idéia na cabeça.

— Neste caso, deve ser uma boa idéia — disse Tommy, decidido. — Vamos, Tuppence, fale!

— Vou ter que mandar um telegrama para confirmar — disse Tuppence. — Não, não vou lhe dizer. É uma idéia muito louca, mas é a única coisa que se encaixa.

— Bem — disse Tommy —, tenho que ir para o escritório.

Uma sala cheia de clientes decepcionados não deve esperar em vão. Passo o caso às mãos do meu promissor subordinado.

Tuppence assentiu, contente.

Ela não apareceu no escritório o dia inteiro.

Quando Tommy voltou, quase às seis horas, encontrou a sua espera uma Tuppence exultante.

— Pronto, Tommy. Resolvi o mistério do álibi. Podemos cobrar todas as gorjetas que distribuimos e um preço bem elevado pelos nossos serviços; o Sr. Montgomery Jones pode ir apanhar a moça.

— Qual é a solução? — perguntou Tommy.

— Uma solução bem simples — respondeu Tuppence —

gêmeas.

— O que você quer dizer com gêmeas?

— Exatamente isso. Obviamente é a única solução. E foi você que me deu a dica ontem à noite quando falou em sogras, gêmeos e garrafas de cerveja. Telegrafei para a Austrália e obtive a informação que queria. Una tem uma irmã gêmea. Vera, que chegou à Inglaterra na segunda-feira. Foi por isso que ela pôde fazer esta aposta. Pensou que fosse caçar do pobre Montgomery Jones. A irmã foi para Torquay e ela ficou em Londres.

— Acha que ela vai ficar muito decepcionada porque perdeu?

— perguntou Tommy.

— Não — disse Tuppence. — Não acho. Já lhe disse qual era meu ponto de vista. Vai atribuir toda a glória a Montgomery Jones. Sempre achei que o respeito pelas habilidades do marido deveria ser o alicerce de uma vida a dois.

— Estou contente por ter-lhe inspirado estes sentimentos, Tuppence.

— Não é uma solução muito satisfatória — disse Tuppence.

— Nem o tipo de falha engenhosa que o Inspetor French teria detectado.

— Bobagem — disse Tommy. — Acho que a maneira com que mostrou aquelas fotografias ao garçom foi exatamente no estilo do Inspetor French.

— Ele não teria que gastar tanto dinheiro em gorjetas como nós — atalhou Tuppence.

— Não tem importância — disse Tommy. — Podemos cobrar tudo isso de Montgomery Jones. Na certa estará em êxtase e pagará uma conta enorme sem vacilar.

— E é o que deve fazer — disse Tuppence. — Os Brilhantes Detetives de Blunt não tiveram um sucesso estrondoso? Ah, Tommy, acho que somos extraordinariamente inteligentes. Às vezes até me assusta.

— O próximo caso será para Roger Sheringham e você, Tuppence, será Roger Sheringham.

— Vou ter que falar muito — disse Tuppence.

— Isto você já faz naturalmente — retrucou Tommy. — E

agora sugiro que levemos a cabo nosso programa de ontem à noite e vamos a um espetáculo musical cheio de piadas sobre sogras, garrafas de cerveja e *gêmeos*.

CAPÍTULO XX

A FILHA DO CLÉRIGO

— Gostaria — disse Tuppence, andando pelo escritório melancólica — que pudéssemos ajudar a filha de um clérigo.

— Por quê? — perguntou Tommy.

— Talvez você já tenha se esquecido mas eu fui filha de um clérigo também. Lembro-me bem de como era. Daí este ímpeto altruísta, este espírito de consideração pelos outros, este...

— Você já está no ponto para ser Roger Sheringham, pelo que vejo — disse Tommy. — Se me permite uma crítica, você fala tanto quanto ele, mas não tão bem.

— Pelo contrário — disse Tuppence. — Há uma sutileza feminina no que digo, um *je ne sais quoi* com o qual nenhum homem reles pode atinar. Além do mais, tenho poderes desconhecidos de meus protótipos — será que é isto que quero dizer, protótipo? As palavras são coisas incertas; às vezes soam tão bem mas querem dizer o inverso do que pensamos que significam.

— Continue — disse Tommy, gentilmente.

— É o que ia fazer. Só estava fazendo um intervalo para tomar fôlego. O que desejo hoje é ajudar a filha de um clérigo.

Sabe, Tommy, a primeira pessoa na lista dos Brilhantes Detetives de Blunt será a filha de um clérigo.

— Aposto que não — disse Tommy.

— Aceito a aposta — disse Tuppence. — Psiu! Ao trabalho.

Vem alguém aí.

A atmosfera do escritório do Sr. Blunt era de pura atividade quando Albert abriu a porta e anunciou:

— Srta. Monica Deane.

Uma moça magra, de cabelos castanhos e um tanto mal vestida entrou hesitante. Tommy se aproximou:

— Bom dia, Srta. Deane. Não quer sentar-se e nos dizer em que podemos ser-lhe útil? A propósito, deixe-me apresentá-la à minha secretária particular, Srta. Sheringham.

— Tenho o maior prazer em conhecê-la, Srta. Deane — disse Tuppence. — Seu pai era um membro da Igreja, acho.

— Sim, era. Mas como sabe disso?

— Ah, temos nossos métodos — disse Tuppence. — Você não deve se incomodar com o meu falatório. O Sr. Blunt gosta de me ouvir falar. Ele diz que sempre lhe dou boas idéias.

A moça olhou-a. Era uma criatura magra, não era bonita, mas tinha um quê melancólico. Os cabelos grossos e macios, os olhos de um azul-escuro, encantadores, embora as sombras escuras ao seu redor revelassem problemas e ansiedade.

— Pode contar-nos sua história, Srta. Deane? — pediu Tommy.

Ela voltou-se para Tommy, agradecida.

— É uma história tão longa e desconexa — disse ela. — Meu nome é Monica Deane. Meu pai era o vigário de Little Hampsley, em

Suffolk. Ele morreu há três anos e deixou minha mãe e eu numa péssima situação financeira. Fui trabalhar como governanta mas minha mãe se tornou inválida, de modo que tive de voltar para casa para cuidar dela. Estávamos na penúria mas um dia recebemos a carta de um advogado que dizia que a tia de meu pai morrera e deixara tudo para mim. Ouvira falar muito desta tia, que tivera uma violenta discussão com meu pai há muitos anos, e sabia que era riquíssima; assim, me pareceu que nossos problemas tinham chegado ao fim. Mas não foi bem assim. Herdei a casa na qual ela morou mas, depois de pagar um ou dois pequenos legados, o dinheiro acabou. Talvez o tenha perdido durante a guerra ou tenha vivido do próprio capital. O fato é que tínhamos a casa e, quase de imediato, tivemos uma oferta de compra bem vantajosa. Tolamente, talvez, recusei a oferta. Nossas acomodações eram pequenas, mas caras, e achei muito melhor morar na Casa Vermelha, onde minha mãe teria quartos confortáveis e eu poderia alugar os quartos para cobrir as despesas.

— Fiquei fiel a este plano embora houvesse outra oferta tentadora de um cavalheiro. Nós nos mudamos e anunciamos os quartos para alugar. Durante algum tempo, tudo deu certo, recebemos várias respostas ao anúncio; a velha empregada de minha tia ficou conosco e nós duas dávamos conta do trabalho da casa. E então coisas inexplicáveis começaram a acontecer.

— Que coisas?

— As coisas mais estranhas. O lugar parecia assombrado.

Os quadros começaram a cair, as louças a voar pela sala e quebrar. Um dia de manhã descemos e descobrimos que todos os móveis foram mudados de lugar. A princípio pensamos que fosse brincadeira de alguém, mas tivemos que abandonar esta explicação. Às vezes, quando todos estávamos à mesa para jantar, ouvíamos um tremendo estrondo lá em cima. Subíamos e não víamos ninguém; apenas um móvel jogado no chão.

— Um *poltergeist* — exclamou Tuppence, muito interessada.

— Sim, foi isso que o Dr. O'Neill disse — mas não sei o que significa.

— É uma espécie de espírito do mal que prega peças —

explicou Tuppence, embora soubesse muito pouco sobre o assunto e não tivesse certeza nem mesmo da palavra *poltergeist*.

— Bem, de qualquer modo, o efeito foi desastroso. Nossos visitantes ficaram tão assustados que saíram logo que puderam.

Vieram outros, que também foram embora apressadamente.

Fiquei desesperada, e, para coroar, nossa pequena renda de repente deixou de existir — a Companhia na qual investimos faliu.

— Minha querida — disse Tuppence, solidária. — Você passou por cada uma! Queria que o Sr. Blunt investigasse este negócio de "assombração"?

— Não é bem isso. Sabe, há três dias recebemos a visita de um senhor; chama-se Dr. O'Neill. Disse-nos que é um membro da Sociedade de Pesquisas Físicas e que ouvira falar das curiosas manifestações ocorridas em nossa casa e que estava muito interessado. A tal ponto que se dispunha a comprá-la para fazer uma série de experiências.

— E então?

— É claro que, a princípio, fiquei muito contente. Parecia uma saída para nossas dificuldades. Mas...

— Sim?

— Talvez me achem muito cheia de imaginação. Talvez eu seja. Mas — ah! tenho certeza de que não me enganei. Era o mesmo homem!

— Que mesmo homem?

— O mesmo que quis comprá-la antes. Tenho certeza.

— Mas por que não poderia ser ele?

— Não compreendem. Os dois homens eram bem diferentes, com nomes diferentes e tudo o mais. O primeiro era bastante jovem, elegante, moreno, dos seus trinta anos. O Dr. O'Neill tem uns cinquenta, a barba grisalha, usa óculos e anda curvado. Mas quando falou, vi-lhe um dente de ouro na boca. Só aparece quando ele ri. O outro homem tinha o dente na mesma posição e então olhei para as orelhas dele. Notei as orelhas do outro homem porque tinham um formato diferente, quase sem lóbulo. As do Dr.

O'Neill são iguais. As duas coisas não podem ser coincidência, podem? Pensei, pensei e finalmente escrevi-lhe dizendo que daria a resposta em uma semana. Vi o anúncio do Sr. Blunt há algum tempo atrás — para falar a verdade, em um jornal que forrava a gaveta da cozinha. Cortei-o e vim até aqui.

— E fez muito bem — disse Tuppence, meneando a cabeça vigorosamente. — Isto requer uma investigação.

— Um caso muito interessante, Srta. Deane — observou Tommy. — Teremos muito prazer em cuidar dele, não é, Srta.

Sheringham?

— Claro — disse Tuppence —, e descobriremos tudo.

— Pelo que entendi, Srta. Deane — continuou Tommy —, os moradores da casa são a senhorita, sua mãe e a empregada. Pode me dar alguns detalhes dela?

— O nome dela é Crockett. Trabalhou com minha tia durante oito ou dez anos. É uma senhora, de trato não muito agradável, mas é

uma boa empregada. Tem um pouco de mania de grandeza porque a irmã se casou com um homem de classe bem superior à dela. Crockett tem um sobrinho e ela vive dizendo que ele é “um cavalheiro”.

— Hummm — fez Tommy, sem saber muito bem como continuar.

Tuppence estivera observando Monica com muito interesse e depois falou, com repentina decisão:

— Acho que o melhor é a Srta. Deane vir almoçar comigo. É

só uma hora ainda. E então ela pode-me dar todos os detalhes.

— Claro, Srta. Sheringham — disse Tommy. — É um plano excelente.

— Escute — disse Tuppence quando já estavam confortavelmente sentadas à mesa de um restaurante vizinho —, quero saber uma coisa: há algum motivo especial pelo qual queira descobrir tudo isso?

Monica corou:

— Bem, é que...

— Pode falar — encorajou Tuppence.

— Bem, há dois homens... que... querem se casar comigo.

— A história de sempre, não é? Um é rico, o outro pobre e é do pobre que você gosta!

— Não entendo como pode saber todas essas coisas —

murmurou a moça.

— É uma espécie de lei da natureza — explicou Tuppence. —

Acontece com todo mundo. Aconteceu comigo.

— Compreende, mesmo que eu venda a casa, o dinheiro não será suficiente para o nosso sustento. Gerald é um amor, mas é paupérrimo, embora seja um engenheiro muito inteligente; se tivéssemos um capital ele poderia ficar sócio da firma. O outro, o Sr. Partridge, é um homem muito bom e bastante rico; se me casasse com ele, nossos problemas teriam fim. Mas... mas...

— Eu sei — disse Tuppence, compreensiva. — Não é a mesma coisa. Você pode continuar a dizer para si mesma que ele é bom, somar-lhe as qualidades e tal, que não adianta nada.

Monica anuiu.

— Bem — disse Tuppence —, acho que seria bom estudar tudo *in loco*. Qual é o endereço?

— Casa Vermelha, Stourton-in-the-Marsh.

Tuppence anotou o endereço no caderninho.

— Não lhe perguntei — começou Monica — sobre os preços...

— disse, corando um pouco.

— Nossos pagamentos são de acordo com os resultados —

disse Tuppence, séria. — Se o segredo da Casa Vermelha for rendoso — como parece ser devido à ansiedade em adquiri-la —

então cobraremos uma pequena porcentagem; caso contrário —

nada!

— Muito obrigada — disse a moça, realmente agradecida.

— E agora — disse Tuppence — não se preocupe. Tudo sairá bem. Vamos aproveitar o almoço e falar de coisas interessantes.

CAPÍTULO XXI

A CASA VERMELHA

— Bem — disse Tommy, olhando pela janela do Crown and Anchor —, aqui estamos em Toad in the Hole — não é esse o nome desta droga de vilarejo?

— Vamos rever o caso — disse Tuppence.

— Claro. Para começar, *eu* suspeito da mãe inválida.

— Porquê?

— Minha querida Tuppence, partindo do pressuposto de que este negócio de *poltergeist* é uma conspiração para persuadir a moça a vender a casa, alguém tem que jogar as coisas. Monica Deane disse que todos estavam jantando; mas se a mãe é mesmo inválida, estava lá em cima, no quarto.

Como é que ela poderia jogar os móveis se é inválida?

— Ah! mas talvez ela não seja inválida de verdade, talvez esteja fingindo.

— Porquê?

— Aí você me pegou — confessou o marido. — Realmente estava me baseando no famoso princípio de desconfiar da pessoa menos suspeita.

— Você sempre leva tudo na brincadeira — disse Tuppence, séria. — Deve haver *alguma coisa* que atraia estas pessoas. Se não faz questão de ir até o fundo do problema, eu faço. Gosto da moça.

Ela é um amor.

Tommy concordou, bastante sério.

— Estou de pleno acordo. Mas não posso resistir à tentação de implicar com você, Tuppence. É claro que há alguma coisa estranha e, seja o que for, é difícil de ser obtida. Caso contrário, um simples assalto teria um bom efeito. Mas o fato de querer comprar a casa significa que se quer esburacar o chão, botar abaixo as paredes ou que há uma mina de carvão no quintal.

— Não queria que fosse uma mina de carvão. Um tesouro enterrado seria bem mais romântico.

— Hummm... neste caso acho que devo fazer uma visitinha ao Gerente do banco local, explicar-lhe que vou ficar para o Natal, que provavelmente comprarei a Casa Vermelha e discutir sobre abrir uma conta.

— Mas por quê?

— Espere que já vai ver.

Tommy voltou cerca de meia hora depois. Seus olhos brilhavam.

— Fizemos progressos. Tuppence. Nossa entrevista se desenrolou como eu queria. Perguntei-lhe, casualmente, se tinha muito depósito em ouro, como acontece muitas vezes hoje em dia em pequenos bancos — pequenos fazendeiros que guardaram ouro durante a guerra, sabe como é. Depois disso passei a falar, de maneira mais natural, nas extravagâncias dos velhos. Inventei uma tia que, quando estourou a guerra, foi num carrinho às lojas da Marinha e do Exército e voltou com dezesseis presuntos. Ele imediatamente mencionou uma cliente que insistiu em tirar cada centavo do dinheiro que possuía — em ouro, na medida do possível — e também insistiu em guardar seus títulos mobiliários, ações ao portador, estas coisas. Espantei-me com este ato de loucura e, sem

querer, ele me disse que ela era a antiga proprietária da Casa Vermelha. Entende, Tuppence? Ela retirou todo este dinheiro e escondeu-o em algum lugar. Lembra-se de que Monica Deane estava impressionada com os poucos bens que possuía? Sim, ela escondeu tudo na Casa Vermelha e alguém sabe disso. Também já posso quase afiançar quem é esta pessoa.

— E quem é?

— E a fiel Crockett? Acho que saberia tudo sobre as excentricidades da patroa.

— E aquele cara de dente de ouro, Dr. O'Neill?

— Este é o sobrinho cavalheiro, é claro! É isto. Mas onde foi que escondeu o tesouro? Você sabe mais sobre as velhas do que eu, Tuppence. Onde elas escondem as coisas?

— Debaxo do colchão, embrulhados em meias e combinações.

Tommy aquiesceu.

— Espero que esteja certa. Mas isso não é possível porque teria sido descoberto quando as coisas foram passadas para Monica Deane. O que me preocupa é que uma senhora como esta pode ter escavado o chão ou feito buracos no quintal. De qualquer jeito está lá, em algum lugar da Casa Vermelha. Crockett não encontrou nada ainda mas ela sabe que está lá e, depois de comprarem a casa, ela e o precioso sobrinho podem revirar tudo de cabeça para baixo até encontrar o que procuram. Temos que passar a frente deles. Venha, Tuppence. Vamos à Casa Vermelha.

Monica Deane os recebeu. À mãe e a Crockett eles foram apresentados como possíveis compradores da Casa Vermelha, o que explicaria serem levados para conhecer tudo. Tommy não disse a Monica sobre as conclusões a que chegara mas fez-lhe várias perguntas. Quanto ao vestuário e objetos pessoais da falecida,

alguns foram dados a Crockett e outras coisas foram distribuídas entre várias famílias pobres. Não restara nada.

— A sua tia deixou documentos?

— A escrivaninha estava cheia deles e havia alguns na gaveta do quarto, mas nada de importante.

— Alguém os jogou fora?

— Não, minha mãe sempre teve horror de se desfazer de documentos antigos. Havia entre eles umas receitas antigas que a mamãe pretende experimentar qualquer dia desses.

— Bem — disse Tommy, com aprovação. Depois, apontando para um senhor que trabalhava com os canteiros no jardim, ele perguntou:

— Este homem era o jardineiro daqui quando sua tia era viva?

— Sim, costumava vir três vezes por semana. Mora no vilarejo. Coitado, o trabalho que faz agora é perfeitamente dispensável. Agora só vem uma vez por semana. E, além do mais, não podemos pagar.

Tommy piscou para Tuppence para indicar que devia ficar com Monica; ele se encaminhou em direção ao jardineiro. Disse-lhe algumas palavras agradáveis, perguntou-lhe se trabalhara ali no tempo da tia de Monica e, depois, disse casualmente:

— Uma vez você enterrou uma caixa para ela, não foi?

— Não, senhor. Nunca enterrei nada para ela. Para que ela iria querer enterrar uma caixa?

Tommy balançou a cabeça. Voltou para a casa, a testa franzida. Esperava que um estudo dos velhos documentos e papéis da

falecida revelasse alguma pista — caso contrário seria difícil resolver o problema. A casa era bem antiga, mas não o bastante para conter uma sala ou uma passagem secretas.

Antes que se fossem, Monica trouxe-lhes uma grande caixa de papelão amarrada por um barbante.

— Apanhei todos os papéis — murmurou ela. — Estão aí dentro. Achei que seria melhor levá-los porque assim terão mais tempo para examiná-los — embora eu tenha certeza de que não encontrarão nada que possa ajudar a esclarecer os misteriosos acontecimentos desta casa...

Um tremendo estrondo lá em cima interrompeu-lhe as palavras. Tommy subiu correndo as escadas. No chão de um dos quartos da frente, jazia em pedaços uma bacia e um jarro. No quarto, ninguém.

— O fantasma resolveu fazer as gracinhas de novo — murmurou forçando um sorriso.

Desceu novamente as escadas, pensativo.

— Será que posso dar uma palavrinha com a empregada, Srta. Deane?

— Claro; vou pedir-lhe que venha até aqui.

Monica foi até a cozinha. Voltou com a empregada que lhes abrisse a porta ao chegarem.

— Estamos pensando em comprar esta casa — disse Tommy, amável — e minha esposa ficou pensando se neste caso lhe agradaria ficar conosco.

O rosto circunspecto de Crockett não revelou a menor emoção.

— Obrigada, senhor — disse ela. — Gostaria de pensar no assunto.

Tommy voltou-se para Monica.

— Estou encantado com a casa, Srta. Deane. Pelo que sei há outro comprador interessado. Sei o quanto ofereceu pela casa e estou disposto a oferecer cem libras a mais. E lembre-se, estou-lhe oferecendo um bom preço.

Monica murmurou alguma coisa sem importância e os Beresfords saíram.

— Eu estava certo — disse Tommy enquanto caminhavam.

— Crockett está metida nisso. Você notou como estava ofegante?

Deve ter descido as escadas do fundo correndo depois de jogar o jarro e a bacia no chão. E no mínimo o sobrinho foi lá algumas vezes, escondido, fez o papel de fantasma enquanto que ela permaneceu, inocente, junto à família. Você vai ver, o Sr. O'Neill vai aumentar a oferta ainda hoje.

Com efeito, depois do jantar, receberam um bilhete. Era de Monica.

— O Dr. O'Neill acaba de aumentar a oferta anterior em 150 libras.

— O sobrinho deve ser um homem de posse — disse Tommy, meditativo. — Sabe, Tuppence, ele está à procura de um tesouro que deve valer uma fortuna.

— Ah! se nós pudéssemos encontrá-lo!

— Bem, vamos continuar com nosso trabalho de desbravamento.

Eles revistavam a caixa grande de papéis, uma tarefa enfadonha já que estava tudo misturado, sem seguir nenhuma ordem ou método.

A todo instante comparavam o resultado.

— O que foi que encontrou agora, Tuppence?

— Duas contas antigas, três cartas sem importância, uma receita para preservar batatas novas e outra para fazer torta de limão E você?

— Uma conta, um poema sobre a primavera, dois recortes de jornal: "Porque as mulheres compram pérolas — um investimento seguro" e "O Homem com cinco esposas — história extraordinária", e uma receita de lebre recheada.

— É desanimador — disse Tuppence e voltaram de novo a atacar a caixa. Por fim, esvaziou-se. Eles se entreolharam.

— Separei isso — disse Tommy apanhando uma folha de anotações pela metade — porque me pareceu estranho. Mas acho que não tem nada a ver com o que estamos procurando.

— Deixe-me ver. Ah! é uma dessas coisas engraçadas, como se chama? Anagramas, charadas ou coisa parecida. — Tuppence leu em voz alta:

"Coloca-se no fogo e tem *três* sílabas E minhas três sílabas cabem *todas* lá dentro Minha *segunda* é, na verdade, a primeira E a segunda sílaba se repete na terceira."

— Hummm... não gosto muito de charadas — disse Tommy.

— Afinal, não sei o que você viu de tão interessante —

retrucou Tuppence. — Há cinqüenta anos todo mundo colecionava este tipo de coisa. Era o passatempo das tardes de inverno.

— Não me referia à charada. O que acho estranho são as palavras escritas abaixo dela.

— São Lucas, xi, 9 — leu Tuppence. — É da Bíblia.

— Isso mesmo. Você não acha estranho? Por que uma senhora religiosa escreveria coisas da Bíblia logo abaixo de uma charada?

— Realmente é esquisito — concordou Tuppence.

— Você, na qualidade de filha de clérigo, bem que podia ter uma Bíblia com você, não é?

— E tenho mesmo. Ah, por essa você não esperava. Só um instantinho,

Tuppence foi até a mala, pegou um pequeno volume vermelho e voltou à mesa. Passou as páginas rapidamente.

— Aqui está. Lucas, capítulo xi, versículo 9. Olhe, Tommy!

Tommy se inclinou para ver o que o pequeno dedo de Tuppence apontava.

"Procura e encontrarás."

— É isso — exclamou Tuppence. — Descobrimos!

Resolvemos o criptograma e o tesouro é nosso — ou melhor de Monica.

— Bem, então vamos trabalhar no criptograma, como você chama. "Coloca-se no fogo e tem três sílabas". O que será? Depois

— "Minha segunda é na verdade a primeira." Isto é puro palavreado.

— Na verdade é bem simples — disse Tuppence. — É um tipo de quebra-cabeça. Deixe-me tentar.

Tommy entregou-lhe de bom grado. Tuppence se aboletou numa poltrona e começou a resmungar, sobranceiras franzidas.

— Na verdade é bem simples — murmurou Tommy, meia hora depois.

— Não cante vitória! Nossa geração não é indicada para esse tipo de coisa. Talvez seja uma boa idéia voltar à cidade amanhã e pedir a um ancião que leia. Vai decifrar com toda a facilidade.

— Bom, vamos tentar de novo.

— Não há muitas coisas que se possa botar no fogo — disse Tuppence, pensativa. — Pode-se colocar água, para apagá-lo, madeira ou uma chaleira.

— Lembre-se que tem que ter três sílabas; que tal madeira?

— Mas o que pode caber *dentro* da madeira?

— Sem ser madeira, o que mais se pode botar no fogo que tenha três sílabas?

— Frigideira — brincou Tuppence. — O que você acha de caçarola? E panelas? Esquecemos de panelas. Mas e o resto? Não combina.

Eles foram interrompidos pela empregada que veio anunciar-lhes que o jantar seria servido em alguns minutos.

— A Sra. Lumley só gostaria de saber se preferem as batatas fritas ou cozidas? Temos as duas qualidades.

— Batata frita — disse Tuppence, prontamente. — Adoro batata...
— Ela calou-se, a boca entreaberta.

— O que foi, Tuppence? Você viu um fantasma?

— Tommy — exclamou ela —, você não compreendeu? É

isso. A palavra, *Batatas!* “Coloca-se no fogo e tem três sílabas” — é panela. “E minhas três sílabas cabem todas lá dentro.” “Minha segunda é, na verdade, a primeira” — isso é, a letra A, segunda de batata e a primeira do alfabeto. E a segunda sílaba se repete na terceira: *ta*.

— Você está certa, Tuppence. Muito inteligente de sua parte.

Mas acho que perdemos um tempão com uma coisa sem importância. Batatas não combinam com tesouros perdidos. Ei, espere aí. O que você leu há pouco quando revirávamos a caixa?

Alguma coisa sobre uma receita para batatas novas. Será que tem alguma coisa a ver com isso?

Ele passou rapidamente os olhos pelas receitas.

— Está aqui. “PARA PRESERVAR BATATAS NOVAS”.

Coloque as batatas em latas e enterre-as no jardim. Mesmo em pleno inverno, terão um sabor delicioso.

— É isso. Descobrimos — gritou Tuppence. — O tesouro está enterrado no jardim, dentro de uma lata.

— Mas perguntei ao jardineiro. Ele me disse que nunca enterrou nada.

— Sim, eu sei, mas isto é porque as pessoas nunca respondem àquilo que se pergunta mas sim aquilo que eles pensam que se perguntou. Ele sabe que nunca enterrou nada estranho. Amanhã vamos lá e perguntamos onde ele enterrou as batatas.

A manhã seguinte era véspera de Natal. Depois de algumas perguntas chegaram à casinha do jardineiro. Após alguns minutos de conversa, Tuppence introduziu o assunto:

— Quem me dera que pudesse obter batatas novas na época do Natal — observou ela. — Não ficaria gostoso com peru? As pessoas aqui têm o hábito de enterrá-las em latas? Ouvi dizer que isso faz com que se conservem frescas.

— É, enterram sim — declarou o velho. — A falecida Srta.

Deane, lá na Casa Vermelha, costumava enterrar três latas todo verão, e, quase sempre, esquecia de desenterrá-las de novo.

— Quase sempre enterrava no canteiro, perto da casa, não é?

— Não, lá encostado no muro, perto do abeto.

Munidos da informação necessária, eles logo se prepararam para sair, não sem antes presentear o velho com cinco *shillings*, como presente de Natal.

— E agora vamos falar com Monica — disse Tommy.

— Tommy! Você não tem nenhuma sensibilidade teatral.

Deixe comigo. Tenho um ótimo plano. Você acha que seria capaz de pedir, pegar emprestado ou roubar uma pá?

De uma maneira ou de outra, conseguiram a pá e, tarde da noite, podia-se ver duas figuras penetrando clandestinamente nos jardins da Casa Vermelha. O lugar que o jardineiro indicara foi encontrado com facilidade e Tommy pôs-se a trabalhar. Pouco depois a pá bateu num metal e, após segundos, ele desenterrou uma grande lata de biscoitos. Estava bem fechada com fita adesiva e firmemente amarrada com um barbante; Tuppence soltou um gemido: a lata estava cheia de batata. Ela esvaziou-a, mas não encontrou nada além das batatas.

— Continue cavando, Tommy.

Passou-se algum tempo antes que a segunda lata lhes recompensasse a busca. Como da vez anterior, Tuppence abriu-a.

— E então? — perguntou Tommy, ansioso.

— Batatas de novo.

— Droga! — disse Tommy e recomeçou a cavar.

— A terceira vez é que traz sorte — consolou Tuppence.

— Acho que tudo não passa de logro — disse Tommy, melancólico, mas continuando a cavar.

Finalmente uma terceira lata foi desenterrada.

— Batatas de no... — Tuppence calou-se. — Olhe, Tommy, achamos. As batatas só estão por cima. Olhe aqui!

Ela mostrou-lhe uma bolsa antiga, de veludo.

— Vá para casa — disse Tommy. — Está um frio dos diabos.

Leve a bolsa com você. Tenho que cobrir os buracos. E que mil raios lhe caiam sobre a cabeça se abrir esta bolsa antes que eu chegue, Tuppence.

— Não vou fazer sujeira. Nossa! Estou congelada. — E ela se foi em disparada.

Mas não teve que esperar muito. Tommy chegou quase depois dela, suando muito depois do esforço de cavar e de correr tanto.

— Agora — disse ele — os detetives particulares se saíram bem! Abra a bolsa, Sra. Beresford.

Dentro da bolsa havia um embrulho e uma pesada bolsa de couro. Abriram primeiro esta. Estava repleta de moedas de ouro.

Tommy as contou.

— Duzentas libras. Acho que foi tudo o que deixaram que ela tirasse. Vamos abrir o embrulho.

Tuppence foi quem o abriu. Estava cheio de notas bem enroladas. Tommy e Tuppence contaram com todo o cuidado; a quantia era de exatamente vinte mil libras.

— Meu Deus! A Monica é mesmo sortuda por sermos ambos ricos e honestos. O que é isso embrulhado em papel de seda?

Tuppence desenrolou o pequeno embrulho e apanhou um magnífico colar de pérolas.

— Não entendo muito destas coisas — disse Tommy devagar.

— Mas tenho quase que certeza de que estas pérolas valem, pelo menos, cinco mil libras. Olhe o tamanho delas. Agora entendo por que a velha guardou o artigo que dizia que pérolas são bom investimento. Ela deve ter transformado todas as ações em cédulas e jóias.

— Oh, Tommy, não é maravilhoso? Querida Monica, agora você pode-se casar com quem ama e viver feliz para sempre, como eu.

— Que delicadeza a sua, Tuppence. Quer dizer que você é feliz comigo?

— Para dizer a verdade, sou. Mas não queria revelar.

Escapou. Foi a emoção, a véspera do Natal, uma coisa e outra...

— Se você realmente me ama, pode me responder uma coisa?

— Detesto estas armadilhas — disse Tuppence — mas... está bem.

— Como é que você sabia que Monica era filha de um clérigo?

— Ora, isso foi pura dedução — disse Tuppence, feliz. —

Abri a carta em que ela pedia uma entrevista e um Sr. Deane foi pároco auxiliar do meu pai; tinha uma filhinha chamada Monica, uns quatro ou cinco anos mais nova do que eu. Daí cheguei à conclusão mais óbvia.

— Você é mesmo incrível — disse Tommy. — Olhe, já é meia-noite, Feliz Natal, Tuppence.

— Feliz Natal, Tommy. Será um feliz Natal para Monica também — e tudo por NOSSA causa. Estou contente. Coitadinha, estava tão infeliz. Sabe, Tommy, quando penso nisso sinto um nó na garganta.

— Querida Tuppence — disse Tommy.

— Querido Tommy, estamos ficando tão sentimentais!

— Só há Natal uma vez por ano — sentenciou. — Foi isso que disseram nossas tataravós e espero que ainda haja muita verdade nisso.

CAPITULO XXII

AS BOTAS DO EMBAIXADOR

— Meu caro rapaz, meu caro rapaz — disse Tuppence agitando na mão um pãozinho barrado com muita manteiga.

Tommy olhou-a durante um ou dois minutos; um largo sorriso apareceu-lhe no rosto e ele murmurou:

— Realmente temos *que* ter muito cuidado.

— É isso mesmo — disse Tuppence, satisfeita. — Você adivinhou. Sou o famoso Dr. Fortune e você o Superintendente Bell.

— Por que quer ser Reginald Fortune?

— Bem, na verdade é porque estou com vontade de comer muita manteiga derretida.

— Este é o lado desagradável — disse Tommy, — Mas há outro. Você terá que examinar rostos estraçalhados e toda espécie de cadáveres.

Como resposta, Tuppence jogou-lhe uma carta. Tommy ergueu as sobrancelhas, atônito.

— Randolph Wilmott, o Embaixador americano. O que será que ele quer?

— É o que vamos saber amanhã às onze horas.

Pontualmente, na hora marcada, Randolph Wilmott, Embaixador dos Estados Unidos, foi levado ao escritório do Sr.

Blunt. Ele temperou a garganta e começou a falar de maneira vagarosa.

— Vim ter com o senhor, Sr. Blunt — a propósito, estou falando com o Sr. Blunt em pessoa, não estou?

— Certamente — disse Tommy. — Sou Theodore Blunt, o chefe da firma.

— Prefiro sempre lidar com os chefes de departamento —

disse o Sr. Wilmott. — É, em tudo e por tudo, muito mais satisfatório. Como ia dizendo, Sr. Blunt, este negócio me irrita.

Não há nada que obrigue a envolver a Scotland Yard — não me afetou em nada e, provavelmente, tudo se deve a um engano.

Mesmo assim, não consigo compreender o que deu margem a este engano. Não há nada de criminoso, mas mesmo assim gostaria de

esclarecer tudo. Fico louco quando não atino com a causa de alguma coisa.

— Certamente — disse Tommy.

O Sr. Wilmott continuou. Era lento e dado a muitos detalhes. Por fim Tommy conseguiu falar:

— Então, a situação é esta: o senhor chegou no navio *Nomadic* na semana passada. De alguma maneira, sua maleta e a de outro cavalheiro, Ralph Westerham, portanto as mesmas iniciais, foram trocadas. O senhor pegou a de Westerham e ele levou a sua. O Sr. Westerham logo deu pela coisa, mandou sua maleta para a embaixada e levou a dele. Até aqui está certo?

— Foi exatamente o que aconteceu. As duas malas eram praticamente idênticas e as iniciais R. W. sendo as mesmas, não é difícil de entender a causa do engano. Eu mesmo não percebi o que tinha acontecido até meu criado informar-me do ocorrido e o Sr. Westerham — ele é Senador e um homem por quem tenho a maior admiração — mandar buscar a sua mala e devolver a minha.

— Então, não entendo...

— Mas vai entender. Este é só o começo da história. Ontem, por acaso, encontrei-me com o Senador Westerham e, em tom de brincadeira, mencionei o ocorrido. Para surpresa minha, ele não sabia sobre o que estava falando e negou toda a história com veemência. Ele não pegou minha mala por engano; na verdade, não havia artigo semelhante na bagagem dele.

— Que coisa extraordinária.

— Sr. Blunt, é uma coisa extraordinária mesmo. Uma coisa sem sentido. Ora, se alguém quisesse roubar minha maleta, poderia fazê-lo facilmente, sem lançar mão de tantos rodeios.

Bem, de qualquer modo, *não* foi roubada, me foi devolvida. Por outro lado, se a pegaram por engano, por que usar o nome do Senador Westerham? Parece uma coisa sem pé nem cabeça e quero esclarecer tudo por mera curiosidade. Espero que não seja um assunto muito trivial para o senhor.

— De jeito nenhum. É um probleminha muito intrigante, passível, como o senhor disse, de muitas explicações simples, mas, mesmo assim, desconcertante. A primeira coisa é saber o *motivo* da substituição, se é que houve. Não faltava nada na mala quando a devolveram ao senhor?

— Meu empregado disse que não. Ele saberia.

— Desculpe-me a pergunta, mas o que havia dentro dela?

— Botas.

— Botas — disse Tommy, desanimado.

— Sim — repetiu Wilmott. — Botas. Estranho, não é?

— Desculpe-me a pergunta, mas não levava nenhum documento secreto ou coisa parecida costurados nas botas ou enfiados num salto falso?

O Embaixador pareceu achar a pergunta engraçada.

— A diplomacia secreta não chegou a este ponto, acho.

— Só na ficção — disse Tommy com um sorriso como de quem se desculpa. — Mas o senhor compreende, a coisa tem que ter alguma explicação. Quem veio apanhar a mala? e refiro-me à outra.

— Ele disse ser um dos empregados de Westerham. Pelo que entendi, um homem bem comum. Meu criado não viu nada de errado nele.

— Sabe se foi desfeita a mala?

— Isso eu não posso assegurar, mas acho que não. Mas talvez o senhor queira fazer algumas perguntas a meu empregado.

Ele pode-lhe dizer mais do que eu.

— Acho que seria melhor, Sr. Wilmott.

O Embaixador rabiscou algumas palavras num cartão e entregou-o a Tommy.

— Não seria melhor que fosse à Embaixada e fizesse as perguntas lá? Se preferir, nós o mandaremos aqui; o nome dele é Richards.

— Não, obrigado, Sr. Wilmott. Prefiro ir à Embaixada.

O Embaixador levantou-se, olhando para o relógio.

— Nossa, tenho hora marcada e já estou atrasado. Bem, até logo, Sr. Blunt. Deixo o assunto em suas mãos.

Ele retirou-se, apressado. Tommy olhou para Tuppence, que ficara anotando os dados no seu bloco, fazendo o papel de secretária eficiente.

— E então, minha velha? — perguntou ele. — Você vê, como disse ele, sentido nestes acontecimentos?

— Nenhum — respondeu Tuppence, animada.

— Bem, já é um começo. Demonstra que há algo de bem sério por trás disso.

— Você acha?

— É a hipótese que geralmente se aceita. Lembre-se de Sherlock Holmes e do quanto a manteiga entranhou na salsa —

trabalho de maneira inversa. Sempre tive um desejo louco de saber tudo sobre o caso. Talvez Watson o faça vir à baila um desses dias. Assim morrerei contente. Então, mãos à obra.

— É isso mesmo — disse Tuppence. — Não é um homem muito perspicaz, o estimado Wilmott, mas seguro.

— Ela conhece os homens — disse Tommy. — Ou seria melhor dizer *e/e* conhece os homens. É muito confuso quando você assume as características de um detetive masculino.

— Oh, meu caro rapaz, meu caro rapaz!

— Tuppence, um pouco mais de ação e menos repetição.

— Não se pode repetir uma frase clássica muitas vezes — disse Tuppence, séria.

— Coma um pãozinho — ofereceu Tommy, gentil.

— Não às onze horas da manhã, obrigada. Que caso bobo, esse. Botas. Por que botas?

— Bem, e por que não?

— Não se encaixa. Botas. — Ela balançou a cabeça. — Tudo errado. Quem quer as botas de outra pessoa? Parece tudo meio louco.

— Possivelmente se apossaram da mala errada — sugeriu Tommy.

— É possível. Mas se estavam atrás de documentos, seria muito mais indicada uma pasta. Só se pensa em documentos quando se fala de embaixadores.

— Botas sugerem pegadas — disse Tommy, pensativo. —

Você acha que queriam deixar as pegadas de Wilmott em algum lugar?

Tuppence pensou na sugestão, abandonando seu personagem, e balançou a cabeça.

— A mim parece impossível — disse ela. — Não, acho que temos que aceitar o fato de que as botas não têm nada a ver com isto.

— Bem — disse Tommy com um suspiro —, o próximo passo é entrevistar nosso amigo Richards. Talvez ele esclareça alguma coisa.

Ao mostrar o cartão do Embaixador, Tommy foi prontamente recebido na Embaixada e, pouco depois, um jovem pálido, modos sóbrios e voz suave se apresentou para se submeter ao exame.

— Sou Richards, senhor, criado do Sr. Wilmott. O senhor queria me ver?

— Sim, Richards. O Sr. Wilmott foi-me visitar esta manhã e sugeriu-me que viesse lhe fazer algumas perguntas. É sobre a mala.

— O Sr. Wilmott ficou muito aborrecido com este fato, eu sei.

Não entendo por que, já que não houve nenhum prejuízo. Entendi que a outra mala pertencia ao Senador Westerham, mas, é claro, posso ter-me enganado.

— Como era este homem que veio buscar a mala?

— De meia-idade, cabelos grisalhos, muito boa aparência —

respeitável. Entendi que era o criado do Senador Westerham. Ele deixou a mala do Sr. Wilmott e levou a outra.

— Ela chegou a ser desfeita?

— Qual delas?

— A que você trouxe do navio. Mas também gostaria de saber sobre a outra — a do Sr. Wilmott. Acha que chegou a ser desfeita?

— Acho que não, senhor. Estava da mesma maneira que eu arrumei. Parece-me que o cavalheiro — seja ele quem for — a abriu e, percebendo que não era dele, fechou-a novamente.

— Não está faltando nada? Nem um pequeno artigo?

— Não, acho que não; ou melhor, tenho certeza.

— E quanto à outra. Chegou a desfazê-la?

— Na verdade, ia começar a abri-la quando chegou o empregado do Senador Westerham. Só tirei as correias.

— Chegou a abri-la?

— Só a abrimos juntos para ter certeza de que, desta vez, não havia engano. O homem disse que estava bem, colocou de novo as correias e foi embora.

— E o que tinha dentro? Botas também?

— Não, a maioria das coisas era de perfumaria, acho. Vi um pote de sais de banho.

Tommy abandonou esta linha de raciocínio.

— Você não viu ninguém mexendo nas coisas do seu patrão enquanto estavam a bordo, viu?

— Ah, não senhor.

— Nada suspeito, de espécie alguma?

— E afinal o que quer dizer com isso? — pensou Tommy, quase a rir.
— Alguma coisa suspeita... só palavras!

Mas o homem hesitou:

— Agora estou me lembrando...

— Sim — disse Tommy, ansioso. — O quê?

— Acho que não tem nada a ver com isso. Mas havia uma jovem.

— Sim, uma jovem. E o que estava fazendo?

— Ela estava desmaiando. Uma jovem muito agradável. O

nome dela era Eileen O'Hara. Bonita, não era alta, cabelos pretos.

Parecia estrangeira.

— E então? — disse Tommy, cada vez mais ansioso.

— Como ia dizendo, ela se sentiu mal. Bem em frente à cabine do Sr. Wilmott. Ela pediu-me para ir chamar o médico.

Ajeitei-a no sofá e fui buscar o médico. Levei algum tempo para encontrá-lo e, quando o levei até a cabine, a jovem já estava se sentindo bem.

— Ah! — exclamou Tommy.

— O senhor não pensa que...

— É difícil saber o que pensar — tergiversou. — Esta Srta.

O'Hara viajava sozinha?

— Acho que sim.

— Não a viu mais depois que desembarcou?

— Não, senhor.

— Bem — disse Tommy depois de pensar um ou dois minutos. — Acho que isto é tudo. Obrigado, Richards.

— Eu que agradeço, senhor.

De volta ao escritório, Tommy reproduziu para Tuppence a conversa que tivera com Richards; ela ouviu-o atentamente.

— O que acha, Tuppence?

— Ora, meu caro rapaz, nós os médicos sempre desconfiamos de um desmaio súbito! E tão conveniente! Desconfio também de Eileen e de O'Hara. Um tanto irlandês, não acha?

— Pelo menos temos algum ponto de partida. Sabe o que vou fazer, Tuppence? Vou colocar um anúncio.

— O quê?

— É, qualquer informação que diga respeito à Srta. Eileen O'Hara que viajou em tal navio, em tal data. Ou ela responderá pessoalmente, se não estiver fingindo, ou alguém virá dar alguma informação sobre ela. Até agora, é a única maneira de se ter uma pista.

— Mas não se esqueça de que também vai alertá-la.

— É um risco que tenho que correr.

— Mesmo assim ainda não vejo nenhum sentido na coisa —

disse Tuppence, testa franzida. — Se uma quadrilha de vigaristas se apossa da mala do embaixador por uma ou duas horas e depois a devolve, não sei que vantagem tiraria disso. A não ser que

houvesse documentos que quisessem copiar mas o Sr. Wilmott jura que não havia nada deste tipo.

Tommy olhou-a, pensativo.

— Você coloca as coisas muito bem, Tuppence — disse ele, finalmente. — Você me deu uma idéia.

Passaram-se dois dias. Tuppence fora almoçar. Tommy, sozinho no austero escritório do Sr. Theodore Blunt, aperfeiçoava-se lendo o último livro de mistério.

A porta do escritório se abriu e Albert apareceu.

— Há uma jovem que quer vê-lo; Srta. Cicely March. Disse que vem respondendo a um anúncio.

— Faça-a entrar imediatamente — disse Tommy, jogando o romance convenientemente dentro de uma gaveta.

Um minuto depois Albert fez a jovem entrar. Tommy só teve tempo de ver que era loura e muito bonita quando o fato estranho aconteceu.

A porta pela qual Albert acabara de passar foi aberta com violência. Por ela entrou uma figura pitoresca — um homenzarrão moreno, aparência de espanhol, gravata vermelha. As feições, alteradas pelo ódio, e na mão, uma pistola brilhante.

— Então este é o escritório do Sr. Abelhudo Blunt — disse num inglês perfeito. A voz era baixa, rancorosa. — Mãos ao alto —

ou atiro.

Não pareceu simples ameaça. Tommy levantou as mãos, obediente. A moça, encostada na parede, soltou um suspiro, horrorizada.

— Esta jovem vem comigo — disse o homem. — Ah, sim, você vem, minha querida. Nunca me viu antes, mas isso não importa. Não posso deixar que uma pirralha como você arruíne meus planos. Lembro-me de que era uma das passageiras do *Nomadic*. Deve ter bisbilhotado coisas que não lhe dizem respeito

— mas não pretendo deixar que você revele nenhum segredo ao Sr. Blunt. Um homem muito inteligente, Sr. Blunt, como seus anúncios. Mas o negócio é que sempre dou uma lida nos classificados. Foi assim que fiquei sabendo deste joguinho.

— O senhor me interessa sobremaneira — disse Tommy. —

Não quer prosseguir?

— A insolência não lhe vai adiantar nada, Sr. Blunt. Daqui por diante o senhor é um homem marcado. Desista desta investigação que nós o deixaremos em paz. Caso contrário — que Deus o ajude! A morte vem a galope para aqueles que frustram nossos planos.

Tommy não respondeu; olhava por sobre o ombro do intruso como se tivesse visto um fantasma.

Na verdade, estava vendo algo que o deixava mais apreensivo do que um fantasma. Até agora, não pensava em Albert como uma parte atuante do jogo. Tinha como certo que o misterioso homem já se livrara dele. Se chegou a pensar nele, foi estendido no tapete da ante-sala.

Agora via que Albert escapara milagrosamente da atenção do estranho. Mas, em lugar de correr para apanhar um guarda, à boa maneira inglesa, Albert decidira agir sozinho. Por trás do estranho a porta se abria silenciosamente; na fresta da porta, Albert, com uma corda.

Tommy soltou um desesperado grito de protesto, mas tarde demais. Movido pelo entusiasmo, Albert jogou um laço de corda

sobre a cabeça do estranho, fazendo-o cair para trás.

O inevitável aconteceu. A pistola disparou com um estampido e Tommy sentiu a bala roçar-lhe a orelha na sua trajetória para ir enterrar-se na parede, atrás dele.

— Peguei-o, senhor — gritou Albert, entusiasmado com o triunfo. — Eu o lacei. Vinha praticando o laço nas minhas horas de folga. Pode-me ajudar? Ele é muito violento.

Tommy apressou-se em ajudar o fiel escudeiro, determinando mentalmente que Albert não deveria ter mais horas de folga.

— Seu idiota desgraçado — disse ele. Por que não foi buscar um policial? Por causa desta sua brincadeira idiota, quase perco a cabeça. Puxa, escapei por um triz.

— Lacei-o na hora H — disse Albert, seu entusiasmo em nada diminuído. — É maravilhoso o que esses rapazes fazem nos prados.

— É mesmo, mas não estamos nos prados. Por acaso estamos numa cidade altamente civilizada. E agora, meu querido senhor — acrescentou ele, dirigindo-se ao prostrado inimigo. — O

que vamos fazer com você?

Um rosário de imprecações em língua estrangeira foi sua única resposta.

— Cale a boca — disse Tommy. — Não entendo uma palavra do que diz mas tenho o pressentimento de que não é uma linguagem que se deva empregar diante de uma dama. Vai desculpá-lo, não é, Srta.? sabe, com o calor deste pequeno aborrecimento, esqueci-me de seu nome.

— March — disse a moça. Ela ainda estava pálida e tremia.

Mas se aproximou de Tommy olhando para a imóvel figura do frustrado estranho. — O que vai fazer com ele?

— Eu poderia ir apanhar um guarda agora — disse Albert, querendo ajudar.

Mas Tommy percebeu o leve movimento de cabeça da moça e agiu de acordo:

— Vamos deixá-lo livre, desta vez — observou ele. — Mas vou me dar o prazer de chutá-lo escada abaixo — pelo menos para ensinar-lhe bons modos diante de uma dama.

Ele tirou a corda, com um puxão o pôs de pé e empurrou-o porta afora.

Ouviu-se uma série de gritos estridentes e depois um baque surdo. Tommy voltou, corado e sorrindo.

A moça fitou-o com olhos arregalados.

— O senhor o machucou?

— Espero que sim — disse Tommy. — Mas esses gringos sempre gritam antes de se machucarem — por isso não tenho certeza. Vamos voltar ao escritório, Srta. March, e retomar nossa conversa? Acho que não seremos interrompidos de novo.

— Deixarei meu laço pronto, senhor, por via das dúvidas —

disse o cooperativo Albert.

— Guarde-o — ordenou Tommy, sério.

Ele entrou com a moça no escritório, sentou-se à escrivaninha enquanto ela ocupou uma cadeira em frente a ele.

— Não sei bem por onde começar — disse a moça. — Como ouviu o moço dizer, era uma passageira no *Normadic*. A moça que o senhor anunciou, Srta. O'Hara, também estava a bordo.

— Exatamente — disse Tommy. — Isso já sabemos, mas desconfio que deva saber alguma coisa do que ela fez a bordo; caso contrário este pitoresco cavalheiro não teria tanta pressa de interferir.

— Vou contar-lhe tudo. O Embaixador americano estava a bordo. Um dia, quando passava pela cabine dele, vi esta mulher lá dentro, e ela fazia uma coisa tão extraordinária que parei para olhar. Ela estava segurando a bota de um homem...

— Uma bota — exclamou Tommy, animado. — Desculpe, Srta. March, continue.

— Com uma tesourinha ela estava tirando o forro. Depois, me pareceu que colocou alguma coisa lá dentro. Neste mesmo minuto o médico e outro homem chegaram e ela, imediatamente, se jogou no sofá e gemeu. Esperei, e pelo que estava sendo dito deduzi que ela fingiu desmaiar. Eu *digo fingiu* porque logo que a vi era óbvio que não estava sentindo nada.

Tommy anuiu.

— E depois?

— Não me agrada nada contar-lhe a outra parte. Eu fiquei curiosa. E também andei lendo uns livros bobos e fiquei imaginando se ela não teria posto uma bomba, uma agulha envenenada ou qualquer coisa do tipo na bota do Sr. Wilmott. Sei que é absurdo — mas foi o que pensei. O fato é que da outra vez que passei pela cabine ela estava vazia; entrei para examinar a bota. Tirei do forro uma tira de papel. Logo que o peguei, ouvi o camaroteiro se aproximando e saí apressada para não ser pega.

Levei o papel comigo. Quando cheguei a minha cabine eu o examinei. Sr. Blunt, nada mais era do que alguns versículos da Bíblia.

— Versículos da Bíblia — repetiu Tommy, intrigado.

— Pelo menos foi o que pensei na hora. Não podia entender mas achei que talvez fosse trabalho de algum maníaco religioso.

Bem, achei que não valia a pena recolocá-lo. Guardei o papel, sem pensar mais nele até ontem, quando o usei para fazer um barco para meu sobrinho. Assim que o papel ficou molhado, vi um desenho esquisito se formar. Tirei logo o papel da banheira e desdobrei-o. Com a água, uma mensagem secreta se revelou. Era uma espécie de desenho — parecia a boca de um porto. Logo depois disso li o seu anúncio.

De um salto, Tommy pôs-se de pé.

— Mas isto é da maior importância. Agora entendo. O

desenho é, provavelmente, o plano de defesa de um porto. Foi roubado por essa mulher. Com medo que alguém desconfiasse dela, preferiu esconder o plano fora dos pertences dela. Depois se apossou da mala na qual estava a bota e descobriu que o papel havia desaparecido. Diga-me, Srta. March, trouxe o papel?

A moça balançou a cabeça.

— Está no meu trabalho. Dirijo um salão de beleza em Bond Street. Sou representante dos produtos Cyclamen, de Nova York.

Foi por isso que estive lá. Pensei que o papel fosse importante e o tranquei no cofre antes de vir para cá. Será que a Scotland Yard não tem que saber disso?

— Sim, tem.

— Então vamos até lá agora, tirá-lo do cofre e levá-lo para a Scotland Yard?

— Estou muito ocupado esta tarde — disse Tommy, assumindo seu ar profissional e consultando o relógio. — O Bispo de Londres quer que eu me encarregue de um caso. Um problema muito curioso, relacionado a dois curas e uns paramentos.

— Neste caso — disse a Srta. March, se levantando — vou sozinha.

Tommy ergueu uma das mãos, em sinal de protesto.

— O que ia dizer é que o Bispo tem que esperar. Vou deixar um recado com Albert. Tenho certeza de que a senhorita só estará segura quando a Scotland Yard se apossar deste papel.

— O senhor acha? — perguntou a moça, em dúvida.

— Não acho, tenho certeza. Um momento. — Ele rabiscou algumas palavras num bloco, arrancou a folha e dobrou-a.

Depois de apanhar o chapéu e a bengala, comunicou à moça que estava pronto para acompanhá-la. Na ante-sala entregou o papel dobrado a Albert, dando ao gesto grande importância.

— Fui chamado para um caso de urgência. Explique ao Bispo se ele vier. Aqui estão minhas anotações sobre o caso, para a Srta. Robinson.

— Muito bem, senhor — disse Albert, aceitando o jogo. — E

quanto às pérolas da Duquesa?

Tommy fez um gesto de impaciência.

— Isto também tem que esperar.

Ele e a Srta. March saíram. No meio da escada encontraram Tuppence, que subia, Tommy passou por ela com um brusco: —

Atrasada de novo, Srta. Robinson. Fui chamado para um caso importante.

Tuppence ficou parada na escada, olhando-os. Então, com as sobrancelhas levantadas, subiu para o escritório.

Quando alcançaram a rua, um táxi veio na direção deles; Tommy esteve a ponto de fazê-lo parar mas mudou de idéia.

— Gosta de andar, Srta. March? — perguntou, sério.

— Sim, por quê? Não seria melhor tomarmos um táxi?

Chegaríamos mais rápido.

— Talvez não tenha percebido. Este motorista acabou de recusar um passageiro, um pouco antes. Estava nos esperando.

Seus inimigos estão à espreita. Se não se incomoda, preferia andar até Bond Street. Com as ruas cheias de gente não ousariam tentar nada contra nós.

— Muito bem — disse a moça, um tanto hesitante.

E foram caminhando. As ruas, como Tommy dissera, estavam cheias e eles caminhavam devagar. Tommy estava atento.

De vez em quando puxava a moça para o lado, num gesto rápido, embora ela não tivesse visto nada de excepcional.

De repente, quando a olhou, pareceu sentir remorsos.

— Escute, você parece exausta. Deve ter sido o susto por causa daquele homem. Vamos entrar aqui e tomar um café bem forte. Acho que não gostaria de um gole de conhaque, não é?

A moça balançou a cabeça com um leve sorriso.

— Então vamos tomar café — disse Tommy. — Acho que não corremos o risco de estar envenenado.

Demoraram-se algum tempo tomando o café e, por fim, partiram apertando o passo.

— Acho que já os despistamos — disse Tommy, olhando por sobre o ombro.

A Cyclamen Ltda., um pequeno estabelecimento em Bond Street, era decorado com cortina de tafetá rosa pálido: enfeitando a vitrine, um ou dois potes de creme para o rosto e um sabonete.

Cicely March entrou, seguida por Tommy. O lugar era pequeno; à esquerda uma vitrine com artigos de toucador. Por trás desta vitrine, uma mulher de meia-idade, cabelos grisalhos e pele linda fez um sinal com a cabeça para cumprimentar Cicely March e depois continuou a atender uma cliente.

Esta cliente era uma mulher baixa, morena. Tinha as costas voltadas para eles de modo que não lhe puderam ver o rosto.

Falava num inglês arrastado e confuso. À direita um sofá, algumas cadeiras e revistas espalhadas sobre a mesa. Ali estavam dois homens, aparentemente maridos amolados esperando as esposas.

Cicely March passou por uma porta, a qual deixou aberta para que Tommy também pudesse entrar. Assim que o fez, o cliente exclamou: “Ah, mas acho que este é um *amico* meu” e correu na direção deles, colocando o pé na porta a tempo de evitar que fosse fechada. Ao mesmo tempo os dois homens se levantaram. Um a seguiu até a porta e o outro correu em direção da vendedora e tapou-lhe a boca com as mãos para impedir que gritasse.

Enquanto isso, as coisas aconteciam com rapidez atrás da porta. Assim que Tommy passara, jogaram-lhe um pano sobre a cabeça e um cheiro enjoativo penetrou-lhe as narinas. Entretanto, quase ao mesmo tempo, este pano foi retirado de novo e ouviu-se um grito de mulher.

Tommy piscava e tossia enquanto se acostumava à cena que se lhe apresentava. À direita, o misterioso desconhecido de algumas horas atrás e, encarregando-se de colocar-lhe as algemas, um dos homens amolados do salão de beleza. Diante dele Cicely March tentava em vão se libertar enquanto a cliente a mantinha presa firmemente. Quando esta última voltou a cabeça, o véu que lhe cobria o rosto se soltou revelando as familiares feições de Tuppence.

— Muito bem, Tuppence — disse Tommy, aproximando-se dela. — Deixe-me ajudá-la. Se fosse você não lutaria, Srta. O'Hara

— ou prefere ser chamada de Srta. March?

— Este é o Inspetor Grace, Tommy — disse Tuppence. —

Logo que li o recado que me deixou, telefonei para a Scotland Yard; o Inspetor Grace e outro homem se encontraram comigo aqui na porta do salão.

— Estou muito contente por ter apanhado este homem —

disse o inspetor, apontando para o prisioneiro. — Há muito que estávamos atrás dele, mas nunca tivemos motivos para desconfiar deste lugar — pensávamos que fosse um verdadeiro salão de beleza.

— Como vê — explicou Tommy, amável —, temos que ter muito cuidado! Por que alguém se apossaria da mala do Embaixador por uma hora? Vi o problema pelo outro lado. E se a mala importante

fosse a outra? Alguém queria usar a do embaixador por mais ou menos uma hora. Muito mais inteligente!

A bagagem diplomática não se sujeita aos insultos da alfândega.

Puro contrabando. Mas contrabando de quê? De nada muito volumoso. Logo pensei em drogas. Depois houve uma pitoresca encenação no meu escritório. Eles viram meu anúncio e me queriam tirar de cena, a qualquer custo. Acontece que a expressão de terror da encantadora dama, quando Albert agiu, não me passou despercebida. Não se encaixava muito bem com o papel que queria desempenhar. O ataque do desconhecido tinha o objetivo de aumentar minha confiança nela. Quanto a mim, banqueei o detetive crédulo, engoli aquela história um tanto inverossímil e permiti que me trouxesse até aqui; mas não sem deixar instruções. Sob os mais variados pretextos, retardei nossa chegada de modo a dar-lhes o tempo necessário.

Cicely March olhava-o, impassível.

— Está maluco. O que espera encontrar aqui?

— Considerando que Richards viu um pote de sais de banho, que tal começar por ele, hein, inspetor?

— Uma ótima idéia, senhor.

Ele apanhou um dos potes cor-de-rosa e o esvaziou sobre a mesa. A moça riu.

— Nada mais do que carbonato de sódio? — perguntou Tommy.

— Veja o cofre — sugeriu Tuppence.

Havia um pequeno cofre de parede a um canto. A chave se encontrava na fechadura. Tommy abriu-o com certa violência e soltou um grito de satisfação. No fundo do cofre havia uma grande

reentrância, repleta de potes de sais de banho. Fileiras e mais fileiras deles. Ele apanhou um e tirou-lhe a tampa. Na parte de cima, os mesmos grânulos cor-de-rosa; por baixo, um fino pó branco.

O inspetor soltou uma exclamação.

— Achamos, senhor. Aposto como isso é cocaína pura.

Sabíamos que havia uma área distribuidora por aqui mas nunca tivemos nenhuma pista. Foi um golpe maravilhoso, senhor.

— Mais um êxito dos Brilhantes Detetives de Blunt — disse Tommy para Tuppence, quando saíram. — É maravilhoso ser casado. Seu constante ensinamento me fez reconhecer cabelos oxigenados. Para me enganar, a loura tem que ser genuína.

Escreveremos uma carta ao Embaixador, informando-lhe de que o assunto foi satisfatoriamente resolvido. E agora, meu caro rapaz, que tal chá com muito pão e manteiga derretida?

CAPÍTULO XXIII

O HOMEM DE N.º 16

Tommy e Tuppence estavam no escritório em reunião com o Chefe. Seus elogios foram calorosos e sinceros:

— Vocês tiveram um grande êxito. Graças a vocês prendemos nada menos do que cinco personagens muito interessantes dos quais temos extraído informações valiosas. Mas fui informado, por fonte fidedigna, de que Moscou alarmou-se pelo fato de os agentes não terem prestado informações. Acho que embora tenhamos tomado todas as precauções, eles começaram a suspeitar de que nem tudo vai bem no que chamamos de centro distribuidor — o escritório de Theodore Blunt —, a Agência Internacional de Detetives.

— Bem, era de se esperar que desconfiassem — disse Tommy.

— Exatamente, era de se esperar. Só estou um pouco preocupado com a Sra. Tommy.

— Posso cuidar dela muito bem, senhor — disse Tommy, ao mesmo tempo em que Tuppence afirmava:

— Posso cuidar muito bem de mim.

— Hummm — fez o Sr. Carter. — A autoconfiança excessiva sempre foi uma característica de vocês. Não estou preparado para dizer se sua imunidade se deve a esta inteligência sobre-humana ou a uma pequena porcentagem de sorte. Mas como sabem, a sorte muda. Em todo caso, não vou discutir o assunto. Pelo que muito conheço da Sra. Tommy, seria inútil pedir-lhe que saísse de cena nas próximas semanas, não é?

Tuppence balançou a cabeça com energia.

— Então, o que tenho a fazer é dar-lhes toda a informação de que disponho. Temos motivos para acreditar que um agente especial foi enviado de Moscou para este país. Não sabemos sob que nome está viajando nem quando chega. Mas sabemos alguma coisa sobre ele. Ele nos deu muito trabalho na guerra: é quase ubíquo, aparecia nos lugares mais inesperados. É russo de nascimento e um lingüista perfeito, tanto que pode se passar por meia dúzia de nacionalidades, inclusive a nossa. É um mestre na arte do disfarce. E é inteligente. Foi ele que bolou o código n.º 16.

— Não sabemos nem quando nem como ele vai aparecer.

Mas tenho absoluta certeza de que *vai* aparecer. E sabemos também que não conheceu o verdadeiro Sr. Theodore Blunt pessoalmente. Acho que virá ao seu escritório dizendo que gostaria que tomasse conta de um caso e vai testá-lo com as senhas. A

primeira, como sabe, é a menção do número 16 — o que é respondido com uma frase que contenha o número 16 também.

A segunda, acabamos de saber, é uma pergunta: “Já cruzou o canal?” A resposta é: “Eu estava em Berlim no dia 13 do mês passado.” Pelo que sabemos é só isso. O que sugiro é que responda corretamente para ganhar-lhe confiança. Manter a mentira tanto quanto possível. Mas mesmo que ele pareça acreditar completamente, fique alerta. Nosso amigo é muito astuto e pode fazer um jogo duplo tão bem ou melhor do que vocês. Mas, de qualquer jeito, espero apanhá-lo por seu intermédio. Já adotei precauções especiais. Ontem à noite se instalou um ditafone no seu escritório de modo que os meus homens, na sala do andar de baixo, possam saber tudo o que se passa lá. Assim serei imediatamente informado se acontecer qualquer coisa e posso tomar as providências necessárias para protegê-los enquanto aprisiono o homem que procuro.

Depois de mais algumas instruções e discussão sobre as táticas a adotar, o jovem casal saiu se dirigindo, o mais rápido possível, para o escritório dos Brilhantes Detetives de Blunt.

— Já é tarde — disse Tommy, consultando o relógio. —

Meio-dia. Ficamos muito tempo com o Chefe. Espero que não tenhamos perdido nenhum caso interessante.

— Até que nosso resultado não foi tão ruim — disse Tuppence. — Estava pensando nisso outro dia. Resolvemos quatro assassinatos misteriosos, apanhamos uma quadrilha de falsificadores, outra de contrabandistas...

— Em realidade, duas quadrilhas — interrompeu Tommy. —

Apanhamos! Estou contente com isso. “Quadrilha” soa tão profissional...

Tuppence continuou, contando nos dedos todos os itens.

— Um roubo de jóias, duas fugas de morte violenta, um caso de uma moça desaparecida que fazia tratamento para emagrecer, ajudou-se uma moça, um álibi foi posto por terra e, infelizmente, um caso onde fizemos total papel de bobos. Ao todo, muito bom.

Somos *muito* inteligentes, eu acho.

— Você sempre achou — disse Tommy. — Agora, tenho a impressão de que uma ou duas vezes tivemos muita sorte.

— Bobagem — retrucou Tuppence. — Tudo foi obra da massa cinzenta.

— Bem, uma vez tive uma sorte danada — disse Tommy. —

Foi quando Albert deu aquela laçada! Mas você fala, Tuppence, como se estivesse tudo acabado.

— E está — disse Tuppence. E baixando o tom de voz: —

Este é o nosso último caso. Quando eles tiverem apanhado o superespião, os grandes detetives pretendem se aposentar para se dedicarem à apicultura ou à horta. É sempre assim.

— Cansou-se, não foi?

— É, acho que já estou cansada. E além do mais, até agora fomos muito bem-sucedidos — a sorte pode mudar.

— Quem está falando de sorte agora? — perguntou Tommy, vitorioso.

Neste momento eles entraram na portaria do edifício no qual se situavam os escritórios de Theodore Blunt, e Tuppence não respondeu.

Albert, na ante-sala, empregava seu tempo de lazer em equilibrar, ou tentar equilibrar, a régua sobre o nariz.

Com a testa franzida em sinal de reprovação, o grande Sr.

Blunt passou para a sala privada. Livrando-se da capa e do chapéu, ele abriu o armário sobre cujas prateleiras repousava sua biblioteca clássica dos grandes detetives de ficção.

— Já não há tanta escolha — murmurou Tommy. — Quem devo tomar como modelo hoje?

A voz de Tuppence, um tanto diferente, fê-lo voltar-se.

— Tommy, que dia é hoje?

— Deixe-me ver... dia 10 — por quê?

— Olhe na folhinha.

Dependurado na parede, via-se um daqueles calendários de onde se arranca uma folha a cada dia. Nele lia-se domingo, 16.

Hoje era segunda-feira.

— Meu Deus, que coisa esquisita. Albert deve ter arrancado muitas folhas. Que cara descuidado.

— Acho que não foi ele. Mas vamos perguntar — disse Tuppence.

Albert pareceu bastante surpreso. Jurou que só tirara duas folhas, a de sábado e a de domingo. Sua afirmação foi logo confirmada, pois as duas folhas tiradas por Albert foram encontradas na lareira, enquanto as outras estavam na cesta de papéis, todas arrumadinhas.

— Um criminoso organizado e metódico — disse Tommy. —

Quem esteve aqui esta manhã, Albert? Algum cliente?

— Só um.

— Como era ele?

— Era ela; uma enfermeira. Muito aborrecida e ansiosa por vê-lo. Disse que ia esperá-lo. Deixei-a esperando na outra sala porque estava mais quente.

— E de lá ela pôde vir até aqui sem ser vista. Durante quanto tempo ela ficou?

— Mais ou menos meia hora, senhor. Disse que voltaria à tarde. Uma pessoa com ar maternal.

— Uma pessoa com ar ma... ora, dê o fora, Albert.

Albert saiu, ofendido.

— Que coisa esquisita — disse Tommy. — Parece um pouco sem propósito. Isso nos faz ficar alertas. Espero que não haja nenhuma bomba escondida na lareira.

Ele foi se certificar e depois sentou-se à escrivaninha, dirigindo-se a Tuppence.

— *Mon ami* — disse ele —, estamos diante de um fato da maior gravidade. Você se lembra, não se lembra? Do homem de n.

° 4. Aquele que esmaguei como se fosse casca de ovo nas Dolomitas — com a ajuda de poderosos explosivos, *bien entendu*.

Mas ele não estava morto, realmente — ah, não, eles nunca morrem de verdade, estes supercriminosos. Este é o homem; ele é o 4 ao quadrado — em outras palavras, agora ele é o N.º 16. Você compreende, *mon ami*?

— Perfeitamente — disse Tuppence. — Você é o grande Hercule Poirot.

— Exatamente. Não tenho bigodes mas tenho muita massa cinzenta.

— Tenho o pressentimento — disse Tuppence — de que esta aventura vai se chamar “O Triunfo de Hastings”.

— Nunca — disse Tommy. — Uma vez o amigo idiota, sempre o amigo idiota. Há uma etiqueta que rege estes assuntos.

A propósito, *mon ami*, não poderia repartir o cabelo ao meio em vez de reparti-lo do lado? O efeito atual é sem simetria e deplorável.

A campainha soou à mesa de Tommy. Ele deu o sinal e Albert apareceu trazendo um cartão.

— Príncipe Vladiroffsky — leu Tommy, em voz baixa. Ele olhou para Tuppence. — Será que... faça-o entrar, Albert.

O homem que entrou era de estatura mediana, maneiras diplomáticas, barba loura e aparentava ter uns trinta e cinco anos.

— Sr. Blunt? — perguntou ele. Seu inglês era perfeito. — O

senhor me foi muito recomendado. Pode-se encarregar de um caso para mim?

— Se me der os detalhes...?

— Claro. Trata-se da filha de um amigo meu — uma moça de dezesseis anos. Não queremos escândalo — o senhor compreende.

— Meu caro senhor — disse Tommy —, há dezesseis anos que trabalhamos nesse campo com o maior êxito, devido, exatamente, a este princípio.

Tommy achou que vira um repentino brilho nos olhos do outro. Se tal ocorreu, passou com a mesma rapidez.

— O senhor tem filiais do outro lado do Canal, não é verdade?

— Ah, sim. Na verdade — ele pensou na frase com grande deliberação — eu estava em Berlim no dia 13 do mês passado.

— Neste caso — disse o desconhecido — não é necessário manter a mentira. A filha do meu amigo pode ser deixada de lado.

Sabe quem eu sou — pelo menos vejo que recebeu aviso de minha chegada.

Ele fez um sinal com a cabeça em direção ao calendário da parede.

— É verdade — disse Tommy.

— Meus amigos — vim aqui para investigar. O que está acontecendo?

— Traição — disse Tuppence, já não se podendo conter.

O russo olhou-a, levantando as sobrancelhas.

— Ah, então é isso? Foi o que pensei. Foi o Sergius?

— Achamos que sim — disse Tuppence, sem hesitar.

— Não me surpreenderia. Mas e quanto a vocês? Não desconfiam de vocês?

— Acho que não. Como vê, lidamos com negócios legítimos

— explicou Tommy.

O russo aquiesceu.

— Muito sensato. Mesmo assim, acho que não devo mais voltar aqui. Por enquanto estou no Blitz. Vou levar Marise — esta é Marise, não é?

Tuppence assentiu.

— Como ela é conhecida aqui?

— Ah, Srta. Robinson.

— Muito bem, Srta. Robinson, você volta comigo para o Blitz e almoçamos lá. Depois todos nos encontraremos no quartel-general, às três horas. Está claro? — Ele olhou para Tommy.

— Perfeitamente — respondeu Tommy, perguntando-se onde será que ficaria o quartel-general.

Mas supôs que era justamente este quartel-general que o Sr.

Carter estava tão ansioso por descobrir.

Tuppence levantou-se e vestiu o longo casaco preto de gola de leopardo. E então, com toda a seriedade, disse estar pronta para acompanhar o Príncipe.

Saíram juntos e Tommy ficou, presa das mais confusas emoções.

E se o ditafone tivesse algum defeito? E se a misteriosa enfermeira o tivesse descoberto, inutilizando-o?

Ele apanhou o telefone e discou para certo número. Houve um momento de espera e depois uma voz muito conhecida falou:

— Está certo. Vá ao Blitz imediatamente.

Cinco minutos depois, Tommy e o Sr. Carter se encontraram no Blitz. Este último estava muito seguro.

— Foi excelente. O príncipe e sua esposa estão almoçando no restaurante. Dois dos meus homens estão lá servindo de garçom. Quer ele desconfie, quer não — e tenho certeza de que não desconfia — já o temos nas mãos. Há dois homens a postos, lá em cima, vigiando-lhe a suíte e mais lá fora para segui-lo aonde quer que vá. Não se preocupe com sua mulher. Não a perderemos de vista. Não vou me arriscar.

De vez em quando um dos homens do Serviço Secreto vinha prestar informações. Da primeira vez foi o garçom, que anotou-lhes o pedido dos aperitivos; da segunda, um jovem elegante, de rosto inexpressivo.

— Eles estão saindo — disse o Sr. Carter. — Vamos ficar atrás desta coluna, caso venham sentar-se aqui, mas acho que ele vai levá-la para a suíte. Ah, sim, foi o que pensei.

De onde estavam, Tommy viu o russo e Tuppence atravessarem o vestíbulo e entrarem no elevador.

Passaram-se os minutos e Tommy começou a se inquietar.

— O senhor acha, quer dizer... sozinhos na suíte...

— Um dos meus homens está lá dentro — atrás do sofá. Não se preocupe, homem.

Um garçom atravessou o vestíbulo e aproximou-se do Sr.

Carter.

— Recebi o sinal de que estavam subindo, senhor — mas não subiram. Isto está certo?

— O quê? — o Sr. Carter sobressaltou-se. — Eu os vi entrar no elevador. — Ele consultou o relógio. — Há quatro minutos e meio... e ainda não apareceram...

Ele foi correndo para o elevador, que acabava de descer, e se dirigiu ao cabineiro:

— Você levou um homem de barba loura e uma jovem, há alguns minutos, ao segundo andar?

— Para o segundo andar, não. O cavalheiro pediu o terceiro.

— Oh! — De um salto, o Chefe entrou no elevador, fazendo um sinal a Tommy para que o acompanhasse. — Terceiro andar, por favor.

— Não estou entendendo isso — disse ele, em voz baixa. —

Mas fique calmo. Todas as saídas do hotel estão vigiadas e um dos meus homens está no terceiro andar — tenho um homem em cada andar. Não queria correr nenhum risco.

No terceiro andar a porta se abriu e eles pularam para fora, atravessando, apressados, o corredor. No meio do caminho, um homem vestido de garçom se aproximou deles.

— Está tudo bem, Chefe. Eles estão no n.º 318.

Carter soltou um suspiro de alívio.

— Ótimo. Não há outra saída?

— É uma suíte, mas só tem estas duas portas que dão para o corredor e, para sair de qualquer um destes quartos, teriam que passar por nós para alcançar a escada ou o elevador.

— Então está bem. Telefone para a portaria e averigue o nome da pessoa que deveria ocupar esta suíte.

O garçom voltou poucos minutos depois.

— Sra. Cortlandt Van Snyder, de Detroit.

O Sr. Carter ficou muito pensativo.

— Será que esta Sra. Van Snyder é cúmplice ou...

Ele não completou a frase.

— Está ouvindo algum barulho lá de dentro?

— Nada. Mas as portas são grossas. Não se pode ouvir mesmo.

De repente, o Sr. Carter tomou uma decisão.

— Isto não está me cheirando bem. Vamos entrar. Tem a chave-mestra?

— Tenho, sim, senhor.

— Chame Evans e Clydesly.

Reforçados pelos dois outros homens, eles se aproximaram da porta da suíte. Esta se abriu, silenciosamente, quando o primeiro homem colocou a chave.

Eles se viram num pequeno vestíbulo. À direita, a porta aberta de um banheiro e à frente uma salinha de visitas. À

esquerda, uma porta fechada por trás da qual escapava um som fraco que mais parecia o de uma respiração asmática. O Sr. Carter abriu a porta com um empurrão e entrou.

Ali ficava o quarto propriamente dito, com uma grande cama de casal e, por cima desta, uma decorativa colcha rosa e dourada.

Sobre ela, mãos e pés amarrados, a boca amordaçada e os olhos saltados de dor e raiva, estava uma mulher de meia-idade, muito bem vestida.

Seguindo as ordens do Sr. Carter, os homens vasculharam toda a suíte. Só Tommy e seu Chefe entraram no quarto. Quando se inclinou sobre a cama e lutou para desfazer os nós, os olhos de Carter varreram o quarto, cheio de perplexidade. A não ser por uma imensa quantidade de malas americanas, o quarto estava vazio. Nenhum sinal do russo nem de Tuppence.

Pouco depois o garçom entrou apressado, informando que os outros quartos também estavam vazios. Tommy correu para a janela: outra decepção. Não havia nenhuma varanda — nada, a não ser o vazio até a rua lá embaixo.

— Tem certeza de que foi neste quarto que entraram? —

perguntou Carter, com energia.

— Absoluta. Além do mais... — o homem apontou para a mulher estendida na cama.

Com a ajuda de um canivete, Carter soltou a mordaca que quase sufocava a mulher, e ficou logo claro que, por mais que tivesse sofrido, isto não a impedia de usar a língua.

Quando terminou a primeira explosão, o Sr. Carter falou com suavidade.

— Pode-me contar o que aconteceu exatamente, desde o começo?

— Em primeiro lugar, vou processar este hotel. É uma afronta. Eu estava procurando minha garrafa de "Killagrippe"

quando um homem pulou em cima de mim e quebrou uma pequena garrafa bem debaixo do meu nariz, e, antes que eu pudesse retomar o fôlego, desmaiei. Quando voltei a mim, estava deitada aqui, toda amarrada, e só Deus sabe o que aconteceu com minhas jóias. Aposto que roubou tudo

— Acho que suas jóias estão seguras — disse o Sr. Carter secamente. Ele girou sobre os calcanhares e apanhou alguma coisa no chão.

— A senhora estava aqui quando o homem lhe pulou em cima?

— Isso mesmo — concordou a Sra. Van Snyder.

O Sr. Carter apanhara um fragmento de vidro fino. Cheirou-o e entregou-o a Tommy.

— Cloreto de etilo — murmurou ele. — Anestesia instantânea. Mas só tem efeito por alguns segundos. É claro que ele ainda estava aqui quando a senhora recobrou os sentidos, Sra.

Van Snyder.

— Não era isso que eu estava dizendo? Quase fiquei louca quando o vi fugindo sem poder fazer nada.

— Fugindo? — perguntou o Sr. Carter. — Por onde?

— Por aquela porta. — Ela apontou para a porta em frente.

— Havia uma moça com ele e me pareceu que caminhava com dificuldade, como se tivesse recebido uma dose da mesma anestesia.

Carter olhou, interrogativo, para o ajudante.

— A porta dá para a outra suíte. Mas portas duplas sempre estão trancadas com ferrolho de cada lado.

O Sr. Carter examinou a porta com todo cuidado. E então, levantando-se, aproximou-se da cama.

— Sra. Van Snyder — disse ele, com calma —, ainda insiste em afirmar que o homem saiu por ali?

— Ora, claro, e por que não?

— Porque acontece que a porta está trancada deste lado —

disse o Sr. Carter, seco. Enquanto falava, sacudia a maçaneta.

Uma expressão de perplexidade tomou conta do rosto da Sra. Van Snyder.

— A não ser que alguém tivesse trancado a porta, ele não pode ter fugido por aqui — disse o Sr. Carter.

Ele voltou-se para Evans, que acabara de entrar no quarto.

— Tem certeza de que não estão em nenhum lugar da suíte?

Não há nenhuma outra porta de comunicação?

— Não, senhor. Tenho certeza.

Carter voltou a varrer o quarto com os olhos. Abriu o grande armário, olhou debaixo da cama, na chaminé e atrás das cortinas.

Finalmente, levado por uma idéia repentina e sem prestar atenção aos protestos veementes da Sra. Snyder, abriu um grande baú e revistou-lhe rapidamente o interior.

De repente, Tommy, que examinava a porta de comunicação, exclamou:

— Venha cá, Chefe, olhe aqui. Eles saíram por aqui.

O ferrolho fora limado habilmente, tão perto do encaixe que mal se percebia o ponto de junção.

— A porta não abre porque está trancada do outro lado —

explicou Tommy.

Um minuto depois estavam no corredor de novo e o garçom abria a porta da suíte contígua com a chave-mestra. Esta estava vazia. Quando chegaram à porta de comunicação, viram que o mesmo plano fora adotado. O ferrolho fora limado, a porta estava trancada, a chave fora retirada. Porém nenhum sinal de Tuppence nem do russo e não havia nenhuma outra porta de comunicação, só a do corredor.

— Mas eu os teria visto se tivessem saído — protestou o garçom. — Posso jurar que não saíram.

— Droga! — exclamou Tommy. — Eles não podem ter-se evaporado.

Carter se acalmara de novo, fazendo funcionar sua mente astuta.

— Telefone lá para baixo e veja quem ocupou esta suíte pela última vez e quando.

Evans, que viera com ele, deixando Clydesly na vigia, na outra suíte, obedeceu. Pouco depois anunciou: Um rapaz inválido, *M. Paul de Vazeze*. Uma enfermeira o acompanhava. Saíram esta manhã.

O outro homem do Serviço Secreto, o garçom, soltou uma exclamação; ficara muito pálido.

— O rapaz inválido... a enfermeira — gaguejou. — Eu... eles passaram por mim. Nunca poderia pensar. Eu os vi tantas vezes antes!

— Tem certeza de que eram os mesmos? — perguntou o Sr.

Carter. — Tem certeza, homem? Olhou bem para eles?

O homem balançou a cabeça.

— Mal olhei para eles. Estava esperando, o senhor compreende, alerta para os outros dois, o homem de barba loura e a moça.

— Claro — disse o Sr. Carter, com um gemido. — Eles contavam com isso.

Com uma exclamação repentina, Tommy abaixou-se e puxou alguma coisa que estava debaixo do sofá. Era uma pequena trouxa preta. Tommy desenrolou-a e vários artigos caíram. A capa preta que embrulhava tudo era a que Tuppence usara naquele dia. Dentro encontraram o vestido dela, o chapéu e uma longa barba loura.

— Agora está bastante claro — disse ele, amargo. — Eles a pegaram — pegaram Tuppence. Aquele diabo russo nos enganou.

A enfermeira e o rapaz eram cúmplices. Ficaram aqui um ou dois dias para que o pessoal do hotel se acostumasse com a sua presença. Durante o almoço, o homem deve ter percebido que caíra numa armadilha e decidiu levar o plano adiante.

Provavelmente esperava que o quarto vizinho estivesse vazio, já que estava quando ajustou o ferrolho. De alguma maneira conseguiu silenciar tanto a mulher da suíte quanto Tuppence, trouxe-a para cá, vestiu-a com as roupas de rapaz, alterou a própria aparência e saiu sem ser perturbado. As roupas já deviam estar escondidas. O que não compreendo é como conseguiu a aquiescência de Tuppence.

— Eu compreendo — disse o Sr. Carter. Apanhou do chão um pequeno fragmento de metal brilhante. — Este é um pedaço de uma agulha hipodérmica. Ela estava dopada.

— Meu Deus! — gemeu Tommy. — E ele fugiu.

— Isso não sabemos — disse Carter rapidamente. — Lembre-se de que há vigias em todas as saídas.

— Vigias que procuram um homem e uma mulher. Não uma enfermeira e um rapaz inválido. A esta altura já devem ter saído do hotel.

Uma pequena averiguação provou que isto era verdade. A enfermeira e o paciente haviam tomado um táxi há uns cinco minutos.

— Escute, Beresford — disse o Sr. Carter —, pelo amor de Deus, acalme-se. Sabe que não haverá descanso enquanto eu não encontrar a moça. Vou voltar o quanto antes ao meu escritório e, em menos de cinco minutos, todo o departamento estará em funcionamento. Nós vamos achá-los.

— Vão mesmo? Este russo é um demônio inteligente. Que golpe astuto! Mas sei que o senhor vai fazer tudo o que estiver a seu alcance. Só que... peço a Deus que não seja tarde demais.

Eles estão nos fazendo passar maus momentos.

Ele saiu do Blitz e andou, às tontas, pelas ruas, sem saber bem para onde ia. Sentia-se completamente entorpecido. Onde procurar? O que fazer?

Foi ao Green Park e deixou-se cair sobre um banco. Não chegou a notar que outra pessoa sentava-se ali também e ficou bastante surpreso quando ouviu uma voz conhecida:

— Desculpe a minha intromissão, senhor...

Tommy levantou os olhos.

— Olá, Albert — disse melancólico.

— Sei de tudo, senhor, mas não fique assim.

— Não fique assim... — ele soltou uma gargalhada seca. — É

fácil dizer, não é?

— Ah, mas pense, senhor. Os Brilhantes Detetives de Blunt!

Nunca são vencidos. E, desculpe-me dizê-lo, mas não pude deixar de ouvir o que o senhor e sua esposa conversavam hoje de manhã.

Sr. Poirot e a massa cinzenta. Ora, por que o senhor não usa a sua massa cinzenta e vê o que pode fazer?

— É mais fácil usar a massa cinzenta em ficção do que na realidade, meu rapaz.

— Bem — insistiu Albert —, não acredito que ninguém tenha conseguido deixar a Sra. Beresford fora de combate para sempre.

Sabe como ela é, senhor, igual a estes ossos de borracha que se compra para os cachorros — indestrutíveis.

— Albert — disse Tommy —, você está me animando.

— Então, por que não usar a massa cinzenta, senhor?

— Você é um rapaz persistente, Albert. Até agora nos foi de grande serventia que tenha bancado o bobo. Vamos tentar de novo. Vamos recapitular os fatos com ordem, com método.

Exatamente às duas e dez nosso homem entrou no elevador.

Cinco minutos depois falamos com o cabineiro e, depois de ouvirmos a versão dele, também subimos ao terceiro andar. Às duas e dezenove, digamos, entramos na suíte da Sra. Van Snyder.

E que fato significativo isso nos traz?

Houve uma pausa, já que nenhum dos dois pôde responder a esta pergunta.

— Havia alguma coisa no quarto parecida com um baú? —

perguntou Albert, os olhos brilhando.

— *Mon ami* — disse Tommy —, você não entende a psicologia de uma mulher americana que acaba de chegar de Paris. Havia, pelo menos, dezenove baús no quarto.

— O que quis dizer é que o baú é muito prático quando se quer ficar livre de um cadáver — não que ela esteja morta.

— Examinamos os dois únicos onde caberia um corpo. Em ordem cronológica, qual é o próximo fato?

— O senhor pulou um — quando a Sra. Beresford e o homem vestido de enfermeira passaram pelo garçom.

— Deve ter sido um pouco antes de termos subido no elevador — disse Tommy. — Por um triz não deram de cara conosco. Uma coisa muito rápida. Eu...

Ele calou-se.

— O que foi?

— Silêncio, *mon ami*. Estou tendo aquele tipo de idéia —

colossal, estupenda — que mais cedo ou mais tarde ocorre a Hercule Poirot. Mas se for assim — se este for o caso — oh, meu Deus, espero que não seja tarde.

Ele saiu correndo do parque, Albert atrás dele, perguntando, sem fôlego, enquanto corria: — O que é? Não entendo.

— Está bem — disse Tommy. — Não é necessário. Hastings nunca entendeu. Se sua massa cinzenta não fosse muito inferior à minha, qual seria a graça do jogo? Estou sendo estúpido — mas não posso

evitar. Você é um ótimo rapaz, Albert. Sabe quanto vale Tuppence — doze vezes mais do que eu ou você.

Falando ofegante, enquanto corria, Tommy entrou de novo no Blitz. Avistou Evans e o pôs a par da situação com algumas palavras apressadas. Os dois homens entraram no elevador, Albert com eles.

— Terceiro andar — disse Tommy.

Pararam diante do n.º 318. Evans tinha uma chave-mestra e fez uso dela. Sem uma palavra de aviso, entraram no quarto da Sra. Van Snyder. A mulher ainda estava deitada na cama, só que agora vestia uma bonita camisola. Ela olhou-os, surpresa.

— Desculpe por não ter batido — disse Tommy, amável. —

Mas quero minha esposa. Incomoda-se de sair da cama?

— Acho que o senhor está completamente maluco — gritou ela.

Tommy estudou-a com os olhos, pensativo, a cabeça pendida para um lado.

— Muito artístico — disse ele —, mas não vai adiantar.

Olhamos debaixo da cama — mas não *dentro* dela. Também usava este esconderijo quando era jovem. Atravessado na cama, sob o almofadão. E este baú prontinho para levar o corpo, mais tarde.

Mas agora fomos um pouco mais rápidos do que a senhora. Teve tempo de dopar Tuppence, colocá-la sob o almofadão, ser amordaçada e amarrada pelos seus próprios cúmplices e, devo admitir, engolimos sua história. Mas quando se pensa, com ordem e método — é impossível drogar uma moça, vesti-la de homem, amordaçar e amarrar outra mulher e mudar a própria aparência

— tudo em cinco minutos. Simplesmente uma impossibilidade física. A enfermeira e o rapaz deviam funcionar como chamariz.

Devíamos seguir-lhes a pista e lamentar a Sra. Van Snyder, uma vítima. Ajude-a a sair da cama, por favor, Evans. Trouxe o automático? Ótimo.

Debaixo de protestos, a Sra. Van Snyder foi arrancada do seu lugar de repouso, Tommy tirou a colcha e o almofadão.

E lá, atravessada na cama, estava Tuppence, olhos fechados, o rosto pálido. Por um momento, Tommy ficou apavorado; depois notou-lhe a respiração. Estava drogada, e não morta.

Ele voltou-se para Albert e Evans.

— E agora, *Messieurs* — disse dramaticamente —, o *coup* final!

Com um movimento rápido e inesperado ele agarrou a Sra.

Van Snyder pelos cabelos. Este saiu-lhe nas mãos.

— Como pensei — disse Tommy. — N.º 16.

Cerca de meia hora depois, Tuppence abria os olhos; ao lado dela, um médico e Tommy.

Sobre os acontecimentos da meia hora seguinte, é melhor cobri-los com um decente véu; depois deste período, o médico saiu afirmando-lhes que tudo estava bem.

— *Mon ami*, Hastings — disse Tommy carinhosamente —, como me alegro por vê-la ainda com vida.

— Pegamos o N.º 16?

— Uma vez mais esmaguei-o como uma casca de ovo, ou melhor, Carter pegou-o. A massa cinzenta! A propósito, vou aumentar o

ordenado do Albert.

— Conte-me tudo.

Tommy fez-lhe uma descrição viva dos fatos, com certas omissões.

— Você não ficou quase louco por minha causa? —
perguntou Tuppence, a voz fraca.

— Não muito. A gente tem que manter a calma.

— Mentiroso! Você ainda está bastante perturbado.

— Bem, talvez estivesse um pouco preocupado, querida.

Escute, nós vamos abandonar isso agora, não vamos?

— Claro que sim.

Tommy suspirou, aliviado.

— Achei que agiria com sensatez. Depois de um choque desses...

— Não foi o choque. Você sabe que não ligo para os choques.

— Um osso de borracha — indestrutível — murmurou Tommy.

— Tenho coisa melhor a fazer — continuou Tuppence. —

Uma coisa muito mais emocionante. Nunca experimentei antes.

Tommy olhou-a, muito apreensivo.

— Eu a proíbo, Tuppence.

— Você não pode proibir — disse Tuppence. — É uma lei da natureza.

— Sobre o que você está falando, Tuppence?

— Estou falando... sobre o nosso bebê. Hoje em dia as mulheres não sussurram, gritam: NOSSO FILHO! Tommy, a vida não é maravilhosa?

2

2 Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras.

Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.



http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups.google.com/group/digitalsource>

ESTA OBRA FOI IMPRESSA NA LIS
GRÁFICA E EDITORA LTDA., PARA
A EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.,
EM JULHO DE MIL NOVECENTOS E

OITENTA E TRÊS

Não encontrando este livro nas livrarias, pedir pelo Reembolso Postal à EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A. — Rua Maria Angélica, 16S

Lagoa — CEP. 22.461 — Rio de Janeiro

**COLEÇÃO
AGATHA CHRISTIE**

Um Passe de Mágica
Noite sem Fim
A Terceira Moça
Aventura em Bagdá
O Detetive Parker Payne
Um Pressentimento Funesto
Encontro com a Morte
Convite para um Homicídio
Morte na Mesopotâmia
Treze à Mesa
A Morte da Sra. McGinty
A Noite das Bruxas
A Casa Torta
Um Corpo na Biblioteca
Um Destino Ignorado
É Fácil Matar
Passageiro para Frankfurt
Cartas na Mesa
Uma Dose Mortal
Mistério no Caribe
A Morte nas Nuvens
Nêmesis
Os Elefantes não Esquecem
Tragédia em Três Atos
A Mina de Ouro
Cem Gramas de Centeio
O Cavalo Amarelo
O Mistério dos Sete Relógios
Morte no Nilo
M ou N?
Portal do Destino
Assassinato no Expresso do Oriente

Cipreste Triste
Os Primeiros Casos de Poirot
Hora Zero
Cai o Pano
O Misterioso Sr. Quin
Assassinato no Beco
Os Treze Problemas
Depois do Funeral
O Mistério do Trem Azul
Os Crimes ABC
Morte na Praia
Desenterrando o Passado
Por que não Pediram a Evans?
A Maldição do Espelho
A Mão Misteriosa
Um Crime Adormecido
Os Quatro Grandes
A Casa do Penhasco
Punição para a Inocência
Um Gato entre os Pombos
Seguindo a Correnteza
O Mistério de Sittaford
Um Acidente e Outras Histórias
Um Brinde de Cianureto
A Aventura do Pudim de Natal
A Testemunha Ocular do Crime

**PEQUENA COLEÇÃO
AGATHA CHRISTIE**

A Carga
O Conflito
O Retrato
O Gigante
A Ausência
A Filha



EDITORA NOVA FRONTEIRA
SEMPRE UM BOM LIVRO

Índice

1
2